



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

JAROSŁAW JACEK JEŹDZIKOWSKI

**PILAR DO COMUNISMO OU UM ESCRITOR EXÓTICO?
ESTUDO DESCRITIVO DAS TRADUÇÕES POLONESAS DA OBRA DE
JORGE AMADO**

Salvador
2007

JAROSŁAW JACEK JEŹDZIKOWSKI

**PILAR DO COMUNISMO OU UM ESCRITOR EXÓTICO?
ESTUDO DESCRITIVO DAS TRADUÇÕES POLONESAS DA OBRA DE
JORGE AMADO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana P. C. Franco

Salvador
2007

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

- J59 Jezdzikowski, Jaroslaw Jacek.
Pilar do comunismo ou um escritor exótico? estudo descritivo das traduções polonesas da obra de Jorge Amado / Jaroslaw Jacek Jezdzikowski. - 2007.
209 f : il. + anexo
- Orientadora : Profª. Drª. Eliana P. C. Franco
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2007.
1. Amado, Jorge, 1912 - 2001 - Traduções para o polonês - História e crítica. 2. Literatura brasileira - Traduções para o polonês. 3. Polônia - Política e governo - 1945 - 1989.
4. Literatura polonesa. 5. Comunismo e literatura. I. Franco, Eliana P. C. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.
- CDU - 81.255
CDD - 418.02

A

Mimi e Vava.

AGRADECIMENTOS

A Eliana P. C. Franco, pela valiosa orientação e pela amizade.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação, pela competência profissional e pela contribuição na minha formação.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

A Piotr e Edite, por me proporcionar o aconchego dos seus respectivos lares nos momentos cruciais da pesquisa dos arquivos na Polônia e da redação definitiva da tese no Brasil.

À vida que colabora maravilhosamente.

Nascida da fome, crescida da esperança, mestiça rosa brasileira, eu te trago, Varsóvia, em mãos de amor e confiança.

Jorge Amado, 1951

Eu era muito traduzido e bastante lido na Polônia de então— *o único escritor comunista que os jovens estimavam ler*, disse-me Roman Polanski ao me visitar na Bahia-, cito a circunstância para acrescentar que, apenas desembarcava em Varsóvia, o tradutor informava a chefia de sua repartição de minha chegada e de como ele, [Eugeniusz] Gruda, me era indispensável: o Prêmio Internacional Stalin necessitava de sua assistência permanente, com o que obtinha licença com vencimentos, assistia-me no café da manhã, no almoço, no jantar, malandro brasileiro desterrado no inverno da Polônia, sabidório tirando de letra o socialismo, Gruda me divertia, me fazia rir. Para ele eu era uma espécie de divina providência.

Jorge Amado, 1992

RESUMO

As traduções da obra de Jorge Amado começam a ser publicadas na Polônia, a partir do ano de 1949, período em que o país vive a ditadura stalinista. A censura admite somente produções culturais comprometidas com o realismo socialista. Jorge Amado é traduzido junto aos autores que simpatizam com o comunismo. O escritor brasileiro exerce um grande impacto sobre o sistema sociopolítico polonês. O momento da introdução do autor brasileiro no sistema literário polonês coincide com o período do exílio de Amado na Europa. Até o ano de 1993 são traduzidas, editadas e reeditadas, dezessete obras de Amado: onze no período do realismo socialista, e seis nos tempos de maior abertura do sistema político. Amado tem na Polônia vinte edições até o ano de 1957, e seis edições em todo o período posterior. O estudo das traduções vai além da problemática meramente lingüística. A pesquisa analisa a dialética dos condicionamentos nos quais começa e se desenvolve o intercâmbio entre os dois sistemas culturais: o brasileiro e o polonês, operado por meio da obra traduzida de Jorge Amado. A tese responde a pergunta sobre a função da obra de Jorge Amado no sistema literário polonês, sugerindo dois papéis possíveis: o papel de um pilar do comunismo e o papel de uma literatura exótica.

Palavras-chave: Tradução literária; Literatura polonesa; Polissistemas, Jorge Amado.

ABSTRACT

The publication of the Polish translations of the Brazilian novelist Jorge Amado's works takes place in Poland during the period of Stalin's dictatorship. Censorship at that period allowed only for cultural production committed with the socialist realism. Jorge Amado is translated together with other foreign writers who sympathise with communism. This way, the Brazilian writer exerts great influence on the Polish socio-political system. The moment Amado was introduced into the Polish literary system coincides with his exile in Europe. Up to the year 1993, seventeen works of Jorge Amado were translated, published and republished in Poland – from which eleven during the period of socialist realism and six during the political opening in the remaining years. Up to 1957, Amado's works reach up to twenty editions, and six editions in the following period. The study of the translations of Jorge Amado's works goes beyond linguistic boundaries. The present research investigates the conditioning process where the exchange between two systems of cultures, the Brazilian and the Polish one, starts and develops, through the translations of Jorge Amado. This investigation answers the question about the role of Amado's literature in the Polish literary system by suggesting two possible views: Amado as a pillar of communism and as an exotic writer.

Keywords: Literary translation; Polish literature, Polysystems; Jorge Amado.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCIPE	Agência Central de Controle de Imprensa, da Publicação e do Espetáculo (em polonês: Główny Urząd Kontroli Prasy, Publikacji i Widowisk)
Br	Brasil ou brasileiro
BWP	Biblioteca do Assinante (em polonês: Biblioteka w Prenumeracie)
DTS	Análise Descritiva da Tradução (em inglês: Descriptive Translation Study)
EUA	Estados Unidos da América
IEL	Instituto dos Estudos Literários (em polonês: Instytut Badań Literackich)
KDK	Klub Dobrej Książki (série: Clube do Bom Livro)
KiW	Książka i Wiedza (editora: Livro e Conhecimento)
KNCz	Livro do Leitor Novato (em polonês: Książka Nowego Czytelnika)
KPP	Partido Comunista Polonês (em polonês: Komunistyczna Partia Polski)
NKVD	Comitê da Política Interior (em russo: Narodnij Komissariat Wnutriennich Del)
Orig	Original
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PC	Partido Comunista
PIW	Państwowy Instytut Wydawniczy (editora: Instituto Editorial do Estado)
PI	Polônia ou polonês
POUP	Partido Operário Unificado Polonês
RPP	República Popular da Polônia
PPS	Partido Socialista Polonês (em polonês: Polska Partia Socjalistyczna)
RP	República da Polônia (em polonês: Rzeczpospolita Polska)
RPP	República Popular da Polônia (em polonês: Polska Rzeczpospolita Ludowa)
TA	Texto-alvo
TF	Texto-fonte
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UV	Universidade de Varsóvia
WL	Wydawnictwo Literackie (editora: Editora Literária)
ZL	Unidade monetária polonesa divisível em cem unidades menores (em polonês: Złoty)

TERMO DE APROVAÇÃO

JAROSŁAW JACEK JEŹDZIKOWSKI

PILAR DO COMUNISMO OU UM ESCRITOR EXÓTICO?
ESTUDO DESCRITIVO DAS TRADUÇÕES POLONESAS
DA OBRA DE JORGE AMADO

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras,
Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Eliana Paes Cardoso Franco _____
Doutora em Letras, KUL, Bélgica
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Vera Lúcia Santiago Araújo _____
Doutora em Letras, USP
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

John Milton _____
Doutor em Letras, USP
Universidade Estadual de São Paulo (USP)

Elizabeth Ramos _____
Doutora em Letras, UFBA
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Décio Torres Cruz _____
Doutor em Letras, UFBA
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Salvador, 14 de março de 2008

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Eixo cronológico: História política da Polônia até 1990

24

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1 - Idiomas mais traduzidos para o polonês: 1944-1986	92
Tabela 2 - Visitas de Jorge Amado à Polônia registradas pela imprensa nacional	101
Tabela 3 - A distribuição das traduções da obra amadiana nos anos de 1949 a 1993	111
Tabela 4 - As traduções polonesas da obra de Jorge Amado	116
Tabela 5 - O <i>corpus</i> para a análise das traduções polonesas da obra de Jorge Amado	117
Tabela 6 - As características das capas	120
Tabela 7 - As características das contracapas	123
Tabela 8 - Dados obtidos das folhas de rosto	125
Tabela 9 - Tiragem das traduções	126
Tabela 10 - Divisão em capítulos	128
Tabela 11 - Títulos dos capítulos e das subseções	131
Tabela 12 - Textos explicativos	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 POLÔNIA: PAÍS-SATÉLITE DA UNIÃO SOVIÉTICA: 1945-1989	22
1.1 PERÍODO DE ERROS E DISTORÇÕES: 1944–1956	25
1.1.1 Guerra civil: 1944–1947	26
1.1.2 Consolidação do novo regime: 1948-1956	31
1.2 SOCIALISMO SIM – DISTORÇÕES NÃO: 1956–1989	36
1.2.1 Esperança da democratização do regime: 1956–1970	36
1.2.2 Socialismo com rosto humano: 1970 – 1980	43
1.2.3 Golpe militar e o governo dos generais: 1981 – 1989	47
2 O SISTEMA LITERÁRIO POLONÊS DURANTE O REGIME COMUNISTA	53
2.1 O MECENATO DO ESTADO	56
2.1.1 As revistas literárias na conquista do escritor	58
2.1.2 Produção literária sob a patronagem do Estado	61
2.1.3 A Associação dos Escritores da Polônia	63
2.2 A LITERATURA EM FUNÇÃO DA IDEOLOGIA	68
2.2.1 Mecanismos da ideologização da vida literária	68
2.2.2 O debate literário, um coral uníssono	73
2.2.3 Autocrítica e censura	74
2.3 A POÉTICA DO REALISMO SOCIALISTA	77
2.3.1 O cânone literário na República Popular da Polônia	82
2.3.2 Os personagens da literatura polonesa sob o regime comunista	85
3 A INTRODUÇÃO DE JORGE AMADO NO SISTEMA LITERÁRIO POLONÊS: CAUSAS E MOTIVAÇÕES	89
3.1 A ESCOLHA DOS LIVROS A TRADUZIR PELOS CRITÉRIOS POLÍTICOS	89
3.2 JORGE AMADO BRASILEIRO: ROMANCISTA MILITANTE E EXÓTICO	93
3.3 O JORGE AMADO POLONÊS	97
3.3.1 A imprensa sobre o escritor	99
3.3.2 Textos extraliterários de Jorge Amado	108
3.3.3 A literatura de Jorge Amado na Polônia	111
4 JORGE AMADO NO SUBSISTEMA DA LITERATURA TRADUZIDA POLONÊS: ANÁLISE MACRO-ESTRUTURAL	116
4.1 O ASPECTO FÍSICO DAS TRADUÇÕES	119
4.1.1 Capas e contracapas	120
4.1.2 Folhas de rosto	125
4.1.3 Divisão em capítulos e subseções	128
4.1.4 Textos explicativos	133
4.2 AS FONTES EXTRATEXTUAIS	140
4.2.1 Tradutores	141
4.2.2 Editoras	144
4.2.3 Resenhas críticas	146
5 JORGE AMADO NO SUBSISTEMA DA LITERATURA TRADUZIDA POLONÊS: ANÁLISE MICRO-ESTRUTURAL	156
5.1 A ONOMÁSTICA E A CULINÁRIA	157
5.1.1 A designação dos personagens	157
5.1.2 A culinária	163
5.2 A MORAL	166
5.2.1 A sexualidade	166
5.2.2 Os aliados	170
5.3 OS RELACIONAMENTOS	172
5.3.1 O casamento	172
5.3.2 As relações extraconjugais	175
5.4 A RELIGIÃO	177
5.4.1 O catolicismo	177

5.4.2 As religiões de matrizes africanas e o espiritismo	181
5.5 O HOSTILIZADO	183
5.5.1 As classes sociais	183
5.5.2 Outras categorias	185
5.6 AS SOLUÇÕES SECUNDÁRIAS	187
CONCLUSÃO	194
REFERÊNCIAS	199

INTRODUÇÃO

A literatura, como a totalidade dos fenômenos literários que envolve as pessoas, as instituições e as obras, pode ser representada como um complexo sistema de relações mútuas, como afirma Itamar Even-Zohar (1990, p. 9). Neste sentido, o sistema literário da Polônia está composto de subsistemas, a exemplo da literatura nacional e da literatura traduzida, que se influenciam mutuamente, conectados entre si pela rede das relações que dirigem a dinâmica interna do sistema. O sistema literário polonês nacional e traduzido está relacionado com os sistemas político, econômico, ideológico e lingüístico (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 22-25), que regem a dinâmica do polissistema sociocultural do país. Externamente, o sistema literário polonês entra em relação com outros sistemas literários, de modo especial, com as literaturas da União Soviética e dos países das Democracias Populares - que podem ser consideradas um sistema supranacional de literatura, ou um mega-sistema soviético da literatura - como também, com os escritos dos autores comunistas de fora desse bloco. A análise das traduções polonesas da obra de Jorge Amado, apresentada nesse trabalho, contextualiza as traduções no ambiente do polissistema da literatura da República Popular da Polônia.

Embora, de acordo com Theo Hermans (1999, p. 103), os sistemas sejam construtos meramente teóricos, a representação da literatura como um sistema aberto de relações é altamente útil para os acadêmicos que exploram os fatos literários e, em busca de explicações, recorrem à ampla contextualização dos fenômenos. José Lambert e Henrik van Gorp (1985), Itamar Even-Zohar (1990), André Lefevere (1992), Clem Robyns (1994), Gideon Toury (1995), Theo Hermans (1999), Maria Tymoczko (2000) e outros, são exemplos de teóricos que explanam os fatos de literatura a partir do modelo de sistema aberto e heterogêneo, salientando a necessidade de elucidar as relações entre o sistema literário, político e social, para contextualizar os fenômenos literários.

Os sistemas literários tendem à interdependência. Ainda que um sistema altamente heterogêneo possa operar sem precisar depender de outras literaturas, os sistemas literários com a estrutura bastante homogênea recorrem à tradução para enriquecer seu repertório. O sistema literário da República Popular da Polônia é altamente homogêneo, admitindo somente os textos de acordo com a ideologia do partido comunista. O repertório inventivo chamado por Even-Zohar (1990, p. 21) de

“repertório primário”, dificilmente existe, a depender da fase de desenvolvimento do socialismo polonês e da rigidez da censura. As traduções admitidas para a entrada no sistema literário polonês, embora não tragam novos itens ideológicos, colaboram com a mudança da poética, que por sua vez, segundo André Lefevere (1992, p. 38), opera as alterações e afeta o próprio sistema literário. As traduções das obras de Jorge Amado são introduzidas no sistema literário polonês para reforçar a afirmação do comunismo em escala global. As situações novas e novos personagens que aparecem na literatura polonesa, por meio da tradução da obra amadiana, quebram o esquematismo dos escritos nacionais ou daqueles importados das literaturas altamente soviéticas. Zélia Gattai conta sobre a visita do cineasta polonês Roman Polański (nascido em 1933) a Jorge Amado. Ator e diretor, que se exilou da Polônia em 1963, veio para Salvador no ano de 1968 para “agradecer a Jorge Amado o prazer que a leitura de seus livros lhe havia proporcionado. Dos livros estrangeiros traduzidos para o polonês, naquela época, os de Jorge eram dos raros que tinham algo a lhe dizer” (GATTAI, 1989, p. 47-48).

Nas palavras de Lefevere (1992, p. 41), a ideologia e a poética dominante do sistema literário, no qual o tradutor reescreve, determinam a imagem da obra literária projetada pela tradução. No sistema literário polonês, a adoção da ideologia vigente fazia parte do contrato entre o tradutor e o mecenato estatal. Como havia um único mecenas que dominava toda a atividade cultural e regulava todos os mecanismos de controle, a possibilidade de desvios ideológicos ou das alterações na poética em vigor, parece muito remota. Lefevere sugere que “havendo um conflito entre as considerações lingüísticas e as considerações de natureza ideológica ou poética, tendem a vencer sempre as forças da ideologia e da poética vigentes” (LEFEVERE, 1992, p. 39). Neste sentido, a análise da tradução da obra amadiana contextualiza os textos traduzidos no ambiente do polissistema sociocultural polonês, deixando de considerar a tradução somente um problema lingüístico que se restringe a um par de línguas.

Segundo Hermans (1999, p. 95), o texto-alvo (TA) fornece mais informações sobre o sistema literário receptor, do que sobre o próprio texto-fonte (TF). Toury (1995, p. 26), considera as traduções fatos da cultura receptora e, por isso, o pesquisador israelense dirige as perguntas sobre a tradução ao sistema literário receptor. No modelo de análise descritiva da tradução, a tradução é iniciada pela cultura receptora para suprir certas insuficiências do sistema literário (TOURY, 1995,

p. 72). Para contextualizar a tradução é preciso perguntar qual foi a posição pretendida para a tradução, no sistema literário receptor, no momento de sua introdução pela primeira vez. A focalização na posição pretendida para a tradução é, segundo Toury (1995, p. 30), a única abordagem que possa responder sobre as questões referentes à geração das normas que governaram as decisões tomadas no processo tradutório. No sistema literário polonês, as traduções funcionavam como instrumentos que reforçam a ideologia vigente. Para construir a visão do mundo onde se opera a revolução comunista, os dirigentes do sistema sociocultural polonês importam os textos de todas as partes do mundo. As obras de Jorge Amado reforçam a imagem do sofrimento do proletariado no regime capitalista e ilustram os anseios dos povos da América Latina pela revolução proletária. A posição pretendida para as traduções amadianas, dentro do sistema da literatura polonesa, configurava uma situação de fácil aceitação do discurso alheio - conforme a especificação elaborada por Robyns (1994, p. 408), uma vez que se tratava do discurso ideologicamente apropriado.

A tradução é uma atividade governada por normas. Para Toury (1995, p. 56), “a tradução é uma atividade que envolve pelo menos duas línguas e duas tradições culturais, e por isso, dois sistemas de normas, um no nível lingüístico e outro no nível cultural”. Considerando as traduções polonesas da obra de Jorge Amado, as normas culturais são ditadas pelo sistema sociopolítico. As normas políticas, ou institucionais influenciam as normas lingüísticas. O discurso do texto traduzido precisa se alinhar ao discurso vigente na República Popular da Polônia. As normas governam cada estágio do processo tradutório. Toury (1995, p. 58) distingue dois grupos de normas tradutórias. As normas preliminares dizem respeito à natureza da política da tradução, isto é, governam os fatores de escolha dos textos importados para o sistema literário no dado momento histórico. Também, o conceito da tradução numa dada época pertence às normas preliminares. Um outro grupo de normas é constituído pelas normas operacionais, que governam as decisões feitas durante o processo tradutório. A reconstrução das normas tradutórias ocorre por meio de duas fontes (TOURY, 1995, p. 65). A fonte textual é constituída pelo próprio texto traduzido. A fonte extratextual é composta por metatextos, tais como as teorias de tradução, as críticas, os depoimentos de tradutores, editores, publicistas e outras pessoas envolvidas no processo tradutório na cultura receptora. O texto traduzido é

a fonte primária para a pesquisa das normas que governam o processo tradutório. Os metatextos servem para a contextualização histórica das normas.

As obras de Jorge Amado foram traduzidas para dezenas de idiomas. Além das traduções, produzem-se os metatextos referentes a essas traduções. Na maioria das vezes, exploram-se as dificuldades em reter as especificidades da cultura baiana e do linguajar do próprio escritor. Regina Corrêa (2003, p. 93-137) trabalha com as traduções de diversas obras amadianas para o inglês. A mesma docente informa sobre as pesquisas análogas investigando as traduções para o espanhol e para o francês (CORRÊA, informação verbal, 14.10.2004). A pesquisa das traduções francesas resultou em tese de doutoramento elaborada por Rejane Taillefer (2004). Nela, a pesquisadora aborda os marcadores lingüísticos de especificidades culturais brasileiras, extraídos de três romances de Jorge Amado. Cotejam-se, também, as traduções para diversas línguas da mesma obra do escritor, para avaliar as decisões tomadas no processo tradutório (COSTA, 1996). Em sua dissertação de Mestrado, comparando a tradução inglesa e a russa de *A Morte e a morte de Quincas Berro D'água*, Olga Belov (2000), vai além das reflexões puramente lingüísticas e examina as decisões do tradutor russo, à luz da ideologia vigente na União Soviética.

Nos departamentos ibero-americanos das universidades polonesas, em Varsóvia e em Cracóvia, onde se estuda a língua e a literatura brasileira, o número de trabalhos dedicados às traduções de Jorge Amado é muito pequeno. Na Universidade de Varsóvia, Magdalena Puchta (1987) apresentou a monografia de mestrado intitulada *As relações literárias polono-brasileiras (séc. XX)*, orientada pela Prof^a Dr^a Elżbieta Milewska, onde dedica algumas páginas às traduções polonesas do escritor baiano. Na mesma universidade Piotr Majewski (1988) apresentou a monografia de mestrado intitulada *As religiões afro-brasileiras na obra de Jorge Amado*, orientado pela Prof^a Dr^a Elżbieta Milewska. Recentemente, na Universidade de Cracóvia, Anna Orzech apresentou a monografia sobre a representação feminina nos romances *Gabriela Cravo e Canela* e *Tereza Batista cansada de guerra*, orientada pelo Prof. Dr. Jerzy Brzozowski. Outros trabalhos monográficos dos departamentos ibero-americanos de ambas as universidades são dedicados a outros escritores brasileiros, a exemplo de Antônio Vieira, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Dalton Travanca e outros. Os mestrandos, também, trabalham com temas como a representação do

índio brasileiro e as questões ligadas à negritude e aos Direitos Humanos. A investigação das teses de doutorado por meio do instrumento eletrônico (www.opi.org.pl), criado pelo Ministério da Ciência e da Informatização, revela que nos últimos dez anos não há registro de pesquisas concluídas, ou de pesquisas em andamento, referentes à literatura brasileira e ao escritor Jorge Amado. No mesmo período, os pesquisadores poloneses elaboram teses de doutorado sobre a política e a economia brasileiras, sobre os poloneses no Brasil e sobre o futebol.

Esta pesquisa analisa as traduções polonesas da obra de Jorge Amado. Pela escolha da língua, o trabalho torna-se inédito no Brasil. Também, na Polônia, o projeto é original pois, no sistema literário polonês, até o presente momento, não foi feita uma análise das traduções do escritor baiano. O projeto caracteriza-se pelo seu cunho interdisciplinar, integrando a história mais recente do Brasil e da Polônia, em vários contextos da vida sociocultural. Desta forma, pretende colaborar com o novo paradigma científico. A reescritura manipula, como salienta André Lefevere (1992, p. 9). Portanto, o estudo da tradução, enquanto reescritura, fornece os critérios para uma leitura crítica de vários tipos de textos, veiculados por todos os tipos de mídias. A presente pesquisa pretende contribuir para o melhor entendimento das relações entre polissistemas culturais tão distantes, como o brasileiro e o polonês, operadas por meio das traduções polonesas da obra de Jorge Amado.

Visando a sistematização da análise das traduções polonesas da obra de Jorge Amado, o trabalho é dividido em cinco capítulos.

O primeiro capítulo traz um panorama histórico que contextualiza o polissistema sóciopolítico da República Popular da Polônia. Embora estivesse entre os vencedores da Segunda Guerra Mundial, não foi o povo polonês que determinou seu destino na Europa pós-guerra. Nas conferências em Ialta e em Potsdam, os aliados concordaram em deixar a Polônia com um governo fantoche, na órbita da União Soviética. O território polonês foi diminuído e as fronteiras do país foram deslocadas para o oeste. A versão stalinista da Polônia possibilitou a ditadura do PC polonês, controlado por soviéticos em todos os aspectos, nos anos de 1944 a 1989.

O segundo capítulo problematiza as interdependências do sistema literário e político na época da ditadura comunista. Os primeiros anos de pós-guerra trazem uma espécie de acerto de contas com o passado mais recente. Os escritores testemunham os horrores da guerra, publicam os documentos do genocídio nos

campos de concentração e as memórias do cotidiano bélico. Fala-se da mudança na hierarquia dos valores e traçam-se os cenários de catástrofe global. A censura toma conta da política publicitária. São proibidos os textos que contestem o sistema comunista ou ataquem os novos aliados. Logo, escala o processo da ideologização da cultura. Os autores são obrigados a produzir apenas obras comprometidas com o realismo socialista, o método obrigatório que se torna a única legítima corrente da produção literária polonesa. Os textos devem ajudar os governantes na motivação do público leitor e legitimar as mudanças.

O terceiro capítulo trata da introdução das obras de Jorge Amado para esse complexo polissistema sociocultural polonês. O escritor brasileiro, já conhecido mundialmente por sua militância junto ao partido comunista, encontra-se exilado na Europa e vive na então Tchecoslováquia. Nos quatro anos de exílio, Amado viaja pelos países do bloco comunista e visita a Polônia. A obra de Jorge Amado é publicada na Polônia a partir do ano de 1949. Até o fim do período do realismo socialista, nos meados dos anos cinquenta, a obra do escritor baiano é editada e reeditada com bastante intensidade. As traduções da obra amadiana param de ser editadas a partir do ano de 1958, retornando ao sistema literário polonês no ano de 1968. No período seguinte, até o ano de 1993, as traduções surgem com menor intensidade.

O quarto capítulo delimita e apresenta o *corpus* da presente pesquisa e demonstra os resultados da sua análise macro-estrutural. Nessa análise são pesquisadas as características físicas das capas, das contracapas e das folhas de rosto dos livros que compõem o *corpus* da pesquisa. Também, a divisão em capítulos e outras subdivisões, a presença das notas explanatórias, de prefácios e posfácios, dos desenhos e dos mapas tornam-se objeto de estudo. A pesquisa nesse nível envolve o estudo dos metatextos a respeito da presença da obra de Jorge Amado no sistema literário polonês. Pesquisam-se as resenhas críticas referentes às traduções e os textos que acompanharam a obra do autor brasileiro, como também os textos teóricos que conceituam a tradução no polissistema sociocultural polonês, além dos depoimentos de Zélia Gattai e dos autores das traduções da obra amadiana. A análise macro-estrutural permite a formulação do conceito da tradução que permeia a política tradutória do sistema literário polonês no período pesquisado.

O quinto capítulo dessa pesquisa apresenta os resultados da análise micro-estrutural do *corpus*. Pelo princípio da relevância para o sistema político da época, selecionam-se as seqüências para a análise das estratégias tradutórias adotadas, classificadas em categorias que se evidenciam como dominantes na obra de Jorge Amado. Essas categorias compreendem a onomástica e a culinária, a moral, os relacionamentos, a religião, o hostilizado e as soluções secundárias. A análise micro-estrutural exemplifica a política tradutória por meio das decisões tradutórias concretas e confirma, na prática, o conceito de tradução na época pesquisada.

No presente trabalho, o método de estudo descritivo baseia-se na proposta metodológica publicada por José Lambert e Henrik van Gorp. Em seu modelo, os pesquisadores propõem a investigação de uma rede de relações possíveis que envolvem o sistema literário da cultura receptora das traduções e o sistema literário da cultura que produziu os textos-fonte. Os estudiosos salientam que cada pesquisa em particular escolhe as relações prioritárias, tratadas no decorrer do estudo com destaque mais intenso (LAMBERT; VAN GORP, 1985, p. 45).

No modelo do estudo descritivo da tradução, Gideon Toury (1995, p. 38) sugere que em cada fase da pesquisa sejam formadas hipóteses explanatórias, que no decorrer da pesquisa serão justificadas, ou não, pelos resultados da comparação dos pares de valores, mapeados no TA e no TF. Desta maneira, o progresso do estudo ocorre numa via espiral e não num eixo linear, fazendo com que as hipóteses possam sofrer modificações no decorrer da pesquisa.

A hipótese desta pesquisa presume que a política de tradução das obras de Jorge Amado para o polonês e os procedimentos tradutórios decorrentes dela configuram-se como resultado dos condicionamentos políticos do polissistema sociocultural da República Popular da Polônia. No período entre os anos de 1949 a 1957, as traduções sofrem forte influência da ideologia stalinista e do modelo criativo do realismo socialista. O papel das traduções da obra amadiana, nesse período, é reforçar a cosmovisão comunista, para a qual o comunismo inevitavelmente tornar-se-á o modelo socioeconômico universal. No período entre os anos de 1968 a 1993, as políticas da tradução mudam, atendendo tanto às modificações decorrentes do próprio polissistema sociocultural polonês, como as especificidades da obra do autor brasileiro.

De acordo com a hipótese formulada, o objetivo geral desta pesquisa consiste na análise das traduções polonesas da obra de Jorge Amado, levando-se em

consideração o deslocamento dos acentos na política da tradução que, acompanhando as mudanças de cunho ideológico na Polônia, estabelece as normas tradutórias. Como objetivos específicos, destacam-se a análise das traduções polonesas da obra de Jorge Amado editadas no período entre 1949 e 1993, e a determinação do lugar pretendido para a obra traduzida do escritor brasileiro dentro do sistema literário polonês. A discussão das políticas de tradução, o que subentende a questão da escolha de obras a serem traduzidas, dos temas e dos personagens, assim como das estratégias de tradução adotadas, configura, também, um dos objetivos dessa pesquisa.

Diante do exposto, formula-se a pergunta sobre a natureza das relações da obra do escritor brasileiro com o polissistema sóciopolítico da Polônia, como também se indaga sobre as condições políticas e as necessidades socioculturais que favoreceram a aproximação dos dois sistemas literários, brasileiro e polonês, no período pesquisado.

A solução para a questão que confere o título à presente pesquisa: “Pilar do comunismo ou um escritor exótico?”, parece pender para os dois lados. Ponderando os resultados da análise das traduções polonesas da obra de Jorge Amado, a conclusão desse trabalho oferece uma resposta para a pergunta inicial.

1 POLÔNIA: PAÍS-SATÉLITE DA UNIÃO SOVIÉTICA: 1945-1989

A Polônia, país localizado na Europa central - hoje com 38,6 milhões de habitantes, distribuídos nos 312.685 quilômetros quadrados do território nacional (WIELKA, 2006) – entra na cena política, no final do século X. Um milênio de história está marcado pelo constante esforço dos poloneses para definir e afirmar sua identidade - repetidas vezes - em resposta às invasões, na maioria dos casos, por parte de dois vizinhos mais fortes: os alemães do ocidente e os russos do oriente.

Na segunda metade do século XVIII, a Polônia perde a independência devido a três sucessivas anexações à Áustria, à Prússia e à Rússia - que repartem entre si o território polonês em 1772, 1793 e 1795, respectivamente - e praticamente desaparece do palco da história européia, por 150 anos. No final da primeira guerra mundial, em janeiro de 1918, o presidente norte-americano Thomas Wilson (1856-1924) reivindica, no décimo terceiro dos quatorze postulados para a paz no mundo do pós-guerra, a recriação do estado polonês, o que acontece em novembro de 1918.

Nos anos de 1918 a 1921, no período que antecedeu a consolidação do novo estado polonês, também chamado de Segunda República, configuram-se duas tendências. Os partidos de esquerda, tendo menor apoio popular, buscam a realização dos interesses poloneses na aproximação com a União Soviética, chegando os comunistas a propor a transformação da Polônia em uma república soviética. Os partidos da direita, contando com a ampla simpatia da sociedade, defendem a incondicional independência da Polônia, trabalhando com o fortalecimento do nacionalismo polonês. Prevalecendo a tendência nacionalista, a Segunda República entra nos anos 1919–1921, em conflito bélico com a União Soviética realizando, paralelamente, as negociações com a Alemanha e a Tchecoslováquia, no esforço de demarcar definitivamente as fronteiras (DAVIES, 1981, p. 393-434).

Em 1921, o território polonês estende-se por 388.600 quilômetros quadrados, com a população de 27,2 milhões de pessoas (WIELKA, 2006). A política externa da Segunda República culmina em dois tratados de não-beligerância: com a União Soviética, em julho de 1932, e com a Alemanha, em janeiro de 1934. Paralelamente, na política interna, as forças governamentais perseguem a oposição da esquerda.

Esboça-se, neste capítulo, a história da Polônia depois da Segunda Guerra Mundial, isto é, a história do estado-satélite da União Soviética que, no período de 1952 a 1989, é chamado de República Popular da Polônia (RPP). Para descrever a seqüência de acontecimentos e apontar as relações entre eles, constituindo uma rede de referências que possam contextualizar os fenômenos do sistema cultural polonês, é preciso decidir sobre a periodização. A cesura 1945–1989, proposta no título deste capítulo, tem um caráter simbólico, e refere-se ao término da Segunda Grande Guerra, no início de maio de 1945, e à decisão do parlamento polonês, do dia 28 de dezembro de 1989, sobre a mudança do nome do estado, para a República da Polônia (RP), chamada desde então de Terceira República. Obviamente, as decisões e as atitudes que levaram a Polônia à total dependência de Moscou foram tomadas bem antes de 1945. Da mesma maneira, as conseqüências desta dependência não se extinguem com o marco do final de ano de 1989.

Outra decisão diz respeito à maneira de delinear o período histórico em questão. As relações soviético-polonesas são apresentadas de acordo com a metáfora da “teoria radiante”, popularmente evocada nos países do bloco comunista até o ano de 1956. A teoria apresentava a relação da URSS com as democracias populares, à semelhança da relação entre o sol que ilumina seus satélites. A tendência da URSS de dominar os estados-satélites possui as características do imperialismo e tem seus antecedentes na história russa (CASTILHO, WAACK, 1982, p. 12). A política externa que a Rússia desenvolve a partir do século XV e que leva Ivan IV, o Terrível (1530-1584) a se proclamar o Imperador da Rússia, em 1547, tem todas as características da política dos impérios da época de modernidade mencionados por Edward Said (1995, p. 24). A política externa russa leva primeiramente os territórios asiáticos à dependência do império, e em seguida, com o reinado do czar Pedro, o Grande (1672-1725), dirige-se ao ocidente. No século XVIII e XIX a Rússia participa da divisão da Polônia e, perdendo a influência no início do século XX, volta a dominar toda a Europa central, depois da Segunda Guerra Mundial, ampliando em seguida, a esfera de influências ao continente asiático, africano e americano, em conseqüência da Guerra Fria. Nos países conquistados, junto com a imposição da estrutura administrativa soviética, apoiada pela presença do Exército Vermelho, o império soviético – à maneira de outros impérios -

traz também uma proposta civilizatória, a de um comunismo universal. A *mission civilisatrice* comunista, guardando as devidas proporções históricas, tanto em seu cumprimento, como em suas conseqüências, assemelha-se às missões civilizatórias dos impérios português, espanhol, britânico, francês, ou otomano.

O eixo cronológico (Figura 1) abaixo ilustra a seqüência dos acontecimentos que marcaram a história política da Polônia no período em questão.

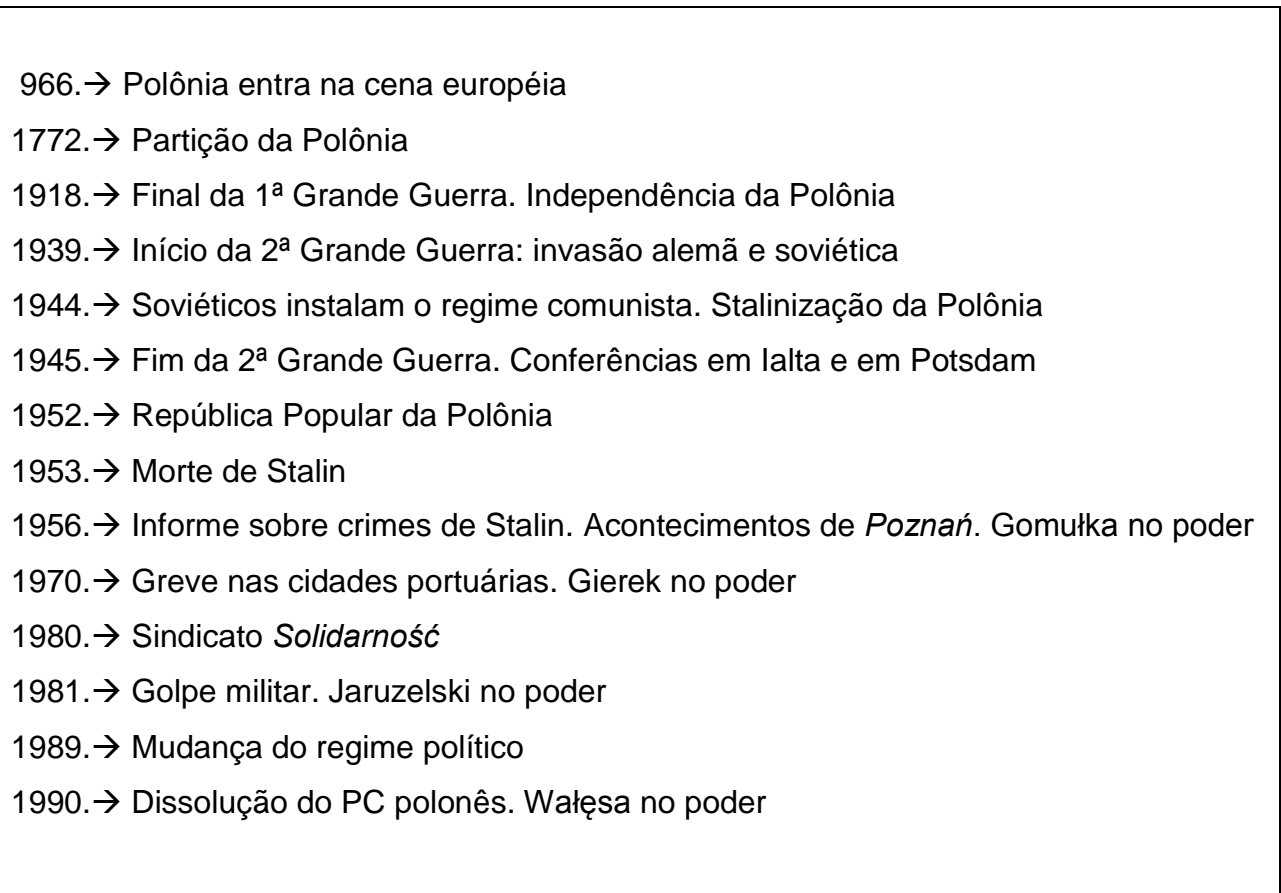


Figura 1 - Eixo cronológico. História política da Polônia até 1990

1.1 PERÍODO DE ERROS E DISTORÇÕES¹: 1944–1956

Depois do *Anschluss*² da Áustria, em 1938 e da ocupação da República Tcheca, no ano seguinte, Adolf Hitler (1889-1945) – ciente da impotência dos aliados dos poloneses (Inglaterra e França) - rompe no dia 28 de abril de 1939 o Tratado de não-beligerância com a Polônia. Quatro meses depois, no dia 23 de agosto de 1939, os ministros do exterior – o alemão Joachim von Ribbentrop³ (1893-1946) e o russo Viatcheslau Molotov⁴ (1890-1986) - assinam em Moscou o Pacto de não-beligerância entre o *Reich* e a URSS. Além da declaração de não-agressão entre os assinantes pelo período de dez anos, o Pacto contem um protocolo adicional sobre a divisão da Europa central e oriental, entre a Alemanha e a União Soviética. O documento conclui “o rearranjo das áreas pertencentes ao estado polonês, em esferas de influência alemã e russa, seguindo a linha traçada pelos rios: Narew, Wisła e San” (DAVIES, 1981, p. 433)⁵. O mencionado rearranjo do território polonês começa dia primeiro de setembro de 1939 com a invasão da fronteira ocidental pelas tropas nazistas, e se intensifica com a não-anunciada⁶ agressão da fronteira oriental pelo Exército Vermelho, dezessete dias depois. A aliança com o *Reich* é de grande interesse dos soviéticos. Teresa Torańska (1985, p. 230) cita a nota que Stalin⁷ (1878-1953) enviou para Hitler em dezembro de 1939, em agradecimento ao telegrama do *Kanzler* por ocasião do aniversário do líder soviético, em que Stalin assegura seu parceiro alemão sobre “a amizade, cimentada pelo sangue russo e alemão, derramado na ofensiva contra a Polônia”. No ano seguinte, Molotov congratula os alemães pela conquista da França, e no mês de abril de 1941, o próprio Stalin declara ao embaixador alemão: “é preciso fazer tudo para permanecermos amigos” (TORAŃSKA, 1985, p. 231).

¹ Ao período do stalinismo, depois da denúncia, em 1956, dos crimes cometidos por Stalin e sua polícia política nos territórios controlados pela URSS, a imprensa polonesa reportava-se com frequência como o “período de erros e distorções”.

² O termo em alemão era comumente usado desde a queda do Império Austro-Húngaro em 1918, para designar a pretensão da Alemanha à anexação da Áustria.

³ No processo de Nürnberg, em 1946, Ribbentrop foi julgado à morte e executado pelos crimes de guerra.

⁴ De fato, Scriabin, colaborador e amigo de Stalin, ministro do exterior soviético nos anos 1939-1949 e 1953-1956.

⁵ Todas as traduções, cujos autores não são indicados nos textos, são de minha autoria.

⁶ O Tratado de não-beligerância entre a Polônia e a URSS, assinado em 1932, foi prolongado em 1934 por mais dez anos e, oficialmente, nunca rompido.

⁷ De fato, Iosif Vissarinovitch Djughachvili, secretário geral do PC soviético (1922-1953).

Para subjugar o país conquistado, os dois agressores abafam todas as expressões da cultura polonesa nos territórios invadidos. Os intelectuais são perseguidos: entram na clandestinidade, fogem para fora do país e morrem nos campos de concentração alemães e russos. As universidades e as escolas de ensino médio fecham. Os nazistas alemães pretendem tornar os povos eslavos a força de trabalho barata a serviço do *Übermensch*⁸ do Terceiro *Reich*. Os soviéticos aniquilam a intelectualidade polonesa para facilitar assim o controle das massas e a introdução da ditadura do proletariado⁹. Os jornalistas brasileiros Carlos Castilho e William Waack, em seu livro sobre a crise na Polônia no início dos anos oitenta, demonstram a dimensão do problema:

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, os sofridos poloneses descobriram que apenas sessenta mil possuidores de diploma universitário haviam sobrevivido. Oitocentos mil profissionais de nível superior e intelectuais poloneses morreram durante os seis anos de guerra. Seria mais ou menos como se no Brasil, no mesmo período, desaparecessem cerca de três e meio milhões de pessoas com diploma universitário, e o país tivesse que recomeçar vida nova com apenas oito por cento de sua elite intelectual. (CASTILHO; WAACK, 1982, p. 73).

O acordo selado entre dois sistemas totalitários logo está rompido. Hitler viola o Pacto assinado em Moscou e invade a Rússia no dia 22 de junho de 1941.

1.1.1 Guerra civil: 1944–1947

Para dar continuidade à existência do Estado polonês desaparecido do mapa por mais uma vez, forma-se no mês de setembro de 1939, - inicialmente com a sede em Paris, e depois da queda da França, em Londres - o Governo da República da Polônia no Exílio¹⁰. O governo lança um programa de resistência aos invasores dentro do país,

⁸ O homem superior, em alemão. A idéia de Friedrich Nietzsche (1844-1900), distorcida pelos nazistas, de uma nova humanidade, criadora de uma cultura nova.

⁹ Segundo o marxismo, a ditadura do proletariado, isto é, um tipo do estado onde o poder pertence e está executado em interesse do proletariado, é um estágio necessário no caminho do capitalismo para o comunismo. Na prática, tornou-se o exercício da ditadura do partido comunista sobre a sociedade.

¹⁰ Em polonês: *Rząd Rzeczpospolitej Polskiej na Uchodźctwie*.

unindo várias forças de combate em conspiração, em uma estrutura única, chamada desde 1942 de Exército Interior¹¹.

Paralelamente, contando com o apoio dos aliados, forma-se o Exército Polonês fora das fronteiras da Polônia¹². Com a finalidade de resgatar os cidadãos poloneses deportados pelos soviéticos, desde o início da guerra para o interior da União Soviética, o Governo no Exílio elabora, em julho de 1941, o pacto de colaboração com a URSS¹³. Este pacto é rompido pelos soviéticos no dia 25 de abril de 1943, em decorrência da nova situação na *Ostfront*¹⁴. Depois da derrota dos nazistas em Stalingrad¹⁵ começa uma sucessão de conquistas militares da contra-ofensiva do Exército Vermelho. Esta mudança no campo de batalha provoca a transformação na política externa da União Soviética. A partir deste momento, Stalin se recusa a reconhecer a legitimidade do governo polonês em Londres e cria as estruturas para um futuro governo comunista polonês, dependente do Kremlin, colocando em prática o plano de dominação de parte da Europa do pós-guerra. Ainda em 1938, a alta direção do Partido Comunista Polonês¹⁶ é chamada para Moscou, onde Stalin comunica sua decisão da dissolução do Partido. Os membros da direção são presos, julgados por desvios ideológicos e condenados. A maioria deles morre nas prisões soviéticas. Segundo Castilho e Waack (1982, p. 16-17):

O alvo principal do violento expurgo era o que a ortodoxia stalinista chamava de luxemburgismo. Noutras palavras, a teoria inspirada nos escritos de Rosa

¹¹ Em polonês: *Armia Krajowa*. O Governo no exílio conseguiu unir as formações armadas de variadas orientações políticas e contava, em 1944, com um exército de 300 mil guerrilheiros no território polonês.

¹² Nos anos 1939-1940, com o apoio francês e inglês, organiza-se exército polonês na França com 85.000 soldados. Depois da invasão nazista à França, a formação é deslocada para a Inglaterra e a Palestina.

¹³ Nos termos deste acordo, forma-se no território soviético o exército com 66.000 soldados poloneses que são, no decorrer de 1942, deslocados para a Palestina.

¹⁴ A frente oriental, em alemão. A designação da frente do combate do exército hitlerista contra as forças armadas soviéticas.

¹⁵ Entre 1925-1961, nome dado à Tsaritsin, cidade portuária russa, em homenagem a Stalin, hoje Volgograd. A batalha de Stalingrad (22.07.1942 – 02.02.1943) marca o começo da derrota do nazismo.

¹⁶ Em polonês: *Komunistyczna Partia Polski (KPP)*. Criado em 1918, o PC polonês apoiou abertamente a URSS no conflito com a Polônia (1919-21). A derrota soviética deflagrou as repressões contra a esquerda na Polônia. Em 1933 KPP lança o projeto de Frente Nacional para reunir todas as forças da esquerda num projeto comum. Nele, a aliança com a URSS fica em segundo plano, dando o lugar de destaque à integração no plano nacional.

Luxemburg¹⁷, a irrequieta e criativa jornalista polonesa, que preconizava que os comunistas não eram obrigatoriamente teleguiados de Moscou.

Na primavera de 1941, Stalin funda a escola de marxismo-leninismo para preparar os militantes do partido comunista polonês, dependente do Kremlin. Criado em Moscou em 1942, o Partido Operário Polonês¹⁸ declara a ilegitimidade do Governo Polonês em Londres¹⁹, afirma a mais estreita colaboração com a URSS no combate ao nazismo e na reestruturação revolucionária do futuro estado polonês. O partido prepara a representação política que vai assumir o governo na Polônia²⁰. Criada em Moscou pelos comunistas poloneses no inverno de 1943, e controlada por Stalin, a União dos Patriotas Poloneses²¹ assume a logística da retomada do poder na Polônia. Os agentes de Moscou são desembarcados na Polônia, onde organizam estrutura militar própria, chamada de Exército Popular²², paralelamente à resistência coordenada pelo Governo no Exílio. Jakub Berman²³ (1901-1984), um dos fundadores do Partido Operário e homem número dois da cena política na Polônia stalinista, revela na entrevista com Teresa Torańska que “depois da experiência com a Segunda República nos anos vinte, Stalin precisava de garantias, que a Polônia seria ligada a URSS por um vínculo bastante forte” (*apud* TORAŃSKA, 1985, p. 251-252). A criação do governo polonês, composto de pessoas controladas por Stalin, no dia 20 de julho de 1944 em Moscou, oferece garantia suficiente. O governo provisório, chamado de Comitê da Libertação Nacional²⁴, depois de assinar em Moscou o tratado sobre as fronteiras, no qual cede à URSS uma parte do território, entra na Polônia com o exército soviético e instala-se na cidade de Chełm Lubelski. Dois dias depois da criação do governo provisório, a Radio

¹⁷ Róża Luksemburg (1871-1919), teórica da economia política e militante do movimento trabalhista polonês e alemão.

¹⁸ Em polonês: *Polska Partia Robotnicza*.

¹⁹ O Governo em Londres contestou a legitimidade da situação política configurada após a Guerra. O último Presidente no exílio, Ryszard Kaczorowski, entregou no dia 22 de dezembro de 1990, numa solenidade em Varsóvia, as insígnias presidenciais a Lech Wałęsa, primeiro presidente polonês depois da Guerra, democraticamente eleito. Desta maneira, simboliza-se a continuidade entre a Segunda e a Terceira República.

²⁰ Esta representação política chamada de Comitê Nacional Polonês, em polonês: *Polski Komitet Narodowy* é fundada no dia 31 de dezembro de 1943.

²¹ Em polonês: *Związek Patriotów Polskich*.

²² Em polonês: *Armia Ludowa*, criada em 1944, contava com 20-30 mil guerrilheiros.

²³ Nascido em Varsóvia, Berman passou em 1939 para o setor controlado pela URSS. Assumiu a cidadania soviética. Voltou para a Polônia em 1944 com o Exército Vermelho, integrou o governo comunista até 1956, responsável pelos setores de segurança, propaganda, cultura e educação.

²⁴ Em polonês: *Polski Komitet Wyzwolenia Narodowego*.

Moscú emite, em língua polonesa, o texto do Manifesto do Comitê da Libertação²⁵. Berman, que trabalhou na preparação do documento, revela que o texto do Manifesto foi redigido em Moscú e revisto por Stalin, “muito interessado pela situação na Polônia” (*apud* TORAŃSKA, 1985, p. 260-263). O texto do Manifesto, impresso em Moscú, sugere que o Comitê da Libertação, como continuação legítima do governo polonês, aspira a total libertação da Polônia. O Manifesto anuncia as eleições parlamentares, a convocação da Assembléia Constituinte, a reforma agrária, a criação do sistema de previdência social e a educação gratuita em todos os níveis. A integridade das fronteiras da Polônia está assegurada por meio da aliança com a URSS (TOPOREK, 1999, p. 7-8).

Na segunda metade do ano de 1944, no território polonês ainda em guerra contra o exército fascista, aguça-se o conflito entre as formações dirigidas pelo Governo no Exílio e as forças armadas polonesas e soviéticas que apóiam o Comitê da Libertação Nacional. Um dos momentos mais críticos do início desta guerra civil é o levante de Varsóvia²⁶. O levante começa no dia primeiro de agosto e termina no dia 2 de outubro de 1944, com o massacre dos rebeldes. Como sinal da morte da resistência, a cidade de Varsóvia é sistematicamente destruída pelos nazistas. Zélia Gattai, que visitou a capital polonesa pela primeira vez em 1948, descreve suas impressões (1987, p. 77-78):

Apenas uma parte do Hotel Bristol, o único de Varsóvia, onde nos hospedamos, ficara de pé. A outra fora destruída, queimada. Sentia-se ainda no quarto um longínquo cheiro de fumaça. Varsóvia era só ruínas. [...] Andando agora pelas ruas de Varsóvia, onde não restara uma única casa inteira, eu me dava conta de que não sabia nada. No meio da terrível destruição, todos os recantos que restaram eram aproveitados para abrigar as pessoas que não tinham teto: onde sobravam três paredes cobertas, ali habitava alguém; às vezes essas três paredes e o teto se localizavam num segundo ou terceiro andar, sustentados por colunas e vigas, embaixo tudo vazado. [...] Pelas ruas transitavam aleijados, mutilados da guerra, tantos como nunca eu imaginava ver: gente de muletas, sem braços, sem pernas, sem olhos, rostos deformados... Todos eles

²⁵ O documento também é chamado de Manifesto de 22 de julho.

²⁶ O levante é promovido em Londres e executado pelo Exército Interior, no momento em que os nazistas já se encontram em defensiva, e o Exército Vermelho se aproxima de Varsóvia. O Governo no Exílio pretende libertar a capital com as próprias forças e, desta maneira, ganhar as posições de força na discussão sobre a composição do futuro governo polonês. Pelos mesmos motivos, o Comitê da Libertação pára com o Exército Vermelho nas margens do rio Wisła, nos arredores de Varsóvia, esperando o desenvolvimento da situação.

atarefados, dando sua contribuição na remoção dos entulhos, num trabalho sem fim. [...] Após o levante geral, em 1944, morreram 200 mil poloneses.

Esmagado o levante, o Exército Vermelho começa a ofensiva sobre Varsóvia, cruza o rio Wisła e entra na cidade no início de janeiro de 1945. Em breve, o Comitê de Libertação assume o controle de todo o país. No dia 19 de janeiro de 1945, o Governo em Londres dissolve todas suas formações armadas na Polônia. Uma parte do Exército do Interior, porém, permanece na clandestinidade e organiza formações de guerrilha para lutar contra a invasão do exército soviético. Para combater a resistência polonesa, o Comitê da Libertação usa as forças armadas dependentes do soviético Comitê da Política Interior - NKVD²⁷, e grupos de milícia popular. O conflito se agrava, trava-se regular combate. Os dirigentes da resistência são presos, julgados em Moscou em junho de 1945 e condenados²⁸ à prisão. A guerra civil continua até 1948. Perguntado por Teresa Torańska (1985, p. 282) sobre o plano da tomada do poder na Polônia elaborado pelo Comitê da Libertação, Jakub Berman responde:

Fiz parte da equipe que elaborou o plano. Ele pode ser periodizado na seguinte maneira: 1944-48; 1949-53; 1954-56. No primeiro período combatemos a guerra civil e não fomos reconhecidos nem interna nem externamente. Quando retomamos o poder, a sociedade acreditava que o exército polonês comandado de Londres, vinha logo para mudar a situação. A elite intelectual polonesa, em grande parte, nos ignorava.

O Governo polonês, aliado a Moscou, busca o reconhecimento da Grã Bretanha e dos Estados Unidos, a partir das conferências em Ialta e em Potsdam²⁹. Em Potsdam decidem-se também as novas fronteiras da Polônia. O território nacional diminui em 20% e, em conseqüência da perda do território e dos combates da Segunda Guerra, a diminuída população do país conta com 24 milhões de habitantes (WIELKA, 2006).

²⁷ Criado em 1934, em Moscou, o Comitê da Política Interior integrava a polícia secreta que exercia uma política de terror contra todas as tentativas de resistência, primeiramente na URSS, e após a Guerra, nos países-satélites de Moscou, onde controlava todos os setores da vida pública e, tanto quanto possível, da vida particular do cidadão.

²⁸ No chamado “processo dos dezesseis” dirigentes da resistência, treze foram condenados, dos quais três não sobreviveram à prisão.

²⁹ Os aliados (EUA, Inglaterra e URSS) reuniram-se em três conferências para discutir o futuro do mundo do pós-guerra, em Teerã (28.11.-1.12.1943), em Ialta (4-11.02.1945) e em Potsdam (17.07-2.08.1945). Todas as três conferências discutiam as futuras fronteiras da Polônia, legitimando as pretensões de Moscou à anexação da parte oriental do território polonês e prometendo, em troca, as terras no ocidente.

Para mapear os focos da resistência à nova constelação política, em lugar das prometidas eleições parlamentares, o Governo organiza no dia 30 de junho de 1946 o referendo popular. Três questões são propostas à votação popular: a questão da anulação do senado na nova constituição, a questão do novo regime político, incluindo a reforma agrária e a nacionalização da indústria, e a questão das fronteiras polonesas ocidentais. O resultado do referendo, parcialmente adulterado, demonstra o apoio da sociedade para a nova formação política. Zbigniew Herbert (1924-1998), poeta e dramaturgo, testemunha do referendo popular, comenta:

Às perguntas do referendo devia-se adicionar uma quarta, a respeito da colonização soviética. Neste sistema totalitário, o cidadão precisava tomar consciência de que era um escravo, dependendo do bom ou mau humor de um major qualquer. Tudo: minha vida, minha existência, a integridade de meus manuscritos, minha paz interna, tudo dependia dele. (*apud* TRZNADEL, 1990, p. 182).

1.1.2 Consolidação do novo regime: 1948-1956

Nas eleições para o parlamento constituinte, no dia 19 de janeiro de 1947, com 80% de votos, ganha o Bloco Democrático, composto pelo Partido Operário e pelo Partido Socialista. O parlamento elege o presidente e o primeiro ministro que assume a missão de compor o governo. Os principais personagens da política polonesa são impostos e controlados por Moscou. O presidente eleito, Bolesław Bierut (1892-1956), um agente do NKVD (BŁAŻYŃSKI, 1986. p. 290), e partidário da rápida stalinização da Polônia, na opinião de Jakub Berman “foi escolhido para ocupar o lugar de destaque na política polonesa pelo próprio Stalin, que o tinha na elevada consideração” (*apud* TORAŃSKA, 1985, p. 318). O ministro da defesa, o marechal soviético Konstanty Rokossowski (1896-1968)³⁰, assume o comando do exército polonês a partir de 1949. Para o comando de maiores formações militares no país, são nomeados os oficiais russos. Włodzimierz Keller, polonês, professor aposentado do Instituto de Física da

³⁰ Marechal Rokossowski entrou na Polônia com o Exército Vermelho. Depois do degelo em 1956, junto com 32 generais e coronéis soviéticos, foi enviado para Moscou, onde assumiu o posto de vice-ministro da defesa da URSS.

UFBa, (informação verbal)³¹ confirma que durante o serviço militar obrigatório na Polônia, em meados dos anos cinqüenta, prestou juramento militar a general russo, que nem sequer falava polonês. Segundo Edward Ochab (1906-1989), o ministro da administração pública do Comitê da Libertação e o vice-ministro da defesa de Rokossowski, “a URSS que perdeu 600 mil soldados libertando a Polônia, não podia nem quis permitir qualquer mudança na política polonesa” (*apud* TORAŃSKA, 1985, p. 59). A Polônia, a exemplo de outras democracias populares – satélites de Moscou, assina ainda no dia 24 de abril de 1945, o tratado de amizade e de cooperação com a União Soviética³².

Para se opor ao imperialismo norte-americano, a URSS apresenta a proposta da criação do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e Operários, criado na reunião no mês de setembro de 1947, em Szklarska Poręba, na Polônia. Os representantes dos partidos comunistas afirmam que o Bureau deve ter o caráter de paridade e tomar as decisões pelo princípio de unanimidade³³. Já no ano seguinte, o Bureau reconhece como universalmente válida a experiência da União Soviética na construção do socialismo. Na prática, o Bureau torna-se um instrumento de intervenção da URSS na política dos países da Europa central e oriental, funcionando como uma “mordça ideológica” (TOPOREK, 1999, p. 21) para os políticos que tentam conduzir seus países por uma via alternativa para o socialismo. Em 1948, o Bureau impõe a todos os dirigentes do bloco a realização da coletivização das propriedades agrícolas. Para o pequeno agricultor polonês, que acabou de receber a posse da terra em consequência da reforma agrária iniciada em 1944, a criação das cooperativas estatais, à moda dos *kolkhozy* soviéticos, é uma traição das promessas feitas pelo governo. Para pressionar o agricultor a juntar-se à cooperativa, o governo estipula elevadas metas para os fornecimentos obrigatórios³⁴, aumenta os impostos e persegue os proprietários das maiores áreas de cultivo, que costumam empregar os trabalhadores rurais. Zélia

³¹ Depoimento em entrevista realizada em Salvador, no dia 26.02.2005. Entrevistador: Jarosław Jacek Jeździkowski.

³² Todos os governos dos países da esfera da influência do Kremlin foram obrigados a assinar o tratado com a URSS (e.g. Tchecoslováquia em 1943, Iugoslávia em 1944) e posteriormente, assinavam semelhantes tratados entre si.

³³ O bureau anterior (*Kominform*), criado em 1949 e dissolvido em 1953, foi autoritariamente guiado pelo Kremlin.

³⁴ Com referência à área cultivada, o planejamento central estipulava a quantidade da produção (e.g. trigo, carne, leite) que devia ser entregue pelos camponeses à administração pública.

Gattai (1987, p. 81-83) relata sobre o encontro com um agricultor polonês, durante a viagem pela Polônia, em 1948:

Por uma estrada secundária rumamos para Wisla, atravessando campos cultivados de beterrabas e de batatas; por toda parte viam-se montes de feno, currais, gado pastando, casas rústicas. De vez em quando aparecia um pomar, maçãs vermelhas [...] ameixas amarelas e pretas. De repente divisei um camponês com um cesto de frutas ao lado de uma cancela e pedi ao chofer que parasse, desejava comprar maçãs. [...] Puxamos conversa com o homem das frutas, dona Anna ali firme na tradução. Pequeno lavrador, ele cultivava beterrabas e batatas. O *tovaritch* chofer quis saber a razão dele vender as frutas particularmente em lugar de entregá-las à cooperativa. Fiscal improvisado, cumpria o dever patriótico de colaborar com o Estado. Toda a produção agrícola do país era entregue pelos camponeses às cooperativas do Estado que as tabelavam e vendiam, podendo assim uniformizar os preços. — Entrego à cooperativa as beterrabas, que são encaminhadas às usinas de açúcar, e as batatas, que são distribuídas pelos entrepostos de venda ao consumidor — explicou o camponês. — Minha produção de frutas é pequena e por isso eu a vendo aqui na porta, mantendo os preços tabelados pelo controle do Estado. [...] Jorge perguntou ao camponês se ele tinha empregados para ajudá-lo no cultivo da terra. A camarada Anna não acreditava no que ouvia. [...] Seria possível que um comprovado lutador do gabarito de Amado desconhecesse os princípios mais elementares do socialismo? [...] No Estado Socialista não era permitida a exploração do homem pelo homem. [...] — Nas minhas terras só trabalham pessoas de minha família, filhos e irmãos... os que sobraram da guerra...

No ano de 1949, surge mais uma estrutura centralizadora do bloco dos países dependentes da União Soviética - o Conselho da Mútua Ajuda Econômica³⁵. O Conselho torna-se uma desculpa para a presença dos especialistas soviéticos, que exercem o controle da economia dos países-satélites. De acordo com Torańska (1985, p.274), “os conselheiros russos atuam em todas as áreas da administração e em todos os níveis, desde o poder central até a administração territorial”. No clima da Guerra Fria e com as portas para o ocidente hermeticamente trancadas³⁶, toda a economia da Polônia, um país até então agrícola, está direcionada para a União Soviética. A industrialização da Polônia depende da tecnologia e da matéria-prima russas. O terceiro no poder na Polônia stalinista, economista, ministro da indústria e chefe da Comissão Estatal do Planejamento Econômico, Hilary Minc (1905-1974), baseia o sistema

³⁵ Em polonês: *Rada Wzajemnej Pomocy Gospodarczej*, que integrava, fora das democracias populares europeias, também a Mongólia, Cuba e o Vietnã. A organização foi dissolvida em 1991.

³⁶ Sob a pressão da URSS, a Polônia como outros países-satélites de Moscou, rejeitou a ajuda proposta em 1947 pelos Estados Unidos, para reconstrução das economias europeias destruídas pela guerra. O Plano de George Marshall (1880-1959) reergueu as economias do ocidente europeu.

econômico do país no planejamento central. Neste sistema, o governo estipula as necessidades de consumo da população, produz e oferece ao mercado controlado a quantidade de bens que considera suficiente. Apesar da distribuição dos bens de consumo pelo sistema de cupons de racionamento, e enfrentando filas, a população não consegue preencher suas necessidades. Os centros urbanos sofrem a escassez da comida e a zona rural reclama a falta dos bens industrializados. A propaganda comunista aproveita as tensões para aumentar as divergências entre a cidade e o interior. Paralelamente, nas cidades começa a batalha contra os especuladores e aproveitadores, e no campo, contra o *kulak* – proprietário rural. De um lado, demonstrando o inimigo, o estado livra-se da responsabilidade pela situação crítica, por outro lado, com a caça às bruxas contra os elementos empreendedores, impede cada tentativa de livre iniciativa no mercado.

A Guerra Fria, que ameaça desencadear um conflito mundial atômico, faz com que as economias do bloco soviético, incluindo a polonesa, se focalizem na indústria pesada, preparando-se para reorientar toda a produção em função das necessidades da indústria bélica. Ao lado dos tributos cobrados pela libertação da ocupação nazista, a Polônia paga à URSS as contribuições para sustentar os conflitos bélicos, que devem elevar ao poder os partidos comunistas, em várias partes do mundo³⁷. A concentração das forças da economia na indústria de base em detrimento da indústria de consumo agrava a crise social. Para conter a insatisfação, o aparelho da repressão intervém. A polícia política, teleguiada de Moscou, ganha poderes ilimitados e acaba por controlar todos os setores do poder, no estado e no próprio partido comunista.

No mês de dezembro de 1948, entra em fase de execução na Polônia o plano da unificação de todo o movimento operário, incentivado por Stalin, em todo bloco comunista. O Partido Socialista Polonês deixa de existir, e seus membros são incorporados ao partido unificado, controlado pelo Partido Operário. A criação do novo Partido Operário Unificado Polonês (POUP)³⁸ consolida a hegemonia do stalinismo no país. As repressões desencadeadas pela tese de Stalin de que na medida em que o socialismo se desenvolve, agrava-se a luta de classes, atingem os políticos não-

³⁷ Trata-se dos conflitos na Albânia, Grécia, Vietnã, Coréia e China, no final dos anos quarenta e início dos cinquenta, nos quais a URSS foi uma das partes interessadas.

³⁸ Em polonês: *Polska Zjednoczona Partia Robotnicza*, o partido dissolvido em janeiro de 1990.

ortodoxos. O representante da emigração no governo, Stanisław Mikołajczyk (1901-1966), ameaçado, foge para os EUA. O comunista Władysław Gomułka (1905-1982) é acusado de desvios nacionalistas, deposto das funções no partido e no estado, e preso. Os ex-combatentes do Exército Interior, anistiados ainda em 1945, voltam a ser perseguidos. O NKVD monta os processos, detectando uma suposta rede internacional da espionagem em favor dos EUA, implantada nos países do bloco soviético³⁹. Agrava-se também a perseguição contra a Igreja Católica, cujo líder na Polônia, cardeal Stefan Wyszyński (1901-1981), é preso, em 1953. Teresa Torańska (1985, p. 308) comenta:

Final da década de quarenta. O campo e a Igreja são perseguidos, e os políticos independentes, aprisionados. Os partidos de oposição, o comércio privado, as livres associações, os conselhos de autogestão, a imprensa livre, não existem mais. O Partido Unido penetrou todas as formas de vida social, e está em toda parte: nas creches, nas escolas e nas fábricas, nos salões de leitura e nos hospitais. Chegou o momento em que, a tríade Bierut – Berman – Minc, indiscriminadamente implanta o socialismo na Polônia.

Depois das eleições de 1947, o presidente Bolesław Bierut organiza e precede o grupo que prepara a nova constituição. Bierut apresenta a Stalin o projeto de constituição, traduzido para o russo no outono de 1951. O projeto volta de Moscou com 82 correções, feitas a lápis, por Stalin. As correções do líder soviético são introduzidas no texto polonês. Votada no dia 22 de julho de 1952, à semelhança de outras constituições do bloco soviético, a nova Carta Magna assegura a todos os cidadãos o direito ao trabalho, lazer, saúde, educação, à liberdade de expressão e consciência, sem preconceitos de raça, sexo, ou credo (DAVIES, 1981, p. 580). A lei básica declara a Polônia o estado da democracia popular e a república do povo operário – intervenção de Stalin na primeira frase do Preâmbulo – o que limita os direitos das classes que até então tem vivido da exploração do operário e do camponês. Neste sistema político monopartidário, o Partido Operário Unificado Polonês torna-se a garantia e o guardião da nova ordem democrática. O país muda o nome para República Popular da Polônia⁴⁰,

³⁹ Zélia Gattai observa esta situação na Tchecoslováquia, e comenta sobre o processo contra os dirigentes tchecos acusados por Moscou de “espionagem em benefício do Ocidente, desvio burguês, sabotagem, titoísmo, trotskismo, traição” (1989, p. 112-117). Gattai retoma o assunto na entrevista a mim concedida (Salvador, 15.10.2004).

⁴⁰ Em polonês: *Polska Rzeczpospolita Ludowa*. Desde 28.12.1989, República da Polônia.

e o cargo de presidência é cancelado. A constituição de 1952 sanciona a sovietação da Polônia para as próximas quatro décadas.

1.2 SOCIALISMO SIM – DISTORÇÕES NÃO⁴¹: 1956–1989

No início dos anos oitenta, os jornalistas Carlos Castilho e William Waack observam que “as crises polonesas são cíclicas”, depois do “levante dos trabalhadores vem a fase da reação” por parte do partido. Na história do pós-guerra, “cada conflito entre os operários e o Governo correspondeu a uma troca de líder do Partido Operário Unificado Polonês” (CASTILHO; WAACK, 1982, p. 9-10). A primeira crise causada pela classe operária, em 1956, chamada de outubro polonês, leva ao poder o reabilitado comunista Władysław Gomułka, que aparece como alternativa à equipe do stalinista Bierut. Gomułka não consegue resolver a próxima crise provocada pelos intelectuais em março de 1968, e é substituído em 1970 por Edward Gierek (1913-2001). A liderança de Gierek desgasta-se no levante dos operários, no verão de 1980, que antecipa o surgimento do Sindicato *Solidarność*. Depois do golpe militar, de 13 de dezembro de 1981, monopoliza a cena política o general Wojciech Jaruzelski (nascido em 1923), que assume em 1989 a presidência da Polônia, em consequência do acordo entre POUP e a oposição. O general Jaruzelski é destituído da presidência e substituído, em 1990, por Lech Wałęsa (nascido em 1943), primeiro presidente polonês do pós-guerra, democraticamente eleito.

1.2.1 Esperança da democratização do regime: 1956–1970

Na parte fechada do XX Congresso do PC soviético, no mês de fevereiro de 1956, o primeiro secretário do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas Nikita Khruchchov (1894-1971) apresenta o informe sobre os crimes do

⁴¹ O lema foi lançado na década de setenta, acompanhando a tese sobre a reformabilidade do sistema.

stalinismo⁴². O congresso revê a política interna e externa da URSS, critica o culto à personalidade, e delinea uma declaração de novas regras na relação com as democracias populares, oferecendo-lhes maior grau de soberania. Presente no Congresso, o secretário do PC polonês – Bierut, morre subitamente⁴³ em Moscou, em 12 de março de 1956. No dia 20 de março, Khruchtchov viaja para Varsóvia, para o VI Plenário do POUP, onde apresenta uma versão abreviada de seu informe. O texto, na íntegra, chega pelo correio secreto, alguns dias depois. Stefan Staszewski (1906-1989), redator-chefe da Agência Polonesa de Imprensa⁴⁴, lembra:

O informe estava escrito em russo. Para facilitar o acesso à leitura, para um número maior dos camaradas poloneses, o texto foi traduzido. Enviamos a tradução para todas as maiores unidades administrativas no país. Oficialmente admitimos a impressão de três mil de exemplares numerados. De fato, mandamos imprimir 15 mil com a numeração repetida. O silêncio acerca do informe de Khruchtchov foi rompido. Pessoalmente entreguei as cópias, ainda quentes, a três amigos meus, correspondentes estrangeiros do *Herald Tribune*, *New York Times* e *Le Monde*. (apud TORAŃSKA, 1985, p. 145).

Em breve, o processo da destalinização desacelera na URSS e nos demais países do bloco, depois de algumas demissões de caráter simbólico e superficial. Seguindo esse processo, os operários poloneses reivindicam maior abertura do sistema. Esperam as mudanças na economia do país, que visem melhoria da qualidade de vida.

Dia 28 de junho de 1956, os operários de Poznań proclamam a greve de cunho econômico, queixando-se de elevados impostos e das altas cotas obrigatórias de produtividade, estabelecidas pelo governo. Pedem também o aumento salarial e a baixa dos preços da cesta básica. Saindo nas ruas da cidade, aos grevistas junta-se a população de Poznań. A multidão acrescenta as reivindicações de caráter político, dirigindo palavras de ordem contra os soviéticos e a burguesia vermelha. Os manifestantes atacam o presídio local, onde adquirem as armas. No centro da cidade, o grupo de milhares de pessoas enfrenta as formações da polícia – começa a troca de

⁴² Khruchtchov assumiu a liderança do PC soviético em setembro de 1953, depois de vários meses de luta pelo poder na cúpula da URSS, que se deu após a morte de Stalin, em 5 de março desse ano. Neste intervalo, foi preso o chefe do NKVD Beria, homem de confiança de Stalin e um dos co-responsáveis pelos crimes do stalinismo. Beria foi executado em dezembro de 1953.

⁴³ Segundo informações oficiais divulgadas na época, Bierut já viajou muito doente para Moscou. Outras fontes (DAVIES, 1981) especulam sobre suicídio, uma vez que o próprio Bierut foi responsável pelos crimes da época stalinista na Polônia.

⁴⁴ Em polonês: *Polska Agencja Prasowa*.

tiros e o combate nas ruas. A entrada das forças do exército na cidade⁴⁵ põe fim ao confronto. No balanço oficial da luta dos manifestantes com a polícia, estipula-se o número de 74 pessoas mortas com centenas de feridos. Os acontecimentos ocorrem durante a presença das delegações estrangeiras na cidade, participantes da anual Feira Internacional de Poznań. O mundo toma conhecimento do enfrentamento entre os trabalhadores poloneses e as forças governamentais. O primeiro ministro, Józef Cyrankiewicz (1911-1989), culpa pelos acontecimentos os agentes inimigos infiltrados entre a classe operária consciente e anuncia que cada um que levantar a mão contra o governo, terá a mão decepada. Apesar de um extenso trabalho investigativo, os agentes inimigos não são encontrados. Na busca das razões da insatisfação popular, o partido depara-se com a necessidade de rever sua política interna.

Para afastar os políticos comprometidos com o stalinismo, planejam-se mudanças pessoais na cúpula do partido, que devem se efetuar no VIII Plenário do POUP, no mês de outubro de 1956. De Moscou, Khruchtchov denomina a situação na Polônia de enfraquecimento do partido polonês. O primeiro secretário do PC da URSS decreta o estado de alerta máximo para as formações do Exército Vermelho acampadas na Polônia e, no dia 19 de outubro segue para Varsóvia junto com Molotov. Os debates do Plenário na capital polonesa são interrompidos e as lideranças do POUP recebem a delegação russa. Conscientes do movimento das tropas soviéticas dentro do país, os comunistas poloneses continuam os trabalhos do Plenário na presença dos líderes soviéticos. Durante o Plenário, Gomulka é proposto para o cargo de primeiro secretário do partido. No seu discurso, ele expressa a certeza de que o POUP tem a competência suficiente para resolver a crise na Polônia, e acrescenta que a RPP precisa da aliança com a URSS, para proteger suas fronteiras ocidentais. Gomulka é eleito com o consentimento de Khruchtchov, e a delegação russa volta para Moscou. Os poloneses conseguem evitar a intervenção militar soviética. Testemunha dos acontecimentos do outubro polonês, Edward Ochab comenta que Khruchtchov de fato ameaçou os poloneses em Varsóvia com a intervenção militar das formações soviéticas alojadas no país, colocando também em prontidão os exércitos dos países vizinhos.

⁴⁵ Na cidade entraram duas divisões blindadas com as ordens explícitas de não usar armas. A presença de grande formação militar, por si, pacificou os ânimos nas ruas.

Segundo ele, somente a Iugoslávia e a China desaprovaram o plano de intervenção soviética na Polônia (*apud* TORAŃSKA, 1985, p. 57-68). Embora em consequência das mudanças promovidas pela nova equipe 33 generais soviéticos entreguem seus cargos no exército polonês e voltem para a URSS, o controle do Kremlin não diminui. Por iniciativa da URSS, no mês de maio de 1955, constitui-se o Pacto de Varsóvia, um acordo militar entre a Albânia, a Alemanha Oriental, a Bulgária, a Hungria, a Polônia, a Romênia, a Tchecoslováquia e a URSS. Oficialmente fundado como reação à integração à OTAN da Alemanha Ocidental, o Pacto serve como instrumento de centralização do bloco. Na Polônia, os generais soviéticos ocupam os cargos mais altos da nova estrutura, e o Exército Vermelho permanece dentro do território nacional.

As reformas promovidas por Gomułka não são profundas. O político aproveita o autêntico apoio da população, que vê nele um herói capaz enfrentar o Kremlin, e tenta transformá-lo no apoio para o partido comunista. No início do governo de Gomułka, o sistema abre. Depois do período de relativamente boas relações, em meados dos anos 60, começam as perseguições contra a Igreja Católica. Na economia, a equipe de Gomułka endossa o crescimento da indústria de base, e acelera a industrialização da Polônia. A produção agrícola está enfraquecida pela coletivização e não consegue acompanhar o ritmo. Tampouco a indústria de consumo corresponde à crescente procura do mercado.

Os primeiros sinais de insatisfação com o regime de Gomułka vêm por parte da *intelligentsia* polonesa, na primeira metade de 1960. No mês de março de 1964, Antoni Słonimski (1895-1976), presidente da Associação dos Escritores da Polônia, entrega nas mãos do primeiro ministro Cyrankiewicz a carta assinada por 34 intelectuais, criticando a política cultural do governo, especialmente a rigorosa censura. A chamada Carta dos Trinta e Quatro recebe apoio dos alunos da Universidade de Varsóvia (UV). Em 1965, dois universitários ligados à UV, Jacek Kuroń (1934-2004) e Karol Modzelewski (nascido em 1937) publicam uma carta aberta com violentas críticas ao POUP, descrevendo o conflito entre a classe operária e a burocracia centralizadora do partido. Kuroń e Modzelewski escrevem:

A nova classe dominante burocratizada criou um sistema de privilégios que passou a entravar o desenvolvimento das relações de produção. [...] A

burocracia política central tende a reduzir ao mínimo vital a parte do operário ou do pequeno camponês na redistribuição do produto social, com o objetivo de aumentar a parcela destinada ao investimento público. Com isso cria-se um poderoso aparelho burocrático e policial para impor estes objetivos a um custo econômico muito elevado. (*apud* CASTILHO; WAACK, 1982, P. 77).

A carta circula clandestinamente pelo país e é publicada no exterior pela revista *Kultura*. Os autores são processados e condenados à prisão, em julho de 1965. A ação governamental dirige-se também contra a UV, considerada o foco das crises⁴⁶. Os principais intelectuais poloneses, filiados ao POUP, depõem os protestos nas mãos dos dirigentes do partido. O filósofo marxista Leszek Kołakowski (nascido em 1927), professor da UV, na ocasião do decênio da ascensão de Gomułka ao poder, em 21 de outubro de 1966, acusa publicamente o partido de subestimar a iniciativa individual e a discussão política. No seu discurso, na assembléia, diante de 500 universitários e professores, o filósofo exige do partido a garantia dos direitos do cidadão e a criação das instituições, que assegurem o recurso contra o abuso do poder. O professor Kołakowski é excluído do POUP, e os demais intelectuais não-ortodoxos são ameaçados de expulsão.

O ano de 1967 está marcado pela Guerra dos Seis Dias, em que Israel amplia seus territórios, no conflito com o Egito, a Jordânia e a Síria. O governo da Polônia, a exemplo de outras democracias populares, rompe as relações diplomáticas com Israel, condenando a agressão. Visto que as reações da população variam, o partido decide expressar todo o apoio para o mundo árabe, organizando comícios, nos quais se execra a violência dos judeus. O próprio Gomułka discursa no *meeting* em 19 de junho, condenando publicamente “a postura das pessoas, que se pronunciam em favor do agressor”, e chama os judeus poloneses de “quinta-coluna em potencial” (*apud* TOPOREK, 1999, p. 58). O pronunciamento do líder comunista esquentava os ressentimentos históricos e reforça a ala anti-semita do POUP. Começa uma campanha contra os judeus poloneses nos quadros do partido, do exército, e nas editoras. O Ministério do Interior prepara uma lista de 382 nomes de pessoas, dos círculos sociais mais variados, que teriam se identificado com a vitória de Israel. As pessoas da lista,

⁴⁶ No reinício do ano acadêmico de 1965/66, o regime proíbe o acesso de novos alunos à UV, limitando a frequência das aulas aos alunos já matriculados. Paralelamente, as faculdades de filosofia de Cracóvia e de Wrocław são fechadas.

nomeadas de sionistas, são perseguidas e perdem seus empregos. A xenofobia no país inteiro é acompanhada pela propaganda partidária dirigida pelo Bureau de Imprensa do Comitê Central do POUP.

O conflito entre o governo e as elites intelectuais do país se agrava no início de 1968, quando a censura toma a decisão de suspender a encenação de um clássico⁴⁷ da dramaturgia polonesa, apresentado no Teatro Nacional em Varsóvia, desde novembro de 1967. A censura decide que a peça é anti-soviética, e suspende a exibição. A Associação dos Escritores redige, numa assembléia extraordinária no dia 29 de fevereiro, a resolução que condena a suspensão da peça e critica vigorosamente a política cultural do partido. No mês de fevereiro, os universitários da UV coletam 3 145 assinaturas contra a suspensão do espetáculo. Os universitários responsáveis pela coleta das assinaturas e a divulgação da ação na imprensa francesa são relegados da universidade. No dia seguinte, os maiores centros universitários do país realizam as reuniões de solidariedade aos estudantes da UV. A propaganda comunista condena as manifestações estudantis nos meios de comunicação. Nas fábricas, as organizações de base do POUP mobilizam os trabalhadores para a desaprovação das reivindicações da elite intelectual⁴⁸. As manifestações nas universidades são facilmente pacificadas pela polícia e pelos grupos de milícia operária, formada especialmente para esta finalidade⁴⁹. Em consequência dos acontecimentos de março, o governo afasta das universidades os professores não ortodoxos⁵⁰ e um grande grupo dos universitários. As cátedras são oferecidas para os docentes fiéis ao partido, e o currículo acadêmico ganha, como matéria obrigatória para todas as carreiras, as aulas de marxismo.

A época do socialismo de Gomulka desmorona no final de 1970. A situação econômica do país é extremamente delicada. Para equilibrar o mercado, a equipe no

⁴⁷ A peça de autoria de um dos maiores poetas poloneses, Adam Mickiewicz (1798-1855), escrita em 1823, comenta as relações polono-russas na época do império tsarista. O público aplaude de pé as partes do espetáculo que se referem diretamente à política do tsar referente à Polônia.

⁴⁸ Nestas reuniões de conscientização da massa operária, manipuladas pelos ativistas do POUP, voltam os motivos de xenofobia, e.g. "Sionistas para Israel", e formam-se novas batidas, desta vez contra os intelectuais, e.g. "Universitários aos livros, escritores às canetas". Estas divisas resumem a atmosfera do final dos anos sessenta.

⁴⁹ Segundo os dados da Procuradoria Geral, as forças de segurança prendem cerca de 2 700 pessoas. Entre os 262 condenados, encontram-se 98 universitários e professores (TOPOREK, 1999, p. 62).

⁵⁰ O professor Kołakowski perde emprego na UV e emigra para a Inglaterra, onde leciona filosofia na Universidade de Oxford, nos anos de 1972 a 1991.

poder decide elevar os preços da cesta básica em 20%, em média. A propaganda governamental apresenta esta operação como a regulamentação dos preços, no mesmo momento anunciando a intenção de baixar os preços de eletrodomésticos. Para o dia do aumento de preços, a equipe escolhe a segunda-feira, dia 14 de dezembro, e anuncia sua intenção no sábado anterior. Na manhã da segunda-feira, o estaleiro de Gdańsk amanhece em greve. No dia seguinte, as fábricas das três cidades portuárias⁵¹ deflagram a greve. A lista das reivindicações aumenta – ao lado das pretensões salariais, encontram-se as exigências da suspensão do aumento dos preços, e do direito à liberdade de imprensa e de culto. Para Gomułka, a situação nas cidades costeiras possui todas as características da contra-revolução. Em Varsóvia, auxiliado pela equipe, ele toma a decisão do uso de armas de fogo para impedir a insurreição. Na madrugada de 16 de dezembro, as cidades portuárias amanhecem cercadas pelo exército polonês. O exército invade as ruas, controlando as manifestações dos operários. Em dois dias, morrem aproximadamente 300 pessoas (DAVIES, 1981, p. 590-591).

Para a cúpula do partido, torna-se claro que a crise não pode ser resolvida à base da força. No dia 17 de dezembro, do Kremlin, o primeiro secretário do PC soviético, Leonid Brejnev (1906-1982), comunica aos camaradas poloneses que a crise deve ser resolvida exclusivamente com as forças próprias do PC polonês⁵². Gomułka é hospitalizado e afastado de suas funções políticas. No Plenário extraordinário do POUP, no dia 20 de dezembro, a liderança do partido, após a consulta ao Kremlin, é confiada a Edward Gierek. Simultaneamente, ocorrem mudanças nos quadros executivos do POUP, introduzindo à cúpula do partido, políticos não comprometidos diretamente com o regime passado, entre eles o general Jaruzelski, ministro da defesa desde 1968. Na análise de Marian Toporek (1999, p. 70):

o levante operário de 1970 foi recebido com a indiferença pelos intelectuais e universitários, pois no confronto desses grupos com o governo, em março de

⁵¹ As cidades vizinhas de Gdańsk, Gdynia e Sopot são cidades portuárias, localizadas no norte do país, na costa do Mar Báltico.

⁵² O Exército Vermelho controlou as manifestações, interpretadas como contra-revolucionárias, em novembro de 1956 na Hungria, e em agosto de 1968 na Tchecoslováquia. A última intervenção foi dirigida por Brejnev, que utilizou na operação as forças do Pacto de Varsóvia, entre elas as unidades do exército polonês.

1968, as milícias formadas por operários foram utilizadas para pacificar as manifestações.

1.2.2 Socialismo com rosto humano⁵³: 1970 – 1980

A época de Gierek começa com a tentativa de recuperação da economia. Na viagem para Moscou, o primeiro secretário do POUP consegue os créditos, utilizados para injetar no mercado polonês maior quantidade de artigos de consumo imediato. O líder viaja pelo país e mobiliza os trabalhadores para o esforço máximo, enfatizando que dele depende a melhoria da qualidade de vida da população. Gierek faz críticas à política econômica de Gomułka, mas evita falar no massacre do levante operário nas cidades portuárias. De fato, poucos poloneses têm opinião formada sobre os acontecimentos em Gdańsk⁵⁴.

Gierek consegue dinamizar a economia do país no início da década. Aproveitando a atmosfera do abrandamento das tensões no palco da política internacional, o líder polonês viaja freqüentemente para os países do bloco capitalista, em busca dos financiamentos. Os créditos concedidos pelos bancos ocidentais são empregados na compra de modernas tecnologias e investidos na indústria. O governo gasta as reservas monetárias na importação dos bens de consumo imediato. O polonês médio encontra, no mercado, atraentes artigos considerados exóticos na época passada: cacau, café, frutas cítricas e luxuosos eletrodomésticos com preços acessíveis. Ao mesmo tempo, cresce o salário mínimo e congelam-se os preços da cesta básica. A melhoria da qualidade de vida gera um ambiente de bem estar. A propaganda governamental mantém a imagem do primeiro secretário como estadista providencial e criador do socialismo mais humano. As comemorações do trintenário da democracia popular na Polônia (1944-1974) ocorrem em ritmo de crise superada.

⁵³ Ou um “socialismo de fatura” - dois slogans lançados no início da época de Gierek.

⁵⁴ A população está mal informada. Todos os meios de comunicação, rigorosamente controlados pelo regime, fornecem uma visão tranquilizadora da situação política e econômica no país. Os proibidos programas das emissoras de rádio estrangeiras, que emitem notícias na língua polonesa, sofrem interferências técnicas, e a distribuição da imprensa ilegal é muito precária. No início dos anos setenta, são relativamente poucas as pessoas que têm acesso à informação não-controlada pelo regime. A distribuição da informação alternativa intensifica-se ao longo da década de setenta.

Paralelamente à abertura na política exterior, a política interna do governo caracteriza-se por gradativo fechamento - intensifica-se o controle do Estado sobre o cidadão, e crescem as forças policiais no país. No dia primeiro de agosto de 1975, a Polônia está entre os 35 países assinantes do documento final da Conferência em Helsinque. Gierek assina a parte do acordo sobre a solução não violenta dos conflitos internacionais, e sobre a soberania e a igualdade dos estados europeus, com plena convicção de que atendem aos anseios da política polonesa. O terceiro pacote do arranjo de Helsinque, referente aos direitos humanos, e em especial, sobre o monitoramento externo das liberdades individuais e dos direitos do cidadão, apresenta um problema para o regime.

No país, cresce a oposição ao regime comunista, de modo particular, após a divulgação das mudanças no texto da constituição, planejadas pelo governo⁵⁵. As reações surgem dos círculos da elite intelectual e da Igreja Católica. O governo leva em conta as considerações expressas pela sociedade e desiste das formulações propostas originalmente. A nova constituição é proclamada em 10 de fevereiro de 1976.

A segunda metade dos anos setenta é marcada pela crescente crise econômica. O congelamento dos preços da cesta básica desde 1971, os investimentos equivocados na indústria, os juros gerados pelos empréstimos dos bancos estrangeiros, a crise do petróleo e a recessão da economia mundial desequilibram a economia do país (DAVIES, 1981, p. 627). O regime decide elevar os preços, a partir da segunda-feira, de 28 de junho de 1976, e o primeiro ministro Piotr Jaroszewicz (1909-1992) é designado para dar a notícia à população. O *premier* anuncia o aumento dos preços da cesta básica, em média de 75%, na quinta-feira, no dia de 24 de junho. Na segunda-feira seguinte, 40 fábricas em todo o país param a produção e deflagram a greve. Contra os grevistas e os manifestantes nas ruas das cidades, o regime lança reforçadas formações da polícia⁵⁶, que pacifica as manifestações obedecendo à ordem de não usar as armas de fogo. Restabelecida a disciplina nas cidades atingidas pelo

⁵⁵ As alterações propostas introduzem na constituição a menção da indissolubilidade da aliança com a URSS, a ratificação da posição privilegiada do POUP enquanto líder da política da RPP, e a limitação dos direitos humanos, atrelando os direitos do cidadão ao cumprimento dos deveres perante o Estado.

⁵⁶ No início da década de Gierek, reestruturaram-se as forças da polícia, chamada em polonês, desde sua criação em 1944 até a dissolução em 1990, de *Milicja Obywatelska* (Milícia Cidadã). Em 1972 foram reforçadas as unidades policiais do combate às manifestações, criadas em 1956 (WIELKA, 2006).

movimento grevista, Jaroszewicz anuncia na segunda-feira, em dois de julho, que tendo o governo atendido ao resultado da consulta popular realizada entre os operários, decide retirar do parlamento a proposta do aumento dos preços da cesta básica. No sábado seguinte, os meios de comunicação relatam os acontecimentos de junho, como tumultos provocados pelos marginais. A propaganda do regime começa a ação contra os elementos subversivos, com manifestações de apoio em todas as partes da Polônia. As represálias atingem os organizadores da greve e os manifestantes detidos nas ruas. Os tribunais sentenciam altas multas pecuniárias e penas, de cinco a dez anos de prisão. Os condenados são sumariamente demitidos.

Diante da retaliação do regime que atinge os operários e suas famílias, a sociedade polonesa reage espontaneamente. As colaborações vêm dos círculos sociais mais variados: cooperam os intelectuais e estudantes, artistas e escritores, os escoteiros e a Pastoral da Caridade da Igreja Católica, organizando arrecadações entre seus simpatizantes. Paralelamente à ajuda material, organiza-se a assessoria jurídica para os detidos manifestantes e grevistas. No início, a ação desenvolve-se em sigilo, com precaução, para despistar a polícia secreta⁵⁷.

No decorrer do tempo, alguns organizadores do movimento decidem apresentar ao parlamento polonês uma carta aberta de protesto. Assinada por 14 intelectuais, a carta é entregue ao presidente da assembléia, pelo conhecido escritor Jerzy Andrzejewski (1909-1983), no dia 23 de setembro de 1976. A carta informa sobre a criação do independente Comitê de Defesa do Trabalhador⁵⁸. O Comitê exige anistia para os operários presos, readmissão de todos os demitidos e apuração das responsabilidades pela violência praticada durante a pacificação das manifestações. O Comitê pretende exercer suas atividades publicamente. De início, o regime parece não saber qual posição deveria tomar diante da assumida tentativa de oposição. Gierek pretende pedir mais empréstimos aos bancos europeus e norte-americanos, e diante do recém assinado Acordo de Helsinque, teme ser impedido pelas organizações de defesa dos direitos humanos. A polícia secreta adverte os organizadores do Comitê, que em

⁵⁷ Em polonês, *Służba Bezpieczeństwa*. Criada em 1944, para a proteção dos interesses do estado, a polícia secreta serviu para detectar e destruir todas as formas de oposição ao sistema comunista. A formação responsável pelos assassinatos e seqüestros foi reestruturada e renomeada em 1990.

⁵⁸ Em polonês: *Komitet Obrony Robotników*.

seguida sofrem todo tipo de restrições: demissões, interdição das publicações, buscas minuciosas nos apartamentos. Ninguém, porém, é detido. Diante de tanta passividade do regime, multiplicam-se as formas organizadas da oposição, que na sua maioria atuam permanecendo na clandestinidade. Todos os grupos começam a publicar semiclandestinamente⁵⁹ seus informativos e boletins.

Em 1978, na região industrial de Silésia⁶⁰ e na cidade de Gdańsk os operários realizam uma tentativa frustrada de criar os sindicatos independentes. Um dos organizadores dos sindicatos na cidade portuária é membro do comitê dos grevistas de 1970, eletricitista do estaleiro de Gdańsk, Lech Wałęsa.

Os acontecimentos do final do ano de 1978 dificultam mais ainda a situação do regime comunista polonês. No dia 16 de outubro, o cardeal polonês Karol Wojtyła (1920-2005) é escolhido líder da Igreja Católica no mundo. João Paulo II expressa logo a vontade de visitar seu país, e recebe o convite do governo polonês. A primeira peregrinação, que acontece nos dias de 2 a 10 de junho de 1979, é um sucesso da Igreja e da oposição, tanto do ponto de vista organizacional, como também do ponto de vista da participação das mais variadas camadas da sociedade nos encontros com Wojtyła. O surgimento da oposição e o fortalecimento da Igreja colaboram diretamente para o nascimento do Sindicato Independente *Solidarność*, depois da greve geral, no mês de agosto de 1980.

Depois do inverno extremamente rigoroso, que provocou a falta de energia elétrica e dos combustíveis, demonstrando, desta maneira o despreparo da administração pública, o ano começa com dificuldades em fornecimento dos artigos da cesta básica. O governo reage com o ajuste dos preços que provoca greves isoladas, amenizadas logo com o pagamento de indenizações às categorias mais importantes para a economia do país. Mas no mês de agosto, a Polônia inteira pára. A greve geral é coordenada pelos comitês da greve de nível territorial, que por sua vez, elegem suas representações para o Comitê Interfábrica de Greve⁶¹, presidido no estaleiro de Gdańsk, por Lech Wałęsa. No dia 20 de agosto, quando o Comitê Interfábrica representa já 300

⁵⁹ Os grupos de oposição são ilegais e não possuem a licença de editar seus periódicos, embora os autores dos textos, na sua maioria, assinem os artigos.

⁶⁰ A região sudoeste da Polônia, em polonês: *Śląsk*.

⁶¹ Em polonês: *Międzyzakładowy Komitet Strajkowy*.

fábricas e empresas de todo o país, uma delegação dos intelectuais poloneses chega a Gdańsk, com a carta assinada por 64 celebridades das ciências, das artes e do jornalismo, solidarizados com a greve dos operários. A delegação permanece no estaleiro até o final da paralisação, assessorando o Comitê Interfabril. Esta é a primeira vez na história da Polônia do pós-guerra que os operários e a *intelligentsia* formam uma só frente, em oposição ao regime. No final do mês de agosto de 1980, as partes assinam um acordo, em que o governo compromete-se a realizar todos os 21 postulados dos grevistas, começando pelo primeiro, o registro do Sindicato Independente *Solidarność*⁶². Os acontecimentos do assim chamado agosto polonês levam à queda o Primeiro Secretário do partido. A decisão é tomada no Plenário do Comitê Central do POUP, e o afastamento de Edward Gierek é justificado por razões de saúde.

1.2.3 Golpe militar e o governo dos generais: 1981 – 1989

Os acontecimentos na Polônia alertam o Kremlin. A imprensa na URSS e nos países-satélites escreve sobre a crescente ameaça da contra-revolução na Polônia. As democracias populares vizinhas, Alemanha Oriental e Tchecoslováquia, fecham as fronteiras com a Polônia para o trânsito de turistas, no outono de 1980. Nas mediações das fronteiras com a Polônia, concentram-se as formações das forças armadas russas, alemãs e tchecas. Em Moscou, no dia cinco de dezembro, reúnem-se os líderes dos países assinantes do Pacto de Varsóvia, para tratar da situação na Polônia. Os aliados propõem “intervenção fraterna” do Pacto na Polônia, e Brejnev declara no final dos trabalhos: “Não deixaremos que ninguém faça mal a nossa irmã Polônia” (*apud* TOPOREK, 1999, p. 93). A decisão sobre a intervenção das forças armadas do Pacto é adiada, e a delegação polonesa consegue convencer Brejnev que, no caso da entrada do Exército Vermelho na Polônia, os soviéticos encontrariam uma insurreição geral.

⁶² O Sindicato com a sede na cidade de Gdańsk, é registrado em Varsóvia, no dia 24 de setembro. Logo o número dos sindicalistas alcança 10 milhões de pessoas. Ao mesmo tempo diminui o número de membros do POUP, que na época conta com dois milhões e meio de inscritos.

A conjuntura econômica do país, no início de 1981, é péssima. No mês de fevereiro, o cargo do Primeiro Ministro é confiado ao Ministro da Defesa, general Jaruzelski. O novo *premier*, em seu *exposé*, pede à *Solidarność* 90 dias sem greves, para normalizar a caótica situação econômica. O comércio está paralisado, no mercado faltam mantimentos, e o governo decide racionar os artigos da cesta básica. Embora voltem os cupons do racionamento, a oferta dos bens de consumo imediato é insuficiente. Mídias informam sobre os abusos dos poderes locais, que criam as redes de especulação. A desesperada população exige soluções. A partir do mês de junho, o Kremlin volta a fazer ameaças. Os líderes poloneses prometem encontrar soluções no IX Congresso do POUP, convocado para o mês de julho. Durante o Congresso renova-se todo o executivo do POUP. Três meses depois do Congresso, o PC oferece o cargo do primeiro secretário a Jaruzelski, que passa, com isso, a acumular três cargos da maior importância para o funcionamento do estado.

O sindicato *Solidarność* realiza seu Congresso em Varsóvia, nos meses de setembro e outubro de 1981. No início dos trabalhos, os quase 900 representantes dos sindicatos locais redigem a Carta para os Trabalhadores da Europa Oriental, na qual o sindicato define suas posições políticas, contrárias ao sistema comunista. Para Moscou, a Carta é um sinal que o *Solidarność* se prepara para tomar o poder político na Polônia. O Kremlin, em resposta, toma a decisão política de estabelecer os limites para o fornecimento das matérias-primas para a indústria polonesa. Para a economia polonesa, criada para depender das importações da URSS desde o início, a decisão se iguala à sentença de morte. Desta maneira, Brejniev pressiona os líderes poloneses a elaborar uma solução definitiva. Já a partir do mês de setembro, o regime está convencido de que todas as tentativas de entendimento com a *Solidarność* tinham falhado. A cúpula do governo polonês começa os preparativos para decretar o estado de emergência.

O golpe militar vem na noite de sábado para o domingo, de 12 para 13 de dezembro de 1981. Em consequência do estado de emergência, proibem-se as manifestações e as greves, suspendem-se a liberdade de ir e vir e a comunicação via telefone, e decreta-se o toque de recolher para as 22 horas. O exército e a polícia ganham o direito de busca indiscriminada nas casas e nos veículos. Suspendem-se

aulas nas escolas e nas universidades, as atividades culturais e sociais, e, com exceção de dois títulos⁶³, toda a imprensa. Os tanques e o exército tomam as ruas das cidades. Na primeira noite, os militares detêm centenas de pessoas ligadas à oposição e ao sindicato *Solidarność*, mas também às anteriores equipes governamentais⁶⁴. Em vários lugares surgem greves isoladas, controladas pelas forças armadas.

Cria-se uma rede internacional de solidariedade com os poloneses agredidos pelas próprias forças armadas. De toda parte, dirigem-se à Polônia os comboios da ajuda humanitária, de modo especial da Alemanha Ocidental, França e Holanda. As cestas básicas são distribuídas pelas redes da Pastoral da Caridade, instaladas nas paróquias de todo o país. Ao mesmo tempo, os EUA impõem graves sanções para a economia polonesa e a França repete o mesmo gesto. A imprensa ilegal volta a agir, lançando, nos primeiros anos do estado de emergência, 1 500 títulos diferentes, que se tornam um palco das discussões políticas. Durante o ano de 1982, acontecem manifestações e confrontos com as forças policiais que, ao longo do tempo, reúnem cada vez menos participantes. No dia oito de outubro o Sindicato Independente *Solidarność* está dissolvido.

Um ano após a decretação do estado de emergência, dia 19 de dezembro de 1982, o governo suspende os efeitos do mesmo, trazendo a amenização das restrições para o cidadão. Esta decisão está ligada à segunda peregrinação de João Paulo II. O papa polonês visita seu país de 16 a 23 de junho de 1983. Estima-se que aproximadamente 10 milhões de pessoas participam nos encontros litúrgicos em todo o país. Karol Wojtyła reúne-se com o general Jaruzelski por duas vezes. Primeiramente em Varsóvia, no palácio governamental de *Belweder*, a convite do líder polonês, e pela segunda vez, em Cracóvia, na sede dos bispos em *Wawel*, a convite do próprio pontífice. O papa recebe também o cidadão comum⁶⁵ Lech Wałęsa, numa audiência

⁶³ Editam-se dois diários de circulação nacional, *Trybuna Ludu*, órgão do POUP e *Żołnierz Wolności*, órgão do Exército Polonês.

⁶⁴ Na primeira semana, 5 000 pessoas são presas nos campos previamente preparados para a ocasião.

⁶⁵ As mídias da época faziam questão de enfatizar que o ex-líder do Sindicato Independente era somente um cidadão comum, ao qual João Paulo II concedeu uma audiência particular. Depois de Wałęsa voltar do internamento para a casa, a cidade de Gdańsk tornou-se um ponto indispensável para todas as equipes oficiais dos governos ocidentais que passavam pela Polônia. Em 1987, o cidadão Wałęsa recebe visitas de John Whithaed e do presidente Bush. Para a imprensa polonesa é cada vez mais difícil manter o retrato de Wałęsa como um cidadão comum.

particular. No dia 22 de julho de 1983, o regime militar revoga o estado de emergência, mas os militares permanecem no poder.

Em Moscou operam-se as mudanças. Depois da morte de Leonid Brejnev, em 1982, ainda por três anos, continua no poder o governo de gerontocracia. No mês de março de 1985, porém, o cargo do Secretário Geral do PC soviético é confiado ao jovem Mihail Gorbatchov (nascido em 1931). Gorbatchov consegue convencer os líderes soviéticos de que, para o bem do estado, é preciso que a URSS se retire das ingerências nos vários regimes marxistas pelo mundo, aceitando as mudanças ocorridas no bloco soviético. Gorbatchov viaja pelos países do leste europeu, constatando por toda parte, o mínimo apoio popular para o partido comunista. O líder soviético visita a Polônia no mês de julho de 1988 e é relativamente bem recebido pela população. Durante sua visita, o secretário geral da URSS e, futuramente o primeiro e o último presidente da União Soviética⁶⁶, demonstra aos líderes poloneses um claro sinal da aprovação para as mudanças na política polonesa.

Depois da revogação do estado de emergência, a situação político-econômica do país anda de mal a pior. Em geral, a população está apática. Na segunda metade dos anos oitenta, prevalece a convicção comum de que a Polônia tornou-se um país impossível para se viver. Aumenta, também, a cada momento, o número de pessoas jovens que aproveitam qualquer oportunidade para cruzar a fronteira em busca de emigração econômica.

No dia 29 de novembro de 1987, o regime realiza um referendo popular sobre as reformas econômicas. Por meio desta manobra, o governo mostra seu interesse pela opinião pública e tenta ganhar o apoio popular para difíceis decisões econômicas, que, no imaginário popular, significam tão somente o aumento dos preços. No mês de fevereiro de 1988, o governo aumenta significativamente os preços da cesta básica. Esta atitude do governo desencadeia uma onda de greves em todo o país. O regime reage com violência. No final dos anos oitenta, para todos os engajados poloneses, tanto do lado do regime como da oposição, torna-se claro que a única maneira de se sanar a crise política é o governo dividir a responsabilidade e o poder com a oposição. O sinal verde por parte de Gorbatchov abre o campo para as manobras políticas.

⁶⁶ A imprensa deu a Gorbatchov o nome de covheiro da União Soviética.

No dia 26 de agosto de 1988, o Ministro do Interior, general Czesław Kiszczak (nascido em 1925), convida vários segmentos da sociedade para o debate televisivo sobre o futuro do país. À parte, a equipe governamental conversa com os representantes ligados ao extinto sindicato *Solidarność*, condicionando a participação da oposição no debate, ao reconhecimento da ordem constitucional da RPP. Paralelamente, exige-se de Wałęsa, que acabe com as greves em várias partes do país. Por sua vez, Lech Wałęsa e os organizadores da greve condicionam a volta ao trabalho ao reiterado registro do Independente Sindicato *Solidarność*.

Depois de vários encontros entre as equipes do governo e da oposição, é marcado o debate para os meses de fevereiro a abril de 1989. No dia cinco de abril, ambas as partes assinam as resoluções da mesa-redonda. As primeiras resoluções referem-se à legalização do Independente Sindicato *Solidarność*, e à realização das eleições não-confrontativas⁶⁷ para o Parlamento. Ambas as partes concordam sobre a criação do Parlamento composto de duas câmaras, devolvendo assim a existência ao Senado, abolido pela Constituição de 1952. Estabelece-se, que as eleições para o Senado serão livres, enquanto que as eleições para a Assembléia Legislativa obedecerão a um contrato pré-eleitoral, que designa 65% dos lugares aos membros do POUP, e 35% aos candidatos de fora do partido comunista. As partes, também, tomam a decisão de adotar o sistema presidencial. O cargo de presidente é negociado na mesa redonda, fora do parlamento, e ainda antes das eleições. A oposição acata a sugestão do regime de confiar a Presidência da Polônia ao general Jaruzelski. As eleições mostram total sucesso da oposição, que ganha 99 dos 100 mandatos no Senado e 160 dos 161 disponibilizados para não-membros do POUP, na Assembléia Legislativa.

O parlamento polonês realiza, no dia 29 de dezembro de 1989, importantes alterações na constituição, mudando o nome de Republica Popular, para a República da Polônia, o estado de direito, onde o poder pertence a todos os cidadãos e é executado pelo Parlamento construído em eleições livres e diretas, realizadas de acordo com o principio do multipartidarismo. No mês de janeiro de 1990, os delegados

⁶⁷ A Assembléia Legislativa que resultou destas eleições de transição recebeu o nome de Parlamento Contratual.

da XI Assembléia do POUP, decidem por sua dissolução. Nas primeiras eleições presidenciais livres do pós-guerra, Lech Wałęsa é escolhido Presidente da República da Polônia, e assume o cargo no dia 22 de dezembro de 1990. No mês de julho de 1991 dissolvem-se as duas estruturas centralizadoras do bloco comunista: dia 1 de julho o Pacto de Varsóvia, e dia 28 de julho, o Conselho da Mútua Ajuda Econômica. No dia 25 de dezembro de 1990, com a demissão de Gorbatchov, a URSS deixa de existir como estado. No dia 26 de outubro de 1991, as partes russa e polonesa assinam o tratado sobre a retirada das tropas do Exército Vermelho, acampadas na Polônia, e estipulam a saída das últimas formações para o ano de 1993. De fato, o último *soldat* deixa a República da Polônia no dia 28 de outubro de 1992. A Polônia, finalmente, depois de cinco décadas, deixa de ser um estado-satélite da União Soviética.

Como visto neste primeiro capítulo, planejada em Moscou e executada a partir de 1944, a sovietação da Polônia configura um cenário político para os quarenta e cinco anos subseqüentes. Este tempo pode ser dividido em dois períodos.

O primeiro, abrangendo os anos de 1944 a 1956, é um período de stalinização da vida política polonesa, cujo efeito é a República Popular da Polônia, um estado-satélite da União Soviética. Nesse período foram elaboradas as bases para o controle total de todas as formas da vida pública e privada dos cidadãos poloneses, e para a dependência absoluta da Polônia, em todos os aspectos, das diretrizes elaboradas pelos dirigentes da URSS. O segundo período, que compreende os anos de 1956-89, é um período de destalinização da vida política da Polônia e, conseqüentemente, da dessovietização gradativa de todos os aspectos do funcionamento do Estado polonês, como também da retomada da independência política da Polônia.

Desta forma, esse capítulo demonstra como o sistema político da República Popular da Polônia configura um aparelho de controle que penetra em todas as atividades do polonês da época: no aspecto econômico e cultural, na vida social e no exercício da individualidade, incentivando as posturas desejadas e punindo as atitudes contrárias. O segundo capítulo delineará as características do sistema literário polonês que se desenvolveu nos condicionamentos políticos acima descritos.

2 O SISTEMA LITERÁRIO POLONÊS DURANTE O REGIME COMUNISTA

A explanação das diversas manifestações que compõem o fenômeno da vida social e cultural da República Popular da Polônia não é possível sem se levar em conta a interpenetração da política em todas as demais atividades exercidas pelos cidadãos. Neste sentido, o sistema político polonês fornece a interpretação para os fatos que ocorrem em todos os outros sistemas socioculturais. De acordo com o modelo de Itamar Even-Zohar (1990), todos os componentes do polissistema são entendidos como sistemas heterogêneos e abertos, e portanto, como sistemas que se relacionam e se influenciam mutuamente. Formado no jogo de determinadas forças políticas, no contexto histórico descrito no primeiro capítulo deste trabalho, o sistema literário polonês pode servir de ilustração exemplar para a construção teórica do pesquisador israelense. O stalinismo na Polônia elabora as diretrizes para a política cultural, cuja meta visa subjugar toda a atividade artística aos fins políticos e imediatos, transformando a produção cultural em um meio de divulgação da propaganda partidária. Uma das batalhas mais acirradas se dá no âmbito da literatura.

A literatura polonesa sai da Segunda Guerra Mundial dividida. Os escritores que escolheram a vida de emigrantes, permanecendo no exterior, ou fugindo do país, continuam escrevendo, reunidos em vários centros culturais da emigração polonesa, espalhada por todo o ocidente da Europa e pelas Américas. Os dois centros mais influentes da cultura polonesa da emigração são Paris, onde desde o ano de 1947, funciona o Instituto da Literatura⁶⁸, que edita em polonês a revista literária *Kultura*, e Londres, onde, desde o ano de 1946, é editada a revista polonesa *Wiadomości*⁶⁹. A literatura polonesa da emigração forma um sistema literário que se desenvolve segundo regras próprias, diferentes do sistema literário dentro do país. Entretanto, os literatos emigrantes debatem repetidas vezes a condição da cultura no país, acabando por tomar uma posição, ainda que oposta, num jogo dirigido pelas regras estabelecidas na

⁶⁸ O Instituto da Literatura foi fundado no ano de 1946, em Roma, onde foi editado o primeiro número da *Kultura*. Em 1947, o Instituto muda para Paris. Embora não existam estatísticas exaustivas, estima-se que, nas cinco décadas, a partir da escalação da Segunda Grande Guerra, editou-se no mundo cerca de 150 mil títulos poloneses, entre livros em polonês, de autoria polonesa, ou com o tema dedicado à Polônia. Além dos livros, editaram-se 7 mil títulos de periódicos e 2 mil de calendários diversos (KŁOSSOWSKI, 1993, p. 36-37).

⁶⁹ *O Noticiário*, em polonês.

República Popular da Polônia. Itamar Even-Zohar (1990, p. 12) menciona as literaturas que possuem mais do que um sistema literário, apontando, entretanto, para as comunidades multilingües. A literatura polonesa constitui um caso diferente. A existência de dois sistemas literários que utilizam o mesmo idioma explica-se pelas imposições de cunho político. Fora do país editam-se os autores que não atendem aos critérios ideológicos e poéticos do comunismo. Na Polônia editam-se somente os autores que se identificam com os ditames da política cultural do Estado⁷⁰.

A escolha dos autores admitidos para a publicação na Polônia ocorre conforme os interesses do grupo no poder. Os mesmos interesses configuram os critérios para a rejeição de outros autores. O total controle sobre a produção literária explica-se pelo fato de que o Estado apresenta-se como o único mecenas no sistema cultural polonês, estimulando determinadas produções, obras, autores e instituições por meio de prêmios, bolsas e outras subvenções e preferências (SIEKIERSKI, 1992, p. 22). O sistema literário da Polônia do pós-guerra ilustra bem o que André Lefevere (1992, p. 21-22) chama de um sistema literário com o mecenato indiferenciado. Embora rigidamente separados, ambos os sistemas literários poloneses relacionaram-se ao longo do período pesquisado, com a intensidade que variava, a depender da situação política na Polônia.

Os escritores que atuam na Polônia estão diretamente influenciados pela sovietação da política cultural. No primeiro momento pós-guerra, a literatura polonesa exerce um papel de testemunha do tempo do extermínio e da destruição de todo um povo. A partir da decretação do dirigismo estético⁷¹, no ano de 1949, a literatura assume o papel de divulgadora da propaganda do partido comunista e permanece nesta condição até o ano de 1955⁷². São poucos os escritores que não se envolvem

⁷⁰ Pela política cultural do Estado entende-se aqui o planejamento da cultura e a realização dos programas, dos planos e das decisões que regulam as atividades das instituições culturais administradas pelo Estado. Segundo Stanisław Siekierski (1992, p. 21), a política cultural está traçada de acordo com os princípios ideológicos e os objetivos do grupo político dirigente.

⁷¹ O termo de dirigismo aplica-se para denominar a forma de gestão da economia nos países socialistas, onde o Estado exerce o planejamento e o controle das atividades econômicas. O dirigismo estético refere-se ao planejamento e ao controle no campo da cultura.

⁷² Existe uma discussão entre os pesquisadores poloneses a respeito da delimitação do período do dirigismo estético. Neste texto, segue-se a argumentação dos autores do “Dicionário do realismo socialista” (ŁAPIŃSKI; TOMASIK, 2004).

com o trabalho para o regime e escrevem “para a gaveta”⁷³, ou exercem uma atividade na periferia do sistema literário.

Após a abertura do sistema, ligada aos acontecimentos do ano de 1956, aparecem as obras literárias que ajustam as contas com o realismo socialista, chamado na Polônia de *socrealismo*, e com o culto à personalidade, que elevou as pessoas de Stalin e Bierut à condição divina, na literatura da época. Começa, também, uma discussão sobre a responsabilidade perante a sociedade polonesa do escritor que colaborou com o stalinismo. Esta discussão arrasta-se por décadas, até a atualidade.

Já no ano de 1957, o regime se fecha, proibem-se os motivos da crítica do passado e o PC retoma a batalha pelo resgate da literatura interessada. No âmbito da poesia e do drama, desenvolvem-se as correntes experimentais, proibidas nos tempos do dirigismo estético e toleradas agora, como atividades não ofensivas para o sistema.

O POUP controla todas as manifestações literárias nas décadas que se seguem, fechando ou relaxando o regime cultural, de acordo com a situação política e a resposta da sociedade. Depois de um período do controle severo no fim da década de cinquenta e no início dos anos sessenta, a *intelligentsia* polonesa consegue um certo relaxamento do sistema no final da década de sessenta. Os anos setenta trazem consigo o aparecimento da imprensa ilegal na Polônia, chamada de segundo circuito literário⁷⁴. Ainda que tecnicamente precário, devido ao controle do Estado sobre os meios de tipografia, o segundo circuito publica as obras dos escritores da emigração e dos autores do sistema literário polônês que não poderiam ser editados oficialmente, trazendo ao público leitor, também, as traduções proibidas pelo sistema.

O golpe militar, no início da década de oitenta, elimina qualquer possibilidade do exercício da literatura independente. Posteriormente, surgem as oficinas clandestinas, abastecidas de material tipográfico moderno que, driblando a alfândega, vem junto com a ajuda humanitária dos países do ocidente europeu.

⁷³ “Escrever para a gaveta” denomina a postura de emigração interior dos escritores que não colaboraram com o regime, mas continuavam a escrever, mesmo sabendo que não tinham a menor chance para serem publicados. Estas obras foram editadas nos tempos de maior abertura do regime, ou pelas oficinas clandestinas, ou ainda pelas editoras da emigração.

⁷⁴ O circuito ilegal da literatura foi desde cedo auxiliado pelas editoras polonesas da emigração. Os livros editados pela *Kultura* de Paris entravam na Polônia pela Áustria e Tchecoslováquia. No mês de março de 1970, aconteceu o processo dos integrantes do grupo, que contrabandeava a literatura ilegal para o país. Os membros do grupo foram condenados a quatro anos de reclusão.

No fim dos anos oitenta, o regime não é mais capaz de exercer o total controle sobre a vida literária polonesa. Os dois sistemas literários, do país e da emigração, entram em contato permanente, desfazendo o cisma que durou pouco menos de cinco décadas.

Somente a queda do comunismo e a reestruturação da vida política polonesa conseguem romper com a síndrome da sovietação da literatura polonesa. Embora o professor Henryk Siewierski, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB, considere que “a literatura polonesa da época do comunismo assumiu em suas obras mais significativas o papel de defensora dos valores ameaçados pelo terror ideológico do estado totalitário” (SIEWIERSKI, 2000, p. 185), as obras literárias editadas na Polônia, em 45 anos do regime soviético, obedecem às normas elaboradas no período stalinista, que são atualizadas, conforme a necessidade, pelas equipes que se sucederam no poder na República Popular da Polônia.

Para entender os fatos do sistema literário polonês é preciso perceber os alicerces da política cultural, lançados nos tempos do regime stalinista e reformados ao longo do período da dominação comunista, como também o lugar privilegiado da literatura na divulgação da ideologia nos tempos do stalinismo. A elucidação das normas vigentes no sistema sociocultural da época do realismo socialista possibilita o entendimento do fenômeno do sistema literário da República Popular da Polônia.

2.1 O MECENATO DO ESTADO

Para o regime, a tarefa de desbaratar os grupos dos anticomunistas armados em guerra civil, nos anos de 1944 a 1947, e de derrotar os oponentes políticos nas urnas, no referendo popular, no ano de 1946 e nas eleições parlamentares de 1947, mostrou-se mais fácil do que a empreitada de se apoderar das mentes dos poloneses, fiéis a uma tradição cristã e nacionalista. A uma imposição ideológica, os intelectuais respondem com uma recusa. Esta emigração interior do intelectual polonês incomoda o poder e desencadeia uma série de tentativas para ganhar sua aderência. Esse processo marca todo o período de 1944 a 1989 (PAJAŃ; ŻOCHOWSKI, 1997, p. 255).

Jakub Berman, responsável pela política cultural do governo na época stalinista, lembra a batalha pela conquista das elites intelectuais, na entrevista a Teresa Torańska (1985, p. 282-284):

A *intelligentsia* polonesa, na sua maior parte, ignorava o governo. Os elementos da emigração interior, que observamos hoje, não são uma novidade na Polónia, existiam já naquela época. Colaborar com o governo, trabalhar na administração, era tido como uma postura antipatriota, indigna de um Polonês de verdade. [...] Empenhamo-nos ao máximo, para organizar as elites intelectuais antigas, que funcionavam antes da Guerra, na construção do socialismo. Mas, a tarefa urgente mesmo, apresentava a construção das elites novas, provindas da classe operária, que poderiam, mais para frente, substituir as elites antigas. Por isso, todo este esforço enorme no combate ao analfabetismo, no desenvolvimento da educação e na popularização da cultura. Por isso, as cotas nas universidades para os jovens de proveniência operária e camponesa. [...] Uma das batalhas nesta luta combatemos pelos escritores. Conseguimos desmoralizá-los.

A adesão dos produtores culturais, dos artistas e dos escritores, conhecidos nos tempos da Segunda República, à proposta do regime comunista, apresentava um argumento para os intelectuais jovens, que ainda não entraram no espaço da vida pública, influenciando suas decisões a respeito da colaboração com o poder, como ressalta Trznadel (1990, p. 20).

A participação na vida cultural proporcionava os meios de subsistência e um alto status na sociedade. André Lefevere (1992, p. 13-16), que discorre sobre as formas de apadrinhamento comumente adotadas pelo poder, ressalta a relação de dependência entre o escritor e seu patrão. Concedendo os subsídios para a sobrevivência em forma de empregos, de serviços pagos, ou de participação nos lucros provenientes das obras vendidas, o agente de poder ganha a lealdade do autor. A aceitação da patronagem introduz o apadrinhado no grupo da elite que goza os privilégios reservados para os dirigentes políticos.

A propaganda comunista festeja cada nova adesão dos escritores conhecidos, divulgando o fato na imprensa e demonstrando a aderência como a afirmação do regime. Da mesma maneira, o regime evita falar das derrotas neste campo. A fuga para a França do escritor e funcionário do Ministério do Exterior, Czesław Miłosz (1911-

2004), no primeiro momento é mantida em segredo⁷⁵. O regime teme divulgar a informação sobre a fuga do escritor eminente e integrante do aparato público. Fugir do país comunista para um país do outro lado do campo da batalha ideológica dava um argumento para os inimigos do regime. A fuga de Miłosz quebrava a ilusão, criada e mantida pela propaganda, sobre a total aceitação do sistema por parte dos intelectuais.

2.1.1 As revistas literárias na conquista do escritor

A política cultural dos comunistas poloneses, nos anos de 1944 a 1947, chamada de programa da revolução sutil, foi concebida na base do modelo soviético dos anos de 1920 a 1934. Na escassez de escritores eminentes na União Soviética, comprometidos com o regime comunista, utilizavam-se, para os fins de propaganda, escritores não comunistas, deixados numa aparente liberdade ideológica. Entre eles figuravam Boris Pasternak (1899–1860) e Ilya Ehrenburg⁷⁶ (1891–1967).

Essa ação na Polônia foi comandada por Jerzy Borejsza (1902-1952), por meio das instituições culturais sob seu controle. A revolução sutil⁷⁷ tinha como objetivo a captação dos simpatizantes entre a *intelligentsia* de raízes ideológicas não comunistas. O convite para a colaboração com o sistema, primeiramente sem exigir nenhuma identificação ideológica, visava à legitimação do regime em face da sociedade. De fato, um grande grupo de intelectuais conhecidos e estimados mundialmente, nunca antes relacionados com os comunistas, assumiu altos postos na organização da vida cultural e científica legitimando, deste modo, o regime comunista aos olhos da população polonesa, e perante o público internacional. Os escritores mais conhecidos mundialmente foram utilizados como mentores do sistema, nos círculos internacionais,

⁷⁵ Escritor e tradutor. Debutou antes da Guerra. Colaborou com o regime comunista como literato e diplomata. Foi *attaché* cultural nos EUA e na França. Fugiu do posto na Embaixada em Paris, em 01.02.1951, pedindo asilo político. Viveu na França, depois emigrou para os EUA. Morreu na República da Polônia. Recebeu o Prêmio Nobel da literatura em 1980.

⁷⁶ Este era amigo do casal Amado (GATTAI, 1986, p. 60-63).

⁷⁷ O termo foi usado pela primeira vez por Jerzy Borejsza (BOREJSZA, 1945).

aos quais os governantes não tinham acesso, especialmente através do Movimento dos Intelectuais pela Paz, dirigido do Kremlin⁷⁸.

O trabalho de captação dos escritores para o serviço do regime acontece por meio das revistas literárias. As duas primeiras revistas literárias de circulação nacional, com programas aparentemente divergentes, são criadas pela mesma pessoa de Jarzy Borejsza e editadas pela editora *Czytelnik*, também fundada por ele.

A primeira delas, a revista semanal sobre os assuntos sociais e literários *Kuźnica*⁷⁹, fundada no mês de junho de 1945, torna-se palco para os escritores e os intelectuais ligados ao PC polonês. A revista divulga um programa radical de reestruturação da vida social, política, econômica e cultural com base no Marxismo, sublinhando fortemente o caráter nacional da revolução que se estava operando, como a continuação da tradição polonesa da esquerda. O objetivo principal da revista é a conquista da *intelligentsia* polonesa para a revolução e, no segundo plano, a transformação de sua consciência conservadora e católica, para uma visão do mundo racionalista e leiga, ou até marxista. A *Kuźnica* expõe os fundamentos da doutrina marxista e, ao mesmo tempo, ataca a Igreja Católica. Uma frente de luta especial da revista é o público jovem, os futuros intelectuais. Os autores discutem os programas de ensino superior, preparando a reforma nos estabelecimentos educacionais. Na literatura, a revista propaga a posição de retorno ao realismo, salientando, porém, o respeito pela livre escolha do escritor, afastando-se das posições do dirigismo estético.

Ao contrário da *Kuźnica*, ideologicamente e politicamente radical, a revista semanal sobre os assuntos sociais e literários *Odrodzenie*⁸⁰, fundada no mês de setembro de 1945, dirige-se ao grupo da *intelligentsia* polonesa que não se identifica com o regime, mas que por sua vez, declara lealdade aos dirigentes da nova situação política. Os autores da revista anunciam as mudanças necessárias para uma cultura nova, mas prometem, paralelamente, que as mudanças ocorrerão por vias da evolução, isto é, pacificamente e no ritmo próprio. *Odrodzenie* afirma a tolerância, a paciência e um entendimento para todos que não se declaram abertamente como inimigos da nova

⁷⁸ Como demonstra o caso do famoso poeta e romancista Jarosław Iwaszkiewicz (1894-1980), um dos presidentes do citado Movimento.

⁷⁹ *A Forja*, em polonês.

⁸⁰ *O Renascimento*, em polonês.

ideologia e da nova estética, propagando um peculiar ecletismo estético. A revista defende a posição de que não se pode avaliar a literatura pela filiação partidária do autor.

Ambas as revistas entram em atrito a respeito do programa do realismo socialista, introduzido na cultura polonesa no ano de 1949. *Kuźnica* e *Odrodzenie* são fechadas em 1950, quando o regime comunista desiste do programa da revolução sutil e promove uma total e rápida stalinização da cultura polonesa. No lugar das duas revistas, funda-se a revista *Nowa Kultura*, editada também pela editora *Czytelnik*, nos anos de 1950-1963.

Nos tempos do *socrealismo*, a *Nowa Kultura* é a única revista literária circulando no país inteiro. A revista semanal é tanto um meio oficial, por meio do qual o partido comunista representa sua posição nos assuntos da cultura e da arte, como também um palco de divulgação constituído para a Associação dos Escritores da Polônia. O surgimento da *Nowa Kultura* é um resultado prático da ofensiva ideológica, iniciada pelo poder comunista no início do ano de 1950, que visava a submissão total da vida cultural polonesa e a adequação dela ao modelo soviético, tido como único e perfeitamente desenvolvido. Nas colunas da revista, publicam-se os relatórios das assembléias, das conferências e dos debates, onde se discute a problemática cultural e artística. Os autores da revista, comumente integrantes do alto escalão do PC, fornecem a interpretação oficial dos elementos particulares da doutrina estética e apresentam o ponto de vista obrigatório referente à questão do cânone literário. Os literatos partidários transmitem, também, a postura correta frente aos autores e suas obras particulares. A *Nowa Kultura* publica textos de autores soviéticos, como também de autores do bloco comunista. Entre os autores fora do bloco, publicam-se os textos dos assim chamados escritores progressistas dos países capitalistas, tais como Howard Fast⁸¹ (1914-2003), Jorge Amado (1912-2001), Luis Aragon (1897-1982), Pablo Neruda (1834-1991), e as resenhas referentes às traduções de seus livros.

Desde seu início, o regime comunista na Polônia utiliza as revistas literárias para a manipulação do gosto artístico do público leitor e para a formação da consciência política dos escritores poloneses. Para André Lefevere (1992, p. 5-8), os reescritores,

⁸¹ De fato: Walter Ericson.

entre eles os publicistas das revistas literárias, produzem os textos de acordo com a ideologia e a poética dominante, criando a imagem de determinados autores, ou de determinadas literaturas, conforme as necessidades imediatas dos dirigentes políticos. No sistema totalitário da Polônia do pós-guerra, a centralização do discurso sobre a literatura assegura o controle ideológico da vida literária por parte do Estado.

2.1.2 Produção literária sob a patronagem do Estado

Um sistema literário consiste num conjunto de textos e num grupo de agentes humanos que lêem (o público leitor), escrevem (os autores) e reescrevem os textos (os tradutores, os críticos, os professores de literatura, a imprensa literária). Para Lefevere (1992, p. 12), este sistema deve ser pensado como uma série de regras, segundo as quais agem os leitores, os escritores e os reescretores. Os profissionais da literatura fazem uma escolha diante dos ditames da ideologia de seus patrões. Podem adotar as regras segundo as quais o sistema literário está agindo, escrevendo dentro dos parâmetros estabelecidos pelo sistema e garantindo o apoio dos agentes da patronagem. Podem, também, segundo o pesquisador, contrariar as regras do sistema vigente e não escrever de acordo com a ideologia e a poética dominantes (LEFEVERE, 1992, p. 13). Num sistema totalitário, como o sistema polonês, a contestação das normas vigentes levava um escritor dissidente a uma situação de ausência da vida literária. Ao mesmo tempo, afirma Siekierski (1992, p. 3), o mecenato promovia os escritores alinhados à ideologia vigente pelo sistema de prêmios literários concedidos aos autores pela postura extraliterária.

Os concursos literários organizados pelo Estado⁸² garantem, por um lado, a participação ativa dos escritores na vida literária e um novo material para a seleção e edição, e por outro lado, uma maneira de exercer a vigilância constante sobre os escritores, por parte do PC. Os concursos e os prêmios literários formam um elemento da planejada política do Estado, para motivar a atividade literária e controlar os

⁸² No sistema literário polonês, embora existissem outros, os prêmios concedidos pelo Estado tinham o maior prestígio. Eles eram comentados pela imprensa, garantindo aos laureados a presença na mídia.

resultados desta atividade. Os prêmios concedidos constituem maneira de remunerar os escritores e com isso, garantir a benevolência dos mesmos com o sistema. São mais do que uma expressão do reconhecimento, instituindo uma forma de pagamento pelo serviço dos escritores. Mais do que o reconhecimento da crítica, o prêmio é um reconhecimento dos detentores do poder. O escritor Zbigniew Herbert relembra a atmosfera de bajulação em torno dos escritores engajados, nos primeiros anos do regime comunista:

[...] com uma palavra, isto era uma feira das vaidades: os prêmios, os convites para o *Belweder*, a conversa com Bierut, os contatos importantes, uma mesa na *Czytelnik*, outra na *PiW*⁸³, as tiragens grandes, as noites de autógrafos, os saraus autorais com cinco mil operários exaustos depois de um dia inteiro de trabalho batendo palmas para o autor. [...] Em lugar nenhum do mundo do capitalismo real, a vida de um escritor foi tão boa. A vida dos artistas era uma farra: os clubes, os *resorts* luxuosos⁸⁴, as viagens internacionais. O idílio era perturbado, na verdade, pelo medo de perder o *status*, rolar para baixo, onde vivia o povo real. (*apud* TRZNADEL, 1990, p. 194).

No sistema literário polonês, chama a atenção um grande número de prêmios concedidos⁸⁵. Nos concursos, são premiados tanto os nomes famosos como os autores medíocres. Esse fato elucida a política cultural do Estado, que por um lado utiliza os nomes e a autoridade dos autores eminentes para fins do jogo político, e por outro lado, subvenciona a criação literária.

Uma outra forma de manter os escritores é a verba concedida em forma de bolsa de estudo⁸⁶, paga pelo Estado, e destinada à pesquisa no campo. O estágio no campo, seguindo o modelo soviético, serve para que o escritor conheça de perto a batalha do povo trabalhador na edificação da nova face do país rumo ao socialismo. Os escritores visitam as grandes construções, as minas, as usinas, os hospitais, as universidades populares e as propriedades rurais coletivizadas, testemunhando a industrialização e as modificações no campo. O mecenato estatal paga as bolsas para a realização dos estudos literários não somente como forma de subvencionar os escritores, mas para mantê-los ocupados e sob supervisão. Durante o estágio organizam-se os encontros

⁸³ A *PiW*, como também a *Czytelnik*, foram as maiores editoras estatais da época.

⁸⁴ Zélia Gattai descreve o castelo dos escritores em Dobris na Tchecoslováquia, onde a família de Jorge Amado foi hospedada a convite do governo comunista (GATTAI, 1987, 1989).

⁸⁵ A graduação dos prêmios (primeiro, segundo e terceiro grau) aumentava o número de agraciados.

⁸⁶ As bolsas tinham a duração de três meses e eram muito solicitadas pelos escritores.

dos trabalhadores com os escritores e os saraus autorais nas fábricas, ou nos salões de leitura. A produção literária segue as normas da indústria, deve ser planejada e realizada no prazo estabelecido, como testemunha o relatório:

Segundo os primeiros dados enviados pelos escritores do campo referente a produções intencionadas, nossa literatura deve ser enriquecida, no ano de 1951, de 38 romances, 16 tomos de contos e novelas, 6 tomos de poesias e 4 peças teatrais. São 64 obras em conjunto. Este é um número capaz de inflar o otimismo em nós. (GISGES, 1950).

A transferência da idéia da produção industrial - com seu planejamento, realização dentro do plano e controle da coletividade - para a literatura, resulta na idéia da criação coletiva. O método da criação coletiva é uma forma de processo criativo, organizado conscientemente, como uma ação coletiva. Em comparação à criação individual, a criação coletiva é considerada pelos teóricos do *socrealismo* como forma superior da criação e, por isso, largamente propagada. Na formação da obra literária, imprescindível se torna a participação de vários agentes empenhados na construção do socialismo, tais como os representantes do poder, os ideólogos da doutrina, os críticos, os redatores, a Associação dos Escritores com seus Departamentos Criativos, o público operário e, fora da cena literária, os censores. Os próprios autores, educados por novas diretrizes partidárias, entendem o texto literário como uma obra de ação coletiva. A gênese de uma obra literária remonta à demanda coletiva, expressa pelo apelo do poder, e sua realização passa pelas etapas nas quais participam, de uma ou de outra forma, vários agentes da coletividade.

2.1.3 A Associação dos Escritores da Polônia

No sistema literário da Polônia stalinista, os congressos, as conferências e as reuniões são acontecimentos que demarcam a rotina da vida coletiva. Para o stalinismo, a ação individual dá lugar à participação na ação coletiva e a reflexão individual é substituída pela consulta ao grupo.

Depois do Congresso de Unificação dos Partidos, no ano de 1948, os congressos e as conferências das diversas categorias ocupacionais servem para transmitir as diretrizes do POUP aos grupos profissionais distintos. O mesmo ocorre com a Associação dos Escritores da Polônia. A Associação é registrada no ano de 1949, como uma organização com a finalidade de formar ideologicamente os escritores. A tarefa da Associação consiste na implementação da política cultural do Estado, e cumpre-se sob seu controle. A Associação dos Escritores da Polônia substitui o Sindicato dos Escritores, fundado em 1920, uma organização que primava pela condição social dos integrantes e pela preservação dos direitos do escritor. A Associação torna-se a única e legítima representação dos escritores da Polônia Popular⁸⁷. No seu estatuto, define o modelo do escritor, chamado de escritor novo, como um “construtor do socialismo”, responsável pela “representação da verdade sobre a grandeza da época” e “formação do homem novo”, engajado na “luta pela paz, com todos os meios disponíveis”. Como um “engenheiro das almas”, o escritor tem a tarefa de “purificar a consciência humana de todas as superstições acumuladas pelos séculos de opressão” (STATUT, 1950). Para dar conta do desafio, o escritor precisava aprimorar a ideologia marxista, observar com atenção os fenômenos políticos e sociais mais importantes, tais como a luta de classes, o papel do PC na vida da nação, a problemática da produção e a questão da amizade polono-soviética, como determina o presidente da Associação:

A Associação, no esforço do quadro ativo dos militantes do PC e aplicando a teoria do marxismo-leninismo, torna-se o organizador da consciência social dos escritores, como dizia Gorki - da responsabilidade coletiva dos escritores, por todos os fenômenos que ocorrem na vida literária. (KRUCZKOWSKI, 1950a, p. 15).

No exercício de suas funções, a Associação dos Escritores da Polônia controla a produção literária. No ano de 1950, são fundados seis Departamentos Criativos da Associação: departamento da poesia, da prosa, do drama e do roteiro fílmico, da literatura infanto-juvenil, da sátira e, finalmente, da tradução. Os Departamentos

⁸⁷ A Associação foi suspensa no decorrer do golpe militar de 13.12.1981. Paralelamente, desde o ano de 1945, a Associação dos Escritores Poloneses na Emigração atua em Londres, desenvolvendo atividades culturais e editoriais.

funcionam como lugares onde se exerce o método da criação coletiva, por meio das discussões sobre forma e conteúdo da obra. Como mais um instrumento de controle sobre a produção cultural, os Departamentos desempenham uma função disciplinar e formativa. Todos os integrantes da Associação dos Escritores da Polônia são obrigados a integrar pelo menos um dos Departamentos Criativos. A estrutura foi dissolvida no ano de 1956.

Os Congressos dos Escritores realizados nos anos de stalinismo constroem as bases do sistema literário polonês. O IV Congresso dos Escritores, realizado no mês de janeiro de 1949, é considerado o momento da oficial inauguração do método criativo de realismo socialista. Esse congresso afirma que na Polônia já existem todas as condições para a implementação do novo método da criação literária, condenando os métodos presentes na literatura de então, e salientando que a literatura deve servir como arma na luta pelo socialismo, postulando com isso a introdução do dirigismo estético. Nas palavras do crítico literário comprometido com o sistema: “o realismo socialista torna-se a nossa meta, rumo à qual partimos e pela qual lutamos, torna-se a medida pela qual queremos ter nossas obras avaliadas” (KOTT, 1949).

O V Congresso dos Escritores, em junho de 1950, adota o programa do realismo socialista. Nesse congresso, pela primeira vez, apresenta-se um informe sobre o novo método criativo. O informe, escrito em Moscou, baseia-se na experiência da literatura soviética com o realismo socialista (TURKOW, 1950). Depois da revolução bolchevista de 1917, a literatura soviética coloca como sua meta ser a voz da classe operária, expressando suas idéias, seus sentimentos e suas esperanças. Esse serviço à classe operária transformou a literatura soviética em instrumento da construção do socialismo. Portanto, a literatura de todo o bloco soviético deve ser a literatura a partir do povo, sobre o povo e para o povo. O informe ataca os erros na literatura, provindos da tradição burguesa, como a ilusão da liberdade criativa do autor, o equívoco do formalismo e a arte pela arte. O texto delimita a tradição negativa representada por André Gide (1869-1951), Jean Paul Sartre (1905-1980) e T. S. Eliot (1888-1965), evocando também a tradição positiva representada por Howard Fast e Vladimir Maiakovski (1893-1930).

Segundo o informe, a tarefa da literatura engajada não é entreter o operário-leitor depois do trabalho, mas mobilizá-lo sempre para o esforço máximo na construção do socialismo. O documento enfoca os grandes temas da literatura do realismo socialista: a construção do socialismo e a luta pela paz. A cosmovisão da nova literatura compõe um cenário dicotômico de luta entre dois princípios: o positivo, progressista e comunista, contra o negativo, retrógrado e capitalista. No final, o informe recomenda a vigilância dos dirigentes partidários. O controle do sistema literário é concedido como tarefa à crítica literária marxista. O exercício da autocrítica por parte dos escritores, a exemplo soviético, deve se tornar um instrumento da formação do escritor. O informe foi amplamente comentado na imprensa polonesa como um discurso que tirou muitas dúvidas.

O VI Congresso dos Escritores, do mês de junho de 1954, acontece depois de algumas discussões e críticas das obras literárias escritas segundo o novo método. O congresso mostra, por um lado, os instrumentos do aperfeiçoamento do novo método criativo e, por outro lado, garante o domínio soberano deste método sobre toda a produção cultural. O Secretário Geral da Associação dos Escritores, Jerzy Putrament (1910-1986), aplica as diretrizes do Comitê Central do POUP ao campo da literatura:

A tarefa mais urgente para a literatura polonesa é a criação de obras que consigam mostrar a grandeza da empreitada da classe operária polonesa. [...] Temos o dever de mostrar em nossa obra literária a tarefa colocada diante de nós pelo Partido Unificado. A Polônia Popular precisa de obras que representem as dificuldades e as grandezas da construção do socialismo: o advento do herói do nosso tempo, um operário do choque, um militante comunista que lidera e caminha com o povo, e a luta contra o inimigo, o explorador de ontem e o sabotador e espião de hoje, a iniciativa da classe operária, o esforço do camponês na reestruturação do campo e na luta com o explorador, o surgimento da nossa ciência e cultura em mais perfeita união com o povo. Dessa obra literária a Polônia, nesta época difícil e grandiosa, está precisando. (*apud* ŁAPIŃSKI; TOMASIK, 2004, p. 409).

O VII Congresso dos Escritores, antecipado para novembro de 1956, encerra oficialmente a campanha em favor do realismo socialista. O congresso não traça diretrizes novas sobre as questões ideológico-artísticas. Depois do curto período de

degelo⁸⁸, retorna o tema da literatura engajada em função da propaganda do POUP. Os escritores reunidos no Plenário da Secretaria Geral da Associação dos Escritores, no mês de janeiro de 1964, reclamam da falta de liberdade de expressão, da forte pressão por parte do POUP e das ingerências da censura. A pressão do aparelho partidário e a opressão arbitrária por parte da censura resultam no boicote de uma parte dos escritores, que deixam de publicar no circuito oficial, e têm suas obras editadas no circuito alternativo.

O surgimento do sindicato *Solidarność*, que traz a liberalização da política cultural, gera uma nova cúpula da Associação dos Escritores, independente do POUP, votada no mês de dezembro de 1980. Depois do golpe militar, a Associação contou com um número restrito dos integrantes, escritores comprometidos com o governo militar. Somente no mês de maio de 1989, os escritores poloneses não comprometidos com o regime comunista conseguem fundar sua organização. A Sociedade dos Escritores Poloneses retoma a tradição do Sindicato dos Escritores, criado no ano de 1920. O estatuto da Sociedade incentiva a filiação dos escritores ligados aos centros culturais fora do país.

As reuniões abertas ao público compõem um instrumento de divulgação das decisões do POUP para o ambiente literário. As próprias decisões que determinam a totalidade das medidas sociais e culturais são tomadas nas assembléias semi-públicas, no grupo mais restrito dos líderes do PC, ou nas reuniões fechadas e secretas. Stanisław Siekierski chama atenção para o fato de que a prática dos dirigentes de tomar as decisões em grupos restritos e de comunicá-las em particular, ou por meio de telefone, sem deixar os registros por escrito, dificulta a pesquisa sobre a vida literária na Polônia da época stalinista (SIEKIERSKI, 1992, p. 19; 30).

⁸⁸ O termo que denomina uma abertura do sistema comunista nos anos 1956-1957 é emprestado do título do romance de Ilya Ehrenburg, editado na URSS, na primavera de 1954.

2.2 A LITERATURA EM FUNÇÃO DA IDEOLOGIA

A categoria do partidarismo é um dos componentes fundamentais da política cultural e editorial na Polônia do pós-guerra. O mundo representado na obra de arte projeta uma visão da realidade construída pelo partido.

O partidarismo da produção literária foi postulado por Lênin⁸⁹, em 1905 (LENIN, 1955). Segundo o líder da revolução soviética, a obra literária não pode funcionar à parte das diretrizes do atual programa do PC. Todo escritor deve ser permeado pelo espírito partidário e produzir dentro das diretrizes delineadas pelo partido. Na prática, isso significava uma total submissão da produção cultural aos critérios traçados pelo PC, e o total controle das agendas partidárias sobre a produção cultural e literária. A batalha pelo partidarismo da literatura está enraizada no conceito soviético acerca da formação da sociedade, na qual a arte exerce papel decisivo. No mês de dezembro de 1928, a resolução do PC soviético sobre os objetivos e as tarefas da literatura nomeia como primeira, e na prática única função da literatura, a educação da sociedade no espírito do comunismo.

Os organizadores do sistema literário polonês após a Segunda Guerra, trajando os uniformes do Exército Vermelho, vieram no ano de 1944 da União Soviética, onde participaram ativamente na vida literária. A tarefa desses escritores é a implantação metódica do modelo soviético no sistema literário polonês (TRZNADEL, 1990, p. 43).

2.2.1 Mecanismos da ideologização da vida literária

No mês de julho de 1948 foi criado, na Polônia, o Instituto dos Estudos Literários (IEL)⁹⁰. A criação do Instituto coincide com a ampla campanha do governo pela unificação de todas as formas da vida cultural. O IEL é fundado para fins de revalorização da história da literatura polonesa e da reescritura dessa história por meio da linguagem ideológica. André Lefevere (1992, p. 6;14) aponta para a prática da

⁸⁹ De fato: Vladimir Ilitch Ulianov (1870-1924).

⁹⁰ Em polonês: *Instytut Badań Literackich*.

reescritura das obras literárias segundo a ideologia vigente e chama atenção para os agentes do poder, ou seus delegados, reescreverem a história da literatura para assegurar a posição dominante à poética de seu interesse. A reescritura da história da literatura polonesa, segundo as diretrizes partidárias marxistas, e a sistematização e utilização deste material para as necessidades do ensino superior e médio visavam o controle total da cultura e da ciência.

Com a fundação do IEL, começa o processo chamado de renovação dos estudos literários. A renovação abrange a reforma do ensino da língua e da literatura polonesa no nível superior e a reforma dos livros escolares para todos os níveis. No VI Plenário do Comitê Central do PC, no mês de fevereiro de 1951, Bolesław Bierut exige dos historiadores a escolha da tradição literária útil e necessária para a etapa atual da história da nação polonesa. A ordem do primeiro comunista na Polônia incluía a tarefa de fornecer a nova interpretação às obras da literatura clássica polonesa e de destacar na história da literatura polonesa todas as correntes plebéias, anti-clericais, anti-burguesas e revolucionárias. Stefan Żółkiewski (1911-1991), organizador e diretor do IEL, comenta sobre a nova pesquisa literária na Polônia (ŻÓŁKIEWSKI, 1951, p. 5-6):

Travamos a luta pelas bases novas e científicas da metodologia dos estudos literários, pelos estudos literários marxistas. [...] Lutamos pelos pontos de conexão dos estudos literários com a tarefa da formação do homem socialista e pelo estabelecimento de uma tradição intelectual nova e única. Batalhamos, finalmente, pela ciência ligada à vida do país, a ciência que serve às necessidades da nação, a ciência que constrói o socialismo.

A política lingüística desenvolvida pelos marxistas poloneses está ligada às mudanças da Polônia do pós-guerra. As transformações no país trazem consigo uma onda da migração política e econômica. Este fato está associado ao processo de mistura de vários dialetos. A nova norma da língua polonesa, planejada e criada arbitrariamente, deve atender às capacidades cognitivas de um operário.

Por outro lado, cria-se na base do discurso político, a *novilíngua*⁹¹, uma língua oficial no espaço público, e com isso obrigatória e universal, com a finalidade de

⁹¹ O termo é emprestado do romance intitulado '1984' de George Orwell, de fato, Eric Arthur Blair (1903-1950), do ano de 1949. A tradução polonesa, editada em Paris no ano de 1953, circulava na Polônia clandestinamente. Oficialmente, a tradução é lançada na Polônia em 1990. Os críticos do comunismo utilizam o termo *novilíngua* para denominar a língua da propaganda no sistema comunista.

dominar todos os outros tipos de discurso. A *novilíngua* representa a língua da ideologia, avaliando arbitrariamente todos os discursos particulares e aleatórios. Como na narrativa não há possibilidade de limitar-se somente às declarações ideológicas, pois uma parte do texto ocupa a descrição dos acontecimentos, dos objetos e dos personagens, os criadores da linguagem ideológica encontram dificuldade frente à narrativa. Segundo Tomasik (1988), as elocuições do narrador - quase sempre dotado de autoridade - e dos heróis da narrativa, retratados como expoentes confiáveis da ideologia vigente, constituem o domínio da *novilíngua* no romance. A fala do inimigo, também, é uma manipulação da linguagem ideológica. O inimigo nunca contraria a imagem concedida a ele pelo discurso oficial e nunca coloca em cheque a ideologia vigente. Muitas vezes, o inimigo que odeia os comunistas reconhece neles pessoas melhores do que ele próprio, e portanto admite que o futuro pertence ao comunismo.

O discurso partidário abre dois espaços ideológicos para a produção literária. O primeiro espaço acolhe a luta do trabalhador polonês na reconstrução e na industrialização do país. Lançado pelo governo no ano de 1950, o Plano do Desenvolvimento Econômico e da Construção das Bases do Socialismo, que introduziu a economia planejada, abrangia todos os segmentos da vida socioeconômica e visava uma mudança radical do país até o ano de 1955. Durante o discurso de lançamento do Plano, no encerramento do V Plenário do Comitê Central do POUP, Bolesław Bierut exige que a literatura divulgue o Plano para todos os poloneses, para “cada operário e camponês, cada engenheiro e professor” (BIERUT, 1950, p. 7).

O segundo espaço ideológico abriga a luta pela paz. O termo ‘paz’ pertence ao conjunto de símbolos por meio dos quais o poder tentava construir uma plataforma de consenso com a sociedade. A paz constitui um símbolo ideologicamente neutro e universal. Para uma nação recém saída dos horrores da guerra, o termo apela indiscutivelmente para o ponto mais alto da hierarquia dos valores, junto à liberdade, à vida, à segurança etc. O emprego do termo ‘paz’ foi muito útil para a ideologia comunista, pois unia todos os poloneses, tanto os comunistas, como os opositores, em torno de um valor máximo.

A luta pela paz, que exerce um papel decisivo na integração da sociedade polonesa, possui mais um aspecto que beneficia o poder. Trata-se do reconhecimento

da existência de um inimigo externo, nomeado nos textos da propaganda oficial, e representa uma mobilização contra o oponente e em favor dos dirigentes do país. O lema da luta pela paz justifica o estado de emergência permanente no país e elucida as restrições que o poder aplica à vida dos cidadãos.

Por meio da literatura, a ideologia comunista modifica o sentido das palavras empregadas na propaganda em vigor. O termo 'luta', no contexto do imperialismo ocidental, tem uma acepção negativa, denominando a luta do imperialista contra o subjugado. A mesma palavra ganha significado oposto no contexto do bloco soviético. A luta na construção do socialismo, ou a luta pela paz, possuem significado positivo.

A literatura do comunismo stalinista acompanha as iniciativas do Movimento pela Paz, influenciado por Moscou (ZABIEROWSKI, 2001, p. 27-48). Os textos literários agem junto ao público, em conjunto com os textos de publicística, com as artes plásticas e com a sátira política. A produção literária emprega as fórmulas abstratas (paz, guerra fria, corrida armamentista, imperialismo⁹²), na concretude do tecido literário servido para o público, aproximando a *novilíngua* da propaganda à consciência das massas populares.

O Movimento pela Paz foi inaugurado pelo Primeiro Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz, organizado em Wrocław, no mês de agosto de 1948. A cidade situada na parte ocidental, acrescentada ao território polonês em decorrer das negociações de Ialta, era chamada, na época, de terras recuperadas. Em face da escalada do conflito entre os ex-aliados, aguçado pelo desentendimento a respeito do futuro da Alemanha e pelo bloqueio soviético da cidade de Berlim⁹³, o Congresso polonês preparado por Jerzy Borejsza tem por finalidade demonstrar as intenções pacíficas da política do bloco soviético. Por esta razão, a propaganda comunista polonesa divulga a presença, no Congresso, de 500 convidados de 46 países. De modo especial, os intelectuais vindos do regime capitalista são apresentados como os

⁹² A *novilíngua* da propaganda stalinista influenciou os hábitos lingüísticos dos poloneses tão profundamente que, ainda no *Dicionário polonês-português*, do ano de 1997, editado pela primeira vez no ano de 1983, os termos 'guerra fria', 'corrida armamentista', 'imperialismo', encontram-se entre quarenta mil verbetes trabalhados no dicionário. Este fato ilustra a dimensão do fenômeno da influência da ideologia stalinista sobre todo o sistema sociocultural polonês.

⁹³ A política soviética forçava a construção da Alemanha única, com um regime político alinhado aos interesses soviéticos. Os demais aliados optaram pela Alemanha capitalista. Como efeito das divergências, surge a República Federal Alemã (setembro de 1949) e a República Popular da Alemanha (outubro de 1949).

primórdios do progresso que avança pelo bloco inimigo para, finalmente, alcançar o mundo inteiro. No meio da crise política, Borejsza decide manter o diálogo com as culturas do ocidente e pretende usar o Congresso para este fim. A delegação soviética, instruída em Moscou por Andriej Jdanov⁹⁴ (1896-1948), vem a Wrocław para destruir o Congresso. O pronunciamento do chefe da equipe soviética, Alexandre Fadeev⁹⁵ (1901-1956), é agressivo e avança contra os países capitalistas. Esta comunicação provoca a revolta nos intelectuais do ocidente. Vários deles apresentam as notas de protesto e deixam o Congresso definitivamente. Jakub Berman, responsável pela cultura no governo polonês, consegue reverter a postura dos intelectuais soviéticos, telefonando ao ministro do exterior soviético Molotov. Seguindo as novas diretrizes de Moscou, Ilya Ehrenburg muda o clima do Congresso, que termina em uma atmosfera de consolidação de todas as forças progressistas do mundo.

O Segundo Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz foi organizado no ano de 1950, em Varsóvia. O Congresso salienta a luta pela paz da toda a humanidade progressista. Os debates trazem ao público a situação da Cisjordânia, da China, de Sumatra, de Cuba, e dos países da África, demonstrando o imperialismo capitalista como agente da opressão colonialista. Os depoimentos dos participantes exemplificam a postura correta frente ao imperialismo, como a atitude dos trabalhadores franceses, que rejeitam trabalhar pela indústria armamentista.

Desde o Congresso em Wrocław, as manifestações pela paz na Polônia eram freqüentes. O pano de fundo delas sempre foi a guerra-fria, que se concretizou no ano de 1950, no confronto de dois impérios, o soviético e o norte-americano, na Península Coreana. Embora o conflito cessasse em 1952, explorada pela propaganda comunista, a guerra-fria continuou até a queda do comunismo, no final do ano de 1989.

⁹⁴ Publicista e membro do Comitê Central do PC soviético, onde dirige desde 1944, o Departamento da Cultura e da Ideologia, desenvolvendo a política da repressão e do total controle ideológico sobre a vida cultural na União Soviética (e com isso nos países do bloco). Morre em Moscou durante o Congresso da Paz.

⁹⁵ Militante comunista e escritor. Amigo de Jdanov. Suicidou-se.

2.2.2 O debate literário, um coral uníssono

No estado totalitário que a Polônia se tornou depois da tomada de poder pelos comunistas, não existe o debate literário no sentido próprio, isto é, não há uma livre troca de opiniões provindas das posições intelectuais diferentes, a fim de se cristalizarem as posturas criativas. A discussão no âmbito da literatura, que o sistema polonês conhece, é um instrumento da transmissão dos conteúdos ideológicos e poéticos, do núcleo decisório do partido para o ambiente dos agentes efetivamente ligados à produção literária.

As discussões promovidas no sistema literário polonês seguem, todas, a mesma estrutura. O debate começa pela declaração de um dos dignitários do partido, ou de um dos escritores proeminentes. Comumente, o tema do pronunciamento inicial aborda um acontecimento da vida literária soviética⁹⁶. Muitas vezes, a discussão serve como instrumento de reeducação do escritor acusado de desvios da poética vigente, ou mesmo, como instrumento de linchamento e incriminação. De acordo com as regras da vida pública stalinista, o literato que tomava parte no debate repetia as idéias do pronunciamento inicial, reproduzindo a idéia primária de maneira que as conclusões eram perfeitamente alinhadas aos pontos de partida. A participação nos debates literários, muitas vezes exigida e sancionada pelo poder, é concebida como amostra do grau de lealdade do escritor. Neste sentido, o debate configurava uma ação política.

O exercício da crítica é outro elemento que simula a discussão no âmbito da vida literária. O texto crítico faz parte de um triângulo de comunicação, que ocorre entre o poder, a crítica literária e o escritor. Como a doutrina cultural foi definida pelos oficiais do partido numa maneira muito geral, a tarefa da crítica literária consistia na exegese dos princípios e na construção da teoria normativa da literatura. O trabalho de interpretação das diretrizes partidárias é delegado aos críticos profissionais da literatura. Descrevendo esse fenômeno, André Lefevere mostra que a patronagem está interessada no estabelecimento e no controle dos itens ideológicos. Os padrões delegam a elaboração dos mecanismos de transferência do elemento ideológico para a

⁹⁶ No período do stalinismo os temas freqüentes referem-se ao papel do escritor e do crítico literário, aos problemas do realismo, aos erros do formalismo e do esquematismo, às teses lingüísticas de Stalin.

poética vigente aos profissionais que possuem a autoridade e a competência para deter o monopólio no campo da literatura. Entre os profissionais, Lefevere enumera os críticos, os revisores de textos, os professores e os tradutores. Esses profissionais servem para reprimir as obras literárias que não atendem às regras da poética ou da ideologia em vigor (LEFEVERE, 1992, p. 14).

Para o modelo stalinista de crítica literária, o alinhamento do discurso crítico ao discurso do partido é da maior importância. Para este fim, elabora-se certa hierarquia dos pronunciamentos sobre a literatura. Em primeiro lugar estão as intervenções dos mentores partidários, os estadistas do centro do poder. Num nível inferior, estão os pronunciamentos dos formadores do discurso crítico, os literatos comprovados pelo sistema, que criam os postulados para o exercício da crítica e publicam nos periódicos de circulação nacional, respectivamente. Por último, está o grupo dos executantes do modelo já traçado, os autores que publicam na imprensa local.

2.2.3 Autocrítica e censura

A crítica literária e a autocrítica dos literatos, como também as intervenções da censura constituem os instrumentos de controle da vida literária na Polônia.

A autocrítica é uma prática que passou da vida política para a literatura. Segundo a doutrina marxista, a crítica e a autocrítica servem para o controle da disciplina do partido comunista. A autocrítica entendia-se como um meio de crescimento ideológico e uma maneira de passar para um grau mais alto da consciência política. Na literatura, a crítica literária faz o papel de acusador, apontando os erros e os desvios do escritor. Reconhecendo os erros apontados pela crítica, o escritor apresenta uma autocrítica, abnegando os desvios nas páginas das revistas literárias. O ato da autocrítica, no conceito marxista, não é uma expressão de humilhação e de degradação do escritor, mas um meio para garantir o crescimento do autor e da sua obra. O exercício da autocrítica obrigava o autor à prática da autocensura e, deste modo, garantia um caráter único a toda produção literária.

A censura na Polônia segue o modelo soviético⁹⁷. Já no ano de 1944, na cidade de Lublin, assessorando os comunistas poloneses, os censores soviéticos elaboram o projeto da censura. No mês de janeiro de 1945 é criado o Bureau Central de Controle da Imprensa⁹⁸, que em 1946 muda o nome para a Agência Central de Controle de Imprensa, da Publicação e do Espetáculo⁹⁹ (ACCIPE). A nova Agência tem como tarefa a supervisão da imprensa, das publicações e dos espetáculos, como também o controle sobre a divulgação de todo tipo de obras publicadas por meio da tipografia, da imagem, ou da palavra viva. No exercício dessa tarefa, a Agência tem como finalidade a prevenção contra “a destruição do regime político, a transgressão das relações internacionais do Estado polonês, a revelação dos segredos de estado, a violação da lei e dos bons costumes, a indução ao erro da opinião pública por meio da divulgação das informações incompatíveis com a realidade” (NAŁĘCZ, 1994, p. 28). A formulação genérica das competências da Agência significou, na prática, que cada manifestação cultural podia ser impedida pela censura, por motivo qualquer. No exercício da censura preventiva na RPP, todo o texto, toda a informação, todo o espetáculo, todo o filme, todo o anúncio no jornal precisava obter, antes de publicado, a autorização de um funcionário da censura. No decorrer do ano de 1949 aguça-se o curso da censura. Na reunião com seus colegas, diretores do órgão censor responsáveis pela Agência no nível territorial, o chefe da ACCIPE recomenda a ingerência nos textos, especificando os possíveis erros ideológicos:

Camaradas e colegas! Nossa repartição faz o papel do órgão controlador da palavra escrita e falada na República Popular da Polônia, num estado onde continua acirrada a luta de classes, a luta contra a reação, contra as agências internacionais aliadas à reação, contra sua ofensiva ideológica, contra o cosmopolitismo, contra a idealização do ocidente e da chamada cultura, arte, ciência, civilização e democracia ocidentais. As diversas formas da subversão ideológica, organizada pelos agentes reacionários, pagos pelo imperialismo americano e pela hierarquia vaticana, acontecem às nossas vistas, nas nossas máquinas de imprensa e no nosso papel. (NAŁĘCZ, 1994, p. 83).

⁹⁷ O fato se percebe tanto na organização da Agência - a censura pertence aos órgãos de segurança do estado, como também na rapidez com que foi introduzida. Na URSS, Lênin introduz a censura já no terceiro dia após a vitória da revolução bolchevista (PIPES, 1994, p. 412).

⁹⁸ Em polonês: *Centralne Biuro Kontroli Prasy*.

⁹⁹ Em polonês: *Główny Urząd Kontroli Prasy, Publikacji i Widowisk*.

Desde o ano de 1950, até a queda do bloco soviético, a censura tutela de modo especial toda a informação a respeito da URSS. A existência, no texto, de temas politicamente polêmicos elimina qualquer publicação corrente. O mesmo motivo leva à edição da lista dos livros que devem ser retirados das bibliotecas¹⁰⁰. Desta maneira, censurando as publicações atuais e retirando os textos anteriores de circulação, a censura configura um sistema literário livre de qualquer informação indesejada. Nos ditames da ideologia do *socrealismo*, o censor admite até a publicação de uma obra fraca, se o autor dela mostrar-se um escritor progressivo, engajado, útil e combativo. Entretanto, a censura proíbe a edição das obras sem valor ideológico, que possam tirar a atenção do leitor da problemática da construção do socialismo¹⁰¹.

Com suas intervenções, riscando e muitas vezes acrescentando itens ao texto, ou influenciando o autor para fazer as correções, o censor torna-se o co-autor do texto, numa tarefa de criação coletiva. A atuação da censura no contexto do regime totalitário - onde os agentes de um único partido político controlam a mídia, os estabelecimentos educacionais e culturais e a distribuição dos meios técnicos para a produção cultural - visa à formação de cidadãos condicionados ideologicamente e preparados para o exercício da autocensura. O hábito de pensar junto com o censor, que formula as idéias de maneira aceitável para o regime e evita tudo o que poderia ser removido pela censura, faz do escritor e do tradutor um co-censor.

A exigência da suspensão da censura forma um motivo constante das reivindicações em todos os movimentos operários e em todas as contestações dos intelectuais poloneses desde o ano de 1956, até a queda do comunismo na Polônia no ano de 1989. O acordo de Gdańsk, assinado entre o sindicato *Solidarność* e o governo comunista, levantou também a questão da censura. A terceira exigência dos sindicalistas¹⁰² retoma a questão da liberdade de opinião e de expressão asseguradas na Constituição, e “proíbe represálias contra as publicações independentes e garante a livre circulação de publicações abertas aos representantes de todas as denominações religiosas” (CASTILHO; WAACK, 1982, p. 193).

¹⁰⁰ Acesso aos livros da, assim chamada, ‘lista dos proibidos’ foi somente possível com a recomendação de alto funcionário do POUP.

¹⁰¹ Por este motivo foi proibida a reedição do romance de Lucy Maud Montgomery, *Anne of Green Gables*, em polonês: *Ania z zielonego wzgórze*, editado na Polônia desde 1912.

¹⁰² As duas primeiras exigências diziam respeito à legalização dos sindicatos livres e do direito à greve.

No combate contra a ACCIPE, no decorrer do ano de 1981, o *Solidarność* conseguiu negociar o direito de leitor ser informado sobre as ingerências da censura operadas num texto¹⁰³. A censura trabalhou a serviço da construção do socialismo polonês até o fim do sistema comunista. A nova lei, criada no dia 11 de abril de 1990, regulamentando a imprensa na Polônia, aboliu definitivamente a censura prévia no país (PAWLICKI, 2001, p. 14).

A atuação da censura está ligada ao fenômeno de variação textual. Devido à relação entre política e literatura no sistema literário polonês, a variação textual expressa o cuidado do regime, em ajustar a expressão ideológica da obra. É difícil indicar até que ponto as modificações expressam a iniciativa do próprio autor e até que ponto elas são estimuladas pelas instituições do sistema. Fora das ingerências da censura, as edições modificadas, na maioria das vezes, foram influenciadas pelos textos da crítica literária a respeito da primeira edição da obra. A censura institucionalizada não foi a única formação com a tarefa de censurar. Existia uma variedade de conselhos nos ministérios, nas redações dos jornais e nas editoras, com a atribuição de qualificar e verificar os textos, para que a produção cultural não contrariasse a ideologia comunista. Esse fato reforça a constatação de que, no sistema literário polonês, o texto nunca é uma obra particular do autor, mas constitui uma tarefa coletiva formada pelas ingerências da crítica literária, da censura oficial e da criptocensura dos redatores e dos editores.

2.3 A POÉTICA DO REALISMO SOCIALISTA

Entre as características que marcam o sistema literário da Polônia em vias do comunismo, está a tendência de tornar a literatura popular, seguindo o modelo soviético. Na União Soviética, nos primeiros dez anos após a revolução, o termo

¹⁰³ Na prática, nos lugares censurados de um texto, aparece entre parênteses, a informação sobre a ingerência censora, com data e indicação da lei de censura. Alguns periódicos trazem colunas inteiras de informações sobre os artigos suspensos. Nunca antes na Polônia falou-se tão abertamente sobre a influência da censura sobre a vida cultural. O regime admitiu que, sob o eufemismo de Agência, escondesse um potente aparato de manipulação ideológica. O golpe militar não conseguiu revogar esse direito conquistado pelo sindicato *Solidarność*.

‘popular’ significa o mesmo que ‘vindo da zona rural’ e traz consigo uma conotação negativa de atraso e de erro ideológico¹⁰⁴. A essa conotação do termo ‘popular’, o sistema contrapõe o termo ‘proletário’, no sentido de classe.

A requalificação do termo ‘popular’ deu-se na Primeira Assembléia dos Escritores Soviéticos, no ano de 1934, onde Máximo Gorki¹⁰⁵ (1868-1936) redefine o termo ‘folclore’. Gorki (1951) define folclore como a produção oral das camadas sociais trabalhadoras, no campo e nos centros urbanos. Segundo o escritor soviético, a arte popular alivia o trabalho árduo, emitindo o otimismo e a crença no triunfo sobre todas as forças inimigas. Gorki refere-se à criação das camadas populares:

O mito é invenção. Inventar significa abstrair da totalidade de dados concretos um sentido essencial, transformando-o num retrato. Desta maneira nasce o realismo. Se acrescentar a este sentido derivado da concretude das coisas aquilo que se deseja, e adicionar este sonho ao retrato – então teremos aquele romantismo que constitui o fundamento do mito – e que é muito útil, pois favorece a formação da relação revolucionária com o mundo. A relação que, na prática, muda o mundo. (GORKI, 1951, p. 26).

O sistema literário polonês adota o conceito soviético. Na Polônia, salienta-se a necessidade de popularização da arte e da literatura. O populismo da cultura associa-se à situação de fácil acesso e fácil consumo do produto cultural. O modelo da criação coletiva vê um ideal na arte popular, que não possui um autor específico, mas uma coletividade como autor. Ao realismo da produção literária agrega-se o otimismo e a crença na força do homem. A literatura merece o adjetivo ‘popular’ quando injeta esse otimismo no leitor e quando reforça os laços entre ele e a coletividade.

Boleslaw Bierut menciona o otimismo como a postura obrigatória do criador da cultura no discurso do ano de 1947. Nessa lição de política cultural, o presidente exige dos produtores da arte o tom do otimismo popular, criticando a atual produção como a apoteose da depressão. Bierut (1948, p. 18-19) acusa os escritores ocidentais “da glorificação do sofrimento, do pessimismo decadente, da inimizade contra a vida e do gosto por temas ligados à morte”. Depois da proclamação do *socrealismo* como método único da produção cultural, o otimismo associado à classe operária tornou-se uma

¹⁰⁴ A cultura popular russa desenvolveu-se dentro da cosmovisão cristã-ortodoxa-russa. Essa visão do mundo não era compatível com a concepção materialista do comunismo.

¹⁰⁵ De fato: Alexiei Piechkov.

questão da cosmovisão. Os heróis positivos, dotados de sorriso largo, emanam a alegria e o pensamento positivo. Os inimigos do comunismo são tristes pessimistas, e este caráter se expressa no aspecto físico do personagem. Daí surge, no ambiente da vida social, um postulado ideológico de otimismo transparente. Quem não está emanando o otimismo é um inimigo do partido, do Estado e da pátria.

Uma das tarefas principais da literatura é a infusão do otimismo e do ânimo nos construtores da gloriosa realidade comunista. O texto criado junto à classe operária reflete o otimismo das massas e transmite-o para o leitor. A hegemonia do otimismo liga-se à crença na influência da literatura sobre a vida e faz da literatura do realismo socialista um instrumento de formação das massas. O futuro depende da literatura e esse fato transmite uma responsabilidade incomensurável para o escritor¹⁰⁶.

Assim como o conceito da literatura popular, o conceito do realismo socialista polonês é uma cópia do modelo soviético. Para a avaliação da literatura, o *socrealismo* adota o critério do realismo crítico. O princípio básico de um pesquisador-marxista, para a interpretação da literatura em todas as épocas, é a investigação da luta travada entre as tendências realistas e as tendências não-realistas (WYKA, 1952). O conceito do realismo crítico, popularizado por Gorki, subentende a corrente realista na literatura ocidental da primeira metade do século XIX, cujos maiores exemplos, para os intérpretes do marxismo, são as obras de Balzac. Essa corrente realista ocidental foi interpretada pelo marxismo como uma crítica violenta ao capitalismo.

O realismo crítico foi avaliado pelo marxismo com certa ambivalência. De um lado, foi apresentado como um precursor do *socrealismo*. Do outro lado, porém, foi preciso sublinhar um contraste: “Não se deve ver no realismo socialista mera herança do realismo crítico. O primeiro, em relação ao último, representa um salto revolucionário igual àquele que separa o materialismo científico do materialismo de Feuerbach” (KIERCZYNSKA, 1951, p. 187). O problema do realismo crítico consistia no fato de que os escritores representantes dessa corrente pertenciam à camada social que apoiava o capitalismo burguês. Deste modo, os romancistas não eram capazes de perceber a

¹⁰⁶ A literatura *socrealista* não tinha lugar para o desfecho trágico. O trágico aparece somente com uma finalidade: para ser superado e para projetar o êxito otimista. A extirpação do trágico chegou até o ponto de postular a manipulação em desfechos das tragédias clássicas de Shakespeare, ou Ibsen. A literatura clássica polonesa foi, literalmente, manipulada neste sentido.

significância dos movimentos populares, que negavam a ideologia burguesa. Os realistas souberam mostrar os fenômenos sociais negativos, mas não eram capazes de traçar uma perspectiva para o futuro, terminando com as conclusões pessimistas, ou traçando utopias:

O realismo socialista inspirado na realidade resolve o problema, diante do qual capitulava o realismo crítico. Ele criou o personagem convincente e verossímil do herói positivo, um portador das melhores características de nossa época: do sacrifício pela pátria, do heroísmo no trabalho e da pureza moral nas relações humanas. (MARKIEWICZ, 1953, p. 67).

Na literatura polonesa, o realismo crítico coincide com a literatura positivista da segunda metade do século XIX. Os críticos marxistas consideravam realistas as obras de Bolesław Prus¹⁰⁷ (1847-1912): “um modelo para o *socrealismo* polonês constituiu a obra de Balzac, e em casa, a de Prus, isto é, o romance realista a serviço da problemática social” (TRZNADEL, 1990, p. 61). De acordo com a tendência marxista, as obras do realismo polonês eram avaliadas negativamente. Os romancistas descreviam bem a realidade da vida do proletariado, mas não sabiam interpretá-la, apontando as causas no capitalismo e as soluções na revolução. A crítica marxista concordava que, do ponto de vista do materialismo histórico, os autores não poderiam ultrapassar a ideologia e a mentalidade da sua própria classe. André Lefevere (1992, p. 19-20) argumenta que o conflito dentro do mega-sistema literário dos países integrantes do bloco comunista era inevitável. Esse conflito surgiu em consequência da adoção dos parâmetros do realismo do século XIX para as necessidades políticas da segunda metade do século XX.

O programa do realismo socialista polonês concentra-se nos postulados ideológicos. A literatura precisa abordar os temas do momento atual da sociedade polonesa, envolvida na luta pela construção do socialismo. Na hierarquia dos temas, o primeiro lugar é ocupado pela problemática do trabalho. O esforço físico proporcionado pelo trabalho deve ocasionar o desenvolvimento psicológico do homem. Os escritores precisam, necessariamente, mostrar sua postura ideológica, participando com sua obra na construção da literatura nova e, deste modo, participar nas mudanças que se

¹⁰⁷ De fato: Aleksander Głowacki, publicista e romancista, fundador do realismo e naturalismo polonês.

operam no país. Bierut (1948, p. 12) lembra os produtores culturais da atualidade que “suas obras devem formar, entusiasmar e educar a nação. A literatura, o teatro, a música, o filme, precisam estar ligados, de forma mais forte possível, à sociedade”.

A literatura do realismo socialista tipifica as características dos personagens pertencentes à classe burguesa e à classe operária, como também esquematiza as situações em que acontece a luta de classes. Essas técnicas que introduzem a percepção dialética da realidade, no centro da qual combatem o velho e o novo, acabam provocando críticas. No período do degelo, a literatura polonesa é acusada de esquematismo e de estereotipização. Apesar das críticas, o modelo sobrevive e continua influenciando a literatura na sua forma, como também na tarefa que se concede à literatura no sistema sociocultural polonês até a queda do regime, no final do ano de 1989.

A doutrina do *socrealismo*, oficialmente rejeitada no ano de 1956, sobrevivendo a uma primeira fase de críticas, reaparece na Polônia já em 1957, numa campanha em favor dos elementos positivos do realismo socialista. A campanha ressalta seu estilo de cultura popular voltada para as massas, sua politização e seu engajamento. A apologia ao *socrealismo* repete o postulado da literatura em função da ideologia e do partido político. Os críticos marxistas ressaltam a importância do trabalho como o tema principal para uma nova literatura, chamada nas décadas de sessenta e de setenta de literatura socialista.

A literatura socialista continuou favorecida pelo regime por meio da concessão de prêmios, de bolsas e da alta tiragem dos livros. O tema do trabalho volta a ser o principal motivo nessas duas décadas, embora o trabalhador seja substituído pelo diretor, ou alto funcionário do partido. A trama envolve os mesmos lugares, privilegiados pelo realismo socialista, as minas de carvão, as usinas, as fábricas, os locais do PC, as salas de reunião. A nova literatura socialista também reduz a função estética da literatura para uma função de propaganda ideológica. Os intertextos das obras continuam sendo os discursos dos políticos e das campanhas ideológicas, publicados pela imprensa oficial.

2.3.1 O cânone literário na República Popular da Polônia

As normas da canonicidade no sistema literário da Polônia Popular têm um caráter de obrigatoriedade. Para não entrar em choque com o sistema, o escritor deve submeter-se às normas estéticas e ideológicas, devidamente divulgadas pela elite que manipula a literatura, como salienta Even-Zohar (1990, p. 22), para permanecer no poder. Neste sentido, a estética dirigida supunha um alto grau de canonicidade.

Para satisfazer às normas do cânone do *socrealismo*, o que Even-Zohar (1990, p. 19) chama de canonicidade dinâmica, a literatura precisava ser progressista, realista, laica e popular. Quando não apresentava essas características, a obra literária devia criar uma visão de mundo manipulável, possibilitando a interpretação que evidenciasse a degeneração da burguesia ou a exploração da classe operária. Uma vez formado, o cânone projetava os valores positivos para a produção atual e agia como a força formadora dessa produção. A divulgação dos valores positivos operava-se por meio das ações popularizadoras, tais como as reedições, o repertório dos teatros, a didática nas escolas e nas universidades. A criação do cânone histórico, nomeado por Even-Zohar (1990, p. 19) de canonicidade estática, apresentava-se para os ideólogos do regime como uma tarefa urgente.

A literatura clássica foi editada maciçamente no primeiro decênio após a guerra. Uma grande parte do público que rejeitava a produção atual consumia a literatura clássica polonesa. Entre os mais editados encontram-se os poetas românticos Adam Mickiewicz¹⁰⁸ (1798-1855) e Juliusz Słowacki (1809-1849). Escrevendo no exílio, os escritores reforçavam o espírito patriótico de seus conterrâneos, valorizando as tradições, a história e as paisagens polonesas. Os escritos que comentavam a política imperialista russa tornavam-se um desafio para os comentaristas do socrealismo. Do positivismo polonês, fora de Prus, foram editados maciçamente Henryk Sienkiewicz¹⁰⁹ (1846-1916) e Eliza Orzeszkowa (1841-1910). Os escritores do realismo polonês criticavam a moral burguesa e denunciavam as injustiças sociais, tecendo visões de

¹⁰⁸ Castro Alves conhece a obra de Mickiewicz. No poema *A mãe do cativo*, de 1868, o poeta baiano começa com a transcrição de duas estrofes do poema *A mãe polaca* de Mickiewicz na tradução francesa. Para Siewierski (2000, p. 86), cuja *História da literatura polonesa* é um compêndio inédito no Brasil, este é o primeiro contato entre a poesia brasileira e polonesa.

¹⁰⁹ Prêmio Nobel de literatura em 1905.

uma sociedade de progresso na qual as camadas privilegiadas trabalham em favor dos marginalizados, numa fórmula paternalista. Os escritos históricos de Sienkiewicz que, para reforçar a identidade do polonês, evocavam a grandeza do estado polonês na virada da Idade Média para a Modernidade, forneciam problemas para os intérpretes marxistas. Os críticos do *socrealismo* reforçavam a tese de que os clássicos, em especial a tradição do realismo crítico, prepararam o caminho para o realismo socialista:

O leitor, escolhendo hoje as obras de Balzac, Stendhal, ou Prus, encontra neles, apesar do passar do tempo, uma visão do mundo muito mais verdadeira, sensata e semelhante à realidade de hoje, do que nos escritos dos autores novos. [...] O leitor escolheu os mestres e a tradição muito mais cedo do que nós, os escritores. O leitor escolheu o clássico. (KOTT, 1956, p. 15-16).

A política editorial agia de forma planejada, editando clássicos cujas biografias e obras eram submetidas à manipulação¹¹⁰, em tiragens altas, com muita frequência e a preço reduzido:

A atualização da produção cultural, isto é, a libertação dela dos preconceitos antigos, significa a geração de novos valores culturais. [...] No âmbito da produção cultural também são necessários os elementos de planejamento e de controle social. [...] Mostra-se necessário o planejamento no mercado editorial, como também do repertório teatral, ou no desenvolvimento da radiofonia do país. (BIERUT, 1948, p. 14; 19; 21).

A prosa conquista um lugar central na literatura do *socrealismo*, por responder de forma mais completa aos postulados do novo método criativo. A melhor forma literária demonstra ser o romance, embora o programa do realismo socialista critique como anacrônica a divisão rígida dos gêneros literários: “os princípios fundamentais do realismo são idênticos para a prosa e para a poesia, independentemente das diferenças de forma” (WAŻYK, 1950). A tipologia do romance do *socrealismo* polonês abrange dois tipos predominantes, o romance contemporâneo e o romance histórico. O primeiro tipo opera em duas esferas, como o romance de produção e como o romance

¹¹⁰ As edições possuíam um minucioso sistema de prefácios, notas e anotações. Nos anos cinquenta, os críticos marxistas recomendavam ao público a leitura dos comentários ao invés da leitura das obras, por causa do maior controle que estes asseguravam.

antiimperialista. No romance histórico, o traço predominante é a biografia de uma personalidade eminente.

A reportagem, considerada um gênero proletário fortemente ligado à verdade sobre a vida do homem comum, ocupa uma posição de destaque no sistema literário polonês. Como gênero de alta utilidade política, a reportagem é vocacionada para “mostrar por onde passa a divisa entre o bloco do progresso e da paz e o bloco do atraso e da guerra” (WOLANOWSKI, 1952). A reportagem é editada nos periódicos e na imprensa cotidiana. Com os temas girando em torno da propaganda das conquistas do sistema na reconstrução do país, na industrialização e no progresso civilizador do interior, a reportagem nacional serve para uma clara declaração da postura ideológica do autor e para modelar a postura do leitor, projetado pelo sistema como homem comum e simples. Reportagens que relatam as viagens para o exterior mostram os países do bloco socialista, com a liderança da URSS, como um paraíso terrestre. Um número menor de reportagens feitas nos países ocidentais retrata-os como um império do demônio do capitalismo.

A poesia do *socrealismo* está voltada para mobilizar o leitor para a realização do plano de produção e para despertar no público o sentimento de solidariedade com os revolucionários, perseguidos pelo imperialismo capitalista. O poeta tutelado pelo mecenato do Estado também elogia seus patrões, recorrendo à tradição antiga de ode, salientando os feitos dos homens beneméritos da sociedade e do próprio sistema. Na época do stalinismo, os autores que bajulavam os estadistas por meio das odes eram os escritores mais eminentes do sistema literário polonês. Além da produção nacional, traduziam-se e editavam-se as odes dos escritores comunistas estrangeiros: Jorge Amado, Luis Aragon, Mão Tse-Tung e Pablo Neruda. Depois da crítica ao *socrealismo*, aparecem várias tentativas de criação de um novo modelo de poesia não comprometida com a propaganda, um esforço coroado com o surgimento das novas correntes poéticas na década de setenta.

A edição de coletâneas e de antologias forma mais um traço característico do cânone literário polonês. As edições deste tipo, possibilitando a manipulação dos fragmentos de vários textos de acordo com a ideologia vigente, omitiram os fragmentos indesejáveis. A edição de antologias das traduções dos escritores estrangeiros

configurava uma prática comum de trazer ao público polonês os itens dos outros sistemas literários de forma manipulada e, portanto, segura.

2.3.2 Os personagens da literatura polonesa sob o regime comunista

O homem novo é uma das figuras centrais da cultura no realismo socialista. O personagem surge na tradição europeia da idealização do progresso e faz crer que, por meio do desenvolvimento tecnológico, social e cultural, é possível criar um mundo melhor e um homem perfeito. Para a antropologia stalinista, o homem novo significa o homem comunista. Na leitura de Leszek Kołakowski, Marx propõe a visão que supera a divisão entre o particular e o coletivo na vida da pessoa. Discordando da filosofia liberal, para a qual o homem é um egoísta por natureza, Marx postula a liberdade como a união voluntária do indivíduo com o coletivo (KOŁAKOWSKI, 1988, p. 149). O homem novo de Marx possui as características Prometéicas, que sublinham o poder do homem, como também os traços iluministas, que enfatizam a necessidade do conhecimento das leis biológicas, sociológicas e históricas, e da adequação a elas.

As tradições diferentes chocam-se no modelo *socrealista* do homem novo. Por um lado, ele se identifica voluntariamente com a coletividade e opta pelo modelo da vida gregária. Por outro lado, ele é um herói, um agente precursor e um fator de mudanças históricas, projetando-se para fora da coletividade. Esse traço do homem novo do marxismo, na opinião de Kołakowski (1988, 347-348), demonstra “a crença nas ilimitadas possibilidades do ser humano, criador de si mesmo, e na visão da história como um processo de autocriação por meio de trabalho”. Os homens novos na literatura polonesa são primeiramente os heróis comunistas, tais como Lênin, Stalin, Bierut, e depois os militantes comunistas e os operários empenhados na construção do socialismo. O retrato negativo de um homem retrógrado encontra sua representação nos integrantes da elite intelectual. A *intelligentsia* descreve-se como errante, psicologicamente fraca e independente, pela falta da habilidade para conviver na coletividade. A imagem de um intelectual indeciso, que questiona e avalia, serve para

os fins da luta ideológica, apresentando, pejorativamente, a tendência para um julgamento independente sobre a realidade.

Embora o stalinismo pregue a emancipação cultural e profissional da mulher, à mulher está reservado o direito de ser, quando muito, igual ao homem. A literatura *socrealista* raramente mostra a mulher no ambiente de trabalho. A tarefa dela é cuidar da casa e apoiar ideologicamente o marido, motivando seus esforços na construção do novo sistema. O retrato da mulher trabalhadora, que ocupa o lugar do homem, numa pedreira, como uma motorista de trator, ou a trabalhadora da ferrovia, é muito mais comum nas artes plásticas e na lírica, que trabalham com este tipo de representação. A literatura do realismo socialista raramente trabalha as características físicas da mulher, chamando atenção, eventualmente, para os olhos e as mãos. A beleza feminina na literatura polonesa é valorizada positivamente¹¹¹. A cosmovisão dicotômica do *socrealismo* descreve a protagonista positiva como magra e bonita, a negativa, porém, como gorda e feia.

O modelo socialista da cultura propaga a independência do indivíduo da família, substitui os laços familiares pelas relações com a coletividade, lançando o ideal comunista do homem coletivo. Para um polonês comum, isto significa o rompimento com a tradicional moral católica. O sacrifício da vida particular, da felicidade e da vida familiar para se dedicar à luta pela justiça social está no alto da hierarquia de valores. Segundo a ideologia do regime, criada na União Soviética, “a vida familiar sempre freia o ímpeto revolucionário” (GORKI, 1971, p. 325). Metaforicamente, o Estado é apresentado como a família, e os líderes comunistas tornam-se os pais da nação.

A literatura polonesa da primeira metade dos anos cinquenta é extremamente pudica. O erotismo é eliminado e o amor é substituído pela amizade. O ato sexual é apresentado como algo necessário para a sobrevivência da sociedade e nunca como um princípio do prazer. Zélia Gattai, que viveu dentro do regime stalinista, comenta a subordinação da literatura aos interesses da propaganda partidária, salientando a manipulação das obras literárias, especialmente em vista da eliminação da qualquer menção à vida sexual (GATTAI, 1989, p. 46-47). No modelo de vida familiar regem as

¹¹¹ Esta é uma das raras características que divergem do modelo soviético, onde a beleza é avaliada pejorativamente.

mesmas leis de produção de uma fábrica. Por isso, o papel da família esgota-se na fabricação dos futuros construtores do socialismo. Os integrantes das famílias representadas na literatura passam a maior parte do tempo fora de casa. Os adultos são apresentados no trabalho, nas reuniões do partido, nas palestras nos salões de leitura, e todas as crianças freqüentam as creches e as escolas. O trabalho torna-se o único sentido da vida e a meta de todas as aspirações, deixando a família em segundo plano. De acordo com Marcuse (1981), este modelo de produção pretende transformar a energia sexual em fonte da força de trabalho inesgotável.

A guerra fria aguça a cosmovisão dicotômica dos comunistas, construída no eixo que separa os revolucionários e os inimigos da revolução. Os primeiros são qualificados como os “nossos” e os segundos carregam a marca dos “outros”. Neste sentido, as características geográficas não têm maior importância na delimitação dos espaços do “próprio” e do “estranho”. Os “outros” podem ser encontrados no próprio país, nas pessoas de sabotadores e dos inimigos do sistema, da mesma maneira como são encontrados nos países capitalistas. Os “nossos” habitam o mundo inteiro, empenhando-se no combate ao capitalismo e na construção do comunismo, da mesma maneira como constroem o socialismo na Polônia.

Neste segundo capítulo do presente trabalho delinearão-se, de forma detalhada, as características do sistema literário polonês no período do regime comunista.

O stalinismo na Polônia subordinou a literatura à posição de instrumento da propaganda e da legitimação do sistema político. Nesta primeira fase, o mecenato trata os escritores com o maior cuidado, subvencionando seus serviços e concedendo a eles um alto *status* social. Em contrapartida, os escritores seguem minuciosamente os ditames ideológicos e poéticos em vigor.

Na época do degelo, muitos dos escritores até então tutelados pelo regime, convencidos de sua importância para o sistema político, voltam-se contra seus patrões, reivindicando maior liberdade para a criação literária. Seus apelos acabam não sendo atendidos e a censura volta a operar com a severidade costumeira. Os comunistas no poder, seguros da estabilidade do sistema político, depois de dez anos desde sua

imposição, não necessitam mais, com tanta urgência, da ajuda da literatura no jogo político. Assim, a literatura polonesa permanece presa aos construtos ideológicos do socialismo e seus escritores perdem seu *status*.

Em meados dos anos setenta, desgasta-se o modelo regulador das relações entre o sistema político e o sistema literário (CZAPLIŃSKI; ŚLIWIŃSKI, 2002, p. 6). Nesta época, desenvolve-se com grande dinâmica a produção literária do segundo circuito. A precariedade da produção clandestina faz com que a literatura do circuito alternativo não seja capaz de satisfazer o público leitor. Essa situação perdura até o fim do regime totalitário.

Depois da intensa atividade editorial na época de *socrealismo*, o mercado encontra-se saturado de obras clássicas do realismo crítico e das obras atuais do realismo socialista, polonesas e traduzidas (SIEKIERSKI, 1992, p. 193). Este tipo de literatura não encontra mais um público leitor disposto a adquirir livros. Entre os autores estrangeiros que atuam fora do mega-sistema soviético de literatura, promovidos pela política de tradução do primeiro decênio após-guerra, figura Jorge Amado. O terceiro capítulo deste trabalho situa a obra do escritor brasileiro no subsistema da literatura traduzida do sistema literário polonês.

3 A INTRODUÇÃO DE JORGE AMADO NO SISTEMA LITERÁRIO POLONÊS: CAUSAS E MOTIVAÇÕES

Os dois capítulos anteriores delinearão as condições políticas e culturais nas quais se desenvolveu o sistema literário polonês da segunda metade do século XX. O polissistema político e sociocultural influencia não somente o sistema da literatura nacional, mas também manipula seu subsistema da literatura traduzida. Logo depois da tomada do poder na Polônia, o regime desenvolve a política de admissão das obras estrangeiras no sistema literário polonês. Com algumas alterações, o modelo serve para todo o período da hegemonia comunista.

A tradução é manipulada com os fins políticos desde o início do regime comunista. Nessa época, o escritor brasileiro Jorge Amado é introduzido no sistema literário polonês, e mais especificamente, no subsistema de literatura traduzida. Devido à importância que o escritor brasileiro Jorge Amado teve para o sistema literário polonês, e indiretamente para o sistema político da República Popular da Polônia, apresenta-se neste capítulo o estudo do início da relação dos sistemas literários polonês e brasileiro, operado por meio das traduções polonesas das obras de Jorge Amado, com o cenário político da Polônia como pano de fundo. Depois da Segunda Guerra Mundial, o primeiro contato entre os sistemas literários brasileiro e polonês, registrado pela imprensa, deu-se no ano de 1947, por meio da saudação aos escritores poloneses intitulado *Manifesto dos escritores brasileiros*, publicado pela revista *Książka i Kultura* (OREŹDZIE, 1947, p. 14). Os escritores poloneses respondem com uma saudação dirigida à presidência dos escritores brasileiros reunidos em assembleia, no ano de 1950 (KRUCZKOWSKI, 1950b).

3.1 A ESCOLHA DOS LIVROS A TRADUZIR PELOS CRITÉRIOS POLÍTICOS

Para que um sistema literário possa manter-se estável, é preciso que esteja em comunicação com os sistemas literários de outros polissistemas socioculturais. O intercâmbio entre os sistemas por meio da tradução serve para o enriquecimento do repertório oferecido dentro do determinado sistema literário, e para a criação de alternativas para seus modelos já consagrados. Segundo Even-Zohar (1990, p. 25-26), somente um sistema literário altamente heterogêneo, isto é, aquele que possui

um repertório bastante variado, tem a capacidade de manter-se estável sem recorrer aos novos modelos fornecidos pela tradução.

Depois da decretação do dirigismo estético, o sistema literário da Polônia oferece ao público leitor um volume insuficiente de obras literárias, tanto do ponto de vista da quantidade dos livros editados, como também do ponto de vista da diversidade de modelos literários. De fato, para os comunistas, a vida cultural começa na Polônia a partir do ano de 1944. De acordo com essa posição, a literatura polonesa está vivendo seus momentos primordiais¹¹². Para enriquecer a oferta, o sistema literário polonês recorre à tradução. As obras a serem traduzidas são escolhidas segundo os critérios políticos. Importando os textos escritos dos países das Democracias Populares, que podem ser considerados um mega-sistema sociocultural do bloco comunista, o sistema literário polonês proporciona um ambiente que valoriza a tradução. A insuficiência do próprio sistema literário, nas palavras de Clem Robyns (1994, p. 420), permite ver a importação dos textos como um fato enriquecedor para o sistema, gerando desta maneira, um discurso positivo sobre a tradução.

Como foi assinalado no primeiro capítulo, a partir do ano de 1949, no decorrer do processo de perseguição contra os dirigentes dos partidos comunistas, Stalin descobre, na política polonesa, o chamado desvio nacionalista. Segundo Siekierski (1992, p. 167), este fato provoca a desconfiança na atual produção literária polonesa que, supostamente, instiga as posturas nacionalistas. Nessa situação, a política editorial polonesa recorre à tradução das obras soviéticas. A tradução para o polonês das teses lingüísticas de autoria de Stalin, publicadas em três artigos no mês de junho de 1950, em Moscou, e veiculadas obrigatoriamente em todas as repúblicas soviéticas, como também nos países do bloco, é uma transferência ideológica obrigatória, e um exemplo da dependência vassala do país, uma vez que o teor dos artigos não tem nenhuma relevância para o público leitor da Polônia.

A política tradutória do stalinismo demonstra uma clara preferência pela literatura soviética da atualidade e pela literatura dos países que integram o bloco soviético. Traduzem-se e editam-se, principalmente, as obras atuais do realismo socialista. Contudo, também as obras clássicas dos países do bloco entram no sistema literário polonês. A tradução leva ao público os textos escritos em búlgaro,

¹¹² De fato, nos tempos da Guerra, 80% do acervo das bibliotecas públicas e aproximadamente a mesma percentagem dos acervos particulares foram destruídos (SIEKIERSKI, 1992, p. 31).

tcheco¹¹³, eslovaco, húngaro, romeno e alemão¹¹⁴. As traduções de textos escritos nas línguas dos povos da Iugoslávia muito dificilmente aparecem no mercado editorial polonês por causa da situação política no referido país, depois do conflito entre Stalin e Tito. Da literatura dos povos da União Soviética é apresentada ao público polonês, preferencialmente, a obra dos escritores russos. Das literaturas de outros povos, integrantes da URSS, traduz-se menos. A literatura oriental soviética, armênia e azerbaijiana traduz-se por meio da língua russa. Também por meio de tradução pivô ou intermediária editam-se as literaturas mongol, coreana do norte, e chinesa, utilizando-se das traduções russas, inglesas, ou alemãs. As literaturas exóticas (soviéticas orientais, chinesa, coreana, ou mongol) estão apresentadas por meio de antologias, que demonstram caráter circunstancial e propagandista.

Paralelamente ao aumento do número de textos traduzidos das línguas do bloco soviético, o número de títulos da literatura ocidental contemporânea, traduzidos para o polonês, diminui drasticamente. Essa tendência explica-se com a existência da chamada “cortina de ferro”, o que, para o sistema literário polonês, significa a separação da literatura polonesa das tendências ideologicamente incorretas, contidas nas literaturas dos vizinhos ocidentais. Na época do *socrealismo* traduzem-se, exclusivamente, os escritores progressistas, isto é, os comunistas e os simpatizantes denominados de criptocomunistas. A visão do ocidente nos textos traduzidos corresponde à tese, oficialmente propagada, sobre a decadência da sociedade e da cultura capitalista. De acordo com estes critérios, traduz-se da literatura contemporânea norte-americana Frost; da inglesa, Aldridge; da francesa, Aragon e Eluard; da italiana, Pratolini; da literatura da Escandinávia, Andersen-Nexo; da Alemanha Ocidental, Goethe. Da literatura não europeia, os autores mais traduzidos são o romancista brasileiro Jorge Amado e o poeta chileno Pablo Neruda.

A literatura clássica das culturas ocidentais, quando aprovada pela censura, é editada em grandes tiragens e as obras são vendidas a preços populares. Esse fato deve demonstrar ao público leitor a abertura do regime para os valores reconhecidos da cultura ocidental. De um modo especial, escolhem-se para tradução os textos da época do Iluminismo e do Realismo do século XIX. Ambas as literaturas mostram uma crítica da sociedade ao declínio do feudalismo e aos primórdios do capitalismo,

¹¹³ Publicam-se os textos de Jan Drda (1915-1970), amigo do casal Amado (GATTAI, 1987, 1989).

¹¹⁴ A literatura atual alemã foi representada pelos autores da República Popular, entre eles Anna Seghers, de fato Netty Radvanai (1900-1983), também amiga do casal Amado (GATTAI, 1987, 1989).

o que corresponde à visão marxista do processo histórico. Dos autores clássicos do ocidente são traduzidos os americanos Melville, London, Twain; os ingleses Shakespeare, Defoe, Swift, Byron, Dickens, Thackeray, Conrad, Galsworthy, Show; os franceses Molier, Diderot, Voltaire, Hugo, Stendhal, Zola, Maupassant, France, Rolland, e Balzac, o mais traduzido dos clássicos ocidentais. São, também, traduzidos o espanhol Veja e os alemães Goethe e Schiller. Os textos do classicismo antigo grego e romano são publicados em séries para fins educacionais. Como afirmam Łapiński e Tomasik (2004, p. 236), essas edições estão equipadas com comentários que concedem aos textos a interpretação marxista.

A tabela a seguir apresenta a participação da literatura traduzida no sistema literário polonês nos anos de 1944 a 1986.

Tabela 1. Idiomas mais traduzidos para o polonês: 1944-1986

Anos	Traduções		Idioma do original em %								
	Nr°	%	Ru	In	Al	Fr	Tch	It	Hu	Es	XPt
1944-86	37 241	11,0	35,5	20,8	11,0	10,6	3,0	1,6	1,5	1,4	14,6
1944-55	10 040	17,4	65,2	9,7	7,8	7,6	2,7	0,9	0,7	0,5	4,9
1981-85	4 185	8,8	19,4	24,1	12,2	9,7	5,1	2,0	2,4	2,2	22,9
1986	855	9,1	19,5	27,0	15,3	8,5	4,7	2,6	1,7	2,0	18,7

Fonte: Siekierski (1992, p. 348)

Legenda: Al: alemão; Es: espanhol; Fr: francês; Hu: húngaro; In: inglês; It: italiano, Ru: russo e outros idiomas da URSS; Tch: tcheco e eslovaco, XPt: outros incluindo português

No período de 1944 a 1986, a literatura traduzida totaliza 11% de todos os livros editados. Nestas décadas, predominam, no mercado editorial, as traduções da língua russa com 35,5% do total das traduções, seguidas pelas traduções do inglês com 20,8%, do alemão com 11% e do francês com 10,6%. As traduções dos idiomas tcheco, eslovaco, italiano húngaro e espanhol perfazem o volume de um a três pontos percentuais do total dos livros traduzidos. Os idiomas não incluídos na tabela, entre eles o português, perfazem um total de 14,6% das traduções. Na época do stalinismo, porém, nos anos de 1944 a 1955, cresce o volume da participação da obra traduzida no sistema literário polonês que perfaz o total de 17,4% de todas as obras editadas. Nesta época, a participação dos textos traduzidos do idioma russo totalizava 65,2% de todos os livros editados, em detrimento do inglês com 9,7%, do

alemão com 7,8%, do francês com 7,6% e de outros idiomas, incluindo o português, com 4,9%. Nas décadas posteriores à época do stalinismo, as traduções perfazem entre 14% e 8,8% de todas as obras editadas, sendo que a relação entre as línguas se equilibra. Nessas décadas a participação dos textos traduzidos no sistema literário polonês diminui gradativamente, chegando no ano de 1986 a um volume de 9,1% de todos os livros editados. Também diminui a participação da língua russa como a língua-fonte das traduções para o polonês. No ano de 1986, traduzem-se mais obras do inglês (27%) do que do russo (19,5%). As traduções do alemão totalizam 15,3% e as do francês 8,5% de total das traduções. Cresce, entretanto, a participação dos idiomas não incluídos na tabela que, no ano de 1986, constitui um volume de 18,7% das traduções.

A partir da época do degelo, o regime introduz mudanças na política da publicação das traduções. Ao lado dos autores da URSS e das Repúblicas Populares, o leitor polonês ganha obras traduzidas dos escritores ocidentais, por exemplo, Malraux, Gide, Sartre, Kafka, Hemingway, Joyce, Beckett, Mann, Brecht e outros, ausentes até então do sistema literário polonês. A abertura do mercado editorial para os fenômenos da vida literária dos sistemas socioculturais do ocidente proporciona maior heterogeneidade ao sistema literário polonês.

3.2 JORGE AMADO BRASILEIRO: ROMANCISTA MILITANTE E EXÓTICO

Os textos traduzidos são fatos da cultura que os hospeda. Para Toury (1995, p. 27), a tradução é iniciada na cultura que recorre à tradução para suprir suas insuficiências. O pesquisador israelense postula para os estudos da tradução a necessidade de se descobrir a posição pretendida para o texto traduzido, no momento em que o mesmo está sendo introduzido em determinado sistema literário (TOURY, 1995, p. 30). Para descrever a posição dos textos de Jorge Amado, no sistema literário polonês, é necessário indagar, primeiramente, sobre o lugar que o escritor brasileiro ocupa no sistema literário brasileiro.

No momento em que a obra de Jorge Amado se faz conhecida na Polônia, o escritor, no Brasil, perfaz o perfil de um escritor comprometido com o realismo socialista. A preocupação de Amado em escrever para o povo, expressa na nota epigráfica de *Cacau*: “Será um romance proletário?” (DUARTE, 1996, p. 48), é

mantida posteriormente, como assegura o próprio autor no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (MARTINS, 1972, p. 7). A opção pelas coisas do povo torna a obra amadiana uma literatura popular, no sentido discutido pelos escritores soviéticos, e conseqüentemente, poloneses. Suspeito de populismo, como comenta Almeida (1979, p. 202), Amado é acusado no Brasil de produzir uma literatura propagandista a serviço do PC. Segundo uma parte da crítica especializada, o autor afasta-se dos cânones literários do sistema literário brasileiro (ALMEIDA, 1979, p. 210). Na mesma medida, a obra de Amado aproxima-se das características do cânone soviético. As questões referentes à relação entre o centro e a periferia do sistema literário e o papel da literatura traduzida nesta interação, estão trabalhadas por Itamar Even-Zohar (1990). Segundo o pesquisador israelense, o centro do polissistema literário está composto pelo repertório dos modelos e dos textos canonizados. Este grupo canonizado mantém o controle sobre o polissistema, manipulando os critérios para a canonização de novos textos. Os modelos, as normas e os textos canônicos são produtos visíveis de um processo de manipulação de uma elite sobre o sistema literário. No caso da literatura polonesa do pós-guerra, o centro do poder político compõe a elite que manipula o sistema sociocultural. No contexto do sistema totalitário, a literatura traduzida reforça o modelo canônico estabelecido pela elite no poder.

A tipificação dos personagens, o realismo e o otimismo da narrativa, o exercício do culto à personalidade e o intertexto com os documentos dos ideólogos comunistas na obra amadiana da época são indícios do método criativo soviético, adotado pelo escritor. Amado também toma parte na discussão sobre a literatura *socrealista*, repetindo os ditames dos teóricos do dirigismo estético. O escritor brasileiro define claramente sua posição, escolhendo a tradição positiva do realismo socialista e rejeitando os erros do formalismo, do naturalismo e do existencialismo, da tradição negativa burguesa. Classificado pela crítica brasileira como representante da literatura regionalista em oposição à linha esteticista do Movimento Modernista de 1922 (SALLES, 1982), Amado também é apresentado como o precursor do realismo socialista no Brasil (ALMEIDA, 1979, p. 216; 224). Tendo participado no II Congresso dos Escritores Soviéticos, no mês de dezembro de 1954, que buscou soluções para o esquematismo da literatura *socrealista* e afirmou

a vigência do método¹¹⁵, Amado testemunha o êxito dos debates para o público brasileiro.

A partir do XX Congresso do PC soviético no ano de 1956, que denunciou os crimes de Stalin, acontece um debate entre os intelectuais brasileiros. Na carta a João Batista de Lima e Silva do mês de outubro de 1956, Jorge Amado faz uma autocrítica referente à sua atuação nos tempos de stalinismo, citando a aderência ao culto à personalidade, em especial. Autor do livro sobre as conquistas do bloco soviético, que contém uma ode a Stalin, e promotor do método criativo do realismo socialista, o autor baiano encontra-se bastante comprometido em sua trajetória literária. Em várias entrevistas ao longo da vida, a exemplo daquela concedida a Alice Raillard (1990, p. 136), Amado afirma ser um stalinista convicto na época do realismo socialista, que endeusava Stalin. O afastamento do escritor da militância do PC, segundo Almeida (1979), apresenta-se como um fenômeno bastante complexo. Embora o próprio escritor afirme ter terminado de trabalhar para o PC no mês de dezembro de 1955 (RAILLARD, 1990, p. 263), Almeida cita o episódio da participação do escritor nas comemorações do quadragésimo aniversário da revolução bolchevique, no mês de novembro de 1957, cercado pelos dirigentes do PCB (ALMEIDA 1979, p. 240), como uma manifestação da aproximação constante do escritor com o partido.

Uma parte da crítica literária brasileira reforça a leitura da obra amadiana no sentido da literatura engajada. No ano de 1961, Eduardo Portela caracteriza o realismo dos três primeiros livros de Jorge Amado como politizado “contra tendências anti-realistas da literatura burguesa” e chama atenção à “motivação marxista do próprio autor” (*apud* MARTINS, 1961, p. 15-21). O segundo romance de Amado, *Cacau*, é reconhecido por Jorge de Lima, em 1933, como “romance proletário”. No mesmo ano, João Cordeiro chama esse romance de “livro de combate” (*apud* MARTINS, 1961, p. 67; 71). *Os Subterrâneos da Liberdade* é elevado por Pedro Lima, em 1954, à “categoria das obras universais” e à “contribuição brasileira para o realismo socialista”. Nesse romance, Amado “atingiu o nível dos maiores engenheiros das almas”, exprimindo “o típico de uma classe” por meio dos “personagens esquematizados”. Desta maneira, o romancista demonstra “a consciência do papel do escritor do partido a serviço da classe operária”

¹¹⁵ Na Polônia, o VI Congresso dos Escritores, no mês de junho de 1954, discutiu as mesmas questões.

concebendo “literatura como o instrumento da luta para o povo” (*apud* MARTINS, 1961, p. 235-237).

O tomo comemorativo publicado pela Martins Editora (1961) na ocasião dos 30 anos da vida literária do autor baiano traz vários escritos dos críticos brasileiros sobre a obra de Jorge Amado. Neles, o escritor é comparado aos expoentes do realismo como Zola e Balzac. A literatura amadiana da época também é comparada aos clássicos do romance proletário como o *Cimento* de Fedor Gladkov. No mesmo tomo ainda, uma parte da crítica brasileira compara Jorge Amado a Hemingway, Faulkner, Conrad, Gold, Dickens, Lorca, Rabelais, Gogol, Gorki, Pushkin, Dostoiévski e Tolstoi, entre outros.

Na opinião de Nelson Cerqueira (1988, p. 20-23), nos anos de 1943 a 1958, Jorge Amado escreve seguindo os postulados da literatura stalinista. O mesmo pesquisador ressalta o fato de que a recepção favorável na URSS dos romances escritos depois da rejeição do stalinismo, desde o *Gabriela cravo e canela* (1958) a *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), comprova a aderência de Jorge Amado às novas diretrizes para a literatura socialista formuladas em Moscou (CERQUEIRA, 1988, p. 41).

Outra parte da crítica brasileira denomina os romances amadianos de obras exóticas, comparando *Jubiabá* (MARTINS, 1961, p. 109) e *Mar Morto* (MARTINS, 1961, p. 138) às obras exóticas de Pierre Loti. A leitura de autores estrangeiros como Anna Seghers e Ilya Ehrenburg (*apud* MARTINS, 1961, p. 190; 221) reforça, fora do Brasil, a imagem de Amado como escritor exótico.

Durante toda a trajetória literária do escritor baiano, a crítica brasileira ressuscita as opiniões estereotipadas sobre a criação amadiana. Cinco anos após a morte de Amado, na quarta edição da Festa Literária Internacional de Paraty, entre os dias 9 a 13 de agosto de 2006, pesquisadores relembram os preconceitos associados à obra de Jorge Amado. O autor foi acusado desde o populismo literário e a execução do realismo socialista periférico, como lembra José Castello (2006, p. 28) até a exploração estereotipada do exotismo superficial e do sensualismo apelativo de um universo baiano criado para este propósito (GAMA, 2006, p. 30).

Eduardo de Assis Duarte (2006, p. 40) caracteriza Jorge Amado como “canonizado pelo público e ao mesmo tempo excluído da chamada alta literatura”, e sua obra como a “construção de uma Bahia textual marcada pela heterogeneidade”. O mesmo pesquisador (DUARTE, 1996) ressalta a necessidade de uma reavaliação

crítica da obra amadiana desde o *País do Carnaval* (1931) a *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954). A proposta de uma nova avaliação da totalidade da obra do escritor baiano traz também a pesquisadora Ana Maria Machado (2006). De acordo com o postulado de uma nova avaliação da obra amadiana, Ilana Seltzer Goldstein salienta que “Jorge Amado parece ter encampado a missão de cantar nossas particularidades, registrar uma memória nacional, divulgar a cultura popular, discutir o futuro do país”. A mesma pesquisadora afirma que “Jorge Amado inventou os estereótipos e imagens da baianidade e brasilidade”, manipulando também as representações identitárias já existentes “para ter sucesso” junto ao público leitor (GOLDSTEIN, 2006, p. 82-94). Neste sentido, o romancista baiano inventou a imagem da Bahia, que, por sua vez, ajudou a construir a imagem do romancista Jorge Amado. Segundo Ivya Alves (2006, p. 108), no futuro, a produção de Jorge Amado “provavelmente não deve sair do cânone” da literatura brasileira.

3.3 O JORGE AMADO POLONÊS

Jorge Amado entra no sistema literário polonês como escritor consagrado pelo público leitor no Brasil e no estrangeiro, com mais de dez livros publicados no país de origem, e com traduções para o espanhol, russo, francês e inglês. Na União Soviética, os romances *Cacau* e *Suor* são conhecidos desde o ano de 1935, publicados um ano depois da decretação do dirigismo estético na URSS, no ano de 1934. Na Polônia, o escritor é apresentado como militante experiente do Partido Comunista que já havia sofrido várias prisões no Brasil, tendo seus livros sido proibidos pela censura, apreendidos nas livrarias e até queimados na cidade de Salvador. Sendo o material subversivo, a posse de seus romances comprometia os proprietários. Em sua militância como escritor, o literato baiano exerceu a função de secretário do Instituto Cultural Brasil-URSS. Ligado ao Partido Comunista Brasileiro, Amado ganhou o mandato de deputado federal nas eleições do ano de 1945. No mês de janeiro de 1948, seu mandato é anulado em decorrência do decreto de ilegalidade do PCB. O militante do partido comunista parte em exílio para Paris, fugindo do Brasil mais uma vez. No mês de setembro de 1949, Amado é expulso da França com a família por motivos políticos, passando a residir na então Tchecoslováquia, de onde volta ao Brasil no mês de maio de 1952.

A projeção do escritor brasileiro nas democracias populares começa no período do exílio na Europa. Amado viaja intensamente pelos países do bloco soviético, participando de eventos literários e das reuniões partidárias. Nessas viagens, o escritor reúne um grande grupo de amigos influentes, entre personalidades da vida cultural e política dos países do bloco soviético¹¹⁶, fato que está assinalado nas dedicatórias de ambos os livros escritos neste período (TÁTI, 1961, p. 146-147). No final dos anos 40, a obra de Jorge Amado é traduzida para as línguas dos países integrantes do bloco soviético, e conseqüentemente, também para o polonês. Durante o ano de 1949, são publicadas na Polônia quatro obras do escritor brasileiro, estreadas pelo romance *Cacau*, texto já presente no sistema literário soviético por mais de dez anos. Um dos critérios da edição de traduções na época do stalinismo é a comparação com o sistema literário soviético. Se a obra funciona na URSS, pode ser introduzida no sistema nacional, e se o autor é editado sem restrições na URSS, pode ser editado no sistema nacional (SIEKIERSKI, 1992, p. 196). A premiação do romancista brasileiro com o Stalin Internacional da Paz, no dia 20 de dezembro de 1951, abre irrestritamente o mega-sistema literário do bloco soviético para o escritor. O prestígio do Prêmio Stalin corresponde, no bloco soviético, ao prestígio do Prêmio Nobel de literatura, consagrando o autor e canonizando sua obra no sistema literário das Democracias Populares, como afirma Tomasik (informação verbal, 05.10.2005).

Com referência ao sistema literário polonês, a produção de Jorge Amado, no período em que o escritor vive na Tchecoslováquia, caracteriza-se pela alta canonicidade. Nesta época surge *O mundo da paz*, editado na Polônia no ano de 1954, um relato das viagens feitas pela União Soviética e pelas Democracias Populares, sendo um trabalho que se enquadra no gênero das reportagens produzidas na Polônia com a finalidade de engrandecer as conquistas soviéticas. A intenção do autor, expressa na nota epigráfica, de rebater as calúnias divulgadas pela imprensa capitalista sobre os países do bloco, corresponde perfeitamente aos ditames da propaganda polonesa. Editado na Polônia no ano de 1953, *Os subterrâneos da Liberdade*, um relato histórico da luta dos comunistas brasileiros contra o imperialismo, coloca em primeiro plano o retrato do herói novo, um militante

¹¹⁶ Entre os amigos de Amado, está o organizador da vida cultural e chefe da corporação *Czytelnik*, Jerzy Borejsza. Durante entrevista, Zélia Gattai (15.10.2004) cita espontaneamente o nome de Borejsza, quando perguntada por mim pelos contatos que facilitaram a circulação de Amado no sistema literário polonês.

comunista, construindo um mundo melhor. Este perfil harmoniza perfeitamente com o herói novo postulado pela literatura polonesa da época. As duas obras são traduzidas imediatamente e logo editadas na Polônia.

No sistema literário polonês, o escritor brasileiro permanece um autor marxista ortodoxo ainda no mês de janeiro de 1957, no momento da edição da biografia de Castro Alves, de sua autoria. Numa atmosfera da atuação agravada da censura na Polônia, depois do momento do degelo, Amado é editado pela última vez no período stalinista, e volta a ser traduzido após um intervalo de onze anos.

3.3.1 A imprensa sobre o escritor

A imprensa polonesa segue, com interesse, todos os passos do escritor brasileiro, desde a sua primeira visita à Polônia, no ano de 1948. Os jornais registram, o momento em que Amado foi expulso da França e fixou residência na Tchecoslováquia. Nos anos que se seguem, o leitor polonês é informado sobre as atividades que o escritor exerce, tanto durante repetidas visitas à Polônia, como também sobre sua vida no Brasil e seus planos artísticos, tudo até o ano de 2001. Todas as edições polonesas da obra do escritor são acompanhadas pela crítica literária.

O jornal *Gazeta Robotnicza*¹¹⁷ (JORGE, 1949a, p. 1), órgão oficial do POUP nas terras recuperadas, noticia no dia 22 de setembro de 1949 que “Jorge Amado, eminente escritor brasileiro e militante pelas causas da paz, deixou Paris, expulso pelo governo francês”. A notícia é intitulada *Jorge Amado deixou Paris*. O referido jornal, no dia 25 de setembro do mesmo ano, traz a notícia intitulada *Jorge Amado chegou a Praga*, onde divulga que “o eminente escritor brasileiro, expulso pelo governo francês, chegou à capital tchecoslovaca” (JORGE, 1949b, p. 1). No momento em que foi banido da França, Amado já é conhecido na Polônia, especialmente na cidade de Wrocław, a sede do Primeiro Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz. Segundo notícias da imprensa polonesa que acompanharam a

¹¹⁷ *Gazeta do Trabalhador*, em polonês.

permanência do escritor brasileiro na Polônia, Amado visitou o país por seis vezes¹¹⁸, nos anos de 1948 a 1955.

O jornal da capital polonesa de circulação nacional, *Życie Warszawy*¹¹⁹ (BZ, 1953, p. 3), publica no dia 21 de janeiro de 1953 a matéria intitulada *Entrevista com Jorge Amado*, com o subtítulo *Quarta vez na Polônia*. O autor da entrevista enumera as visitas anteriores do escritor brasileiro, mencionando como primeira a visita ao Congresso de Wrocław, seguida por duas visitas a Varsóvia, no ano de 1950, para o II Congresso dos Escritores e para o II Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz¹²⁰. Amado visita a capital pela quarta vez, voltando de Moscou, onde participou da entrega do Prêmio Stalin à sua conterrânea e militante do PCB Elisa Branco. O escritor aproveita a estadia na capital para fechar com a *Czytelnik* o contrato sobre a edição de *Os subterrâneos da liberdade* em polonês. Ainda no mês de janeiro, o autor baiano planeja viajar para Praga, de onde volta para o Brasil, no mês de fevereiro do mesmo ano de 1953.

Num artigo, escrito exclusivamente para *Trybuna Ludu*¹²¹, o órgão do Comitê Central do POUP, Amado (1953, p. 4) expressa suas impressões sobre a reconstrução de Varsóvia, mencionando suas vindas à capital polonesa. Na recordação do autor, a primeira visita, cuja finalidade foi a preparação do primeiro Congresso pela Paz, aconteceu no início do ano de 1948. No artigo, Amado faz menção à cidade arruinada ainda em vias de reconstrução, e cita a visita feita ao campo de concentração de *Auschwitz*¹²². Novamente, o escritor visitou Varsóvia no ano de 1950. Amado refere-se ao II Congresso pela Paz e salienta os efeitos positivos da reconstrução da capital. O artigo é escrito na ocasião de mais uma visita do escritor brasileiro a Varsóvia. Amado qualifica positivamente os esforços “do trabalhador polonês na construção do socialismo”, guiado “pela luz do Kremlin” e

¹¹⁸ À minha pergunta sobre o número de vezes que Jorge Amado visitou a Polônia, Zélia Gattai respondeu que várias, mais do que duas (entrevista, 15.10.2004). A própria escritora menciona duas visitas de Jorge Amado à Polônia, no ano de 1948 a Varsóvia, para os preparativos do Congresso (GATTAI 1987, p. 70) e a Wrocław, para participar no próprio Congresso (GATTAI, 1987, p. 76-77; 1989, p. 150). O subsídio da Fundação Casa de Jorge Amado (RUBIM; CARNEIRO, 1992, p. 46) menciona, também, duas viagens: ao Congresso de Wrocław, no ano de 1948, e a Varsóvia, para o II Congresso dos Escritores Poloneses. As duas fontes, consideradas juntas, estabelecem o número de três visitas do escritor à Polônia.

¹¹⁹ *A Vida da Varsóvia*, em polonês.

¹²⁰ O II Congresso dos Escritores aconteceu no mês de junho, e o II Congresso Internacional pela Paz, no mês de novembro de 1950.

¹²¹ *A Tribuna do Povo*, em polonês.

¹²² Em polonês, o lugar se chama de *Oświęcim*.

elogia o presente que o governo soviético doou à cidade, na forma de Palácio da Cultura¹²³.

A sexta visita à Polônia do escritor brasileiro aconteceu no mês de julho de 1955. O jornal *Życie Warszawy* traz uma entrevista com o autor, intitulada *Um livro novo e... um filme* (WYS, 1955, p. 8). O subtítulo da matéria explica, que se trata de um encontro com Jorge Amado. Amado, entrevistado no hotel Bristol, está em Varsóvia de passagem, voltando de Helsinque, onde participou do Congresso Mundial pela Paz. No decorrer da entrevista, o jornalista sugere a participação do autor brasileiro no V Festival Internacional da Juventude e dos Estudantes, na capital polonesa, previsto para o período de 31 de julho a 14 de agosto. Amado nega sua participação, sugerindo compromissos urgentes no Brasil. No final da matéria, o jornal publica a dedicatória e o autógrafo do escritor: “Com a melhor estima para *Życie Warszawy*. Jorge Amado”. No ano de 1961, Flavio Costa testemunha nas páginas do *Jornal da Bahia* o prestígio que Jorge Amado gozava nas ruas de Varsóvia, nos dias do referido Festival. O autor escreve para o jornal soteropolitano: “na Polônia, em 1955, vi nas ruas de Varsóvia enormes retratos seus de oito a nove metros de altura pregados nas paredes dos edifícios, durante os dias do Festival da Juventude” (*apud* MARTINS, 1961, p. 328). A tabela a seguir apresenta o registro das viagens do escritor baiano para a Polônia, comentadas pela imprensa nacional.

Tabela 2. Visitas de Jorge Amado à Polônia registradas pela imprensa nacional

Nr°	Data	Lugar	Finalidade
1	Junho de 1948 ¹²⁴	Varsóvia	Preparação do 1° Congresso pela Paz
2	Agosto de 1948	Wrocław	Participação do 1° Congresso pela Paz
3	Junho de 1950	Varsóvia	Participação do 2° Congresso dos Escritores
4	Novembro de 1950	Varsóvia	Participação do 2° Congresso pela Paz
5	Janeiro de 1953	Varsóvia	Passagem de Moscou a Praga
6	Julho de 1955	Varsóvia	Passagem de Helsinque ao Brasil

¹²³ O Palácio da Cultura, erguido em 1955, um arranha-céu que domina o centro da cidade, onde se concentra a vida cultural oficial, foi o presente de Stalin para Varsóvia. Na época, o prédio mais alto da cidade metaforicamente acentuava a dominação soviética sobre a cultura polonesa.

¹²⁴ No artigo para *Trybuna Ludu*, Amado situa a primeira visita a Polônia no início do ano de 1948. Segundo Zélia Gattai (1987, p. 70) a viagem aconteceria no mês de julho do mesmo ano. A revista *Odrodzenie*, que acompanhou a primeira visita do escritor, situa-a na segunda metade do mês de junho de 1948.

Antes de ter os primeiros livros traduzidos e publicados na Polônia, Jorge Amado torna-se conhecido no país por meio da divulgação na imprensa nacional e regional, que o caracteriza como militante e deputado federal pelo PC, assim como escritor perseguido que se ergueu da condição de miséria com o trabalho próprio (KAKAO, 1949, p. 4). A revista *Odrodzenie* (JORGE, 1948a, p. 8) pública uma curta biografia do autor na ocasião de sua visita a Varsóvia, no mês de julho de 1948. O artigo informa que “eminente escritor brasileiro Jorge Amado” é um dos organizadores do Congresso. Na biografia do autor salienta-se o fato de que muito jovem ainda, com 19 anos apenas, Amado estréia com seu primeiro livro. O texto menciona o sucesso do *Jubiabá* junto ao público mundial e a proibição dos livros amadianos no Brasil e em todos os países da língua portuguesa. O artigo enumera sete livros do escritor baiano e classifica Amado de “escritor realista da escola romântica”. O final do texto traz a informação de que “Frédéric Mistral, poeta francês e prêmio Nobel, referiu-se à literatura de Jorge Amado: Amado é o maior escritor contemporâneo brasileiro e latino-americano, além de ser um homem fiel ao seu povo.”¹²⁵

A participação de Amado no Congresso Mundial de 1948 é comentada nacionalmente. O jornal de circulação nacional *Dziennik Ludowy*¹²⁶ (WYBITNY, 1948, p. 2) traz um artigo intitulado *Excelente escritor brasileiro visita a Polônia*. Nele, Jorge Amado¹²⁷ é apresentado como “escritor progressista”, “autor de 13 livros, traduzidos para vários idiomas” e “um militante, que perseguido pelo governo reacionário do Brasil, está vivendo no exílio político”. No artigo, o próprio Jorge Amado anuncia para o ano seguinte a edição polonesa de *Terras do sem fim*, e declara que “a defesa da paz é o primeiro dever dos intelectuais”. Também, o jornal regional *Ziemia Pomorska*¹²⁸ traz entrevista concedida por Amado na ocasião do Congresso. O entrevistador descreve o escritor brasileiro como “um homem jovem e magro de pele morena [...] temperamental e dinâmico, como só um sulista consegue

¹²⁵ Frédéric Mistral (1830-1914), Nobel de literatura em 1904. Não é possível que ele conhecesse a obra de Amado, pois no momento da morte do poeta, Amado tinha apenas dois anos de idade. A razão de incluir esta informação no texto é bastante curiosa. Pode-se pensar que uma citação da opinião positiva sobre Amado atribuída à celebridade mundialmente reconhecida deve reforçar a imagem do escritor brasileiro junto ao público polonês. A manipulação torna-se mais fácil pelo fato de que o artigo não é assinado pelo autor. Existe também a possibilidade de um simples erro.

¹²⁶ *O Jornal Popular*, em polonês.

¹²⁷ Neste artigo, o nome do escritor aparece com a grafia “Gorje Amado”. O nome aparece no artigo duas vezes na mesma forma. Em todo o período posterior, a imprensa polonesa chama o escritor de Jorge Amado.

¹²⁸ *A Pomerânia*, em polonês, a região norte da Polônia.

ser”¹²⁹. Na entrevista, Amado fala sobre a necessidade da reforma agrária no Brasil, “um país de grandes latifúndios e de exploração imensa do operário”, onde “vivem 45 milhões de habitantes, sendo 30 milhões deles agricultores”. O notável brasileiro é autor de 13 livros traduzidos para vários idiomas e um militante perseguido que vive no exílio pela terceira vez. Atualmente, Amado viaja pelas Democracias Populares, colhendo material para o novo livro. O entrevistador compara Amado com Gorki e caracteriza sua prosa como “altamente artística, apimentada com uma publicística temperamental” (LACH, 1948, p. 2).

Leopold Staff¹³⁰ (1878-1957), notável poeta e tradutor, prefacia no ano de 1949 um artigo sobre os escritores traduzidos recentemente para o polonês (STAFF, 1949, p.1). No texto, Staff homenageia Jorge Amado e Luis Aragon. Staff compara Amado aos profetas bíblicos, escrevendo: “Antigamente, apedrejavam-se os profetas. Hoje, perseguem-se os poetas”. Nas palavras do poeta: “nova Polônia, que pertence ao bloco da paz, recebe escritores expatriados”. O texto qualifica a obra de Amado de “uma verdadeira descoberta em matéria do realismo socialista”, e chama o romancista de “maior escritor da América Latina, ao lado de Pablo Neruda”. Politicamente, Amado é qualificado como “inimigo dos ‘gringos’, como se costuma chamar no Brasil os exploradores norte-americanos”.

A revista semanal *Niedziela na wsi*¹³¹ traz, no mês de setembro de 1949, um artigo sobre a literatura brasileira (HOŁYŃSKA¹³², 1949, p. 3). O texto intitulado *Literatura na terra do café* começa pela afirmação de que “em lugar nenhum do mundo a literatura retrata a vida de um país igual à literatura brasileira, pois, nela, todas as condições político-econômico-sociais são documentadas nos textos com a exatidão fotográfica”. A autora discorre, em seguida, sobre a história da literatura brasileira. Chegando ao século 20, ela destaca a industrialização do país, que gerou o “romance burguês sem acento revolucionário, copiando as tendências européias” e o modernismo brasileiro, que provocou o interesse “pela problemática social e pela luta de classes da nova literatura brasileira”. Sobre a literatura brasileira atual, a autora comenta:

¹²⁹ No início da entrevista, Amado apresenta seu intérprete, o brasileiro Israel Pedrosa, caracterizado pelo jornalista como “um jovem de traços negróides” (LACH, 1948). Este é o único texto que indica que Amado não fala polonês.

¹³⁰ Staff, um dos literatos conhecidos antes da Segunda Guerra e comprometido com o regime comunista, trabalha no Movimento pela Paz junto com Jorge Amado.

¹³¹ *O Domingo no campo*, em polonês.

¹³² Tradutora de Jorge Amado para o polonês.

A literatura contemporânea possui três vertentes. A primeira compreende a poesia que busca a solução dos problemas num ambiente de melancolia e inquietação. A segunda vertente perfaz os escritores ligados à ideologia católica de Jacques Maritain. Os melhores talentos, porém, envolveram-se no romance de cunho social. Esta terceira vertente caracteriza-se por uma temática variada e interessante, devido à abundância dos contrastes sociais que envolvem a vida e o trabalho nas plantações (HOŁYŃSKA, 1949, p. 3).

Entre os melhores talentos comprometidos com a problemática social, Holyńska enumera Jorge Amado, “autor dos excelentes romances sobre a vida dos trabalhadores nas plantações de cacau, que retratam com perfeição as relações de trabalho e a vida dos explorados”. A autora finaliza seu texto com a constatação de que “para o leitor europeu, a problemática da luta do homem contra a natureza permanece um tema original e exótico”.

O motivo do exotismo nas obras de Jorge Amado retoma, no ano de 1950, o crítico literário e tradutor, Egon Naganowski (1913-2002). No artigo para *Nowa Kultura* (NAGANOWSKI, 1950, p. 6-7; 10), falando da obra amadiana, o autor refere-se ao conceito do exotismo na perspectiva do modelo criativo do realismo socialista. Para Naganowski, “os tempos do exotismo na literatura já passaram”. O novo público leitor polonês, mais crítico e comprometido com a justiça social, “não olha para os países longínquos com os olhos de Pierre Loti¹³³ ou Arkady Fiedler¹³⁴”, mas está consciente “da miséria do proletariado japonês” e do fato de que “a África sofre sob o jugo do colonialismo”. Em seguida, escreve Naganowski (1950, p.6):

Temos consciência de que aquilo que une os habitantes das margens de Vístula, Yang-Tze, Congo ou Amazonas é muito mais forte do que algumas diferenças de cunho geográfico e econômico. Sabemos que a luta pela liberdade e pela melhoria das condições sociais de uma pessoa simples – habitante de qualquer lugar e falante de qualquer idioma – é mais importante e muito mais empolgante de que o misterioso ritmo dos atabaques, a magia dos negros, as feras selvagens ou as cidades da América pré-colombiana.

Anulando as categorias geográficas na delimitação das categorias de “próprio” e de “estranho”, Naganowski prossegue com a conceituação do exotismo aceitável no sistema literário polonês da época:

¹³³ Loti escreve sobre o Japão e a Turquia e é proibido na URSS (AMADO, 1992, p.452).

¹³⁴ Fiedler faz 30 viagens por todos os continentes, também viaja pela África. O autor visita o Brasil por várias vezes.

A mudança na maneira de pensar o exotismo desperta em nós a busca por outras qualidades da, assim chamada, literatura exótica. Simpatizamos hoje com os escritores que desafiam os interesses políticos do imperialismo, desagradando os gostos estrangeiros e espelhando fielmente a realidade dos problemas que atingem seus povos (NAGANOWSKI, 1950, p.6).

Como exemplo do autor exótico que preenche as exigências acima mencionadas, o crítico polonês cita Jorge Amado “condenado no Brasil pelo depoimento dado no Congresso em Wrocław, e autor de *Cacau*, *Suor*, *O cavaleiro da Esperança* e *Terras do sem fim*, livros lançados em língua polonesa no ano de 1949”.

O mesmo autor profere em Varsóvia, no verão do ano de 1955, uma conferência intitulada *Brasil na obra de Jorge Amado*. Numa monografia de 23 páginas datilografadas, Naganowski (1955) traça a história do Brasil e as condições do momento atual do país sul-americano. O autor salienta o fato de que “na metade do século vinte, no Brasil, o agricultor trabalha nas condições de escravo medieval, um quarto da população sofre de fome e 80% das crianças não freqüentam a escola”. O autor apresenta, também, a figura do poeta antiescravista Castro Alves, “admirador da poesia de Mickiewicz”. Traçando a história do Brasil, Naganowski (1955, p. 2) salienta a atual dependência da economia brasileira do capital estrangeiro e cita o monopólio de “*Light and Power* e *Bond and Share* no mercado brasileiro da energia elétrica, além de *Standard Oil* que domina o mercado dos combustíveis”. No breve histórico da literatura brasileira (NAGANOWSKI, 1955, p. 3-4), o palestrante concede a maior importância aos “autores da poesia e do romance de cunho social e revolucionário, entre eles os comunistas Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, e, em especial, o Prêmio Stalin pela Paz, Jorge Amado”. Na biografia de Amado, fortemente romantizada por Naganowski, o escritor brasileiro nasce perto da cidade portuária, São Jorge dos Ilhéus no estado da Bahia e aos 13 anos de idade, foge do colégio dos Jesuítas para, em seguida, trabalhar como operário nas plantações de cacau. Como trabalhador, o jovem Amado assiste à passagem da Coluna Prestes, fato decisivo de toda sua futura vida. Os primeiros passos de escritor militante, Amado dá num jornal regional de oposição, escrevendo, em seguida, seis romances sobre a Bahia. Trabalhando como jornalista, Amado consegue formar-se em direito. A militância “leva o escritor para a prisão e seus livros para a lista das posições proibidas” (NAGANOWSKI, 1955, p. 6).

Uma década depois, o jornal *Życie Warszawy*, (RZ, 1966, p. 4) traz a matéria intitulada *Jorge Amado e a política*. O artigo revela que “neste ano, o inverno cultural paulista e carioca está sob o signo do novo livro de Jorge Amado, um escritor bem conhecido na Polônia”. O autor baiano “construiu um colorido lar numa mansão na cidade de Salvador”, onde trabalha “lançando a cada dois anos um livro novo.” A característica de sua obra permanece “a temática ligada à terra natal, suas tradições e seu povo”. A matéria traz também a opinião de Jorge Amado sobre o atual momento político no Brasil. Amado “considera a si mesmo escritor engajado e intelectual que luta pela democracia contra um governo reacionário da ditadura militar”. O artigo descreve a situação do perseguido PC brasileiro que, operando na clandestinidade, tenta reunir os operários e outras forças patrióticas, numa frente contra o regime. Amado, que “goza de grande aceitação popular e de reconhecimento de vários setores da sociedade, colabora na elaboração da ampla frente nacional contra a ditadura do regime militar”.

A revista literária *Życie Literackie*¹³⁵ (JORGE, 1973, p. 15) traz a tradução de um fragmento da entrevista que Jorge Amado concedeu ao jornalista francês do diário *Le Monde*¹³⁶. O escritor brasileiro “aos 61 anos de idade é lido no mundo inteiro, traduzido para 33 idiomas e seus 15 livros somam mais que 500 edições”. No decorrer da entrevista, Amado define seu papel como “escritor no meio de uma nação em condições de pobreza que luta pelo bem estar social e pelo progresso”. O escritor determina sua tarefa como a posição “de estar ao lado do povo em sua militância pela liberdade e pelos direitos humanos”. Nos seus livros, Amado afirma “atingir os problemas econômicos e culturais mais urgentes do povo brasileiro”.

O texto no jornal *Życie Warszawy* (BR, 1977, p. 2.), intitulado *65º aniversário de Jorge Amado*, traz uma homenagem na ocasião do aniversário do escritor. O artigo reproduz os apelidos que Amado recebe no Brasil, tido como “o homem bom do Rio Vermelho” e “Gorki brasileiro”. Sobre a fama do escritor latino-americano na Europa, o jornal escreve: “Jorge Amado é o escritor latino-americano mais conhecido. Dez anos antes do *boom* da literatura ibero-americana nos anos sessenta, Amado já é conhecido na Europa, abrindo os caminhos para a literatura do seu continente”. A literatura de Amado é caracterizada como “a escrita que penetra o mundo dos pobretões, pescadores, alugados, vagabundos e ladrões”. O

¹³⁵ *A Vida Literária*, em polonês.

¹³⁶ O jornal francês é considerado um periódico de orientação esquerdista.

estilo amadiano, o jornal define com um neologismo na língua polonesa, utilizando o termo de *Brasiliada*, isto é, retrato do Brasil, “um país que impressiona os estrangeiros com sua mistura da beleza e da pobreza, da alegria de viver, do erotismo, do exótico e da tristeza”. A ideologia do escritor é conceituada como “a ideologia da esperança contra o desespero”. Na biografia do autor, o acento cai sobre sua infância na região cacauzeira, sua fuga de casa e “o sucesso literário com a publicação da novela intitulada *A semana*, aos 15 anos de idade.”¹³⁷ A vida adulta de Amado é marcada pela militância no partido comunista, especialmente no período em que o escritor mora na Europa e “visita também a Polônia”. O texto finaliza com a citação dos “autores tidos por Amado como modelos: Cervantes, Tolstoi, Zola, Gorki”.

O mesmo jornal *Życie Warszawy* (LEGIA, 1984, p. 5) informa o público leitor polonês sobre o fato do presidente da França outorgar a Jorge Amado a comenda da Legião de Honra. O artigo denomina o escritor brasileiro de “um homem de esquerda, militante pela paz e pelo progresso”.

No ano do trigésimo aniversário do lançamento de *Gabriela cravo e canela*, o periódico polonês *Kultura* (MIM, 1988, p. 4) traz a notícia sobre o simpósio internacional, organizado na cidade de Salvador. O artigo começa com a menção de que “o mais conhecido escritor latino-americano, hoje com 76 anos de idade, Jorge Amado, habita a cidade na margem da Bahia de Todos os Santos”. O escritor é “venerado e aplaudido pelo público que já esqueceu sua militância junto ao PC brasileiro e o prêmio Stalin pela Paz a ele concedido”. Amado “outrora deputado federal comunista, que se retirou da militância, permanece um homem de esquerda, embora muito tolerante, pois leva a metade do ano morando nos EUA.” O autor baiano é “um escritor muito lido na Europa, mais de que os autores da língua espanhola, embora sua obra seja mal interpretada no Velho Continente”.

A morte de Jorge Amado repercutiu na imprensa polonesa. O jornal *Rzeczpospolita*¹³⁸ (SOWULA, 2001, p. 11) traz na página dos necrológios um texto intitulado *O pai amado de estereótipo*. O autor do artigo recorda a biografia do escritor baiano, enfatizando seu passado marxista, suas viagens pelas Democracias Populares e a condecoração com o Prêmio Stalin pela Paz. A obra de Amado, “uma narrativa sobre a Bahia, cheia de cores, de erótica e de fantasia”, embora avaliada

¹³⁷ Trata-se de um erro. *A semana* é um periódico com o qual Amado colaborou naquela época.

¹³⁸ *A República*, em polonês.

por parte da crítica brasileira como “a criação de uma imagem falsificada do Brasil”, foi um sucesso junto ao público leitor. No final do necrológio, o autor especula se o escritor Jorge Amado “sofreu por ver frustrada sua esperança pelo Prêmio Nobel de literatura”.

Duas semanas após a morte do escritor brasileiro, a revista semanal *Forum* (COELHO, 2001, p. 14) publica a tradução do texto publicado no *Corriere Della Sera*, no qual Paulo Coelho escreve em memória de Jorge Amado. A matéria intitulada *Um coração puro* situa Amado, “o maior escritor brasileiro do século 20”, entre os amigos de Coelho, que lhe ajudaram na carreira literária.

O verbete sobre Jorge Amado no *Dicionário Enciclopédico da Literatura* (CISAK; ŽBIK, 1999) divide a obra literária do escritor baiano em dois períodos. No primeiro, que compreende os anos de 1931 a 1957, o escritor é definido como “um militante comunista cuja obra demonstra traços do realismo socialista e do neo-realismo”. A partir do ano de 1958, a obra do “adepto do sincretismo afro-brasileiro da religião candomblé” é definida como “narrativas cheias de humor, que descrevem o ser humano em suas relações e no ridículo de seus hábitos”.

3.3.2 Textos extraliterários de Jorge Amado

Paralelamente a matérias escritas pelos jornalistas poloneses sobre a vida do escritor baiano, a imprensa nacional e local veicula os artigos de publicística de autoria do próprio Jorge Amado, não ligados diretamente a sua atividade literária. O primeiro deles é o texto de seu discurso proferido no Congresso Mundial pela Paz em Wrocław. O jornal de circulação nacional *Głos Ludu*¹³⁹ publica sua fala na íntegra no artigo intitulado *Jorge Amado – representante do Brasil* (JORGE, 1948b, p. 4). No mesmo dia, os jornais de circulação regional, como o *Ziemia Pomorska*, relatam o discurso amadiano. O artigo intitulado *Parlamento das mentes livres* (PARLAMENT, 1948, p. 1) descreve vários discursos proferidos no segundo dia do Congresso. Sobre a fala de Jorge Amado, o referido jornal comenta: “O discurso temperamental de Jorge Amado caracterizou-se pelas acusações passionais contra o imperialismo americano que explora os países da América Latina”.

¹³⁹ *A Voz do povo*, em polonês.

Todos os anos, no mês de dezembro, na ocasião do aniversário de Stalin, a imprensa polonesa traz a homenagem para “o pai das nações”. No ano de 1949, *Dziennik Literacki*¹⁴⁰ publica um texto de Jorge Amado, intitulado *Os votos do povo brasileiro* (AMADO, 1949, p. 2) na tradução autorizada de Eugeniusz Gruda¹⁴¹. No texto, Amado cumprimenta Stalin a pedido “dos indígenas perdidos na selva amazônica, dos seringueiros, escravos da indústria da borracha, dos negros, mulatos e mestiços do Nordeste, dos mineiros e do proletariado das indústrias do sul do país”. Todos eles clamam ao “chefe do povo soviético e mestre dos povos do mundo” e agradecem “pela revolução, pela construção do socialismo e pelo caminho que se abriu para atingir o comunismo”.

No ano de 1950, o jornal *Odrodzenie* traz um texto de Amado (1950, p. 1) intitulado *Contra o terror policial, os povos da América Latina respondem com a luta pela paz*. No artigo, Amado conta da luta dos povos argentino, chileno e brasileiro contra o terror com que os próprios governos oprimem tanto os militantes comunistas, como também as massas populares. Amado denuncia os governos por se deixarem coagir pelos Estados Unidos no combate contra o movimento comunista e cita as personalidades perseguidas, que gozam de apoio popular dos compatriotas: Alfredo Varela na Argentina, Pablo Neruda no Chile e Luis Carlos Prestes no Brasil. Os povos latino-americanos, nas palavras de Amado, “demonstram na luta pela paz, o amor pela União Soviética e seu grande Guia e Mestre, o camarada Stalin.” O texto termina com a expressão da esperança de que “os povos latino-americanos lutem pela paz, fortalecidos pelo exemplo do povo chinês, que conseguiu sua libertação”.

Por mais uma vez, Amado comenta os acontecimentos na América Latina no artigo intitulado *A luta dos povos subjugados*. Nele, o escritor comenta que

O imperialismo dos EUA exige dos governos latino-americanos a total obediência. O camarada Stalin chama atenção do mundo ao fato de que os representantes dos países latino-americanos na ONU desempenham o papel de fantoches, manipulados pelo governo norte-americano. Esses governos traem seus povos. Por isso, têm medo da literatura dos escritores comprometidos com o povo (AMADO, 1951a, p. 3).

No mesmo ano, *Życie Warszawy* publica um artigo de autoria de Jorge Amado intitulado *O estilo americano de viver*, em que o autor desmascara a

¹⁴⁰ O *Diário literário*, em polonês.

¹⁴¹ Tradutor de Jorge Amado para o polonês.

civilização norte-americana. Amado traz dois episódios de racismo contra os negros, cometidos pelos cidadãos dos EUA, ambos ocorridos no Rio de Janeiro, em Copacabana. No primeiro caso, a vítima foi uma brasileira negra, expulsa do elevador do luxuoso prédio onde morava, pela turista norte-americana. No segundo caso, tratava-se de um boxeador negro, Joe Luis, expulso do melhor hotel da cidade pelos compatriotas brancos. Os “espiões americanos”, como Amado (1951b, p. 4) chama os turistas, trazem para o Brasil “a superior civilização americana, construída na discriminação, na ignorância e na brutalidade”. Para o autor, “os americanos medem o valor do ser humano pela cor de sua pele e pelo dinheiro que o mesmo consegue ganhar”. O autor do artigo avalia a literatura norte-americana contemporânea como “profundamente pessimista, desiludida e insalubre”. A ciência estadunidense “utiliza a energia atômica exclusivamente para os fins de guerra”. De acordo com a visão dicotômica do mundo, obrigatória na época, Amado cita os esforços dos cientistas soviéticos que “usam a energia do átomo para a felicidade e o progresso da humanidade”. Na mesma maneira a União Soviética “realiza o humanismo verdadeiro, humanismo soviético, que respeita a dignidade humana e assegura o direito à felicidade do ser humano”.

A ligação profunda entre Angola e Brasil é tema do artigo de Jorge Amado publicado originalmente na revista *Tempos Brasileiros*, e traduzido para o polonês no ano de 1964. No texto, Amado (1964, p. 2.) chama atenção às feições da cultura angolana, presentes no cotidiano da cidade de Salvador “no candomblé, na capoeira, na dança, na música e na culinária”. Amado contesta o silêncio da opinião pública brasileira acerca da luta do povo angolano contra o colonialismo de Portugal e exige uma clara posição do apoio aos anseios dos angolanos. O autor do artigo declara: “somos um povo que luta contra todas as formas do atraso. A luta contra o colonialismo e a luta dos oprimidos contra os exploradores é também a nossa luta”.

No verão do ano de 1968, na cidade de Varsóvia, acontece a exposição das esculturas do artista brasileiro Vasco Prado. Jorge Amado escreve sobre a obra do escultor no boletim que acompanha o evento (AMADO, 1968a). Amado coloca Prado “que nunca padeceu aos modismos, entre os maiores nomes da arte brasileira”. O escultor é “um mestre de arte difícil, que nasce do trabalho árduo e da paixão cotidiana”. Os textos extraliterários de autoria de Jorge Amado veiculados na imprensa polonesa tratam, principalmente, da problemática política no Brasil, na América Latina e no mundo. Os artigos abordam, também, os assuntos culturais.

3.3.3 A literatura de Jorge Amado na Polônia

A obra de Jorge Amado, presente no sistema literário polonês, compreende 17 traduções, entre romances, biografias e diários de viagem, editadas e reeditadas, separadamente ou em conjunto, ao todo, em 26 edições. Entre o ano de 1949 e 1957, são traduzidas 11 obras, editadas e reeditadas em 20 edições. Entre o ano de 1968 e 1993, são traduzidas 6 obras, editadas e reeditadas em 6 edições.

A tabela a seguir apresenta a distribuição das traduções da obra amadiana na Polônia, entre os anos de 1949 e 1993.

Tabela 3. A distribuição das traduções da obra amadiana nos anos de 1949 a 1993

Ano	Título em polonês	Título em português	Tradutores	Editora
1949	<i>Kakao</i> <i>Świt Brazylii (Kakao; Pot)</i> <i>Rycerz Nadziei</i> <i>Ziemia krwi i przemocy</i>	<i>Cacau</i> <i>Cacau e Suor</i> <i>O cavaleiro da esperança</i> <i>Terras do sem fim</i>	Holyńska; Gruda Holyńska; Gruda Holyńska; Gruda Wrzoscowa	Czytelnik Czytelnik Czytelnik Czytelnik
1950	<i>Jubiaba</i> <i>Ziemia złotych płodów</i> <i>Drogi głodu</i> <i>Albania radosna</i>	<i>Jubiabá</i> <i>São Jorge dos Ilhéus</i> <i>Seara Vermelha</i> <i>A Albânia é uma festa</i>	Holyńska; Gruda Wrzoscowa Holyńska; Gruda Holyńska; Gruda	Czytelnik Czytelnik Czytelnik Czytelnik
1951	<i>Zamarłe morze</i> <i>Rycerz Nadziei</i> <i>Drogi głodu</i>	<i>Mar morto</i> <i>O cavaleiro da esperança</i> <i>Seara Vermelha</i>	Holyńska; Gruda Holyńska; Gruda Holyńska; Gruda	Czytelnik Czytelnik Czytelnik
1952	<i>Świt Brazylii (Kakao; Pot)</i>	<i>Cacau e Suor</i>	Holyńska; Gruda	Czytelnik
1953	<i>Zamarłe morze</i> <i>Ziemia krwi i przemocy</i> <i>Ziemia złotych płodów</i> <i>Podziemia wolności</i>	<i>Mar morto</i> <i>Terras do sem fim</i> <i>São Jorge dos Ilhéus</i> <i>Os subterrâneos da liberdade</i>	Holyńska; Gruda Wrzoscowa Wrzoscowa Holyńska; Gruda	Czytelnik Czytelnik Czytelnik Czytelnik
1954	<i>Drogi głodu</i> <i>Świat pokoju</i>	<i>Seara Vermelha</i> <i>O mundo da paz</i>	Holyńska; Gruda Holyńska; Gruda	Czytelnik PIW
1956	<i>Kakao</i>	<i>Cacau</i>	Holyńska; Gruda	Czytelnik
1957	<i>Opowieść o Castro Alvesie</i>	<i>ABC de Castro Alves</i>	Holyńska; Gruda	PIW
1968	<i>Gabriela</i>	<i>Gabriela cravo e canela</i>	Wrzoscowa	KiW
1972	<i>Gabriela</i> <i>(Starzy marynarze: Podwójna śmierć Kuby Wodowstręta)</i>	<i>Gabriela cravo e canela</i> <i>Os velhos marinheiros: (O capitão de longo curso; Quincas Berro D'água)</i>	Wrzoscowa Wrzoscowa; Gruda	KiW KiW
1975	<i>Pasterze nocy</i>	<i>Os pastores da noite</i>	Wrzoscowa	KiW
1989	<i>Tereza Batista wojowaniem zmęczona</i>	<i>Teresa Batista cansada de guerra</i>	Reis	WL
1993	<i>Dona Flor i jej dwóch mężów</i>	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	Lenczewska	WL

Legenda: PIW: Państwowy Instytut Wydawniczy (Instituto Editorial do Estado); KiW: Książka i Wiedza (Livro e Conhecimento) WL: Wydawnictwo Literackie (Editora Literária)

Nos anos de 1949 a 1957, o leitor polonês tem à sua disposição, no mercado editorial, as seguintes traduções: no ano de 1949, são editados *Cacau* separadamente, e numa edição conjunta com *Suor*, *O cavaleiro da esperança* e *Terras do sem fim*, ao todo quatro edições. No ano de 1950 são editados *Jubiabá*, *São Jorge dos Ilhéus*, *Seara Vermelha* e *A Albânia é uma festa*, um capítulo do livro *O mundo da paz*, ao todo quatro edições. No ano de 1951 são editados *Mar morto*, *O cavaleiro da esperança*, *Seara vermelha*, ao todo três edições. No ano de 1952 é editado, em conjunto, *Cacau* e *Suor*. No ano de 1953 são editados *Mar morto*, *Terras do sem fim*, *São Jorge dos Ilhéus* e *Os subterrâneos da liberdade*, ao todo quatro edições. No ano de 1954 são editados *Seara vermelha* e *O mundo da paz*, ao todo, duas edições. No ano de 1956 é editado *Cacau*. No ano de 1957 é editado *ABC de Castro Alves*.

Nos anos de 1968 a 1993, o leitor polonês encontra no mercado editorial as seguintes traduções: no ano de 1968 é editado o romance *Gabriela cravo e canela*. No ano de 1972 são editados *Gabriela cravo e canela*, separadamente e, sob o título de *Os velhos marinheiros*, em conjunto, *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* e *A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Mosco de Aragão, capitão de longo curso*, ao todo, duas edições. No ano de 1975 é editado *Os pastores da noite*. No ano de 1989 é editado o romance *Tereza Batista cansada de guerra*. No ano de 1993, o romance *Dona Flor e seus dois maridos* é editado.

A tabela 3 ilustra o interesse dos dirigentes do polissistema sociocultural polonês pela tradução da obra de Jorge Amado, no período de 1949 a 1957. Na história do país, este é um momento em que o recém-instalado regime comunista busca a legitimação perante a sociedade polonesa. A importação dos textos de escritores comunistas, entre eles, dos romances de Jorge Amado para o sistema literário polonês, deve reforçar uma visão do mundo que caminha rumo ao comunismo universal.

A ausência das traduções do escritor brasileiro nos anos de 1958 a 1967 corresponde ao período na história do país em que o regime comunista encontra-se firme no poder com o Primeiro Secretário do POUP Władysław Gomułka. Concluindo que o regime não precisa mais de legitimação urgente por parte dos produtores culturais, o chefe do PC polonês decide cortar os subsídios para a cultura.

A tabela 3 apresenta a volta das traduções da obra amadiana nas três décadas que se seguem. Nos anos setenta, no sistema literário polonês, são

introduzidas as traduções da literatura latino-americana por meio da série chamada *Prosa ibero-americana*. Stanisław Siekierski (1992, p. 268-272) fala de uma clara preferência da política editorial polonesa pela tradução desse tipo de literatura. Em grande número, os autores lançados no quadro da série *Prosa ibero-americana* passaram pela militância comunista ou simpatizavam com os movimentos esquerdistas. Sendo assim, autores como Amado ou Cortazár (YERRO, 2006) perfazem o perfil do escritor comprometido com a esquerda, disseminado pelos dirigentes do polissistema literário polonês, na época do socialismo real. A moda de ler os autores latino-americanos, lançada pelos leitores profissionais e propagada pela imprensa especializada, foi bem recebida nos meios intelectuais e acadêmicos. A pesquisa da receptividade mostra, porém, que o interesse por este tipo de literatura nunca atingiu um público maior e não conquistou os leitores no meio operário e rural. A série da literatura ibero-americana tratou os autores editados como agentes anônimos que atuam num certo tipo do ambiente cultural, sem aprofundar, entretanto, as especificidades do autor e da cultura. Sobre a literatura ibero-americana falava-se em termos de um fenômeno grupal, sem destaque para as particularidades dos autores apresentados.

Paralelamente aos lançamentos dos livros traduzidos, a imprensa polonesa publica tanto os fragmentos dos romances do autor brasileiro quanto seus romances inteiros em episódios. Esta prática é comum nos anos de 1948 a 1953, quando são publicados 11 fragmentos dos romances amadianos. No período posterior, essas publicações ocorrem três vezes. O romance mais publicado pela imprensa é *Terras do sem fim*. A primeira publicação do fragmento deste romance se dá no ano de 1948, isto é, um ano antes da publicação do livro (AMADO, 1948, p. 19-20). No periódico literário *Kuźnica*, a tradutora Maria Borowska traduz o título do romance para o polonês como *Terra violentada*. A tradução do livro de Janina Wrzowska chama o mesmo romance de *Terra do sangue e da violência*, como o romance se torna conhecido para o público leitor. O *Terras do sem fim* (AMADO, 1949-50) foi publicado em episódios, nos anos 1949-1950 pelo jornal *Dziennik Zachodni*¹⁴². A última publicação de um fragmento desse romance se dá ainda no ano de 1980. Também os fragmentos de *Cacau*, *Jubiabá*, *O cavaleiro da Esperança*, *O mundo da Paz*, e *Seara Vermelha* são publicados pela imprensa. A tradução polonesa de

¹⁴² O *Jornal Ocidental*, em polonês.

Cacau é lida, em fragmentos, na radio nacional, no decorrer do ano de 1949, todas as segundas-feiras, a partir do dia 24 de janeiro (KAKAO, 1949, p 4).

No ano de 1962, o jornal *Nowiny Rzeszowskie*¹⁴³ publica, em episódios, *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* na tradução de Eugeniusz Gruda (AMADO, 1962). O conto *De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto* é publicado no ano de 1975 (AMADO, 1975, p. 78-82) na tradução de Halina Czajka.

A publicação dos fragmentos dos romances amadianos na imprensa nacional e nos meios de comunicação regionais, no período do stalinismo, visava despertar o interesse do público polonês pela obra do escritor brasileiro, e pode ser considerada uma estratégia de *marketing*. O fato de que esta prática diminui drasticamente depois do ano de 1953, demonstra que o regime manipula o gosto do público leitor na medida de seus interesses. A publicação dos fragmentos da obra do escritor brasileiro prepara o lançamento dos livros traduzidos.

Como visto neste capítulo, a tradução é manipulada com os fins políticos desde o início do regime comunista. Nesta época, Jorge Amado é introduzido no sistema literário polonês. As biografias do romancista brasileiro e as notícias a seu respeito, veiculadas na imprensa na época, são fortemente deformadas a fim de adequar o perfil de Amado às exigências do sistema político. Também, os textos de publicística de sua autoria reforçam o ideal de um escritor comunista comprometido com as diretrizes do PC. O retrato de um intelectual de origens humildes, que com seu trabalho consegue a promoção na sociedade e que luta pela causa operária e pela paz no mundo é a quintessência da ascensão social na Polônia marxista. As notícias veiculadas nos periódicos poloneses enquadram a obra de Jorge Amado dentro dos moldes do realismo e do realismo socialista. A categoria do exotismo, quando associada aos escritos amadianos, permanece subordinada aos imperativos do *socrealismo*.

As convicções políticas que o próprio Jorge Amado divulga amplamente nos seus escritos e demonstra efetivamente na sua ação junto ao PC e na luta no Movimento pela Paz identificam o escritor brasileiro com o mega-sistema sociocultural soviético. A presença do autor baiano na condição de exilado político

¹⁴³ *As Noticias de Rzeszów*, em polonês, uma cidade no sul da Polônia.

na Tchecoslováquia, suas viagens pelas Democracias Populares e uma rede de relações de amizade com os dirigentes da vida política e cultural dos países do bloco comunista colaboram para seu sucesso como escritor, junto ao público leitor. A posição do escritor militante de destaque, construída por Jorge Amado na URSS e nos países socialistas, garante, também, seu lugar central no subsistema da literatura traduzida do polissistema literário polonês.

Segundo o pesquisador Stanisław Burkot, desde a época do degelo, “a tradução começa a fornecer novas soluções formais e novos recursos de composição, que acabam operando mudanças no sistema literário polonês” (BURKOT, 1984, p. 66). Com o interesse pela literatura ibero-americana no sistema mundial de literatura, entram no sistema literário polonês as traduções das obras latino-americanas. Nesta ocasião, Jorge Amado recomeça a ser traduzido e editado na Polônia, com a fama de autor, cujas traduções anteriores tinham antecipado o *boom* da literatura ibero-americana na Europa. Nesta época, o número de textos sobre o escritor brasileiro diminui drasticamente na imprensa polonesa. Também se transforma a relação entre a mídia polonesa e o escritor brasileiro que, desde o ano de 1952, está de volta ao Brasil. O material sobre o autor baiano chega para o leitor polonês, na maioria das vezes, por meio das traduções de matérias das revistas européias ou brasileiras. Os periódicos poloneses que informam sobre as atividades de Jorge Amado abrem-se para os valores regionais do exotismo e do sensualismo baiano. A imprensa polonesa, porém, sempre associa a pessoa de Jorge Amado à militância comunista e à luta pelas causas do povo.

O presente capítulo deste trabalho tratou da introdução do escritor brasileiro no subsistema de literatura traduzida do sistema literário polonês. O quarto capítulo seguirá com a análise macro-estrutural das traduções polonesas das obras de Jorge Amado.

4 JORGE AMADO NO SUBSISTEMA DA LITERATURA TRADUZIDA POLONÊS: ANÁLISE MACRO-ESTRUTURAL

Depois de ter descrito, nos capítulos anteriores, o sistema sociopolítico da República Popular da Polônia e delineado o lugar de Jorge Amado no sistema literário polonês, o presente capítulo segue com a análise macro-estrutural das traduções polonesas das obras de Jorge Amado. Os resultados dessa análise delinearão o conceito da tradução que permeia a política tradutória do sistema literário polonês no período pesquisado.

Do total de 26 edições das obras do escritor brasileiro, presentes no sistema literário polonês, optou-se pela escolha de um exemplar de cada obra traduzida para o polonês. Embora se conseguisse examinar os exemplares de todas as edições nas bibliotecas polonesas, não foi possível adquirir a totalidade de 26 edições no mercado polonês. Portanto, a facilidade de acesso às traduções de Jorge Amado, no mercado editorial polonês no ano de 2005, constituiu o princípio de escolha dos exemplares para a análise. Para fins de comparação, para cada tradução polonesa buscou-se um texto amadiano editado no Brasil. Desta maneira, o *corpus* da presente pesquisa é formado por 17 volumes apresentados pela tabela a seguir.

Tabela 4. As traduções polonesas da obra de Jorge Amado

Título polonês (PI)	Título brasileiro (Br)	Edições PI	Edição Corpus
<i>Kakao</i>	<i>Cacau</i>	1949, 1956	1956
<i>Świt Brazylii</i>	<i>Cacau + Suor</i>	1949, 1952	1952
<i>Jubiaba</i>	<i>Jubiabá</i>	1950	1950
<i>Zamarłe morze</i>	<i>Mar morto</i>	1951, 1953	1951
<i>Opowieść o Castro Alvesie</i>	<i>ABC de Castro Alves</i>	1957	1957
<i>Rycerz Nadziei</i>	<i>O cavaleiro da esperança</i>	1949, 1951	1951
<i>Ziemia krwi i przemocy</i>	<i>Terras do sem fim</i>	1949, 1953	1949
<i>Ziemia złotych płodów</i>	<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	1950, 1953	1950
<i>Drogi głodu</i>	<i>Seara vermelha</i>	1950, 1951, 1954	1950
<i>Albania radosna</i>	<i>A Albânia é uma festa</i>	1950	1950
<i>Świat pokoju</i>	<i>O mundo da paz</i>	1954	1954
<i>Podziemia wolności</i>	<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	1953	1953
<i>Gabriela</i>	<i>Gabriela cravo e canela</i>	1968, 1972	1972
<i>Starzy marynarze</i>	<i>Os velhos marinheiros</i>	1972	1972
<i>Pasterze nocy</i>	<i>Os pastores da noite</i>	1975	1975
<i>Dona Flor i jej dwóch mężów</i>	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	1993	1993
<i>Tereza Batista wojowaniem zmęczona</i>	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	1989	1989

A reportagem *A Albânia é uma festa* integra o volume de *O mundo da paz*. Na Polônia, o capítulo sobre a Albânia é editado, separadamente, no ano de 1950 e, pela segunda vez, no ano 1954, como parte integrante do livro *O mundo da paz*. A edição polonesa de *Os velhos marinheiros* traz os textos de *O capitão de longo curso* e de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* no mesmo volume.

A tabela a seguir apresenta o *corpus* para a análise.

Tabela 5. O *corpus* para a análise das traduções polonesas da obra de Jorge Amado

Título PI	Edição <i>corpus</i>	Editadora	Tradutores	Título Br	1ª Edição Br
<i>Kakao</i>	1956	Czytelnik	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>Cacau</i>	1933
<i>Świt Brazylii</i>	1952	Czytelnik	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>Cacau + Suor</i>	1934
<i>Jubiaba</i>	1950	Czytelnik	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>Jubiabá</i>	1935
<i>Zamarłe morze</i>	1951	Czytelnik	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>Mar Morto</i>	1936
<i>Opowieść o Castro Alvesie</i>	1957	PIW	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>ABC de Castro Alves</i>	1941
<i>Rycerz Nadziei</i>	1951	Czytelnik	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>O cavaleiro da esperança</i>	1942
<i>Ziemia krwi i przemocy</i>	1949	Czytelnik	Janina Wrzoscowa	<i>Terras do sem fim</i>	1943
<i>Ziemia złoch płodów</i>	1950	Czytelnik	Janina Wrzoscowa	<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	1944
<i>Drogi głodu</i>	1950	Czytelnik	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>Seara vermelha</i>	1946
<i>Albania radosna</i>	1950	Czytelnik	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>A Albânia é uma festa</i>	1951
<i>Świat pokoju</i>	1954	PIW	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>O mundo da paz</i>	1951
<i>Podziemia wolności</i>	1953	Czytelnik	Małgorzata Hołyńska, Eugeniusz Gruda	<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	1954
<i>Gabriela</i>	1972	KiW	Janina Wrzoscowa	<i>Gabriela cravo e canela</i>	1958
<i>Starzy marynarze</i>	1972	KiW	Janina Wrzoscowa Eugeniusz Gruda	<i>Os velhos marinheiros</i>	1961
<i>Pasterze nocy</i>	1975	KiW	Janina Wrzoscowa	<i>Os pastores da noite</i>	1964
<i>Dona Flor i jej dwóch mężów</i>	1993	WL	Alina Lenczewska	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	1966
<i>Tereza Batista wojowaniem zmęczona</i>	1989	WL	Elżbieta Reis	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	1972

A tabela 5 apresenta as fontes textuais na ordem cronológica que acompanha o aparecimento dos textos no Brasil. Com isso não se pretende hierarquizar os textos, nem privilegiar a cronologia das edições brasileiras em detrimento da cronologia das traduções polonesas. Este procedimento visa oferecer uma informação adicional sobre a política editorial do sistema literário polonês, que escolhe os textos amadianos a serem traduzidos e editados no país.

A tabela evidencia o fato de que duas traduções polonesas são publicadas antes das respectivas edições brasileiras. Trata-se, em ambos os casos, de textos escritos na época em que Jorge Amado vive na Tchecoslováquia, circulando nos países do bloco soviético. A tradução de *A Albânia é uma festa* foi publicada no ano de 1950. O mesmo texto foi publicado no Brasil no ano de 1951, integrando a coletânea de reportagens intitulada *O mundo da paz*. A permanência do escritor nos países do bloco soviético, nessa época, pode explicar o fato de uma reportagem ser publicada em polonês antes da edição brasileira da obra completa. A tradução de *O mundo da paz*, na Polônia, só é publicada no ano de 1954.

A publicação da tradução de *Os subterrâneos da liberdade*, na Polônia, um ano antes da edição brasileira, também se explica por motivo da permanência do escritor exilado no leste europeu. A trilogia foi escrita na cidade de Dobris, na Tchecoslováquia, e o lançamento dela planejado, simultaneamente, no Brasil, em Moscou, em Praga e em Varsóvia. Durante a entrevista, Zélia Gattai (informação verbal, 15.10.2004) explica que uma cópia do romance foi levada para o Brasil pelos dirigentes do PC brasileiro para a análise. O texto sofreu a censura partidária por parte do PCB e só foi devolvido ao autor um ano depois, já no Brasil, no fim do ano de 1953. Gattai (2004) sustenta ter Jorge Amado recusado-se a incluir as intervenções da censura ao texto do romance. Paralelamente, a tradução de *Os subterrâneos da liberdade* foi publicada na Polônia. A nota no fim do romance traduzido informa que Amado terminou o texto em Dobris, no mês de março de 1952. A nota no fim do romance publicado no Brasil acrescenta a essa informação um dado, segundo a qual, o encerramento do texto se deu no Rio de Janeiro, no mês de novembro de 1953.

Comparando os dados das tabelas 3 (do capítulo anterior) e 5, pode-se perceber as prioridades do sistema literário polonês com respeito à obra amadiana. Nos anos de 1949 a 1957, na Polônia, traduziu-se quase a totalidade da obra amadiana publicada até então, com exceção dos romances *País do carnaval* e

Capitães da areia, do guia da cidade *Bahia de Todos os Santos* e da peça teatral *O amor do soldado*. Neste período, dá-se prioridade para o romance *Cacau*, com quatro edições, seguido pelo romance *Seara Vermelha*, com três edições. As outras traduções possuem duas edições ou não chegam a ser reeditadas. Na ordem cronológica de tradução, também, destacam-se *Cacau*, *Suor*, *O cavaleiro da esperança* e *Terras do sem fim*, todos publicados em 1949, o ano da entrada das traduções amadianas no sistema literário polonês.

Nos anos de 1968 a 1993, apenas seis obras de Jorge Amado são traduzidas para o polonês. Analisando a tabela 5, chama atenção o fato de que quase todos os romances amadianos, escritos entre os anos de 1958 a 1972, foram escolhidos para a tradução, com exceção de *A Tenda dos milagres*, romance nunca publicado no mercado polonês. As traduções de *Gabriela cravo e canela*, *Os velhos marinheiros* e *Os pastores da noite* são lançadas nos anos de 1968 a 1975, isto é, num período de tempo relativamente curto. As traduções de *Tereza Batista cansada de guerra* (de 1989) e de *Dona Flor e seus dois maridos* (de 1993) são lançadas mais que duas décadas depois, no fim do regime comunista e no início da democratização do país. Nenhuma das obras amadianas escritas depois do ano de 1972 entrou, por meio de tradução, no sistema literário polonês. No decorrer da análise macro-estrutural das traduções da obra de Jorge Amado, pretende-se elucidar as normas que dirigiram a escolha dos textos amadianos.

4.1 O ASPECTO FÍSICO DAS TRADUÇÕES

Seguindo o modelo da análise macro-estrutural proposto por José Lambert e Hendrik van Gorp (1985 p. 42-53), na análise dos aspectos físicos das edições escolhidas entre as traduções polonesas das obras de Jorge Amado, investigam-se informações contidas nas capas, nas contracapas e nas folhas de rosto. Serão examinadas todas as informações sobre o autor, os tradutores, a própria tradução, como também os dados sobre a data de edição, a tiragem e o preço do livro. A estrutura física dos textos de traduções também se torna um objeto de análise. Pesquisar-se-á a divisão em capítulos, a presença das notas introdutórias e explicativas, dos prefácios e dos posfácios, como também das notas de rodapé. As

ilustrações, as gravuras e os mapas contidos nas edições, também, se tornarão um objeto de pesquisa.

4.1.1 Capas e contracapas

As características das capas das traduções polonesas escolhidas para a análise são apresentadas por meio da tabela a seguir.

Tabela 6. As características das capas

Título PI vertido para Br	Título Br	Aspecto	Autor	Editora	Série
<i>Cacau</i>	<i>Cacau</i>	íncola	sim	sim	sim
<i>Aurora do Brasil</i>	<i>Cacau+Suor</i>	ádvena	sim	sim	não
<i>Jubiabá</i>	<i>Jubiabá</i>	íncola	sim	sim	sim
<i>Mar parado</i>	<i>Mar morto</i>	íncola	sim	sim	não
<i>O conto sobre Castro Alves</i>	<i>ABC de Castro Alves</i>	íncola	sim	sim	não
<i>O cavaleiro da esperança</i>	<i>O cavaleiro da esperança</i>	íncola	sim	sim	sim
<i>Terra do sangue e da violência</i>	<i>Terras do sem fim</i>	ádvena	sim	sim	não
<i>Terra de frutos dourados</i>	<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	íncola	sim	sim	sim
<i>Caminhos da fome</i>	<i>Seara vermelha</i>	ádvena	sim	sim	não
<i>A Albânia alegre</i>	<i>A Albânia é uma festa</i>	íncola	sim	sim	não
<i>O mundo da paz</i>	<i>O mundo da paz</i>	íncola	sim	sim	sim
<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	íncola	sim	sim	não
<i>Gabriela</i>	<i>Gabriela cravo e canela</i>	íncola	sim	não	não
<i>Os velhos marinheiros</i>	<i>Os velhos marinheiros</i>	íncola	sim	sim	não
<i>Os pastores da noite</i>	<i>Os pastores da noite</i>	ádvena	sim	não	não
<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	ádvena	sim	sim	não
<i>Tereza Batista cansada de guerrear</i>	<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	ádvena	sim	sim	não

Observando os títulos das traduções, chega-se à conclusão de que eles sofrem manipulação no período de 1949 a 1957. A edição conjunta das traduções de *Cacau* e *Suor*, intitulada *Aurora do Brasil*, não traz na capa os títulos dos respectivos romances. Quando editado separadamente, *Cacau* funciona como um título independente no sistema literário polonês. O mesmo não acontece com *Suor*, apresentado nas capas de ambas as edições sob o título de *Aurora do Brasil*. Os termos “aurora” ou “alvorada” são comumente usados pelo mega-sistema cultural soviético no período do realismo socialista. Esses termos expressam a noção de um começo que acontece por meio da revolução do proletariado, como também

representam simbolicamente o começo da revolução de 1917 na Rússia, iniciado pelo disparo do navio de guerra bolchevique “Aurora” contra o Palácio do Inverno em Petersburgo. Nessa época, de modo especial, o título dado ao volume de várias obras editadas em conjunto traz a chave para a interpretação dos textos reunidos no tomo. Neste sentido, *Aurora do Brasil* pode sugerir ao leitor polonês o início do processo revolucionário operado pelo movimento operário brasileiro. A tradução manipulou os títulos de *Mar Morto* e de *ABC de Castro Alves*. No caso do primeiro romance, o título polonês foge da possibilidade de interpretação no sentido geográfico (o lago salgado nos territórios de Israel e de Jordânia) e sugere a noção de paralisação ou de suspensão do movimento. No caso do segundo romance, o gênero literário de um abecê¹⁴⁴ – desconhecido na Polônia – foi substituído pelo gênero de conto ou de narrativa sobre a vida do personagem. Os títulos de *Terras do sem fim*, de *São Jorge dos Ilhéus* e de *Seara Vermelha* foram alterados pela tradução. A tradução polonesa do título de *Terras do sem fim* para *Terra do sangue e da violência* acompanha as escolhas da tradução inglesa de 1945 e da tradução francesa de 1946, que fazem menção à “terra violenta”. A tradução polonesa do título de *São Jorge dos Ilhéus* para *Terra de frutos dourados* acompanha as escolhas da tradução francesa de 1947 e da tradução russa de 1948, como também das traduções búlgara, eslovaca e tcheca, todas do ano de 1950. A tradução polonesa do título de *Seara vermelha* para *Caminhos da fome* acompanha a escolha da tradução francesa de 1949. Significante é a constatação de que os títulos das traduções polonesas lançadas entre os anos de 1949 a 1957, trazem para o público polonês um significado familiar e fácil para entender. A exceção constitui o romance *Jubiabá*, introduzindo um termo estrangeiro que só pode ser entendido como um nome, após a leitura de uma parte do romance.

A partir do ano de 1972, as edições polonesas não manipulam os títulos brasileiros, introduzindo até os empréstimos do português brasileiro para a língua polonesa, quando se trata de *Tereza Batista* e de *Dona Flor*. Em ambos os casos, os títulos das traduções usam a grafia original dos nomes, o que reforça no leitor a sensação de se tratar das obras estrangeiras. Os nomes de “Batista” e de “Flor” soam estranho em polonês. Embora exista em polonês o nome “Teresa”, na tradução optou-se por “Tereza”. Da mesma maneira, em vez de traduzir o pronome

¹⁴⁴ Textos da poesia popular que celebram vidas dos personagens famosos e cujas estrofes começam sucessivamente pelas letras do alfabeto.

de tratamento para “Pani”, comum na Polônia, o título conserva o estrangeirismo “Dona”.

Desta forma, no total dos 17 itens do *corpus*, os títulos de 6 romances são manipulados pela tradução. Todas essas ocorrências acontecem no período do realismo socialista. Três títulos introduzem os estrangeirismos para o idioma polonês. Por se tratar de um personagem histórico, o nome do poeta Castro Alves é reproduzido em sua forma original.

Para analisar o aspecto gráfico das capas, isto é, a organização de desenhos e de outros símbolos, optou-se pela qualificação dessas características como “íncola” ou “ávena”. Chamou-se de “íncola”, uma representação gráfica que possa parecer comum ao leitor, e que opera sobre os símbolos reconhecíveis no sistema cultural polonês. A essa categoria pertencem as capas que não contêm um desenho e usam somente a cor e a escrita (5 capas), aquelas com retratos femininos (2 capas), com um veleiro (1 capa), com uma multidão dos homens em marcha, sob uma estrela (1 capa), com um prédio (1 capa), e com uma carta de baralho apresentando busto de marinheiro (1 capa). Chamou-se de “ávena”, uma representação gráfica que possa parecer estranha ao leitor e que introduz elementos novos para o sistema cultural polonês. A essa categoria pertencem as capas que contêm os elementos do cenário nordestino, como os cactos e os característicos chapéus (3 capas), e aquelas que operam sobre figuras abstratas (3 capas).

Entre as capas dos 17 volumes do *corpus* prevalece o aspecto qualificado como “íncola” (11 capas) em detrimento do aspecto qualificado como “ávena” (6 capas). Todas as capas que usam somente a cor e a escrita, como também aquelas que trazem os elementos do cenário nordestino, pertencem às edições lançadas até o ano de 1957. Três capas que utilizam as figuras abstratas pertencem aos últimos lançamentos dos romances de Jorge Amado na Polônia. Todas as traduções, cujas capas indicam a obra editada numa série, possuem o aspecto “íncola” e pertencem aos lançamentos do período do realismo socialista.

As capas indicam que cinco traduções foram lançadas no quadro de uma série editorial. Como foi mencionado no segundo capítulo, o regime comunista é interessado em fornecer aos leitores, os autores e os livros apropriados. Lançado pela editora *Czytelnik*, o *Cacau* pertence a uma série dedicada ao leitor novato, isto é, um adulto recém-alfabetizado que conta com o programa de incentivo à leitura promovido pelo Estado. Comumente, os livros fornecidos ao leitor novato destacam-

se pela apresentação física dos textos (fonte grande e espaçamento maior) e contêm as informações adicionais, na forma de notas introdutórias, de posfácios e outros textos, como também de ilustrações, para facilitar a interpretação da leitura. *Jubiabá* é lançado na coleção da Biblioteca do Assinante, uma série promovida pela editora *Czytelnik* para atrair o público leitor com os descontos para os assinantes. No modo semelhante, também, *O cavaleiro da esperança* pertence a uma série chamada de Biblioteca da Arquibancada da Liberdade, promovida pela mesma editora como o programa de fidelização do leitor, oferecendo descontos para o assinante. *São Jorge dos Ilhéus* é editado pela *Czytelnik* no quadro da série chamada de Clube do Bom Livro, que lança as obras tidas como maiores, na opinião dos profissionais da literatura do stalinismo. Finalmente, o volume de *O mundo da paz* integra a série da Biblioteca dos Laureados do Prêmio Stalin pela Paz, na qual a editora PIW lança as obras premiadas em Moscou.

Com exceção de duas, as capas indicam o nome completo ou a sigla das editoras. As exceções ocorrem nos anos de 1972 e de 1975 e são promovidas por uma mesma editora. Comparando as tabelas 3, 5 e 6, chega-se à conclusão de que no período do realismo socialista, a editora *Czytelnik* publica as traduções dos romances de Jorge Amado com exclusividade. Neste período, somente duas edições são lançadas pela editora PIW. Nos anos que se seguem, duas editoras lançam as traduções no mercado polonês. A KiW, nos anos setenta, e a WL nos anos de 1989 e de 1993.

Todas as capas trazem o nome do autor. Na maioria das vezes, trata-se do nome completo de “Jorge Amado”, como ocorre no caso de 15 capas. Excepcionalmente, *O cavaleiro da esperança* apresenta o nome do autor na forma de “J. Amado”, e *Os subterrâneos da liberdade* indica o autor na forma de “Amado”. Nenhuma capa traz referências aos nomes de tradutores.

As características das contracapas das traduções polonesas escolhidas para a análise são apresentadas por meio da tabela a seguir.

Tabela 7. As características das contracapas

Título	Preço	Editora	Outros
<i>Terras do sem fim</i>	--	sim	--
<i>Jubiabá</i>	370,0	não	--
<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	450,0	sim	--
<i>Seara vermelha</i>	300,0	não	--

<i>A Albânia é uma festa</i>	80,0	não	--
<i>Mar morto</i>	--	não	--
<i>O cavaleiro da esperança</i>	2,4	sim	assinante
<i>Aurora do Brasil (Cacau+Suor)</i>	11,0	não	--
<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	41,0	sim	vol. I e II
<i>O mundo da paz</i>	11,0	não	--
<i>Cacau</i>	4,0	não	--
<i>ABC de Castro Alves</i>	10,0	sim	--
<i>Gabriela cravo e canela</i>	35,0	sim	--
<i>Os velhos marinheiros</i>	25,0	sim	--
<i>Os pastores da noite</i>	35,0	sim	--
<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	1.950,0	não	série
<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	--	não	sinopse

A tabela 7 demonstra que as contracapas contêm o mínimo de informações. Nas edições, cujas capas não trazem o nome da editora, esse dado é completado por meio do logotipo da editora na contracapa.

A informação relevante apresenta o preço do exemplar, expresso em moeda nacional, chamada de *Złoty* (ZL). Cruzando os dados da tabela 5 com os dados da tabela 7, observa-se a faixa dos preços num dado período de tempo. Essa periodização está evidenciada pela adoção da ordem do lançamento das traduções integrantes do *corpus*, na tabela 7.

Até o ano de 1950, o preço do exemplar da tradução do romance amadiano custa entre ZL300,0 e ZL450,0 – com exceção de *Albânia é uma festa*, uma reportagem de pequeno volume, avaliado em ZL80,0. A partir do ano de 1951, até o final da época de stalinismo, os preços variam entre os ZL2,4 no caso de *O cavaleiro da esperança* – trata-se do valor cobrado do assinante, como explica uma nota na contracapa - e ZL11,0 no caso de *Jubiabá* e *O mundo da paz*. O preço de *Os subterrâneos da liberdade*, livro em dois volumes, avaliados em ZL41,0 corresponde ao preço do volume das obras escolhidas de um autor, e que no ano de 1953, segundo Siekierski (1992, p. 178), custava ZL 35,0 – valor considerado um preço baixo. A diferença significativa nos preços dos livros, antes e depois do ano de 1950, explica-se com as mudanças na economia do país, mencionadas no primeiro capítulo, e com a decisão do governo sobre a conversão da moeda. No final de outubro de 1950, o anunciado fator de conversão importava ZL3,0 na moeda nova, contra ZL100,0 da moeda antiga. O preço da tradução do romance de Amado disponível no mercado polonês, nos anos de 1951 a 1957, pode ser considerado

barato, quando comparado com o preço de um maço de cigarros populares, que na mesma época, variava entre ZL2,4 e ZL3.

Como foi mencionado nos capítulos anteriores, nos anos do realismo socialista, o Estado financiou as atividades das editoras. A partir do ano de 1957, as editoras precisaram tornar-se empresas economicamente rentáveis. Nesta época, o preço do livro começou a ser um item discutido na imprensa polonesa. No início dos anos setenta, a imprensa desencadeia uma ação em defesa de um livro mais barato. A tabela 7 demonstra que, nesta época da prosperidade econômica sob o governo de Gierek, a tradução amadiana custa entre ZL25,0 a ZL35,0. Na mesma época, o preço de um maço de cigarros populares variava entre ZL3,5 e ZL4,0. Na passagem da década 80 para 90, o país vive uma grave crise econômica e uma inflação acentuada. Este fato explica o valor elevado que consta na contracapa do volume de *Tereza Batista cansada de guerra*. Já a tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* não possui um preço imprimido no exemplar. Depois de ano de 1990, os preços dos livros são moldados exclusivamente pelas leis do mercado.

As contracapas de dois últimos lançamentos trazem informações adicionais. A contracapa da tradução do romance *Tereza Batista cansada de guerra* informa, que o volume pertence à série *Prosa ibero-americana*. Na contracapa da tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* encontra-se uma breve sinopse do romance.

4.1.2 Folhas de rosto

Os dados colhidos nas folhas de rosto das traduções polonesas escolhidas para a análise são apresentados por meio da tabela a seguir.

Tabela 8. Dados obtidos das folhas de rosto

Título	Título Br	Autor	Tradutor	Tradução	Tiragem	Outros
<i>Cacau</i>	sim	sim	sim	do original	20.205	abreviada
<i>Aurora do Brasil (Cacau+Suor)</i>	sim	sim	sim	do original	7.140	--
<i>Jubiabá</i>	sim	sim	sim	do original	15.400	--
<i>Mar morto</i>	sim	sim	sim	do original	8.350	--
<i>ABC de Castro Alves</i>	sim	sim	sim	do original	5.205	poemas
<i>O cavaleiro da esperança</i>	sim	sim	sim	do original	75.570	--
<i>Terras do sem fim</i>	sim	sim	sim	do original	50.500	romance
<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	sim	sim	sim	do original	20.400	romance

<i>Seara vermelha</i>	sim	sim	sim	do original	20.400	--
<i>A Albânia é uma festa</i>	sim	sim	sim	do original	15.350	--
<i>O mundo da paz</i>	sim	sim	sim	do original	7.175	--
<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	sim	sim	sim	do original	10.160	--
<i>Gabriela cravo e canela</i>	sim	sim	sim	do original	10.260	8.352
<i>Os velhos marinheiros</i>	sim	sim	sim	do original	20.000	8.340
<i>Os pastores da noite</i>	sim	sim	sim	do original	25.350	9.220
<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	sim	sim	sim	do original	--	--
<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	sim	sim	sim	do original	15.350	--

A análise da tabela 8 demonstra que todas as folhas de rosto das traduções polonesas trazem os nomes de tradutores, a informação sobre o título em português, e repetem o nome do autor. A totalidade dos exemplares que integram o *corpus* de pesquisa possui, na folha de rosto, uma declaração explícita de se tratar da tradução da obra escrita em língua portuguesa.

Entre as informações adicionais fornecidas nas folhas de rosto destaca-se o dado sobre os tradutores de *ABC de Castro Alves*. Como tradutores do romance são indicados Małgorzata Holyńska e Eugeniusz Gruda. Como a tradutora dos poemas de Castro Alves que integram o volume, porém, é apresentada Jadwiga Dackiewicz. A folha de rosto de *Cacau* informa que o volume oferece uma versão abreviada do romance. As folhas de rosto de *Terras do sem fim* e de *São Jorge dois Ilhéus* contêm a informação sobre o gênero literário do texto. Cada uma das três traduções lançadas pela editora KiW no início dos anos setenta, traz na folha de rosto um numeral ordinal, que indica a posição do volume na ordem dos lançamentos desde a criação da editora.

Os números referentes à tiragem fornecem informações significativas quando cruzados com os dados das tabelas 5, 6 e 7. A tabela a seguir apresenta esses dados.

Tabela 9. Tiragem das traduções

Título	Ano	Tiragem	Preço	Série
<i>Terras do sem fim</i>	1949	50.500	--	não
<i>Jubiabá</i>	1950	15.400	370,0	sim
<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	1950	20.400	450,0	sim
<i>Seara vermelha</i>	1950	20.400	300,0	não
<i>A Albânia é uma festa</i>	1950	15.350	80,0	não
<i>Mar morto</i>	1951	8.350	--	não
<i>O cavaleiro da esperança</i>	1951	75.570	2,4	sim
<i>Aurora do Brasil (Cacau+Suor)</i>	1952	7.140	11,0	não

<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	1953	10.160	41,0	não
<i>O mundo da paz</i>	1954	7.175	11,0	sim
<i>Cacau</i>	1956	20.205	4,0	sim
<i>ABC de Castro Alves</i>	1957	5.205	10,0	não
<i>Gabriela cravo e canela</i>	1972	10.260	35,0	não
<i>Os velhos marinheiros</i>	1972	20.000	25,0	não
<i>Os pastores da noite</i>	1975	25.350	35,0	não
<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	1989	15.350	1.950,0	sim
<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	1993	--	--	não

Segundo Siekierski (1992, p. 331-333), a média das tiragens da prosa literária nos anos cinquenta perfaz 14 mil exemplares. No mesmo período, as obras dos clássicos do marxismo são lançadas com a tiragem média de 35 mil. Os anos sessenta demonstram uma tendência decrescente, e a média das tiragens passa a 11 mil. Na época, diminui a produção editorial, mas a média das tiragens cresce nos anos setenta, alcançando 13 mil exemplares. Nos anos oitenta, essa média totaliza 25 mil. Embora os valores médios não elucidem com exatidão os mecanismos da política editorial, podem ser úteis para indicar certas tendências.

A análise da tabela 9 permite formular a opinião de que, nos anos cinquenta e nos anos setenta, as tiragens das traduções ultrapassam as respectivas médias. No período do realismo socialista, chamam atenção as tiragens enormes de *O cavaleiro da Esperança* (50 500 exemplares na primeira edição) e de *Terras do sem fim* (75 570 exemplares na segunda edição), que colocam o autor dos romances no patamar dos clássicos do marxismo. O lançamento de *O cavaleiro da esperança* e de *Cacau*, com tiragens grandes e com o preço evidentemente barato, demonstra o interesse dos dirigentes do sistema pelas obras amadianas e, também, a maneira de como o sistema faz uso de séries editoriais para a popularização da literatura ideologicamente aproveitável. As tiragens acima da média, nos anos setenta, acompanham a tendência dos leitores profissionais pela literatura latino-americana e servem, possivelmente, para a popularização desses escritos junto ao público leitor. No caso de *Gabriela cravo e canela*, trata-se da segunda edição (a primeira teve a tiragem de 20 mil). A tiragem de *Tereza Batista cansada de guerra*, abaixo da média nos anos oitenta, sugere um público-alvo seletivo e restrito, interessado na série *Literatura ibero-americana*. O exemplar de *Dona Flor e seus dois maridos* não oferece dados sobre a tiragem. A informação referente à tiragem - nas décadas passadas um instrumento de controle obrigatório - não constitui mais uma exigência, depois do ano de 1990.

Nos anos de 1949 a 1993, editou-se na Polônia mais de que 450 mil exemplares das traduções da obra de Jorge Amado, sem levar em conta a tradução de *Dona Flor e seus dois maridos*, cuja tiragem não foi divulgada. Nos anos de 1949 a 1957, no mercado polonês foram lançados cerca de 400 mil exemplares. Nos anos de 1968 a 1993, o mercado polonês absorveu, aproximadamente, 100 mil exemplares.

Uma grande parte da produção editorial, desde a época do stalinismo, abastece a rede de bibliotecas, fixas e móveis, em todo o território do país. A conferência das fichas dos usuários das bibliotecas permite estabelecer as prioridades entre os leitores poloneses, no ano de 1956. No item da literatura contemporânea não soviética figura a obra de Jorge Amado *Terras do sem fim*, como um romance bastante requisitado (SIEKIERSKI, 1992, p. 102). A análise das fichas nas bibliotecas demonstra ainda que alguns autores estrangeiros, entre eles os latino-americanos, lançados nas décadas seguintes e amplamente comentados na imprensa especializada e nos jornais, atingiram o público leitor nos maiores centros culturais do país.

Uma parte da produção editorial, encaminhada para o mercado no início dos anos cinquenta, foi devolvida das prateleiras de livrarias para as editoras por falta do interesse do público leitor. Nos anos de 1955 a 1957, uma quantidade significativa de traduções dos autores contemporâneos foi reciclada. Entre as devoluções figuram seis obras de Jorge Amado (SIEKIERSKI, 1992, p. 300).

4.1.3 Divisão em capítulos e subseções

A divisão em capítulos dos textos traduzidos é apresentada na tabela a seguir.

Tabela 10. Divisão em capítulos

Título	N° de capítulos		Sumário	Outros
	PI	Br		
<i>Cacau</i>	16	20	sim	capítulos modificados
<i>Suor</i>	20	20	sim	subdividido (-)
<i>Jubiabá</i>	3	3	sim	subdividido (-)
<i>Mar morto</i>	3	3	sim	subdividido (-)
<i>ABC de Castro Alves</i>	25	26	não	numerais versus ABC

<i>O cavaleiro da esperança</i>	5	5	sim	subdividido (-)
<i>Terras do sem fim</i>	6	6	não	subdividido (-)
<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	5	5	sim	subdividido (-)
<i>Seara vermelha</i>	5	5	sim	subdividido (-)
<i>A Albânia é uma festa</i>	10	10	sim	--
<i>O mundo da paz</i>	8	9	sim	subdividido (+)
<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	8	8	não	subdividido (-); v. I e II
<i>Gabriela cravo e canela</i>	4	4	sim	subdividido (-)
<i>Os velhos marinheiros</i>	3 + 12	3 + 12	sim	subdividido (-)
<i>Os pastores da noite</i>	3	3	sim	subdividido (-)
<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	5	5	não	subdividido (-)
<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	5	5	sim	subdividido (+)

Legenda: (+) divisão com modificações; (-) divisão sem modificações

A Tabela 10 demonstra que a tradução modificou a divisão de três romances. A tradução de *Cacau* sofreu maiores alterações. Nessa edição abreviada, o pequeno capítulo terceiro do TF, intitulado “Viagem”, não consta como capítulo independente, mas é incorporado na íntegra, no final do segundo capítulo. Nessa tradução, também, não consta o oitavo capítulo do TF intitulado “Rua da Lama”. De fato, o capítulo anterior intitulado “Pirangi” termina sem mencionar a visita ao prostíbulo, e a tradução omite todo o capítulo seguinte que descreve a vida das profissionais de sexo. Na edição abreviada, também é omitido o curto capítulo 16, intitulado “Pasquinada”, que conta do destino de Magnólia, prostituta em Pirangi. O capítulo seguinte, intitulado “Correspondência”, também não consta na tradução. O TA incorpora uma parte desse capítulo ao precedente, intitulado “Consciência de Classe”. A tradução polonesa, depois de citar a cena que fecha o capítulo no TF, traz a carta de Colodino a Sergipano. Das outras sete cartas que servem de exemplo da correspondência na versão brasileira do romance, a tradução polonesa omite seis, provavelmente, considerando-as pouco importantes para o propósito da edição abreviada. A manipulação dos capítulos da edição abreviada e preparada para fins pedagógicos pode ser explicada pela extrema pudicícia da moral comunista oficial, mencionada no segundo capítulo desse trabalho.

A tradução de *O mundo da paz* também sofreu algumas alterações. O livro de reportagens, dividido no original em nove capítulos, agrupados em duas partes - a primeira referente à viagem pela URSS e a segunda sobre as Democracias Populares, possui na tradução polonesa oito capítulos, integrando o nono capítulo do TF - na qualidade de subseção - ao capítulo oitavo do TA. Algumas subseções do livro sofrem cortes na edição polonesa. Dos subcapítulos que tratam da União

Soviética, na tradução não constam os seguintes: “Preços que baixam”, “Recuperação dos criminosos” e “Stalin, mestre, guia e pai”. Esses cortes podem ser justificados à luz das explicações dadas nos dois primeiros capítulos do presente trabalho. No ano da publicação da tradução, a população da Polônia continua carecendo dos elementares suprimentos, está sofrendo por causa dos baixos salários e elevados preços da cesta básica. Para os dirigentes do sistema, a veiculação da informação de que os preços baixam na URSS apresenta-se como dispensável. Da mesma maneira, as prisões polonesas estão cheias de militantes das forças de combate ao regime comunista, ativas no final da Segunda Guerra e nos primeiros anos depois dela. Na Polônia, a reabilitação dos “criminosos de guerra” só se deu a partir do ano de 1956. A publicação dos poemas em louvor a Stalin configurava uma atividade obrigatória do escritor engajado, ainda no ano de 1951, quando Amado lançou *O mundo da paz* no Brasil. Um ano depois da morte do Generalíssimo, no ano da publicação da tradução polonesa, começam a ser corrigidos os exageros cometidos com o culto à personalidade.

Do mesmo modo, a tradução de *Tereza Batista cansada de guerra* manipula a divisão do TF. O terceiro capítulo do romance conta o ABC da protagonista na guerra contra a varíola. Na tradução, a seção “J” do ABC foi omitida. No TF, essa seção completa a precedente, narrando sobre a vida íntima de Tereza. A omissão é de difícil interpretação, pois a letra “J” integra o alfabeto polonês. Também, não se pode tratar da tentativa de evitar as menções à vida sexual, pois essas se encontram por todo o romance. O TA ainda une as seções “V” e “W”, como também as seções “X” e “Y”, acrescentando, no final, a letra “Z”, específica do alfabeto polonês. Com essas modificações, a tradução parece tentar aproximar o ABC brasileiro ao padrão nacional.

Na tradução do *ABC de Castro Alves*, as letras que marcam os capítulos no texto brasileiro, foram substituídas por algarismos arábicos, uma opção mais próxima ao leitor polonês. Os versos de autoria de Castro Alves, citados no TF apenas em uma ou duas estrofes, ganham no TA a citação na sua forma completa, a exemplo do poema *Bandido Negro*, citado no nono capítulo da tradução. Outras vezes, o TA traz a citação completa do poema mencionado no TF somente pelo título, como é o caso do *Navio Negreiro*, que incorpora o capítulo 17 da tradução. Este procedimento sugere que o texto-alvo é interessado em aproximar a obra do poeta brasileiro ao leitor polonês, enquanto o texto-fonte dirige-se ao público que já

conhece essa obra, com a intenção de tomar parte na discussão sobre seu legado no sistema sociopolítico brasileiro.

Somente quatro traduções não possuem sumário, um elemento que facilita a apreensão da estrutura da obra. Por sua vez, na versão brasileira, somente *O mundo da paz* possui o sumário.

Alguns títulos de capítulos e de outras subseções foram modificados pela tradução polonesa. Os exemplos mais significativos para a análise são apresentados por meio da tabela a seguir.

Tabela 11. Títulos dos capítulos e das subseções

Título	Capítulo PI vertido para Br	Capítulo Br
<i>Cacau</i>	Fruta chamada Jaca	Jaca
	Festa	Acarajé
<i>Suor</i>	Intrusos	Gringos
	Sentidos	Sexo
<i>Jubiabá</i>	Boxeador	Lutador
	Marinheiro	Hans, o marinheiro
<i>A Albânia é uma festa</i>	Crianças dormem nas creches	As crianças dormindo
<i>O Mundo da paz</i>	Defesa da paz	Impor a paz
	Popularização da cultura	Democratização da cultura
	Escritores-operários discutem	Escritores e operários discutem
<i>Gabriela cravo e canela</i>	Encanto de Gabriela	O luar de Gabriela
	Caçada ao homem	Da grande caçada
	Tristeza de Gabriela	Suspiros de Gabriela
<i>O capitão de longo curso</i>	... desembargador em <i>négligé</i>	... desembargador em ceroulas
	... um navio da Companhia Ita	... um Ita

A tabela 11 demonstra que a edição abreviada de *Cacau* traz os títulos dos capítulos mais perto da realidade do leitor polonês, explicando ou evitando os marcos culturais. Esse procedimento torna-se inteligível no contexto de um lançamento destinado para os leitores novatos.

A edição polonesa do romance *Suor* demonstra duas tendências na tradução dos capítulos. A tradução evita a referência à sexualidade (Sentidos) e agrava a expressão usada para denominar o estranho, utilizando um termo carregado pelo juízo de valor (Intrusos). Essas tendências estão de acordo com a ideologia vigente na época, que dessexualiza os personagens literários e hostiliza os cidadãos do bloco capitalista.

A tradução de *Jubiabá* explana o título brasileiro de “Lutador”, especificando que se trata de um lutador de boxe. De acordo com a ideologia vigente, a tradução omite uma possível menção aos alemães.

As traduções de *A Albânia é uma festa* e de *O mundo da paz* manipulam os títulos dos capítulos de acordo com as necessidades políticas do regime da Polônia. A tradução do título “As crianças dormindo” acrescenta o dado sobre as creches. Na realidade polonesa, o discurso sobre a emancipação das mulheres e sua ascensão profissional inclui a campanha em favor das creches, tratadas com certo preconceito pela mulher polonesa. O discurso sobre a paz, na perspectiva do regime polonês, é um discurso em favor da manutenção de um bem já conquistado. O título traduzido expressa essa posição, quando fala em defesa da paz. Por sua vez, na ótica do título brasileiro, que fala em imposição, a paz é um bem a ser conquistado. A tradução evita os termos carregados de significado no cotidiano polonês. As constantes reivindicações da população pela democratização do regime são recebidas pelos comunistas como uma tentativa de contra-revolução. A ditadura do proletariado não abre espaço para o discurso sobre a democratização. Por isso, a tradução de *O Mundo da paz* traz o termo de “popularização”, ao invés de falar em “democratização”. O título brasileiro sugere um diálogo entre os escritores e os operários. A tradução fala em discussão promovida por ou entre os escritores-operários. De acordo com a política cultural, traçada no segundo capítulo desse trabalho, a estratégia da criação de novas elites intelectuais na Polônia contava com os escritores vindos do meio operário. A menção dos escritores-operários pode refletir essa tendência.

A tradução dos títulos do romance *Gabriela cravo e canela* demonstra a tendência para enfatizar as características ou o estado de humor da protagonista, falando no encanto ou na tristeza de Gabriela. A explicitação, de cunho sensacionalista, na tradução do título “Caçada ao homem” visa prender a atenção do público leitor para um fato extraordinário de se promover uma caçada ao ser humano.

Finalmente, no romance *A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso*, a tradução apresenta uma tendência para explicitar os marcos culturais brasileiros para o leitor polonês. O título do TF traz o termo “Ita” como a designação comum das embarcações da Companhia Nacional de Navegação Costeira, e é traduzido para o

polonês como o “navio da Companhia Ita”. No mesmo texto, a menção da peça de roupa íntima masculina, recebe na tradução um termo provindo da língua francesa, que parece menos deselegante do que a designação polonesa da roupa de baixo masculina. A tradução dos títulos dos capítulos de outros romances não apresenta maiores modificações.

4.1.4 Textos explicativos

A tabela a seguir apresenta os textos explicativos que acompanham as traduções polonesas.

Tabela 12. Textos explicativos

Título	Notas	Prefácio	Posfácio	Outros
<i>Cacau</i>	37 de rodapé; Nm	não	sim; Tr	desenho; mapa
<i>Suor</i>	17 de rodapé; Tr	sim; Nm	não	--
<i>Jubiabá</i>	88 de rodapé; Tr	sim; Nm	não	--
<i>Mar morto</i>	39 de rodapé; Tr	não	não	--
<i>ABC de Castro Alves</i>	59 no fim; Ou	não	não	orelha
<i>O cavaleiro da esperança</i>	73 de rodapé; Nm	sim; Ou	sim; JA	--
<i>Terras do sem fim</i>	32 de rodapé; Tr	não	não	--
<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	38 de rodapé; Tr	sim; JA	não	--
<i>Seara vermelha</i>	78 de rodapé; Tr	não	sim; Tr	--
<i>A Albânia é uma festa</i>	não	não	não	--
<i>O mundo da paz</i>	45 de rodapé;	sim; JA	sim; Ou	--
<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	138 de rodapé; Nm	não	não	--
<i>Gabriela cravo e canela</i>	76 de rodapé; Tr	não	não	--
<i>Os velhos marinheiros</i>	27 de rodapé; Tr	não	não	--
<i>Os pastores da noite</i>	38 de rodapé; Tr	não	não	--
<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	101 de rodapé; Nm	não	não	contracapa
<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	71 de rodapé; Nm	sim; Nm	sim; Tr	dicionário

Legenda: JA - Jorge Amado; Nm – não mencionado; Ou – outro; Tr – tradutores

A tabela 12 evidencia a existência de notas explicativas em todas as traduções, com exceção da edição de *A Albânia é uma festa*. Quase todas as notas ocorrem na forma de notas de rodapé. Somente a tradução de *ABC de Castro Alves* situa as notas no final do texto. Na sua grande maioria, as traduções trazem a informação sobre a autoria das notas explicativas, sendo os próprios tradutores, habitualmente,

seus autores (nove traduções). No caso da tradução de *ABC de Castro Alves*, o autor das notas, Antoni Śliwiński, não é um dos tradutores.

Os TF do *ABC de Castro Alves* e *O cavaleiro da esperança* são as obras amadianas, nas quais, o autor serve-se das notas de rodapé para fornecer as explicações a respeito de Castro Alves e de Luiz Carlos Prestes. Nenhuma das 150 notas do texto-fonte de *ABC de Castro Alves*, como também nenhuma das 95 notas de *O cavaleiro da esperança* integra a tradução polonesa.

As notas explicativas aproximam a realidade representada na obra amadiana ao público leitor. Por meio delas, o leitor polonês pode familiarizar-se com os termos geográficos, com a fauna e a flora, com os nomes dos personagens da história brasileira e da história do movimento comunista mundial, com os apelidos dados aos brasileiros e aos estrangeiros pela população do Brasil, como também conhecer suas respectivas pronúncias. As notas explicam os traços da cultura, as leis, a religiosidade e os costumes brasileiros, bem como trazem informação sobre os objetos de uso diário, as comidas típicas e os alimentos, os instrumentos musicais, as ferramentas e as medidas utilizadas no Brasil. As notas que explicam o significado dos estrangeirismos, usados nos textos-fonte e conservados nos textos-alvo, constituem uma categoria específica. Essas notas traduzem as falas pronunciadas pelos personagens em alemão, espanhol, francês, italiano e inglês, entre outros idiomas.

Os textos explicativos (prefácios, posfácios e outros textos) que integram as traduções têm como autor o próprio Jorge Amado ou seus tradutores, ou ainda, provêm de outros profissionais da literatura. O posfácio de *O cavaleiro da Esperança*, de autoria de Jorge Amado, é intitulado “Posfácio do autor para a edição polonesa”. No texto, o autor informa ter escrito a biografia no final do ano de 1941, no sexto ano de aprisionamento de Prestes. Na opinião de Amado, o livro colaborou imensamente para a libertação do líder do PCB. A obra foi editada na Argentina, em espanhol, no ano de 1942. Foi a partir desse país que o livro entrou no Brasil e, distribuído clandestinamente pelo território nacional, agiu em favor da libertação de Prestes. O livro foi proibido para o público brasileiro e a posse dele causava sanções severas. Apesar disso, os exemplares eram adquiridos e circulavam entre os leitores. No momento em que Amado escreve o posfácio, o regime de Dutra está confiscando os exemplares do livro nas livrarias cariocas e o líder do PCB é forçado a atuar na clandestinidade. A tragédia pessoal do comunista perseguido agrava-se

com o fato da morte de sua mãe, Leocádia Prestes, exilada no México, e o assassinato da mulher Olga Benario Prestes, no campo de concentração nazista na Alemanha. Em seguida, Amado informa o leitor polonês sobre a vida de Prestes após a saída da prisão. No discurso do dia 26 de março de 1946, Prestes problematiza a tentativa do governo brasileiro de engajar as forças armadas no conflito dos EUA contra os países do oriente europeu. Prestes trabalha na organização do proletariado brasileiro. Também, os artistas brasileiros, entre eles Graciliano Ramos, Candido Portinari e Oscar Niemeyer, apóiam o PCB. Em seguida, Amado escreve sobre a necessidade de reforma agrária no Brasil. O autor cita o dado de que dois terços de brasileiros trabalham no regime feudal para os donos das grandes fazendas. Amado frisa o fato, de que as relações de trabalho no campo demonstram características pré-capitalistas, com os operários trabalhando sem receber salário, em regime semi-escravista. Por isso, os comunistas brasileiros chamam o sistema social brasileiro de sistema semifeudal. Amado descreve o líder do PCB como uma pessoa extremamente simples e modesta. Para moderar a vaidade dos membros do partido, Prestes introduziu nos quadros do PCB, o método leninista de crítica e de autocrítica, que resultou em fortalecimento do próprio partido. No final do posfácio, Amado noticia sobre o cartaz distribuído nos muros da cidade do Rio de Janeiro, contendo a informação sobre o prêmio de um milhão de cruzeiros a quem entregar o esconderijo de Prestes. Amado lembra que o regime no Brasil abriu o processo contra o próprio escritor, condenando seu discurso no Congresso em Wrocław. Nas páginas que precedem o início do texto polonês de *São Jorge dos Ilhéus* encontra-se traduzida a nota introdutória do próprio autor sobre a ligação do texto com o romance anterior, intitulado de *Terras do sem fim*. Também, a tradução de *O mundo da paz* conta com a tradução da nota introdutória escrita por Jorge Amado na ocasião do lançamento do texto no Brasil.

Os textos explicativos dos tradutores estão situados nos posfácios das traduções. No posfácio de *Cacau*, a tradutora e autora da versão resumida, Małgorzata Hołyńska, conta a história do Brasil. Depois de explicar o nome do Brasil, a autora conta como, junto com conquistadores, chegaram à colônia os religiosos, com a missão de subjugar os moradores à hegemonia do Vaticano. As terras do país mostraram-se adequadas para o plantio de cana de açúcar, de algodão, de café e de cacau. Dizimando os indígenas, os colonizadores perdem a força de trabalho barata. Em seguida, o posfácio fala do tráfico dos escravos africanos e menciona a

República dos Palmares, como exemplo da luta dos marginalizados contra o centro do sistema sociopolítico do Brasil, da época da colônia. Depois de narrar a fuga da corte portuguesa para o Brasil e, finalmente, a independência brasileira, Hołyńska menciona a abolição e a decretação da República. A narradora salienta que a situação dos trabalhadores negros, embora livres, não progrediu muito, comparando com a época da escravidão. De fato, os imigrantes europeus, entre eles os poloneses, que povoam as terras brasileiras a partir do início do século XIX, sofrem a exploração semelhante ao regime escravista. A autora faz a menção ao início do movimento sindical e à fundação do PCB. No contexto do final da Segunda Guerra Mundial, a autora introduz a biografia de Jorge Amado. Segundo Hołyńska, adolescente ainda, Amado começou uma vida independente trabalhando nas plantações de cacau e depois, numa gráfica da cidade de Bahia. O escritor brasileiro completaria os estudos sustentando-se com o trabalho de jornalista. Eleito deputado federal pelo PC, Amado tem seu mandato caçado e precisa sair para o exílio. Hołyńska menciona que Jorge Amado escreveu 12 livros traduzidos para 42 idiomas, denunciando a situação dos marginalizados trabalhadores rurais do Ceará, os pescadores negros e mulatos da costa atlântica e das crianças de rua das grandes capitais. A autora menciona a visita de Jorge Amado à Polônia por ocasião do Congresso dos Intelectuais pela Paz e a premiação do escritor brasileiro com o Prêmio Stalin.

Na última página da tradução de *Seara Vermelha*, encontra-se uma nota explicativa de autoria dos tradutores Hołyńska e Gruda. Nele, os autores explicam os procedimentos adotados na tradução do romance. Primeiramente, o leitor polonês é informado sobre o fato de que “na literatura brasileira encontra-se um certo número de expressões que não possuem equivalentes na língua polonesa”. Os autores constatarem que as explicações no corpo do texto “tomariam muito espaço e prejudicariam a forma da tradução”. Como informa a nota, o procedimento adotado pelos tradutores consistiu em “conservar as expressões no corpo de texto na forma original, explicando-as por meio de notas de rodapé”. Outro procedimento adotado foi o de “introduzir as expressões brasileiras no texto traduzido, com a grafia que possibilite ao leitor polonês a pronúncia assemelhada à pronúncia original”. Nos casos de uma complexidade maior, os tradutores afirmam ter tomado a postura de “facilitar ao público a leitura do romance brasileiro”. Hołyńska e Gruda afirmam ter adotado o procedimento de declinar os substantivos trazidos do original para o texto

traduzido, segundo as regras gramaticais da língua polonesa “em todos os casos que o substantivo permitiu tal operação”. Este procedimento é ilustrado por meio de dois exemplos. O substantivo “capataz” ganha na tradução a forma “capataza,” enquanto o substantivo “cachaça” ganha a forma de “cachasy”, em ambos os casos sugerindo a forma de genitivo ou de ablativo das declinações masculina e feminina polonesas, respectivamente. Os itens culturais, como “feijão” e “sertão”, os tradutores trazem na forma de “fizon” e “serton”, o que corresponde “à pronúncia usada pelos colonos poloneses no Brasil”. Os tradutores informam que expressões do tipo “meeiros” ou “sertanejos” são conservadas no texto na forma original, sem decliná-los, para “não causar estranhamento no leitor pela adoção de esquisitices inéditas”.

O posfácio da tradução de *Tereza Batista cansada de guerra*, assinado por Elżbieta Reis, traz o título “Palavra da tradutora”. Nele, a autora aproxima do leitor polonês os conceitos de “candomblé” e de “macumba”, igualando os dois termos. Reis não se compromete a fornecer as explicações científicas, mas tece um conjunto de explanações bastante simples. A tradutora esboça a estrutura hierárquica e a teologia dos terreiros, comparando os fenômenos do candomblé com as rotinas da Igreja Católica, familiares para o leitor polonês. Na parte final do posfácio, Reis menciona que vários personagens do romance possuem traços biográficos das personalidades eminentes da vida cultural baiana. A greve das prostitutas foi um fato que a tradutora acompanhou no Brasil, nos anos cinqüenta.

As traduções trazem os textos explicativos de autoria dos profissionais de literatura, não envolvidos diretamente na tradução dos textos. O prefácio para *O Cavaleiro da Esperança*, de autoria de Danuta Hrehorowicz, apresenta Jorge Amado como um excelente escritor brasileiro, militante na luta pela justiça social e pela libertação das massas populares dos “grilhões do sistema capitalista”. Segundo a autora, Amado conheceu a miséria e o sofrimento do povo brasileiro desde cedo, pois na idade de 13 anos saiu da casa paterna para viajar pelo país. Também cedo, o escritor começou a trabalhar como jornalista, para se sustentar e pagar os estudos jurídicos. Os primeiros romances de Amado, acolhidos bem pela crítica brasileira e estrangeira, colocaram o autor à frente do grupo dos escritores progressistas. Os livros de Amado desmascaram o sistema capitalista e demonstram a exploração impiedosa do proletariado. O prefácio fala da militância do escritor nos quadros do PCB, das perseguições que ele sofre e, finalmente, do exílio na Europa. O texto cita

a participação de Amado nos Congressos de Wrocław e de Varsóvia e, em seguida, apresenta a tradução. *O cavaleiro da esperança* é chamado de um livro excepcional na trajetória literária do escritor. Nele, Amado apresenta a vida do líder do PCB e o heroísmo do povo brasileiro, cuja consciência acorda e amadurece na luta por seus direitos. Hrehorowicz traça as relações sociais e as condições de trabalho no Brasil, chamando o sistema brasileiro de “um sistema semifeudal”, dirigido pela classe burguesa que atrasa o processo da conquista dos direitos trabalhistas com todos os meios possíveis, incluindo a violência. Um marco na luta pelos direitos do trabalhador brasileiro traz a revolução de 1917. A partir da revolução soviética, a classe operária brasileira começa a acreditar que o sonho “da construção de um mundo melhor viabiliza-se por meio da revolução”. Na militância pelos ideais revolucionários, Prestes foi detido e condenado a 46 anos de prisão. Paralelamente, a esposa de Prestes, uma comunista alemã, extraditada pelo governo brasileiro, morre na prisão nas mãos da *Gestapo*. O líder do PCB sai da prisão depois de oito anos e continua a luta contra o sistema capitalista. O partido conscientiza o povo brasileiro para se opor à concessão do direito ao asilo político aos nazistas, criminosos da Segunda Guerra. O PCB faz, também, a propaganda contra o envio das tropas brasileiras para apoiar o interesse capitalista na guerra da Coreia. O prefácio informa de que, após a cassação do PCB pelo “governo fascista do presidente Dutra”, no ano de 1947, Prestes continua trabalhando na clandestinidade.

O posfácio de *Mundo da Paz* é assinado por Konrad Kotowski. Nele, o autor aproxima a biografia e a trajetória artística de Jorge Amado. Criança ainda, Amado trabalha para se sustentar e para poder estudar. A carreira literária do escritor começa com *País do Carnaval*, um romance escrito nos moldes de literatura burguesa, que o próprio autor rejeitou como “um erro da juventude”. Em seguida, Amado produz os romances comprometidos com a realidade do povo brasileiro, que chamam atenção da crítica internacional e situam o autor entre os melhores escritores progressistas da América Latina. Membro do PC e perseguido, Amado exila-se em Paris. Em consequência do pronunciamento contra o imperialismo, proferido no Congresso de Wrocław, o comunista brasileiro é banido da França. Acolhido na Tchecoslováquia, o autor viaja pelo bloco soviético. Dessas viagens nasce *O mundo da paz*, um livro escrito para fornecer ao leitor brasileiro a verdade sobre a URSS e os países das Democracias Populares. Condecorado com o Prêmio Stalin, o autor brasileiro produz um livro marcado por triunfalismo pelas conquistas

soviéticas e caracterizado por certa ingenuidade. Kotowski critica no livro, “a falta de uma percepção mais aguda da luta de classes e do perigo iminente da contra-revolução”. O posfácio termina com a observação de que os trabalhos de Amado representam uma ponte entre as duas nações, polonesa e brasileira.

Três traduções trazem os textos explicativos anônimos, que precedem o próprio texto de tradução. Os prefácios da tradução de *Suor* e de *Jubiabá* possuem as mesmas características. Neles, enfatiza-se o fato de Jorge Amado “abandonar a casa paterna e, desde cedo, sustentar-se com seu próprio trabalho”. Ambos os textos citam a trajetória literária, a militância no PCB, o exílio na França e na Tchecoslováquia. Os textos enfatizam o fato de Amado ter escrito *Suor* e *Jubiabá* na sua juventude. O pequeno prefácio à tradução de *Tereza Batista cansada de guerra* traz uma sinopse do romance. Na sua última frase, a nota menciona que “Jorge Amado é considerado o maior escritor brasileiro vivo”.

Entre os textos explicativos, chamam a atenção seis ilustrações, em preto e branco, que integram o volume da tradução de *Cacau*. O primeiro desenho ilustra o enterro do pai de José Cordeiro e integra o segundo capítulo. O segundo desenho mostra um homem em pé, que segura uma pistola apontada para o corpo de um outro homem estendido num cacaual. A ilustração acompanha o texto do quarto capítulo que narra sobre os assassinatos cometidos por pistoleiros a mando dos coronéis, na guerra pelos terrenos para o plantio de cacau. O terceiro desenho acompanha o quinto capítulo e retrata a cena em que Honório rouba os alimentos na loja do fazendeiro. O quarto desenho acompanha o nono capítulo e ilustra a cena na qual o coronel castiga severamente um menino por ter derrubado um fruto de cacauero. O quinto desenho apresenta um retrato de uma mulher em pé, que possui as mesmas características do retrato da mulher na capa do livro. A ilustração integra o capítulo 12, que narra a história da vingança contra Osório, sedutor de Magnólia. O sexto desenho apresenta dois homens, saudando um ao outro com um gesto de mão erguida. A ilustração integra o capítulo 16, que conta da despedida do personagem principal e do negro Honório. A mesma tradução traz ainda um mapa da América do Sul. Todas as indicações geográficas, os nomes de oceanos e dos países do continente estão escritos em polonês. O nome do Estado da Bahia tem a grafia portuguesa e a capital do estado é indicada com o nome de “Bahia”.

O curto texto na orelha da sobrecapa de *ABC de Castro Alves* informa que a biografia de Castro Alves, de autoria do excelente escritor Jorge Amado, conta a

vida e a obra do magnífico poeta brasileiro da época do romantismo. Inspirada pelos escritores europeus, entre eles por Mickiewicz, a obra de Castro Alves influenciou o desenvolvimento da literatura brasileira.

A contracapa da tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* oferece uma sinopse do romance. A nota apresenta o triângulo amoroso do enredo e interroga o leitor sobre a possibilidade de uma mulher dormir com dois maridos ao mesmo tempo, sem cometer a bigamia. O texto responde que tudo é possível no romance de Jorge Amado, um autor clássico da literatura brasileira, cujos livros foram traduzidos para o polonês. Os romances amadianos caracterizam-se pela erótica exuberante e a magia da macumba. A nota termina com a informação de que o livro serviu como roteiro do filme escandaloso, cheio de humor e de calor humano, apresentado recentemente para o público polonês. A tradução do romance *Tereza Batista cansada de guerra*, por sua vez, apresenta o “Dicionário dos termos do candomblé”, que conta com 26 verbetes.

Os textos explicativos que acompanham as traduções (nota de rodapé e no final do texto, prefácio, posfácio, sinopse, dicionário, desenho e mapa) aproximam a geografia, a história, a cultura e a língua brasileira ao leitor polonês. Manipulando a biografia do autor brasileiro e enfatizando seu ingresso precoce no mercado de trabalho, os textos explicativos traçam o perfil de Jorge Amado, escritor e militante do partido comunista de origem humilde, evitando sua apresentação como filho dos proprietários de terras para a lavoura do cacau.

4.2 AS FONTES EXTRATEXTUAIS

Entre as fontes extratextuais que contextualizam as traduções polonesas da obra de Jorge Amado estão os textos extraídos dos periódicos poloneses, na sua maioria, especializados em literatura. Os artigos, publicados nos anos de 1948 a 1994, discutem a obra de Jorge Amado em geral, trazem as resenhas críticas dos textos amadianos e tecem os comentários sobre as traduções editadas na Polônia. Também, as informações sobre os tradutores da obra amadiana e sobre as editoras das traduções tornam-se o objeto de análise.

4.2.1 Tradutores

Na Polônia, a obra de Jorge Amado tem cinco tradutores. Małgorzata Hołyńska, Janina Wrzoscowa e Egueniusz Gruda trabalham nas traduções desde o princípio, segundo a ordem cronológica dos lançamentos, como demonstram as tabelas 3 e 5. As traduções de autoria de Elżbieta Reis e Alina Lenczewska datam de 1989 e de 1993, respectivamente. Hołyńska colaborou na tradução de nove obras de Jorge Amado, lançadas nos anos de 1949 a 1957. Gruda colaborou na tradução de dez obras amadianas, lançadas nos anos de 1949 a 1972. Hołyńska e Gruda constituem uma dupla de tradutores. Wrzoscowa traduziu cinco obras de Jorge Amado, lançadas nos anos de 1949 a 1975. A única edição onde a folha de rosto traz o nome de Wrzoscowa junto ao nome de Gruda é a tradução de *Os velhos marinheiros*. Porém, a tradução de *A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão de longo curso* é assinada por Wrzoscowa e a tradução de *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* é assinada por Gruda. Reis traduziu uma obra de Amado e Lenczewska, igualmente, traduziu um romance amadiano.

Como menciona o segundo capítulo da presente pesquisa, o realismo socialista incentivou a criação coletiva, postulando o trabalho de duplas criativas. As traduções conjuntas de Hołyńska e Gruda servem como exemplo dessa política. A revista *Nowa Kultura* (MW, 1952, p.12) traz a nota da reunião do Departamento Criativo de Tradução da Associação dos Escritores, do dia 25 de março de 1952. Na reunião dedicada a Jorge Amado, os tradutores apresentaram o papel do PCB nas transformações sociais do Brasil. Os palestrantes destacaram *O Cavaleiro da Esperança* como o livro fundamental para a campanha pela anistia de Prestes. Hołyńska e Gruda relataram as dificuldades que os textos de Amado apresentam para o tradutor polonês, salientando a distância entre as culturas e as diferenças lingüísticas entre os idiomas polonês e português. No final da reunião, os tradutores promoveram uma discussão sobre o trabalho de criação coletiva, exemplificando o método, com sua experiência de quatro anos de trabalho em dupla tradutória. A nota demonstra a primazia da postura ideológica do tradutor, que deve conhecer a importância do autor e da obra no quadro do processo revolucionário, sobre os assuntos tipicamente técnicos da tradução.

Por sua vez, a definição da tradução (SŁAWIŃSKI, 1994) da época do lançamento de *Tereza Batista cansada de guerra* (1989) e de *Dona Flor e seus dois maridos* (1993) concentra-se nas questões da equivalência e salienta as dificuldades na transposição da forma e do conteúdo, entre os sistemas culturais e lingüísticos muito distantes. A entrada do dicionário argumenta, porém, que a obra traduzida pode funcionar muito bem no sistema literário receptor, gerando muitas vezes, excelentes resultados artísticos. O verbete não traz exigências acerca da postura ideológica do tradutor. Deste modo, pode-se observar a passagem na concepção da tradução, desde a acentuação do instrumento ideológico para a preocupação com os procedimentos técnicos do fazer tradutório.

As bio-bibliografias dos tradutores fornecem informações complementares sobre o *corpus* de pesquisa. Eugeniusz Gruda nasceu na Polônia, no dia 22 de dezembro de 1907. Filho de um pai tradutor, empregado nas empresas de apostas da corrida de cavalos, viajou constantemente com a família, morando em Varsóvia, em Viena, em Budapeste e em Moscou. Formado professor de escola primária, Gruda viaja em 1927 para o Paraná, onde trabalha como educador, fundando escolas para os poloneses emigrados para o Brasil. Casado com filha de emigrantes poloneses, Gruda permanece no Brasil até o ano de 1940. Voltando para Europa, Gruda alista-se para o exército polonês na França e, em seguida, é transferido para a Inglaterra. No ano de 1944, Gruda volta para o Brasil, onde permanece por mais três anos. A partir do ano de 1947, Gruda vive na Polônia, trabalhando no Ministério do Exterior e publicando, desde 1949, as traduções da literatura brasileira. Traduzindo quase exclusivamente a obra de Jorge Amado, Gruda torna-se também o intérprete do escritor brasileiro na Polônia. O próprio Amado dedica a Gruda algumas páginas em *Navegação de cabotagem* (AMADO, 1992, p. 412-415)¹⁴⁵. Além da obra de Amado, Gruda traduz *O crime do Padre Amaro* de Eça de Queiroz, escreve romances ambientados no Brasil e publica sua biografia. Incansável propagador da literatura brasileira, Gruda (1958a, p. 4) publica na imprensa polonesa um *Abecê da poesia brasileira*. Por mais uma vez, Gruda viaja pelo Brasil no ano de 1961. O tradutor faleceu em Varsóvia, em 25 de julho de 1971.

Małgorzata Hołyńska nasceu em Sant Petersburgo na Rússia, no dia 15 de setembro de 1916. Criança ainda, mudou com os pais para a Polônia. Formada em

¹⁴⁵ Na entrevista, Zélia Gattai (15.10.2004) cita o nome de Gruda, quando perguntada por mim pelos contatos que facilitaram a circulação de Amado na Polônia.

Letras, Hołyńska estréia como poetisa. Casada com oficial polonês, ela muda para a Lituânia, no início da guerra. Durante a ocupação soviética, Hołyńska trabalha no ensino médio e colabora com a radiodifusão local. Depois da tomada da Lituânia pelos alemães, Hołyńska é presa e, em 1944, transferida para o campo de trabalho na França. No ano de 1948, Hołyńska volta para a Polônia, onde trabalha para o Ministério do Exterior. Nos anos de 1950 a 1988, Hołyńska exerce o cargo de redatora responsável pela seção românica da editora *Czytelnik*. Desde o ano de 1948, Hołyńska publica traduções do francês, do português e do tcheco, como também romances e contos de sua autoria. A última informação sobre a tradutora, obtida pela presente pesquisa, revela que Hołyńska morava em Varsóvia, ainda no ano de 1989 (CZACHOWSKA; SZAŁAGAN, 2001, p. 270). A análise das bibliografias de Gruda e de Hołyńska permite constatar de que se trata de uma dupla de tradutores profissionais, voltados para a obra de Jorge Amado. Com 16 anos vividos no país, Gruda conhece o Brasil e traduz somente a literatura brasileira. Todas as traduções do português, assinadas por Hołyńska, foram feitas em dupla com Gruda. A biografia de Hołyńska permite acreditar, que a tradutora não dominava o português. Formada em Letras, falante de francês, e exercendo cargo politicamente relevante na editora, Hołyńska representava, provavelmente, a garantia da pureza ideológica das traduções da língua portuguesa. Esta hipótese justifica-se no contexto da política cultural polonesa, discutida no segundo capítulo do presente trabalho.

Janina Wrzoscowa traduz das línguas românicas, do francês, do romeno e do português. A maioria das traduções de sua autoria vem da literatura brasileira. Entre os autores brasileiros, traduzidos por Wrzoscowa, predomina a obra de Jorge Amado e, em seguida, de José de Alencar (*O Guarani*, *O sertanejo*), de Machado de Assis (*Dom Casmurro*) e de Monteiro Lobato (*Reinações de Narizinho*). Alina Lenczewska traduz do russo e do português. Além de *Dona Flor e seus dois maridos* de Amado, Lenczewska traduziu o romance *Terra morta* de Fernando Soromenho. Elżbieta Reis traduziu três romances brasileiros, entre eles, *Tereza Batista cansada de guerra* de Jorge Amado. Outros autores traduzidos por Reis são Antonio Olinto (*A casa de água*) e Lygia Telles (*Ciranda de pedra*). Na opinião do professor Jerzy Brzozowski do Instituto de Letras Românicas da Universidade de Cracóvia (BRZOZOWSKI, informação verbal, 19.01.2007), redator da tradução polonesa de

Tereza Batista cansada de guerra, Reis conhece o idioma português por ter vivido no Brasil, mas não é uma tradutora profissional.

Dos cinco tradutores, o mais próximo de Jorge Amado foi Eugeniusz Gruda. Porém, todos teriam a possibilidade de consultar o escritor, em caso de dúvidas, pois as traduções foram lançadas ainda com o escritor vivo. No decorrer da pesquisa, não foi possível verificar a existência de tais contatos. O livro de memórias de Amado (1992, p. 247) traz uma referência a respeito. Nele, o autor afirma que depois de ter terminado um romance, o mesmo não pertence mais a ele, mas aos outros, entre eles aos tradutores.

O conceito de tradução na época do stalinismo defende o modelo da criação coletiva. Neste sentido, a autoria das traduções publicadas nesse período apresenta-se como um problema bastante complexo. Na elaboração do texto traduzido colaboram, além do profissional de tradução, os agentes ideológicos (os redatores das editoras, o Departamento Criativo de Tradução, os censores). As ingerências diretas dos agentes do aparelho ideológico cessam com a abertura do sistema político.

4.2.2 Editoras

Como demonstra a análise da tabela 5, a editora *Czytelnik* exerceu um monopólio na edição das traduções de Jorge Amado. A *Czytelnik* foi fundada no dia 16 de outubro de 1944, como uma cooperativa editorial e educacional. Pertencendo, teoricamente, ao grêmio dos fundadores e dos acionistas, na prática, a *Czytelnik* pertence ao Estado e executa seu programa ideológico. Os membros da cooperativa recebem um desconto de 20% na compra dos livros, mas, em troca, têm a obrigação de fundar grupos de alfabetização e de leitura, organizando as bibliotecas, nos lugares onde vivem e atuam. No início dos anos cinquenta, a *Czytelnik* tornou-se uma editora da literatura contemporânea polonesa e estrangeira, com ênfase na literatura soviética. *Czytelnik* elaborou muitas iniciativas para alcançar o público popular e o leitor recém alfabetizado. Paralelamente à edição de livros, a *Czytelnik* editava os jornais e as revistas. Seu jornal de circulação nacional *Życie Warszawy* tornou-se a única fonte de informação fora dos veículos partidários. Os periódicos de

Czytelnik, a exemplo das revistas *Odrodzenie* e *Kuźnica*, desempenharam um papel fundamental na formação do perfil da vida cultural do país.

Desde sua fundação, no dia 25 de junho de 1946, o Instituto Editorial do Estado (editora PIW) realiza as tarefas expressas nos princípios da política cultural. A editora é ligada, diretamente, ao Ministério da Informação e da Propaganda. Nos primeiros dois anos, a PIW edita o material de propaganda partidária e prepara a edição dos clássicos poloneses. A partir do ano de 1949, ela começa a editar os autores contemporâneos, poloneses e estrangeiros. A partir de 1952, a política cultural do Estado distribui as tarefas para as editoras. A *Czytelnik* fica com a literatura contemporânea, e a PIW fica com a literatura clássica. Na prática, a distribuição dos papéis nunca foi observada rigorosamente.

A editora KiW (*Książka i Wiedza*) foi fundada no dia 20 de novembro de 1948 da fusão da editora *Książka* com a editora *Wiedza*. A *Książka*, criada no outono de 1944 como editora do PC polonês, dá prioridade à filosofia marxista e edita o material de propaganda partidária, além dos clássicos poloneses e estrangeiros. A obra dos escritores contemporâneos é editada numa percentagem insignificante. Criada em meados do ano de 1945, como a editora do Partido Socialista Polonês, a *Wiedza* concentra-se na divulgação da propaganda partidária. As traduções dos clássicos estrangeiros têm um lugar importante na produção da editora. A fusão uniu os nomes, os perfis e os programas de ambas as oficinas. O programa da KiW afirma ser o objetivo da editora, a atividade educacional e de propaganda no espírito do marxismo-leninismo, para elevar o padrão da consciência social na Polônia. A KiW pretende tornar a literatura acessível às massas populares. Como a oficina do PC, a KiW executou as tarefas de propaganda, editando as obras dos clássicos do comunismo e o material ideológico, impresso em forma de folhetos, para a formação dos operários nas fábricas e no meio rural.

A editora WL (Wydawnictwo Literackie) foi fundada em primeiro de janeiro de 1953, na época em que as tarefas editoriais já foram estabelecidas e distribuídas entre as editoras existentes. Criada na cidade de Cracóvia, a WL apresenta um fenômeno inédito de uma oficina que entra no mercado já saturado, para descentralizar a vida literária polonesa. Com exceção de uma editora situada na cidade de Wrocław, todas as outras editoras funcionam em Varsóvia. A centralização da vida editorial promovia maior controle do Estado sobre o material editado. O perfil da WL foi elaborado ao longo dos anos. Desde o início, a literatura

polonesa - clássica e contemporânea - predomina na proposta editorial da WL. Nos primeiros anos depois da fundação, o direito de editar as traduções foi negado à WL para garantir a centralização do controle dos textos traduzidos, operado em Varsóvia.

4.2.3 Resenhas críticas

Na Polônia, a crítica literária é dirigida pelos interesses políticos durante todo o período da dominação do regime comunista, como ressalta o segundo capítulo dessa pesquisa. No subsistema da literatura traduzida, o alinhamento do discurso importado por meio de tradução aos ditames da ideologia vigente torna-se a tarefa mais importante para a crítica de tradução. Porém, na década de 1970, a valorização da tradução como o fator enriquecedor do polissistema nacional de literatura começa a ganhar o espaço no discurso crítico sobre a tradução, como salienta Waclaw Sadkowski (2002, p. 174).

Cacau, o primeiro romance de Amado traduzido para o polonês, mereceu um número considerável de críticas, veiculadas em toda a imprensa literária do país. No periódico *Odrodzenie*, Irena Kossut-Kozińska (1949, p. 7) afirma, que esse conto proletário – a designação do próprio autor - possui um enorme valor ideológico e um valor artístico mínimo, “estando mais perto de um documento do que de uma obra de arte”. Um valor inegável da obra constitui a autenticidade com a qual o autor brasileiro descreve as condições de vida e de trabalho no Brasil, o país conhecido pelo público leitor polonês como um palco de aventuras fascinantes, descritas pelos autores estrangeiros. Por isso, afirma a crítica, a magia do texto de *Cacau* advém não tanto do exotismo, mas do realismo e do talento sedutor do jovem autor. No final, a autora faz elogios aos tradutores. O artigo publicado pela revista *Wieś* (POŻYTECZNA, 1949, p. 12) combate as denúncias de obscenidades e de vulgarismos, feitas à tradução de *Cacau*, salientando que “a miséria, a prostituição, a fome e a decadência humana são requisitos do sistema capitalista, que o autor progressista, mundialmente reconhecido, ataca nos seus romances”. Segundo o articulista, o uso do vulgarismo “filho da puta” é justificável, pois “dirigido pelo trabalhador explorado para um latifundiário inescrupuloso e violento”.

Jerzy Korczak (1949a, p. 5) intitula sua resenha crítica de *Brasil em polonês*. O autor comenta que *Cacau* é um livro destinado aos que sabem ler e têm condições de adquirir o livro, isto é, à classe que oprime os trabalhadores analfabetos. Por isso, o livro nem pode ser um texto que inspira uma insurreição, mas é um “grito de protesto contra a exploração do trabalhador”. Korczak qualifica a tradução como um trabalho excelente. O mesmo autor refere-se à tradução de *Cacau* por mais uma vez (KORCZAK, 1949b, p. 5). Em sua crítica, ele avalia o texto do escritor brasileiro como “escrito caoticamente e sem preocupação com o estilo e a forma”. O articulista salienta de que o fator da mudança de vida dos dois “quase revolucionários, Colodino e José Cordeiro” não é a consciência de classe, mas sim, as desventuras com as mulheres. A tradução é qualificada como boa, embora a adaptação dos nomes brasileiros para o polonês, segundo Korczak, causa um estranhamento para o leitor polonês. Egon Naganowski (1950, p. 6) qualifica a realidade descrita por Amado em *Cacau* como apavorante: “além da exploração, na terra do cacau reinam a superstição e o atraso, a malária e as doenças venéreas. O alcoolismo e a prostituição são apoiados pelos latifundiários”. O autor enfatiza o fato de que, “nas plantações de cacau não existe ainda a consciência de classe, nem a revolta organizada dos operários”.

O mesmo autor (NAGANOWSKI, 1950, p. 6) escreve sobre a edição conjunta de *Cacau* e *Suor*, intitulada *Aurora do Brasil*, chamando Amado de “excelente realista, que capta com talento e retrata com plasticidade as coisas realmente importantes e típicas”. Os dois contos situam-se, na opinião de Naganowski, “entre as obras próximas ao naturalismo”, características da “literatura progressista da época passada, que flagrava e denunciava a opressão dos trabalhadores, nos tempos da predominância do capitalismo no ambiente mundial”. Segundo o articulista, “Amado soube demonstrar bem o papel reacionário do clero brasileiro aliado à classe dominante”. Para o crítico, “as traduções, apesar de alguns pequenos defeitos, soam bem em polonês”. *Aurora do Brasil* conta com mais uma resenha crítica no periódico bimensal dedicado aos lançamentos no mercado editorial *Nowe Książki*¹⁴⁶ (ŚWIT, 1953, p. 122). O artigo refere-se ao conteúdo dos dois contos que integram o volume. O primeiro, narra com fidelidade sobre a vida dos trabalhadores rurais na Bahia. O segundo, apresenta a miséria do proletariado

¹⁴⁶ *Os Livros Novos*, em polonês.

urbano. Egon Naganowski (1950, p. 6) refere-se á tradução de *Suor*, resenhando o volume de *Aurora do Brasil*. O autor chama atenção para “os elementos fisiológicos e uma acentuada temática sexual” no conto. Para o crítico, “a miséria humana, abordada pelo lado da asquerosa exterioridade, desvia a atenção do leitor da reflexão sobre as causas da pobreza”.

O periódico literário *Nowa Kultura* traz o artigo de Jerzy Pytlakowski (1950, p.11) sobre o romance *Jubiabá*, sob o título *Nascimento da consciência de classe*. O autor tece elogios ao romance “ambientado numa das camadas sociais mais atrasadas do mundo, o proletariado brasileiro negro”. Na visão racista do articulista, “Amado retrata bem o clima social latino-americano e suas características típicas - a indolência e a passividade que parecem correr nas veias dos negros”. As cenas de violência e de crimes, segundo Pytlakowski, “são decorrentes tanto da miséria, como da índole passional dos negros”. Nas palavras de autor, o capitalismo exclui o negro, cujos únicos bens são “a canção, a dança, a paixão pela mulher e a cachaça que ajuda a esquecer”, e na falta de outra opção, “a faminta mulher negra entrega-se à prostituição”. Segundo o autor do artigo, “Amado descreve com realismo a sociedade brasileira”, mas “a representação fiel da degeneração da condição humana pode ocasionar uma acusação de naturalismo”. Apesar da maturidade política do autor, “o trama e o desenho social parecem ganhar preferência sobre o assunto primeiro na ordem da importância, o da luta de classes”, pois o autor brasileiro “descreve as paisagens com maior perfeição de que retrata a greve dos operários”. No final, Pytlakowski chama o texto polonês de “tradução cuidadosa”. O periódico *Nowe Książki* traz a resenha crítica do romance, chamando atenção ao personagem de Jubiabá, “um símbolo da identidade negra, que evoca o sonho da liberdade” (JUBIABA, 1951, p. 44).

A tradução de *Mar morto* foi amplamente discutida pela crítica. A *Nowa Kultura* (OESTERLOEF, 1951, p. 11) nota que “o romance pertence às obras da juventude de Amado” e, por tanto, “os critérios de avaliação não podem ser iguais àqueles utilizados para falar sobre a obra mais recente do homem maduro e do comunista consciente”. O autor menciona as falhas de *Cacau* e de *Suor* e, elogiando o romance *Jubiabá*, coloca o *Mar morto* no mesmo patamar artístico. Na opinião de Oesterloef, “Amado mostra muito bem que a tragédia do povo do cais não é o mar, mas as estruturas sociais injustas e a exploração do capitalismo”. Amado acredita na força do povo. Não se entrega ao desânimo, nem espera milagre divino, feito o

doutor Rodrigo ou a professora Dulce. Na opinião do crítico, Amado sabe mostrar que “o milagre consistirá na organização da classe trabalhadora sob o comando revolucionário do PC.” Infelizmente, “Amado não explora mais essa possibilidade, tocando somente no assunto.” Oesterloef termina elogiando “a excelente tradução que guarda perfeitamente o ritmo do romance original.” No artigo sobre *Mar morto*, o diário *Życie Warszawy* destaca a difícil sobrevivência dos moradores do cais “brancos, mulatos e negros, homens e mulheres, marinheiros e pescadores” e denuncia o trabalho infantil, o fator que afasta as crianças da escola. O romance é qualificado como belo e cheio de mistérios (S, 1951, p. 4). O periódico *Nowe Książki* edita duas resenhas sobre *Mar morto*. A primeira (Zamarle, 1951, p. 45) caracteriza o romance como uma história exótica sobre a vida dos pescadores brasileiros, e a segunda (Zamarle, 1953, p. 409) destaca o realismo com que Amado descreve as relações econômicas e sociais no Brasil.

A biografia de Castro Alves conta com um artigo publicado nas colunas de *Nowe Książki* sob o chamativo título de *O caminho de turbilhões e tempestades*. Castro Alves é caracterizado como um poeta que rejeita a estética do modelo da arte pela arte e prega o envolvimento do escritor com as causas sociais, militando pelos ideais republicanos e em favor da abolição. O amor pela liberdade, a defesa da dignidade humana e a beleza feminina são, na opinião de Dudziński (1957, p. 15-16), os traços básicos da obra de Alves. A biografia do poeta está escrita numa linguagem poética, por vezes, até patética, na afirmação do autor do artigo. No texto, Amado une a exatidão de um cronista com a devoção de um admirador da poesia de Castro Alves. No final, Dudziński elogia o trabalho dos três tradutores da biografia.

A tradução do romance *Terras do sem fim*, por sua vez, ganha o artigo nas páginas do noticiário *Rzeczpospolita*. O texto discute as objeções feitas pelo público leitor. Alguns leitores chamam o livro de “estranho e desagradável, cheio de violência e injustiça, de prostitutas e de criminosos” (STRUMPH-WOJTKIEWICZ, 1949, p. 3). Outros leitores gostam do livro por ser exótico e dinâmico, mas não apreciam as longas descrições de paisagem e os acentos políticos no texto. O crítico combate as objeções, demonstrando os objetivos do texto. O *Terras do sem fim* é um documento sobre a formação da classe dos capitalistas brasileiros, que nasce por meio da violência e do crime, e sanciona-se pela benção da Igreja. Escrevendo com certo tom irônico, o autor diz que Amado tece uma narrativa viva e caracterizada pelo realismo. Nas colunas de *Nowe Książki*, *Terras do sem fim* é

discutido como a primeira parte da saga do cacau. Nela, o leitor assiste “ao desmatamento e ao preparo do cultivo de cacau, como também à guerra pelas terras combatida pelos exércitos dos coronéis feudais” (ZIEMIA, 1953a, p 761-2). Segundo o texto, Amado representa a miséria do proletariado rural com realismo.

O mesmo periódico traz as resenhas de *São Jorge dos Ilhéus*. Ambas focalizam a ligação desse romance com o *Terras do sem fim*. A primeira resenha enfatiza “o disparate entre a riqueza dos donos da terra e a miséria dos trabalhadores”, como também sublinha “o trabalho criativo dos revolucionários brasileiros no combate contra o imperialismo cínico dos exportadores norte-americanos” (ZIEMIA, 1950, p. 22). A segunda resenha focaliza a mudança que se operou na consciência da classe dos operários rurais, “unidos sob a liderança do partido comunista” (ZIEMIA, 1953b, p. 762). O artigo em *Trybuna Wolności* comenta sobre *São Jorge dos Ilhéus* um ano antes do lançamento da tradução polonesa. Segundo o colunista, o romance “configura um retrato atualíssimo das relações sociais do Brasil contemporâneo” (BD, 1949, p. 9). O romance “permite perceber a maneira de como os EUA subjugaram a economia do Brasil, dependente hoje, das decisões da bolsa de *Wall Street*”. Amado “apresenta no romance, a força que combate o capitalismo americano e luta pela independência do Brasil – **o partido comunista** (grifo no original).” No seu comentário, Eustachy Czekalski (1950, p. 3) focaliza a problemática da decadência dos valores morais em Ilhéus em vias do capitalismo. O autor destaca o fato de que a prosperidade trouxe para a cidade “os clubes noturnos, ninhos da prostituição e do jogo”. Segundo Czekalski, “Amado sublinha constantemente de como o capitalismo afeta os bons costumes, trazendo desvios de conduta, como o uso de drogas e o jogo”. O crítico acredita que o *São Jorge dos Ilhéus* repetirá o sucesso de *Terras do sem fim* junto ao público leitor.

A tradução de *Seara vermelha* conta com duas resenhas nas páginas de *Nowe Książki*. A primeira chama o romance de “texto chocante e realista, sobre a vida dos trabalhadores explorados no sistema semi-escravista (DROGI, 1951a, p. 44)”. O romance retrata “os caminhos da fome, dos operários em busca de trabalho, e os caminhos do progresso, dos trabalhadores liderados pelo PC, que despertam para uma consciência de classe” na revolução de 1935, contra o regime de Vargas. A segunda resenha restringe-se à descrição das multidões de “trabalhadores em busca de emprego” (DROGI, 1951b, p. 41).

As edições de *A Albânia é uma festa* e de *O mundo da paz* contam com as resenhas críticas em *Nowe Książki*. Além das paisagens e dos costumes do povo albanês, Amado mostra as mudanças sociais na “Albânia democrática, fiel aliada da URSS e partidária do internacionalismo proletário” (ALBANIA, 1950, p. 12). *O mundo da paz* é apresentado como “uma coletânea de artigos de Jorge Amado, onde o autor descreve suas viagens pela União Soviética e pelas democracias populares” (ŚWIAT, 1954, p. 379-80). O estilo dos artigos dedicados ao público brasileiro situa-se entre a reportagem e o ensaio. O livro é “um belo exemplo de amizade entre as nações”.

A crítica acolheu *Os subterrâneos da liberdade* com entusiasmo: “as literaturas progressistas do mundo, raramente oferecem um retrato tão completo do PC que atua na clandestinidade”. Amado cria protagonistas “totalmente dedicados à causa partidária, sofridos e bonitos por dentro”. Os comunistas de Amado são dotados de força interna e da pureza moral, e o livro caracteriza-se pelo alto teor ideológico e pelo partidarismo na avaliação dos fenômenos. Nele, Amado desmascara “a súcia no poder no Brasil, que entrega o país aos alemães nazistas e aos americanos capitalistas, combatendo ao mesmo tempo, o movimento operário”. O segundo tomo do livro relata “as torturas, que os comunistas sofrem nas prisões do regime, comparáveis com as torturas empregadas pela *Gestapo* na Polônia.” As perseguições sofridas pelos membros do PC e as inverdades divulgadas pelo regime não abalaram os comunistas brasileiros. O romance fecha com “o processo contra Prestes no qual, o acusado líder do povo brasileiro, torna-se um denunciador dos crimes do regime” (PODZIEMIA, 1954, p. 91-92).

A biografia de Carlos Prestes intitulada *O cavaleiro da esperança* ganha a atenção da crítica. Egon Naganowski (1950, p.6) escreve que “a luta pela liberdade travada por melhores filhos da nação brasileira, que Amado tratou marginalmente em *Aurora do Brasil*, torna-se um motivo principal de *O cavaleiro da esperança*.” Segundo Naganowski, “trata-se de um livro que começa com um ritmo característico para o estilo temperamental da literatura sulista, parecendo com a obra de Garcia Lorca.” O leitor encontra na obra “uma ênfase lírica, um apelo fervoroso e o romantismo revolucionário – todos os elementos ausentes nas obras anteriores de Amado”. Em vários fragmentos do livro, “o autor ministra uma aula da história ou da política e cita trechos dos documentos da época”. A parte mais fraca do livro é a marcha da Coluna Prestes, pois, “Amado se perde em pormenores, tornando o texto

monótono e pouco interessante para o leitor”. Porém, para Naganowski, “a obra testemunha o progresso que Amado fez como escritor, afastando-se do gritante naturalismo, que caracterizava suas primeiras tentativas literárias.” A resenha crítica em *Nowe Książki* (RYCERZ, 1950, p. 20-21) enfatiza o objetivo da biografia de Prestes. O texto cita fragmentos do posfácio de autoria de Jorge Amado.

Eugeniusz Gruda noticia sobre o lançamento de *Gabriela cravo e canela* no Brasil, dez anos antes da edição da tradução no mercado polonês (GRUDA, 1958b, p. 6). Gruda aproxima o título do romance para o público leitor, traduzindo-o para “Gabriela de cor de canela e de cheiro de cravo”, e explica que o título, sem essa explicitação, tornar-se-ia incompreensível. O articulista enfatiza que, depois de seis anos de silêncio, no seu novo romance, Amado abandona o contexto político e dedica se, exclusivamente, à criação dos personagens. Em seguida, Gruda relata o enredo do romance, detendo-se na história do amor, do casamento, da traição e do reatamento sem vínculo conjugal de “pobre e tola provinciana” Gabriela com “respeitado cidadão de origem árabe” Nacib. O artigo termina a constatação, de que nunca antes Amado fez um romance tão satírico. Também, o diário *Życie Warszawy* refere-se ao romance antes do lançamento da tradução polonesa. O livro é chamado de “um lindo e charmoso romance sobre a mulata Gabriela dotada de coração quente, que sorve o amor igual à esponja absorve a água”. Referindo-se a *Gabriela cravo e canela* e aos contos de *Os velhos marinheiros*, o artigo salienta que “nessas três obras, o contexto político não é tão destacado, como nas obras mais importantes, já conhecidas na Polônia” (RZ, 1966, p. 4).

A tradução de *Os pastores da noite* conta com duas resenhas críticas. A primeira começa com a reapresentação do escritor brasileiro ao público leitor. Amado é o mais editado de todos os autores latino-americanos. Uma geração inteira de poloneses “construiu sua visão do Brasil e da América Latina através da obra amadiana” (KOMOROWSKI 1976, p 25). Os romances de Amado, lançados nos anos cinqüenta, “apesar de dotados da estética da época, brutos e esquematizados, eram possíveis de se ler”. Atualmente, escreve Komorowski, “os lançamentos novos de Amado desaparecem rápido das livrarias polonesas”. Em seguida, o crítico entra no enredo dos contos. Para o articulista, os dois primeiros contos são “dotados de um regionalismo agressivo, típico para Amado, trazendo descrição de complicados ritos sincréticos”. O terceiro conto apresenta uma forte sátira política e comprova que “Amado conservou as antigas posições políticas”. Os novos heróis, lançados pelo

escritor brasileiro, “integram o lumpemproletariado e representam os únicos detentores dos valores maiores de amizade e de amor, na sociedade brasileira”. Na opinião de Komorowski, “essa visão do mundo contraria a cosmovisão comunista”. O articulista acredita que “Amado adota propositalmente essa postura, para poder observar as relações sociais de baixo para cima”. Graças à técnica adotada por Amado, “o leitor polonês ganha uma visão autêntica da realidade brasileira, perto da qual empalidece o retrato do Brasil, dos postais e dos *folders* turísticos”. Jan Walc (1976, p. 371) apresenta Amado como “conhecido escritor brasileiro de esquerda da geração passada”. Para o autor, *Os pastores da noite* é um romance interessante do ponto de vista epistemológico, pois, “desenha os *slums* brasileiros, um fascinante cruzamento das tradições européias e africanas”. Os primeiros dois contos “esboçam a mentalidade exótica desconhecida para o leitor polonês.” O terceiro conto, na opinião de Walc, dotado de uma tendenciosidade ideológica, apresenta-se como o mais fraco. Segundo o autor da resenha, “a análise dos fenômenos sociais em Amado não passa de ilustração da luta de classes, adotando o esquema da explicação econômica das relações inter-humanas”.

A resenha crítica da tradução de *Tereza Batista cansada de guerra* enfatiza “a aura mística que envolve os personagens e os acontecimentos” (TEREZA, 1989, p. 29). Segundo o texto, “a vida dos mulatos e dos negros na Bahia é dirigida por divindades africanas, que se manifestam nas festas de macumba, chamada também de candomblé”.

O romance *Dona Flor e seus dois maridos* conta com dois textos, que informam o leitor polonês sobre o lançamento do romance no Brasil, antes da edição da tradução. O primeiro esboça o enredo do romance, qualificando-o como “uma sátira à burguesia brasileira, cuja ambição e mesquinhez levam o país ao abismo” (RZ, 1966, p. 4). Da mesma maneira, a tradução do artigo publicado originalmente no periódico soviético *Inostrannaja Litieratura*¹⁴⁷, menciona como objetivo do romance “desmascarar a estupidez da pequena burguesia brasileira” (DASZKIEWICZ, 1968, p. 15). Segundo o autor, “nesse romance, como em todos os anteriores, o povo apresenta-se como a força que vence todas as dificuldades”. A tradução do romance contou com a resenha crítica intitulada *O mundo carnavalesco de Jorge Amado*. O texto lembra que Amado foi traduzido na Polônia mais do que os

¹⁴⁷ *A Literatura estrangeira*, em russo.

outros autores latino-americanos, mundialmente reconhecidos, a exemplo de Borges ou Cortazár. Milewska (1994, p. 48) afirma que “Amado, como escritor de esquerda, foi lançado nos tempos do stalinismo por razões exclusivamente ideológicas, e uma forte campanha publicitária acompanhou suas obras”. O fato de “ser escritor promovido pelo regime, influenciou negativamente a recepção da obra amadiana na Polônia”, conclui a autora. A obra amadiana mudou com o romance *Gabriela cravo e canela*, “quando a visão dicotômica do proletariado em luta foi substituída pelo mundo imbuído em atmosfera carnavalesca”. Segundo a autora, “*Dona Flor e seus dois maridos* é mais um exemplo da mudança de rumos na trajetória literária de Amado”. No romance, “o carnaval acontece o ano inteiro e qualquer acontecimento torna-se uma ocasião para a festa, para o encontro de amigos, para o banquete de comidas e bebidas”. Na opinião da autora, Amado “cria personagens carnavais, cujos problemas e conflitos têm sempre um fundamento sexual”. Em seguida, a articulista refere-se às qualidades da tradução e constata, que o romance não é fácil para ser traduzido. Os marcos da cultura local, “referentes à cozinha, ao carnaval, à gíria, à sexualidade e ao candomblé, dificultam ou impossibilitam a tradução”. A tradutora do romance adotou o sistema de notas explicativas, mas muitas delas, segundo Milewska, apresentam falhas. Também, o estilo do texto polonês “deixa a desejar”.

A presente pesquisa analisou quase a totalidade das resenhas críticas divulgadas na Polônia trazendo para esse trabalho cerca de 80% desse material.

A análise macro-estrutural das traduções polonesas da obra de Jorge Amado permite constatar o interesse do sistema literário polonês pela produção literária do escritor brasileiro. Essa opção é manifesta pelo número de obras traduzidas, sua tiragem grande e o preço acessível, bem como pelo volume de metatextos que acompanharam o lançamento das traduções. O sistema literário polonês é interessado em apresentar os livros editados como traduções, divulgando o nome do autor estrangeiro nas capas e as informações sobre a tradução e os tradutores nas folhas de rosto. A estrutura física das traduções, das capas, dos títulos e das notas explicativas, demonstra uma clara tendência para a aproximação do universo da criação amadiana ao público leitor polonês.

A análise demonstra um interesse acentuado e marcado ideologicamente nos anos de 1949 a 1957. Nesse período, Amado é lançado maciçamente nas editoras

que zelam pela pureza ideológica da produção literária e possuem estruturas para controlar a tradução. Os metatextos manipulam a biografia do autor, reforçando a função de Amado como escritor comprometido com o comunismo. Os textos dos profissionais da literatura justificam o naturalismo, o vulgarismo e o exotismo, presentes na obra amadiana, adequando a leitura das traduções aos ditames do discurso sobre a literatura em vigor na Polônia comunista. Os metatextos dessa época salientam o amadurecimento ideológico do autor e enfatizam o realismo, a tipificação dos personagens e o partidarismo de sua obra.

A análise indica um enfraquecimento do interesse pela obra amadiana no período posterior. Nos anos de 1968 a 1975, o sistema literário polonês retorna às traduções da obra de Amado. Nesse período, os metatextos referem-se à cosmovisão do escritor de esquerda que abandonou, aparentemente, o recurso da contextualização política na criação de seus romances. Os metatextos discutem o regionalismo na representação dos personagens do autor baiano. Salienta-se, um forte componente exótico presente na obra do escritor. Também, as duas últimas traduções, lançadas no período de transição, no final dos anos oitenta e no início dos anos noventa, destacam a magia do exotismo e o forte erotismo nos romances amadianos.

O conceito da tradução que perpassa todo o período pesquisado corresponde aos construtos da política tradutória elaborada para a manutenção do sistema sociocultural polonês, desde a época do stalinismo. A prevalência do elemento ideológico torna a tradução uma ferramenta a serviço da configuração política vigente. A análise macro-estrutural evidenciou as formas de manipulação do texto-fonte, que começa com as elucubrações dos metatextos redigidos pelos profissionais da literatura, atingindo, em seguida, a estrutura do tecido do texto-alvo. A tradução é concebida como um aperfeiçoamento do texto-fonte, e essa postura se justifica pelas necessidades imediatas do sistema sociopolítico. O conceito da tradução parece modificar-se no final do período pesquisado, no início dos anos noventa. Porém, na análise macro-estrutural das traduções lançadas nessa época não se detectou a elaboração de um discurso novo sobre a tradução. Portanto, nessa época, pode-se assumir a premissa de um conceito de tradução em transição.

O quinto capítulo do presente trabalho apresentará a análise micro-estrutural das traduções polonesas do *corpus* de pesquisa.

5 JORGE AMADO NO SUB-SISTEMA DA LITERATURA TRADUZIDA POLONÊS: ANÁLISE MICRO-ESTRUTURAL

Os resultados da análise macro-estrutural do *corpus* da presente pesquisa, apresentada no capítulo anterior, apontam claramente para o fato de que o sistema literário polonês tende a manipular as traduções da obra de Jorge Amado para adequá-las às exigências do polissistema sociopolítico da República Popular da Polônia. A tendência de intervir nas traduções é muito forte no período stalinista, decresce nas décadas de setenta e de oitenta, desaparecendo depois da queda do regime comunista. O presente capítulo expõe os resultados da análise micro-estrutural do *corpus* de pesquisa a fim de exemplificar a política tradutória por meio das decisões tradutórias concretas, adotadas na tradução da obra de Jorge Amado. Esse procedimento visa à confirmação do conceito de tradução que determinou as estratégias tradutórias no sistema literário polonês no período pesquisado.

Todos os textos que compõem o *corpus* foram lidos, linha por linha, primeiro na tradução polonesa e, em seguida, em português, como sugere a metodologia descritiva. A primeira seleção das seqüências (polonês – português) para a análise micro-estrutural do *corpus* estabeleceu um número em torno de 800 pares de ocorrências, classificadas, em seguida, em seis categorias que, no decorrer da leitura, mostraram-se dominantes na tradução da obra de Jorge Amado. O estabelecimento das categorias *a posteriori* atendeu as exigências do estudo empírico. A delimitação das categorias, que resultou da ordenação do material obtido durante a análise do *corpus*, compreendeu os domínios de termos culturalmente marcados pelo onomástico e pela culinária, pela moral, pelos relacionamentos, pela religião, pela categoria do hostilizado e pelas soluções secundárias.

Numa segunda seleção, onde isso se mostrou viável, para todas as categorias foram selecionadas seqüências provenientes de cada um dos textos que integram o *corpus*. O texto traduzido para o polonês foi vertido para o português e apresentado ao lado do texto original. Esse cotejo de textos – traduzido (TA), versão Br, e português (TF) - permite uma compreensão fácil dos procedimentos tradutórios adotados. A contextualização dos procedimentos tradutórios no âmbito do polissistema sociopolítico da Polônia permitiu delinear as normas que regeram a tradução da obra de Jorge Amado para o idioma polonês. Na definição das normas

de tradução, a presente pesquisa valeu-se dos conceitos de domesticação, estrangeirização e de visibilidade discutidos por Lawrence Venuti (1998). O discernimento das funções do discurso alheio no espaço ideológico da RPP, ocasionado pela entrada das traduções da obra amadiana no polissistema cultural polonês, deu-se a partir da discussão sobre a reação do sistema literário anfitrião em relação à intrusão do discurso de outrem, promovida por Robyns (1994).

5.1 A ONOMÁSTICA E A CULINÁRIA

Na categoria dos termos culturalmente marcados, o universo onomástico e a culinária representam dois domínios fortemente ligados às especificidades socioculturais de um dado polissistema. A análise dos procedimentos adotados na designação dos personagens e na qualificação da culinária local, apresentada a seguir, permite avaliar a posição da cultura que acolhe a tradução em relação às diferenças da cultura que produziu os textos.

5.1.1 A designação dos personagens

Apresentando o estudo de caso que exemplifica o modelo descritivo de José Lambert e Hendrik van Gorp, o pesquisador Jeremy Munday (2004, p. 121-123) chama a atenção para a importância do exame dos procedimentos adotados na tradução de nomes dos personagens de um texto literário. Os resultados desse exame auxiliam o pesquisador na tarefa da recriação das normas que regeram a tradução do texto como um todo.

No quarto capítulo dessa pesquisa, na análise dos títulos das traduções, constatou-se a tendência para a domesticação nas edições lançadas no período de 1949 a 1957. Entretanto, a partir do ano de 1972 até o ano de 1993, evidenciou-se a vigência da norma de estrangeirização, verificando-se a utilização do procedimento da transferência dos estrangeirismos para os títulos das traduções de *Tereza Batista cansada de guerra* e de *Dona Flor e seus dois maridos*.

Entretanto, a análise dos procedimentos adotados na tradução do universo onomástico do *corpus* verifica, em todo o período pesquisado, a tendência de

preservação, nos textos poloneses, dos nomes e dos apelidos brasileiros, como exemplifica o cotejo a seguir.

Jubiabá		Página	
<i>Antonio Balduino.</i>		16	TA
---		Versão Br	
Antônio Balduino.		9	TF
Mar morto		Página	
<i>Mestre Manuel.</i>		8	TA
---		Versão Br	
Mestre Manuel.		8	TF
ABC de Castro Alves		Página	
<i>amiga*; negra**.</i>		13-14	TA
*Amiga;**Negra.		Versão Br	
amiga; negra.		20-21	TF
Terras do sem fim		Página	
<i>Kapitan Jan Magalhaes.</i>		7	TA
O capitão João Magalhães.		Versão Br	
O capitão João Magalhães.		19	TF
São Jorge dos Ilhéus		Página	
<i>Karol Züde.</i>		15	TA
Carlos Züde.		Versão Br	
Carlos Zude.		19	TF
O cavaleiro da esperança		Página	
<i>Luis Carlos Prestes.</i>		16	TA
---		Versão Br	
Luis Carlos Prestes.		9	TF
Gabriela cravo e canela		Página	
<i>João Fulgêncio.</i>		29	TA
---		Versão Br	
João Fulgêncio.		37	TF
O capitão de longo curso		Página	
<i>Vasco Moscoso de Aragão.</i>		21	TA
---		Versão Br	
Vasco Moscoso de Aragão.		78	TF
Tereza Batista cansada de guerra		Página	
<i>José Saraiva.</i>		14	TA
---		Versão Br	
José Saraiva.		5	TF
Dona Flor e seus dois maridos		Página	
<i>Zé Sampaio.</i>		22	TA
---		Versão Br	
Zé Sampaio.		23	TF

A análise do universo onomástico das traduções evidencia uma clara tendência para a preservação dos nomes brasileiros. Na maioria dos casos, os prenomes brasileiros que possuem seus correspondentes no onomástico polonês, seguem essa mesma tendência, como demonstram os exemplos de *Jubiabá*, *Mar morto*, *O cavaleiro da esperança* e de *Tereza Batista cansada de guerra*. O onomástico polonês dispõe de prenomes como *Antoni*, *Emanuel*, *Józef* ou *Ludwik Karol*, porém, as traduções optam por “Antonio”, “Manuel”, “José” e “Luis Carlos”. O mesmo ocorre com a designação “Mestre” que se costuma usar, em polonês, na forma de *Mistrz*. Mesmo levando-se em consideração que os prenomes de Prestes são preservados na forma original por se tratar de um personagem historicamente relevante, é possível citar a prática de traduzir os prenomes de Karl Marx por *Karol*, dos reis franceses por *Ludwik*, ou ainda de George Washington por *Jerzy*, nos textos poloneses da mesma época.

Substituindo os prenomes dos personagens por seus correspondentes poloneses, as traduções de *Terras do sem fim* e de *São Jorge dos Ilhéus* não seguem a tendência acima mencionada: “o capitão João” é traduzido por *Kapitan Jan* e “Carlos” é traduzido por *Karol*. A coerência na adoção da mesma estratégia nessas duas traduções pode ser explicada pelo fato de que os dois romances são considerados uma unidade na ordem do relato beletrístico sobre a região cacauera do sul da Bahia, como o próprio autor assegura na nota epigráfica do segundo romance. Também, o fato de que ambas as partes de uma única história das terras do cacau foram traduzidas pela mesma tradutora – Janina Wrzowska - pode explicar a adoção da estratégia única. Como demonstrou o quarto capítulo desse trabalho, os romances mencionados no parágrafo anterior foram traduzidos por outros tradutores: pela dupla Hołyńska e Gruda, e por Elżbieta Reis. Esse fato pode esclarecer a adoção de duas estratégias diferentes na tradução do universo onomástico dos personagens amadianos.

O exame dos procedimentos tradutórios evidencia o uso da transliteração na tradução dos nomes no período do dirigismo estético, como demonstram os exemplos supracitados. A falta do acento circunflexo no nome de *Antonio* e do sinal diacrítico (o til) no sobrenome de *Magalhaes* exemplifica a substituição da convenção gráfica da língua do original pela grafia da língua do texto traduzido. A adição do trema no sobrenome de *Züde* na tradução de *São Jorge dos Ilhéus* pode ser interpretada como um procedimento da melhoria operada sobre o texto-fonte, no

sentido discutido no capítulo anterior. Neste caso particular, a melhoria induz o leitor a associar o nome do capitalista-explorador com a nação alemã. Em média, o polonês reconhece, no sinal do *Umlaut*, a convenção gráfica da língua alemã e, de acordo com a ideologia vigente, qualifica o personagem como inimigo. A categoria dos hostilizados nas traduções polonesas da obra de Jorge Amado será tratada detalhadamente no outro item dessa análise. No período posterior ao realismo socialista, as traduções adotam a estratégia do empréstimo dos nomes estrangeiros admitindo, também, no texto polonês, a grafia da língua do texto-fonte, a exemplo dos nomes de *João Fulgêncio*, de *Vasco Moscoso de Aragão*, de *José Saraiva* e de *Zé Sampaio*.

Por sua vez, a tradução de *ABC de Castro Alves*, editada no limiar da vigência do dirigismo estético, no ano de 1957, transfere para o texto polonês os estrangeirismos “amiga” e “negra”, explicando o significado das palavras nas notas explanatórias. “Amiga” e “negra” são os termos, com os quais o emissor do *ABC de Castro Alves* se dirige ao destinatário da história sobre a vida do poeta. O texto da tradução reproduz o uso desses termos, escrevendo *amiga* e *negra* com as letras minúsculas, enquanto todos os prenomes e sobrenomes dos personagens começam com as maiúsculas. A transferência desses estrangeirismos para o texto polonês reforça a tendência para a estrangeirização na tradução do onomástico brasileiro.

A tendência de preservar os nomes e os apelidos brasileiros na tradução dos textos amadianos apresenta algumas exceções, como ilustram os exemplos a seguir.

Cacau		Página	
<i>Mane Ułomek.</i>		8	TA
Mane Deficiente.		Versão Br	
Mané Frajelo.		4	TF
Mar morto		Página	
Gumercindo.		8	TA
	---	Versão Br	
Guma.		8	TF
Os subterrâneos da liberdade		Página	
Alfredinho Soares.		v.1;384	TA
	---	Versão Br	
Bertinho Soares.		v.2;80	TF
A morte e a morte de Quincas Berro D'água		Página	
<i>Kuba Wodowstręł.</i>		323	TA

Kuba Hidrófobo.	Versão Br	
Quincas Berro D'água.	17	TF
<i>Os pastores da noite</i>		Página
<i>Krawiec Jozue</i>	12	TA
O alfaiate Josué	Versão Br	
O alfaiate Jesus	19	TF

O texto polonês de *Cacau* explica na nota de rodapé de que *Mane* é um diminutivo do nome Manuel e traduz o apelido “Frajelo” por “Deficiente”, denotando a incapacidade física ou mental. O texto-fonte cita o nome completo do coronel Manuel Misael de Souza Telles e se refere à origem do apelido, concedido ao personagem pelos moradores da cidade. Devido à maneira de se vestir, de falar e de tratar as pessoas, o coronel é considerado “um flagelo”. A convenção gráfica do apelido (“Frajelo” em vez de “Flagelo”), que introduz a fala popular, corresponde ao realismo ambicionado pelo autor desse romance proletário. A tradução omite tanto o nome completo do personagem como a origem do apelido e o trocadilho que esse contém. O procedimento de omissão descaracteriza um dos personagens centrais do texto. No entanto, a tradução parece ser muito mais interessada nos assuntos ideologicamente relevantes, do que nos pormenores do regionalismo do texto-fonte. O fato se torna compreensível, levando em consideração que se trata de uma edição resumida de *Cacau*, dedicada ao leitor novato, que deve ser doutrinado. Também, a simplificação do nome do personagem pode constituir um recurso para facilitar a leitura do texto. A falta do acento agudo no apelido corresponde ao procedimento da transliteração nas traduções editadas no período do realismo socialista, como mencionam os parágrafos anteriores.

A tradução de *Mar morto* traz o nome do protagonista na forma de Gumercindo em todas as ocorrências, enquanto o texto-fonte usa, na maioria das vezes, o diminutivo Guma, preservando a forma plena do nome de Gumercindo em duas ocorrências. Os tradutores evitam o diminutivo, possivelmente, porque a palavra *guma* ocorre no dicionário polonês, significando “borracha”. Também, a designação *Guma* surge na Polônia, com bastante frequência, como apelido que denota a maleabilidade, como no termo brasileiro “homem-borracha”.

O apelido do protagonista da tradução de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* é traduzido para o polonês na forma de *Wodowstręt*, que designa o termo técnico para o sintoma da hidrofobia, associado à doença da raiva. Desta forma, a

tradução permite que o leitor acompanhe, no texto do conto, a explicação do apelido “Berro D’água”, no momento em que, dado à bebida alcoólica, Quincas se confunde e traga água no lugar de cachaça.

No texto da tradução de *Os pastores da noite*, o caso interessante constitui a troca do nome do alfaiate Jesus. Recorrendo à inspiração bíblica do texto-fonte, o alfaiate recebe, na tradução polonesa, o nome de *Jozue*, embora o nome *Jezus* esteja disponível no dicionário polonês. A tradição católica polonesa, porém, rejeita implicitamente, pela prática adotada no rito do batismo, o uso do nome de *Jezus*, reservando-o somente para a designação do Filho de Deus da tradição cristã. Outra possibilidade da explanação consiste na atuação da censura. Como mencionam os dois primeiros capítulos dessa pesquisa, as relações entre o Estado e a Igreja foram bastante complicadas nos meados da década de setenta, o período da edição desta tradução. Em ambos os casos, a omissão do nome ilustra as interdependências entre os sub-sistemas político, religioso e da literatura traduzida.

Utilizando-se, aparentemente, do procedimento da transferência dos nomes estrangeiros, a tradução polonesa do romance *Os subterrâneos da liberdade* substitui, de fato, o nome Bertinho por Alfredinho. Ambos os diminutivos são estranhos para o onomástico polonês. A tradução interfere, também, na designação de outros personagens, apelidando Ruivo do TF com a alcunha de Vermelhinho no texto polonês e chamando o empresário Lucas Puccini do texto brasileiro pelo nome de Hugo Baroni no TA. Uma tentativa de elucidação desses fatos pode ser feita a partir da observação tecida no quarto capítulo, referente às datas da edição da tradução polonesa e da primeira edição do romance no Brasil. A edição brasileira foi lançada um ano depois da tradução polonesa devido ao atraso causado pela censura partidária do PC brasileiro. Como o texto-fonte foi alterado pela censura, parece viável a hipótese de que os nomes de alguns dos personagens, também, sofressem mudanças. A pesquisa trabalhou com a premissa de que o exemplar do texto-fonte com o qual trabalharam os tradutores poloneses não foi idêntico àquele que originou a edição brasileira. No entanto, a comprovação dessa suposição não se mostrou viável no decorrer da pesquisa.

A análise dos procedimentos adotados na tradução dos nomes e dos apelidos dos personagens amadianos constata o interesse pela preservação do universo onomástico brasileiro, ao longo do período pesquisado. Entretanto, o uso dos procedimentos da transliteração, da melhoria, da omissão e da tradução dos

preenomes para o polonês assinala a tendência à domesticação no período do dirigismo estético. A transferência dos nomes estrangeiros para os textos traduzidos, na época posterior, indica a vigência da norma da estrangeirização, ainda que a convenção de flexionar os nomes, segundo as regras das declinações do polonês, indique a existência de algumas restrições a essa norma.

5.1.2 A culinária

As traduções que compõem o *corpus* dessa pesquisa trazem uma abundância de termos culturalmente marcados por costumes alimentares, representados nos romances de Jorge Amado. Com exceção de *O mundo da paz*, todos os textos traduzidos para o polonês fazem referência, em especial, aos itens da culinária baiana, às bebidas alcoólicas e ao fumo. A análise dos procedimentos tradutórios empregados pelas traduções polonesas permite algumas conclusões.

As traduções tendem a aproximar o leitor polonês às referências da culinária baiana por meio da descrição ou explicitação, como demonstram os exemplos.

Cacau	Página	
<i>Zupa z wątroby, żołądka, i innych wnętrzności bydłęcych.</i>	27	TA
A sopa de fígado, de estômago e de outras vísceras bovinas.	Versão Br	
Sarapatel.	17	TF
Suor	Página	
<i>Naczynia z akarażie, sałatką rybną i gliniany garnek z marynowanymi strączkami pieprzu.</i>	154	TA
Os recipientes com acarajé, salada de peixe e uma panela de barro com a conserva de vagens de pimenta .	Versão Br	
Acarajés e as moquecas de aratu , junto à cuia de barro que levava o molho de pimenta .	39	TF
Jubiabá	Página	
<i>Pasztet z manioku.</i>	266	TA
Pastel de mandioca.	Versão Br	
Beiju.	239	TF
Os subterrâneos da liberdade	Página	
<i>Liście tytoniu splecione na kształt powroza.</i>	v.1;192	TA
As folhas de tabaco trançadas em forma de corda.	Versão Br	
Fumo de corda.	v.1;226	TF
Gabriela cravo e canela	Página	
<i>Krokiety z ryb, krewetki udekorowane jajecznicą, fizon utarty na masę</i>	233	TA

<i>z ostrymi przyprawami i oliwą, różne gatunki ryb.</i>		
Croquetes de peixe, camarões enfeitados com ovos mexidos, massa de feijão batido com pimenta e azeite doce, peixes variados.	Versão Br	
Acarajés, abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras.	198	TF
<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>		
Página		
<i>Garnek z feijonem, suszonym mięsem, dynią, maniokiem, inhami i piętem kielbasy.</i>	179	TA
Uma panela com feijão, carne seca, abóbora, mandioca, inhame e uma porção de lingüiça.	Versão Br	
A panela com feijão, carne seca, abóbora, aipim, inhame, um naco de lingüiça.	139	TF
<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>		
Página		
<i>Smażone pulpety z dorsza, krokiety, różne słodycze i bakalie.</i>	10	TA
Bolinhos fritos de bacalhau, croquetes, doces variados, castanhas e frutas secas.	Versão Br	
Bolinhos de bacalhau, frigideira, croquetes em geral, doces variados, frutas secas.	12	TF

Em grande parte, as traduções evitam a transferência dos estrangeirismos para o texto, recorrendo à aproximação dos hábitos alimentares por meio da descrição. Neste sentido, a primeira ocorrência do termo “acarajé” na tradução de *Suor*, sem que se ofereça sua explicação, elucida-se pelo fato de que o *Suor* vem como o segundo texto na edição conjunta com *Cacau* que, por sua vez, já explicou o termo mencionado. As explicações sobre as comidas típicas dão-se por meio da indicação de ingredientes e do modo de preparo. No caso dos ingredientes desconhecidos no mercado polonês, a tradução introduz o estrangeirismo sem explicá-lo, como demonstra o exemplo do termo “inhame” no texto polonês de *Tereza Batista cansada de guerra*. Quando o modo de preparo diverge dos hábitos da cozinha polonesa, a tradução adiciona, explica, explicita, omite e recria as particularidades da culinária baiana.

Evitando transferir os estrangeirismos, as traduções utilizam-se dos procedimentos acima citados com o propósito de causar o estranhamento no leitor polonês e, desta maneira, tornar exótica a culinária baiana.

As traduções recorrem, também, à explicação por meio das notas de rodapé ou das notas no fim do texto, como mostram os exemplos.

<i>ABC de Castro Alves</i>		
Página		
<i>Canjika*.</i>	18	TA
*Comida doce à base de milho, leite de coco e canela.	Versão Br	

Canjica.	40	TF
<i>O cavaleiro da esperança</i>		Página
<i>Mariscos</i> .*	13	TA
*Moluscos comestíveis.	Versão Br	
Marisco.	7	TF
<i>Os pastores da noite</i>		Página
<i>Fizõn</i> *.	56	TA
*Nome de feijão preto polonizado pelos emigrantes.	Versão Br	
Feijão.	48	TF

Na tradução de *ABC de Castro Alves* os estrangeirismos estão marcados por asteriscos e explicados por meio de notas no fim do texto. Todas as outras traduções oferecem a explicação dos estrangeirismos marcados com asteriscos na nota de rodapé. A tradução de *Os pastores da noite* oferece o termo *fizõn* para traduzir a palavra “feijão”. A tradução recorre ao costume lingüístico dos emigrantes poloneses que vivem no Brasil, um procedimento já mencionado no quarto capítulo dessa pesquisa.

O termo “cachaça” entra nos textos das traduções polonesas por meio de transferência com explicação na nota de rodapé, com exceção do texto polonês de *Terras do sem fim*, como indicado no exemplo.

<i>Mar morto</i>		Página
<i>Cachaça</i> .*	7	TA
*Vodka de cana de açúcar.	Versão Br	
Cachaça.	8	TF
<i>Terras do sem fim</i>		Página
<i>Butelka rumu</i> .	99	TA
Uma garrafa de rum .	Versão Br	
Uma garrafa de cachaça .	97	TF

Explicado como “vodka de cana de açúcar”, o termo “cachaça” aparece como o estrangeirismo mais freqüente nos textos de traduções que compõem o *corpus* da pesquisa. A única exceção encontra-se na tradução de *Terras do sem fim*, onde, no texto da tradução, uma garrafa de cachaça traduz-se pela garrafa de rum. Optando pela bebida conhecida do público leitor, mas, assim mesmo, exótica e pouco disponível no mercado, a tradutora de *Terras do sem fim* colabora com a representação dos costumes alimentares dos brasileiros como dessemelhantes.

Tratando-se da tradução dos termos marcados pelas especificidades da culinária baiana, tão distante dos hábitos alimentares do leitor polonês, a adoção dos procedimentos tradutórios descritos nos parágrafos anteriores ressalta a distância entre as culturas e apresenta o texto como exótico. O uso pela tradutora de *Dona Flor e seus dois maridos* do termo de origem árabe *bakalie* (frutas secas, sementes e castanhas importadas), embora já aceito pelo dicionário polonês, reforça a tendência pela estrangeirização da tradução.

Ainda que utilizem uma variedade de procedimentos na tradução de termos culturalmente marcados pelos universos onomástico e culinário, os textos das traduções que compõem o *corpus* da pesquisa demonstram uma clara tendência para a apresentação da cultura brasileira como fortemente adventícia. Os tópicos menos comprometidos com a ideologia vigente, o onomástico e a culinária, tendem para a estrangeirização, promovendo o exótico no polissistema cultural da Polônia. As normas, que regem a tradução dos tópicos mais comprometidos com a ideologia, serão analisadas nos itens subseqüentes.

5.2 A MORAL

O regime comunista elabora os padrões comportamentais para a sociedade polonesa nos primeiros anos após da tomada de poder, como menciona o segundo capítulo dessa pesquisa. A moral comunista que dita os tabus, mas que também cria os valores positivos, transfere para o campo da arte a discussão sobre o etos do homem novo. Com sua função educacional, a literatura constitui um espaço privilegiado para esse debate.

5.2.1 A sexualidade

Os resultados da análise do *corpus* da pesquisa permitem a constatação de que as traduções polonesas das obras de Jorge Amado sofrem forte influência por parte dos ditames da moral em vigor. A primeira questão moral que chama atenção nos textos traduzidos é o discurso sobre a sexualidade do menor de idade, como demonstram os exemplos a seguir.

Cacau	Página	
<i>Jako osiemnastoletni chłopiec zakochałem się w pewnej blondynce.</i>	25	TA
[omissão] Com dezoito anos apaixonei-me por uma loura.	Versão Br	
Paixão que tive aos 14 anos por uma rameira gasta e sífilítica com a qual iniciei minha vida sexual. Amor, aos dezoito, por uma loura.	14	TF
Jubiabá	Página	
<i>A kiedy będziesz na czworakach, zawołaj mnie, to ci przyprowadzę ogon. Matce przyprowad ogon!</i>	41	TA
E quando você tiver de quatro, me chame que eu arranjo um rabo para você. Arranja um rabo para sua mãe!	Versão Br	
Quando você tiver de quatro pés, me chame que eu meto. Mete em sua mãe!	29	TF
Mar morto	Página	
<i>Maneca zaczął siostrę Rufina, czarną, niespełna dziesięcioletnią dziewczynkę. Maricota z płaczem poskarżyła się bratu.</i>	46	TA
Maneca buliu com a irmã de Rufino, uma preta de dez anos. Maricota chorando queixava-se para o irmão.	Versão Br	
Maneca espiou as coxas da irmã de Rufino, uma pretinha de pouco mais de dez anos. Ele estava espiando debaixo de minha saia.	38	TF
São Jorge dos Ilhéus	Página	
<i>Dzieci miały organy płciowe przedwcześnie rozwinięte dzięki obcowaniu ze zwierzętami – prawie wszystkie uprawiały sodomię.</i>	173	TA
As crianças tinham os órgãos sexuais desenvolvidos prematuramente graças à cópula com os animais – quase todos eram sodomitas.	Versão Br	
Os meninos tinham os sexos cedo acostumados ao contato com os animais, precocemente desenvolvidos.	154	TF
O capitão de longo curso	Página	
<i>Sędzia Rufino umarł nagle na serce w jednym z domów publicznych, co wywołało skandal w całym mieście.</i>	145	TA
O desembargador Rufino morreu, repentinamente, do coração, num prostíbulo, escandalizando a cidade. [omissão]	Versão Br	
O desembargador Rufino morreu num prostíbulo, escandalizando a cidade. [...] Morrera no de Laura, onde descobrira uma certa Arlete de quinze anos incompletos.	170	TF

Os exemplos citados demonstram que as traduções utilizam os procedimentos tradutórios com o propósito de aproximar os costumes representados nos textos amadianos para os moldes do código moral vigente na Polônia, discutido no segundo capítulo desse trabalho, quando o assunto tratado são as crianças.

A tradução de *Cacau* omite completamente a iniciação sexual do adolescente de 14 anos com uma prostituta doente. O texto polonês retoma a narração do personagem a partir de 18 anos, a idade que marca a entrada na vida de adulto, e

portanto, o início de sua atividade sexual. A omissão ocorre na tradução de *Jubiabá* quando o texto-fonte faz menção à relação homossexual entre os meninos e a uma relação incestuosa com a própria mãe.

Em *Mar morto*, Maneca, um adolescente de 14 anos abusa da menina de 10 anos de idade. O texto polonês registra o desentendimento entre as crianças (o menino buliu com a menina), mas omite a natureza sexual do acontecimento. Na mesma linha de raciocínio, a menção da prostituição infantil e da pedofilia é omitida na tradução de *O capitão de longo curso*.

Já em *São Jorge dos Ilhéus*, a tradução fala em zoofilia erótica ou em bestialidade praticada por menores de idade. Sem omitir o fato narrado no TF, a tradução qualifica o fato ocorrido como o caso de sodomia. O uso da linguagem científica para denominar essa prática indica que a tradução não está interessada em apresentar o fato em si, mas ameniza-o com a tentativa de classificação teórica do ato. Ressalta-se que para o leitor polonês, o termo “sodomia” indica a prática do ato sexual com os animais (WIELKA, 2006), ou a bestialidade. O leitor brasileiro do texto-fonte entenderia sob o mesmo termo a prática do coito anal (HOUISS, 2001), assim como está mencionado na narrativa bíblica do livro de Gênesis, de onde, etimologicamente, vem o termo de sodomia. Também, através desta adição, a tradução classifica o comportamento referido como anormal.

As representações da sexualidade dos adultos estão submetidas, na tradução polonesa, aos ditames da moral comunista, como indicam os exemplos.

Suor	Página	
<i>Możesz zużytkować odpowiednio swego szczura.</i>	169	TA
Você pode utilizar adequadamente seu rato.	Versão Br	
Trepa com esse ratão.	53	TF
ABC de Castro Alves	Página	
[omissão]	175	TA
---	Versão Br	
Ela o enlaça mais uma vez nos seus braços. Abre-lhe o seu seio, toma do seu sexo.	286	TF
Seara vermelha	Página	
<i>Kazał jej się rozebrać i pod pozorem badania obmacywał jej uda i piersi.</i>	145	TA
Mandou que tirasse a roupa e, a pretexto do exame, apalpou suas coxas e seus seios.	Versão Br	
Mandava que ela se desnudasse a pretexto do exame, apalpava nádegas e seios.	152	TF

Gabriela cravo e canela		Página	
<i>I dostał w gładkie liczko – Lowelas Toniczko.</i>	520	TA	
Esbofeteado o liso rostinho – de Lovelace Tonicozinho.	Versão Br		
O Tónico Pinico – Don Juan de puteiro – Se fudeu por inteiro.	414	TF	
Tereza Batista cansada de guerra		Página	
<i>Na własne oczy widziałem jednego z Guedesów w roli samicy.</i>	376	TA	
Vi com os próprios olhos um Guedes no papel de fêmea.	Versão Br		
Vi com os meus olhos um Guedes sendo montado, servindo de mulher.	304	TF	

Os exemplos demonstram que as traduções omitem ou minimizam os detalhes acerca das práticas sexuais, evitam falar em partes íntimas do corpo humano e procuram abolir o uso dos palavrões.

A análise dos procedimentos adotados na tradução dos textos marcados pelo exercício da sexualidade infantil e adulta evidencia o uso da omissão como o procedimento que tende a aproximar os textos traduzidos às exigências do código moral vigente na Polónia. O mesmo ocorre no caso da menção de tratamentos cruéis, como indicam os exemplos abaixo.

O cavaleiro da esperança		Página	
[omissão]	239	TA	
---	Versão Br		
E depois tomam de Auguste e lhe cortam os seios. E torturam Harry no sexo.	280	TF	
Terras do sem fim		Página	
<i>Horacy... Obciął uszy, nos i język i skastrował go.</i>	43	TA	
Horácio... Cortara-lhe as orelhas, o nariz e a língua, e castrara-o.	Versão Br		
Horácio... Cortara-lhe as orelhas, a língua, o nariz e os ovos.	51	TF	

A tradução de *O cavaleiro da esperança* omite a menção à tortura nas partes íntimas. A tradução de *Terras do sem fim* desvia a atenção do leitor de órgão sexual masculino recorrendo à explicação do ato de tortura definido como castração.

O último romance de Jorge Amado traduzido para o polonês, editado após a queda do regime comunista, já parece tratar a questão da moral sexual de uma maneira mais aberta. A tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* não apenas não omite as menções à sexualidade mas, ao contrário, parece chamar a atenção do leitor para a esfera do erotismo, como demonstra o exemplo.

<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	Página	
<i>Ubrana w koronkową batę, której dekolt bezwstydnie odsłaniał weszbrane piersi.</i>	144	TA
Vestida com uma bata de rendas cujo decote impudico lhe exhibia os seios pejados.	Versão Br	
Vestida com uma bata de rendas cujo decote lhe exhibia os seios pejados.	119	TF

A qualificação do decote do personagem da mulata Dionísia de Oxossi como impudico pode ser vista como um juízo de valor negativo, acrescentado pela tradução polonesa ao texto brasileiro. Porém, avaliado no conjunto da tradução de *Dona Flor e seus dois maridos*, o acréscimo parece querer erotizar a cena em questão.

5.2.2 Os aliados

Além de regular as questões do comportamento sexual, o código moral comunista ajusta outro assunto, desta vez de ordem política: a fidelidade incondicional ao aliado maior e, nos termos desta, a fidelidade aos interesses do próprio Estado, como ilustram os exemplos a seguir.

<i>ABC de Castro Alves</i>	Página	
<i>Gdyby żył dziś, w naszej dobie, opiewałby Związek Radziecki, nową wolność człowieka, dni zwycięskiego socjalizmu, opiewałby bohatera naszej epoki, Lenina, byłby piewcą proletariatu, byłby w naszej ojczyźnie w całym znaczeniu tego słowa komunistycznym poetą.</i>	98	TA
Se vivesse hoje, em nossa época, ele celebraria a União Soviética, a nova liberdade do homem e os dias do socialismo vencedor. Ele exaltaria Lênin, o herói da nossa época e glorificaria o proletariado. Seria ele, em nossa pátria, um poeta comunista em toda extensão da palavra.	Versão Br	
---	---	TF
<i>O mundo da paz</i>	Página	
<i>Czy wolno wam strajkować? Zapytała ich. Ogólny wybuch śmiechu. Strajkować, przeciw komu? Przeciw sobie samym?</i>	22	TA
Vocês têm direito à greve? Ela lhes perguntara. [omissão] Uma gargalhada. Fazer greve contra quem? Contra nós mesmos?	Versão Br	
Ela lhes perguntara: Vocês têm direito à greve? É claro. Esse direito nos é garantido. E por que jamais vocês fazem greve? Uma gargalhada. Fazer greve contra quem? Contra nós mesmos?	38	TF

<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	Página	
<i>Podnoszono wrzawę przeciw Krajowi Rad. Artykuł Saquili potępił Związek Radziecki, obłudnie rozczuł się nad Iosem Polski.</i>	v.2;179	TA
Fazia-se alarido contra a URSS. O artigo de Saquila condenava a União Soviética, comovia-se, hipócrita, com a sina da Polônia.	Versão Br	
Comentários sobre o pacto germano-soviético . Saquila escrevia sobre a “monstruosa aliança de Stalin e Hitler” e a “sangrenta divisão da Polônia mártir entre a Alemanha hitlerista e a Rússia traidora do socialismo” .	v.3;181	TF

Para adequar-se aos moldes de uma biografia do escritor comunista, a tradução de *ABC de Castro Alves* acrescenta ao texto os elogios ao aliado maior, a União Soviética com seus heróis. Comumente, no âmbito do sistema literário polonês, os textos introdutórios e os posfácios ofereciam a interpretação da obra e a classificação do escritor, como menciona o segundo capítulo da presente pesquisa. Neste sentido, o acréscimo explicita o perfil moral que se espera do comunista polonês: ele deve celebrar a União Soviética, exaltar Lênin e glorificar o proletariado. Como o aliado maior, a União Soviética, também, está isenta de qualquer crítica. Essa prática foi mencionada no segundo capítulo dessa pesquisa. O homem novo deve abster-se do julgamento dos rumos da política do grande vizinho. O pacto germano-soviético e a invasão da Polônia por parte do exército soviético – os fatos narrados no primeiro capítulo do presente trabalho – são os tabus na literatura polonesa, em todo o período do regime totalitário. A omissão adotada na tradução de *Os Subterrâneos da Liberdade* ajusta o texto aos ditames do código moral comunista defendendo seu preceito mais importante.

Por sua vez, a tradução de *O mundo da paz* omite uma parte do texto-fonte para se alinhar aos ditames da moral comunista. Para o regime, é melhor não informar o trabalhador polonês sobre o privilégio do direito à greve, concedido, aparentemente, ao proletariado soviético. A omissão, nesse caso, corrobora ao interesse dos governantes da RPP. Como demonstra o primeiro capítulo desta pesquisa, as greves dos trabalhadores poloneses foram combatidas com uso das forças de repressão em todas as épocas do governo do regime comunista.

Considerando as questões centrais da moralidade comunista que se referem à sexualidade e à postura da fidelidade política, as traduções polonesas da obra de Jorge Amado são regidas pela norma de domesticação. Como elementos de grande relevância para o sistema, as questões morais nos textos amadianos são alinhadas

às regras comportamentais vigentes na Polônia Popular, utilizando-se a tradução dos procedimentos tradutórios de omissão e de acréscimo. Essa tendência, porém, enfraquece no final dos anos oitenta com a abertura do sistema político polonês depois da queda do sistema comunista, como bem ilustra o exemplo da tradução do romance *Dona Flor e seus dois maridos*.

5.3 OS RELACIONAMENTOS

A análise do *corpus* demonstra que as representações do relacionamento entre homem e mulher, nas traduções da obra de Jorge Amado, apresentam dois focos de interesse: o casamento e as relações extraconjugais.

5.3.1 O casamento

O segundo capítulo dessa pesquisa ressalta que, embora não constituam o ápice da realização da vida do homem novo do comunismo, o casamento e a família são de grande interesse ao regime comunista, como ilustram os exemplos.

Cacau	Página	
<i>Pasmo udręki płynącej z niedobranego małżeństwa, małżeństwa zawartego lekkomyślnie w porywie pierwszej namiętności.</i>	16	TA
Um tormento constante resulta do casamento não ajustado, do casamento leviano contraído no arrebatamento da primeira paixão.	Versão Br	
Tragédias que nascem do casamento da estupidez com a sensibilidade.	9	TF
O cavaleiro da esperança	Página	
<i>W chwili spotkania wyczuł, że ma przed sobą przyszłą żonę, matkę swoich dzieci, którą otoczy opieką i której ramiona ukoją jego znużenie.</i>	207	TA
No momento do encontro, ele sentiu que tem, diante de si, sua futura esposa e mãe de seus filhos. Dela ele cuidará e ela oferecer-lhe-á o conforto de seus ombros. [omissão]	Versão Br	
E compreendeu que sua esposa chegara, aquela que seria dona do seu coração, mãe de seus filhos, que velaria por ele, em cujo ombro ele repousaria do seu cansaço, junto a quem ele trabalharia pelo Brasil, recebendo dela o calor de sua solidariedade de esposa	340	TF

meiga e compreensiva.		
<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	Página	
<i>O czym myślisz? Wiesz, od chwili jego narodzenia marzę, by patrzeć co dzień na niego. I na ciebie. Nie potrzebuję chyba o tym mówić. Czasem tak trudno było czekać. Wtedy myślałem o Prestesie. W więzieniu, odosobniony, a żona jego i córka w koncentracyjnym obozie niemieckim, w rękach nazistów. Czyż ja wobec tego mogę się skarżyć?</i>	v.2; 169-70	TA
Em que pensas? Tu sabes, desde que ele nasceu, eu o desejei ver todos os dias. E a ti também, não preciso dizer. Às vezes, esperar foi tão difícil. Nestas ocasiões eu pensava em Prestes. Ele, isolado na cadeia, sua esposa e sua filha aprisionadas no campo de concentração alemão, nas mãos dos nazistas. Como eu poderia me queixar diante disso?	Versão Br	
Em que pensas? Tu sabes, desde que ele nasceu, eu o desejei ver todos os dias. E a ti também, não preciso dizer.	V3;171	TF
<i>Os pastores da noite</i>	Página	
<i>Prowadził rozrzutny tryb życia, dwie rodziny, oprócz tego dom cywilny i dom wojskowy.</i>	259	TA
Era um gastador. Tinha duas famílias, além da casa civil e da casa militar.	Versão Br	
Seu trem de vida era caro, duas famílias, casa civil e casa militar.	211	TF
<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	Página	
<i>Nie myl w łóżku małżonki z prostytutką, z bezwstydną ladacznicą, z dziwką, której się płaci żeby satysfakcjonowała mężczyznę w jego różnych zboczeniach.</i>	296	TA
Não confunda, na cama, sua esposa com prostituta, com despudorada cortesã, com rapariga paga para satisfazer o homem em suas diversas perversões.	Versão Br	
Não confundas, na cama, tua esposa com mulher da vida, com despudorada marafona, com meretriz paga para a satisfação do homem, para o vício.	245	TF

Imbuída em propósitos educacionais, a tradução de *Cacau* aproveita a menção de um casamento infeliz dos tios do personagem principal para desaconselhar o leitor a contrair o matrimônio leviano no arrebatamento da primeira paixão.

As traduções de *O cavaleiro da esperança* e de *Os subterrâneos da liberdade* tratam do valor principal do casamento e da família na sociedade comunista. O texto-fonte de *O cavaleiro da esperança* expressa a idéia de que o casamento, além de proporcionar o conforto de convivência, constitui uma base sólida para a luta pelo futuro da pátria comunista, tratando-se aqui do casamento de Prestes. A tradução polonesa omite essa segunda parte do texto, perdendo, aparentemente, o ensejo de aprofundar a discussão sobre o significado do casamento para o comunismo.

Possivelmente, mencionando o trabalho pelo Brasil, o texto-fonte não constituiu motivações bastante fortes para o leitor polonês e sofreu a deleção.

O texto polonês de *Os subterrâneos da liberdade*, porém, toma parte da discussão acima mencionada, acrescentando a fala do personagem do comunista João casado com Mariana, a companheira do partido. Depois de muitos meses de separação ocasionada pelos percalços da conspiração, João vê sua mulher e, pela primeira vez, seu primogênito. Nesse cenário, a tradução polonesa introduz a fala sobre a superação dos sentimentos ligados a própria família pela solidariedade com o partido e seus dirigentes.

A contradição no tratamento do mesmo problema por dois textos traduzidos pela mesma dupla de tradutores, Hołyńska e Gruda, pode ser explicada, também, pelo fato de que o dirigismo estético introduz os novos valores na literatura polonesa a partir do ano de 1949. No mesmo ano, a tradução de *O cavaleiro da esperança* já está lançada, talvez, sem ser adequada às normas do novo modelo criativo. Já a tradução de *Os subterrâneos da liberdade* é lançada no ano de 1953, no auge da vigência de todas as normas do realismo socialista, o que constitui uma explicação viável para o acréscimo no texto da tradução. Contudo, a hipótese discutida no parágrafo sobre o universo onomástico desse romance, de que o exemplar do TF com o qual trabalharam os tradutores poloneses não foi idêntica àquela que originou a edição brasileira, parece ser a explicação mais apropriada para o acréscimo no texto da tradução.

A partir dos anos setenta, já não se encontra mais nas traduções um estabelecido modelo de família. O texto polonês de *Os Pastores da noite* fala abertamente em bigamia, nas duas casas mantidas por um mesmo homem. Enquanto o texto-fonte refere-se à casa da esposa como casa civil e à casa da amante como a casa militar, a tradução acrescenta às duas famílias (com a esposa e com a amante) ainda duas casas a mais (a civil e a militar), o que proporciona um efeito de promiscuidade. No exemplo colhido da tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* menciona-se a satisfação sexual do homem casado com as profissionais do sexo. À esposa, o homem deve um comportamento de decência, enquanto as outras servem como fonte de prazer. A tradução polonesa menciona até a realização de perversões, o que marca o texto com a descrição de práticas sexuais consideradas atípicas.

5.3.2 As relações extraconjugais

As representações dos relacionamentos de homem e mulher fora do casamento, nas traduções polonesas da obra de Jorge Amado, podem ser observadas nos exemplos a seguir.

Suor	Página	
<i>O starej arabce z poddasza, posiadającej najliczniejszą klientelę, koleżanki nie wyrażały się dobrze.</i>	218	TA
Sobre a velha árabe do sótão que tinha a maior clientela, as colegas não falavam bem.	Versão Br	
A velha árabe do sótão, a mais afreguesada das lavadeiras, era amasiada com o filho.	104	TF
ABC de Castro Alves	Página	
<i>Eugenia należy do niego, zdobył ją, porwijąc kochankowi i światu.</i>	100	TA
Eugenia pertence a ele, conquistou-a, seqüestrando-a do amante e do mundo. [omissão]	Versão Br	
Eugênia é sua, conquistou-a, roubou-a do amante e do mundo, tomou-a para si só, esse ano é um delírio sexual.	177	TF
Sao Jorge dos Ilhéus	Página	
<i>Biedne zwrotki opiewające nędzę miłości prostytutki i sutenera.</i>	39	TA
Estrofes pobres cantando a miséria do amor da prostituta e do cafetão.	Versão Br	
Letras trágicas, histórias de amor de um triângulo amoroso novo: a mulher, o cáften e o gigolô.	40	TF
Seara vermelha	Página	
<i>Nie chodź z żadną, zanim mnie nie uprzedzisz. Powiem ci, która jest chora. Te biedaczki to moje jedyne klientki poza imigrantkami.</i>	167	TA
Não vá com nenhuma antes de me perguntar. Direi qual delas está doente. Essas pobrezinhas são minhas únicas clientes, fora das imigrantes.	Versão Br	
	170	TF
Gabriela cravo e canela	Página	
<i>To niedobrze.</i>	549	TA
Ruim. [omissão]	Versão Br	
Ruim. Uma noite a levou, na véspera fora Miquelina, no sábado Paula dos peitos de rola, era o ansiado Turno de Gabriela. Na casa de Dora, seu Nilo na rede com a rainha no colo. O barco de vela arribava a seu porto.	435	TF
Tereza Batista cansada de guerra	Página	
<i>Senator gonit za nią z otwartym portfelem i stojącym kutasem.</i>	62	TA
Senador corria atrás dela com a carteira aberta e o pau erguido.	Versão Br	
O senador que está atrás dela, de carteira na mão e tesão de mijo.	43	TF

Na sua grande maioria, as traduções não parecem interessadas no detalhamento das relações extraconjugais. Os textos em polonês omitem a incestuosa relação da mãe lavadeira com seu filho, o delírio sexual de Castro Alves com sua amante, o triângulo amoroso com a participação de um gigolô e a promiscuidade dos personagens em volta de Gabriela. Já a criação da conversa de dois médicos numa boate, extraído da tradução de *Seara Vermelha*, acrescenta a necessidade de se ter cuidados nas relações com as prostitutas. A intervenção reflete mais do que nada um cunho educacional no tecido da tradução. O texto traduzido de *Tereza Batista cansada de guerra*, por outro lado, não omite os detalhes da relação da protagonista com um dos seus admiradores.

As mulheres que estão apresentadas nas traduções fora das relações, isto é, as que não são esposas, nem amantes, nem objetos de interesse de um homem, configuram um caso bastante interessante, como evidenciam os exemplos a seguir.

Mar morto		Página	
<i>Zdeformowaną figurę Mulatki Judyty ciasno oblepia perkalikowa sukienka.</i>		13	TA
A figura deformada da mulata Judith está apertada num vestido de chita.		Versão Br	
Judith é mulata e a barriga já se estende deformando o vestido de chita.		13	TF
O mundo da paz		Página	
<i>Pewna 65-letnia staruszka.</i>		205	TA
Uma velhinha de 65 anos.		Versão Br	
Uma camponesa de 65 anos.		295	TF

A grávida Judith acabou de perder o marido Jacques numa tempestade. O texto-fonte enfatiza que a gravidez da pobre mulher já se percebe nas deformações de vestido, enquanto a tradução polonesa enfeia a mulher, dando a impressão de que a mulata Judith tem o corpo deformado. No texto-fonte de *O mundo da paz* Amado menciona uma camponesa que participa com ele no encontro dos escritores-trabalhadores. A tradução polonesa classifica a camponesa de velhinha.

A análise dos procedimentos tradutórios adotados na tradução dos textos ligados à questão do matrimônio e das relações extraconjugais demonstra que as traduções servem-se dos recursos de omissão e de acréscimo para alinhar os textos ao modelo polonês de representação dos relacionamentos de homem e mulher. Essa tendência mostra-se particularmente forte na época do realismo socialista. A

norma de domesticação parece perder sua força ao longo do período posterior, e perder sua obrigatoriedade nas duas últimas traduções, lançadas no limiar dos anos de 1980 e 1990. A tradução tende a desvalorizar a imagem da mulher, quando ela não está apresentada no texto dentro da relação com um homem.

5.4 A RELIGIÃO

A análise do *corpus* da presente pesquisa permite constatar um interesse especial das traduções pelas representações do fenômeno religioso. Entre essas representações, três denominações religiosas ocupam uma posição especial: o catolicismo, as religiões de matrizes africanas e o espiritismo.

5.4.1 O catolicismo

As representações do catolicismo nas traduções polonesas da obra de Jorge Amado são apresentadas pelo cotejo a seguir.

Seara vermelha	Página	
<i>Obserwowana z ukrycia przez bratową, Zefa przed obrazami świętych przygotowywała się do głoszenia tajemnic boskich. Obłęd jej, powstały na podłożu uczuć religijnych, nie był zjawiskiem odosobnionym na tych z rzadka zamieszkałych połaciach ziemi, ziemi trudu i głodu.</i>	35	TA
Espiada pela cunhada, antes os quadros dos santos, Zefa se preparava para anunciar os mistérios divinos. Sua loucura baseada nos sentimentos religiosos não foi um fenômeno isolado nessas terras inabitadas, terras de labor e de fome.	Versão Br	
Ali, antes dos quadros dos santos, sozinha na sala, observada apenas pela cunhada, Zefa se prepara mais uma vez para proclamar o segredo que Ihe foi transmitido. Não é a única assim nesse sertão de imensas fazendas e de fome.	45	TF
Gabriela cravo e canela	Página	
<i>Ojciec Bazyli chrzci szóste dziecko za sprawą Ducha Świętego zrodzone z łona swojej gospodyni Otalii.</i>	460	TA
Padre Basílio batiza o sexto filho, pelo Espírito Santo nascido do ventre de sua domestica, Otalia.	Versão Br	
Padre Basílio a batizar o sexto afiliado, nascido por obra de Deus do ventre de Otália, a sua comadre.	369	TF

Os pastores da noite	Página	
<i>Ja na twoim miejscu ochrzciłbym poganina i u księdza i u duchów, i w kościołach różnej wiary.</i>	181	TA
No seu lugar, eu batizava o pagão no padre e nos espíritos, e nas igrejas de vários credos.	Versão Br	
Se eu fosse tu, batizava o arrenegadozinho no padre, no espírita, nas igrejas do crente de todo jeito.	150	TF

A Segunda Guerra Mundial e os rearranjos territoriais e étnicos do pós-guerra liquidaram, praticamente, as minorias religiosas judaica, protestante e ortodoxa na Polônia. Como a religião predominante, o catolicismo torna-se a única alternativa para o ateísmo propagado pela cosmovisão marxista. Com intensidade variada, o regime comunista combate o catolicismo ao longo de todo o período em que está no poder, como mencionam os primeiros capítulos dessa pesquisa. As traduções refletem essa postura, acusando a religião de provocar distúrbios mentais, como explica o acréscimo na tradução de *Seara vermelha*, ou ridicularizando a religião e seus ministros. Citando explicitamente o artigo do *Credo* católico sobre a divina origem de Jesus Filho de Deus e insinuando a presença permanente de Otália, a doméstica do padre, na casa paroquial, o texto citado de *Gabriela cravo e canela* aproxima-se ao teor das piadas sobre a vida do clero católico que circulavam na Polônia. Para o leitor polonês, a tradução de *Os pastores da noite* que não explica o que seria um batismo “nos espíritos” ou “nas igrejas de vários credos” relativiza o valor do sacramento do batismo católico e torna-o um rito estranho e misterioso.

A maneira pela qual as traduções abordam a devoção ao Senhor do Bonfim está apresentada a seguir.

Suor	Página	
<i>Risoleta łudziła się, że Pan Dobrej Nadziei wysłucha jej modlitw.</i>	206	TA
Risoleta iludia-se de que o Senhor da Boa Esperança atendesse às suas preces.	Versão Br	
Risoleta tinha esperança que Senhor do Bonfim atendesse aos seus pedidos.	92	TF
Terras do sem fim	Página	
<i>Zapalić świeczkę przed ołtarzem świętego Bonfina.</i>	107	TA
Acender uma vela no altar do Santo Bonfim .	Versão Br	
Acender umas velas ao Senhor do Bonfim .	102	TF
O capitão de longo curso	Página	
<i>Zakupić mszę przed ołtarzem patrona Pomyślnego Końca.</i>	58	TA
Pagar uma missa no altar do padroeiro do Bom Êxito .	Versão Br	

Fizera mesmo uma promessa ao Senhor do Bonfim : mandaria rezar uma missa em sua igreja.	105	TF
--	-----	----

As traduções polonesas identificam o Senhor do Bonfim com o Senhor da Boa Esperança, com o padroeiro do Bom Êxito, ou ainda com o Santo Bonfin. No âmbito da religiosidade polonesa não existem tais devoções. Na Polônia, a prerrogativa da Boa Esperança ou do Bom Êxito é concedida a Nossa Senhora. Também, nenhum santo de nome Bonfim figura nas hagiografias. Ao mesmo tempo, os textos poloneses expressam a postura oficial frente ao problema religioso. Por essa razão, as preces de Risoleta são chamadas de “ilusão” e não de “esperança”. Também, o pagamento pela celebração das missas evidencia-se como o instrumento do enriquecimento do clero.

A devoção ao Senhor do Bonfim, representada nas traduções polonesas, distancia os textos em questão da cultura religiosa polonesa, marcando-os com exotismo. Por outro lado, as intervenções da ideologia em vigor transformam os textos das traduções em ferramenta para combater o catolicismo.

Quando se discute a relação do catolicismo com o Estado, as traduções trazem as soluções que se aproximam à realidade política polonesa, como exemplifica o cotejo.

<i>O mundo da paz</i>	Página	
---	31	TA
[omissão]	Versão Br	
Na Polônia conversei com Jarosław Iwaszkiewicz e com outros escritores católicos. Estavam todos eles lealmente ao lado do governo da democracia popular, apoiavam sua política, colaboravam com o regime.	55	TF
<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	Página	
<i>Pewne pismo chciało wydrukować Modlitwę na Górze Oliwnej. Cenzor wykreślił ją jako niebezpieczną.</i>	v.2;219	TA
Uma revista quis publicar a Oração do Monte das Oliveiras . O censor a cortou como subversiva.	Versão Br	
Uma revista ia publicar o Sermão da Montanha . O censor a cortou como subversiva.	v.3;220	TF

Na época em que *O mundo da paz* é lançado na Polônia, o regime não está mais precisando dos escritores famosos para legitimar seu poder. Os escritores católicos, que se associaram ao regime, são simplesmente escritores comunistas. O fato de

que Jarosław Iwaszkiewicz, o Presidente da Associação dos Escritores e o editor chefe da edição polonesa deste livro de Jorge Amado, está denominado pelo escritor brasileiro como o escritor católico leal ao regime comunista, pode ter colaborado para a decisão de omitir o texto em questão. Citada, no texto polonês de *Os subterrâneos da liberdade*, a Oração do Monte das Oliveiras é a última prece de Jesus antes do martírio do Calvário, que expressa a submissão ao poder paterno. O Sermão da Montanha mencionado pelo texto-fonte é o manifesto com que Jesus começa sua atividade de profeta ambulante. Nele, de fato, propaga-se uma revolucionária elevação das camadas sociais marginalizadas para o topo da hierarquia social. Para o regime comunista, o Sermão da Montanha contém uma ameaça da contra-revolução. Esse fato, talvez, possa esclarecer a opção, no texto traduzido, pela citação bíblica menos ameaçadora para o sistema autoritário.

Nas traduções polonesas, as representações do catolicismo são aproveitadas em serviço da ideologia do ateísmo marxista. Por sua vez, a menção da devoção ao Senhor do Bonfim acrescenta aos textos traduzidos um colorido estranho de uma religiosidade diferente e desconhecida, portanto menos ameaçadora para o regime.

5.4.2 As religiões de matrizes africanas e o espiritismo

Como distantes da experiência religiosa católica do público leitor polonês, as religiões de matrizes africanas e o espiritismo serão tratados no mesmo subcapítulo. As representações das religiões de matrizes africanas são apresentadas pelo cotejo a seguir.

Jubiabá	Página	
<i>Wtedy Murzyn podniósł się z klęczek i zszedł ze Wzgórza.</i>	31	TA
Então o negro ergueu-se dos joelhos e desceu o Morro.	Versão Br	
Então o homem levantou e desceu o morro.	21	TF
Mar morto	Página	
<i>Zabroniono urządzania pogańskich świąt.</i>	75	TA
Proibiram-se as festas pagãs .	Versão Br	
Sua festa foi proibida.	59	TF
ABC de Castro Alves	Página	
<i>Dudnienie bębnów murzyńskiej makumby.</i>	49	TA
Os baticuns da macumba dos negros .	Versão Br	
São os baticuns das macumbas .	92	TF

O cavaleiro da esperança		Página	
<i>Książa i czarownicy murzyńscy odprawiają modły za pomyślność wielkiego marszu.</i>	130	TA	
Os padres e os feiticeiros negros proferem as preces pelo êxito da grande marcha.	Versão Br		
Padres velhos rezam missas pelo sucesso de Grande Marcha.	135	TF	
A morte e a morte de Quincas Berro D'água		Página	
<i>Pora obrzędów ku czci czarnego bożka Xangô.</i>	327	TA	
Época dos rituais em honra da preta divindade Xangô.	Versão Br		
Época sagrada das festas de Xangô.	20	TF	
Dona Flor e seus dois maridos		Página	
<i>Najlepiej nie wdawać się w misteria makumby i candomblé, na ulicach jest pełno zaczarowanych przedmiotów wywołujących nieszczęście, guseł i niebezpiecznych czarów.</i>	241	TA	
É melhor não se meter nos mistérios de macumba e de candomblé, as ruas estão cheias de objetos enfeitados que provocam desgraça, bruxarias e mandingas perigosas.	Versão Br		
Nesses mistérios de macumba e de candomblé é melhor não se mexer, as ruas vivem cheias de feitiços e despachos, ebos de forte fundamento, mandingas perigosas, coisa-feita.	198	TF	

Até hoje, as religiões de matrizes africanas são pouco conhecidas pelo público polonês em geral. A tradução de *Jubiabá* apresenta a conversa de um assassino com o pai-de-santo nos moldes da confissão católica. O penitente permanece ajoelhado durante o rito e levanta-se no final. Também, o texto de *Mar morto* apresenta o candomblé do ponto de vista do catolicismo, chamando as proibidas festas de lemanjá de festas pagãs. Essas explicações nos textos indicam o interesse de aproximar as traduções ao universo religioso do público leitor.

Contudo, uma parte das traduções está interessada na apresentação dos ritos das religiões afro-brasileiras como fenômenos estranhos para o leitor polonês. Grande parte desse estranhamento é remontada nas traduções pela adição da informação de que os ritos são praticados por negros. As traduções acrescentam que a macumba é dos negros e que Xangô é uma divindade preta. Da mesma maneira, pelo êxito da Grande Marcha organizam-se bizarros rituais religiosos com participação dos padres e dos feiticeiros negros, e em *Jubiabá* o homem que se levanta também é negro. A tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* chama atenção para a periculosidade de objetos pertencentes ao universo do candomblé e da macumba. Assim, de modo geral, as representações das religiões de matrizes

africanas produzem o efeito do exotismo nas traduções polonesas. As traduções mais recentes só reforçam essa tendência.

As representações do espiritismo são apresentadas pelo cotejo a seguir.

<i>São Jorge dos Ilhéus</i>	Página	
<i>Okręty przywoziły różne wygłodzone, chuderlawe media, jasnowidzów i cudotwórców.</i>	226	TA
Os navios traziam vários médiuns esfomeados e chupados, os clarividentes e os milagreiros.	Versão Br	
Chegavam “médiuns” afamados nos navios, videntes e milagrosos.	198	TF
<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	Página	
<i>Doktor “zdezinkarnował się” (Bia Turka była spirytystką).</i>	322	TA
O doutor desencarnou (Bia Turca era espírita).	Versão Br	
...ter o doutor desencarnado (Bia Turca praticava o espiritismo).	258	TF

Assim como as religiões de matrizes africanas, o espiritismo é desconhecido para o público polonês. As representações do espiritismo nos textos traduzidos reforçam a diferença cultural entre o Brasil e a Polônia. A tradução de *São Jorge dos Ilhéus* apresenta os médiuns espíritas como entes estranhos, clarividentes esfomeados e chupados. Também, o termo “desencarnar” empregado na tradução de *Tereza Batista cansada de guerra* para designar a morte do personagem é um neologismo (colocado entre as aspas no texto da tradução para indicar o estrangeirismo) no ambiente da língua polonesa. Essa aclimação do termo espírita provoca estranheza no leitor polonês.

A tradução das representações de religião no universo da obra amadiana dirige-se por duas normas. Utilizando-se dos procedimentos da omissão e da adição, as representações do catolicismo tendem a ser traduzidas de acordo com as exigências ideológicas do sistema político em vigor, e são, portanto, dirigidas pela norma de domesticação. Essa tendência se explica a partir do conflito do regime ateu com a cosmovisão teísta do catolicismo. Valendo-se dos procedimentos da adição, da explicação no texto e da aclimação, as representações de religiões afro-brasileiras, do espiritismo e da devoção ao Senhor do Bonfim dirigem-se pela norma de estrangeirização. Avaliados como tópicos menos comprometidos ideologicamente, essas representações são aproveitadas para marcar o exotismo dos textos traduzidos.

5.5 O HOSTILIZADO

A análise do *corpus* permite observar que os textos traduzidos tendem a hostilizar certos grupos de pessoas. Em face do discurso marxista que enfatiza a luta de classes como o processo fundamental para o desenvolvimento da sociedade, a tendência de hostilizar evidencia-se como bastante significativa. Focalizando esse aspecto, os resultados da análise permitem a conclusão de que as traduções hostilizam determinadas classes sociais, os representantes da nação alemã e os dirigentes comunistas condenados pela história.

5.5.1 As classes sociais

Os textos traduzidos hostilizam as classes sociais tidas como inimigas, como ilustram os exemplos.

<i>Cacau</i>	Página	
<i>Syn fazendera studiuje zazwyczaj w mieście, co nie przeszkadza, że jest tępyim gagatkiem i bezczelnym łotrem.</i>	64	TA
Filho do fazendeiro estuda, em geral, na cidade, o que não impede que ele seja um tipo estúpido e um canalha desavergonhado.	Versão Br	
Filho do coronel, que é estudante na Bahia, é ignorante e estúpido.	43	TF
<i>O cavaleiro da esperança</i>	Página	
<i>Przeciw nim stanęli właściciele ziemscy, fabrykanci, szlachta i wszyscy urzędnicy.</i>	76	TA
Contra eles levantaram-se os donos de terras, os fabricantes, a nobreza e todos os funcionários públicos.	Versão Br	
Contra ele a gente que tinha terras, que tinha as fábricas, os títulos de nobreza, os empregos bem pagos.	71	TF
<i>Terras do sem fim</i>	Página	
<i>Nawet rolnicy, którzy studiowali agronomie na uniwersytetach.</i>	324	TA
Mesmo os camponeses que estudaram a agricultura nas universidades.	Versão Br	
Mesmo agrônomos que haviam estudado nas faculdades.	273	TF
<i>O capitão de longo curso</i>	Página	
<i>Czytałem, że wszelkie zło w Brazylii wynika z istnienia maturzystów, magistrów i doktorów.</i>	130	TA
Eu li sobre o fato de que todos os males do Brasil resultam da existência de vestibulandos, de mestres e de doutores.	Versão Br	
Já li residir nos bacharéis todos os males do Brasil.	157	TF

<i>Os pastores da noite</i>	Página	
<i>Gdyby nie ten fakt, to te wywrotowe elementy mogłyby znaleźć się tutaj jedynie w charakterze więźniów.</i>	292	TA
Não fosse este fato, os elementos subversivos só poderiam estar aqui em caráter de presos.	Versão Br	
Não fora isso e tais elementos só entravam presos.	234	TF
<i>Tereza Batista cansada de guerra</i>	Página	
<i>Te chłopaki z miasta, to bananowa młodzież, to miękki wosk w rekach kobiet.</i>	192	TA
Esses moços da cidade, essa juventude de bananas , são moles como a cera de abelha nas mãos das mulheres.	Versão Br	
Mas esses moços da capital são uns bananas na mão das mulheres.	150	TF

As traduções de *Cacau* e de *O cavaleiro da esperança* enumeram as classes sociais inimigas da classe operária com uma ênfase na qualificação negativa da futura elite intelectual proveniente de famílias dos proprietários de terras. Ao contrário, o texto traduzido de *Terras do sem fim* valoriza a nova elite intelectual provinda da classe dos operários rurais em detrimento das elites antigas, melhorando, no sentido do sistema político polonês, a expressão do texto-fonte.

Os textos traduzidos, na década de 1970, adotam o discurso comunista sobre os inimigos do regime. A tradução de *O capitão de longo curso* explica a classe social problemática para o Estado. Os intelectuais presentes e futuros, entre eles os vestibulandos, os mestres e os doutores, reivindicaram as mudanças no sistema político polonês no ano de 1968, o que levou o país à grave crise política. No discurso dos políticos e da imprensa, os participantes das manifestações de 1968 e os grevistas das cidades portuárias de 1970 eram nomeados de “elementos subversivos”, termo utilizado pela tradução de *Os pastores da noite* para descrever os moradores que desafiaram as decisões do governo municipal referentes à desapropriação das casas no centro histórico de Salvador.

A tradução de *Tereza Batista cansada de guerra* recorre ao discurso marcado ideologicamente mais de duas décadas antes do lançamento da tradução. Utilizado pela propaganda comunista, o termo de “juventude de bananas” indicava os estudantes da Universidade de Varsóvia e de outras capitais que se solidarizavam com o movimento dos intelectuais do ano de 1968. A imprensa descrevia essa juventude, em grande parte, filhos dos altos funcionários do PC, como a geração que cresce sem preocupações e está rodeada de luxo. O símbolo de boa vida desses filhos de papai, que o discurso do regime atribuiu aos jovens estudantes

eram bananas, frutas importadas e caras, em falta no mercado polonês. No Brasil, porém, “um banana” significa um homem fraco, um frouxo.

A análise do *corpus* permite a constatação de que, por meio dos procedimentos da adição e da melhoria, os textos traduzidos são influenciados ideologicamente para reforçar o modelo de valorização do proletariado, em detrimento de outras classes sociais.

5.5.2 Outras categorias

Também, os alemães são hostilizados nos textos traduzidos, como já foi mencionado, neste capítulo, na análise do universo onomástico.

Suor	Página	
<i>Niemiec lubił zawierać przyjaźń na dłużej i nie obcował nigdy z kilkoma naraz. Ale żyć z tym Niemcem.</i>	170	TA
O alemão gostava de amizades duradouras e nunca ficava com vários ao mesmo tempo. Mas viver com esse alemão .	Versão Br	
Franz gostava de se amigar e só se entregava a um... Mas se amigar.	54	TF
Jubiabá	Página	
<i>Murzyn Antonio Balduino wyciąga wielką rękę i macha nią na pożegnanie jasnowłosemu marynarzowi.</i>	351	TA
O negro Antônio Balduino estende a mão grande e acena para despedir o marinheiro louro .	Versão Br	
E o negro Antônio Balduino estende a mão calosa e grande, e responde ao adeus de Hans, o marinheiro .	321	TF
São Jorge dos Ilhéus	Página	
<i>A to Szwabisko, psia jęgo mać.</i>	265	TA
Eis o Schwabe , filho de uma cadela.	Versão Br	
Gringo filho da puta.	225	TF
Os subterrâneos da liberdade	Página	
<i>Hitlerowski statek.</i>	v.1;325	TA
Um barco hitleriano .	Versão Br	
É um barco alemão .	v.2;23	TF

O antagonismo histórico entre poloneses e alemães que culminou na explosão da Segunda Guerra Mundial está presente na maneira em que as traduções do período stalinista apresentam os alemães ao público leitor. O texto de *Suor* apresenta um homossexual alemão com nome de Franz. A tradução polonesa enfatiza a nacionalidade do *gay*, onde o TF chama-o com o próprio nome. De maneira

semelhante, a tradução de *Jubiabá* utiliza a nacionalidade alemã no primeiro episódio do romance, onde o boxeador alemão Ergin perde para o *champion* baiano Antônio Balduino. Nas cenas onde Ergin apanha do negro, a tradução chama-o de alemão. No final do romance, porém, quando Antônio se despede de um marinheiro simpático de nome Hans, a tradução omite o nome associado com os alemães, chamando o marinheiro simplesmente de louro. O texto polonês de *São Jorge dos Ilhéus* hostiliza os alemães traduzindo “gringo” por “*Schwabe*”, o termo que indica um natural da região sudoeste da Alemanha chamada de *Schwaben*. Na Polônia, esse termo possui conotação pejorativa e é utilizado para ridicularizar os alemães. Também, a escolha do adjetivo “hitleriano” para traduzir “alemão” detém a associação hostil no texto polonês de *Os subterrâneos da liberdade*.

No que diz respeito ao tratamento dispensado ao negro nas traduções polonesas, a análise do *corpus* permite a constatação de que ele nunca é hostil. Pelo contrário, caracteriza-se por certa empatia, como exemplifica o cotejo colhido no texto de *Dona Flor e seus dois maridos*. Nesta seqüência, a tradução evita a explicitação do fato de que o insulto é dirigido a um negro.

<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	Página	
<i>Stawiaj na damę, ty sukinsynu.</i>	413	TA
Na dama, [omissão] filho da puta.	Versão Br	
Na dama, negro filho da puta.	339	TF

Os textos traduzidos também hostilizam os ilustres da hagiografia comunista que já foram o objeto do culto à personalidade e caíram em desgraça num dado momento histórico.

<i>O mundo da paz</i>	Página	
<i>Przy suto zastawionym stole u przewodniczącego kołchozu.</i>	76	TA
Na mesa farta, em casa do presidente do kolhoz .	Versão Br	
Era na mesa farta do almoço, em casa do presidente do “ Kolhoz Beria ”.	121	TF
<i>Os subterrâneos da liberdade</i>	Página	
My jesteśmy najsilniejsi! I mamy za sobą Związek Radziecki. I jego partię.	v.1;476	TA
Nós somos os mais fortes. E temos conosco a União Soviética. E seu partido .	Versão Br	
Nós somos os mais fortes. E temos conosco a União Soviética. E papai Stalin .	v.2;169	TF

Os casos da expurgação dos nomes de Stalin e de Beria das traduções polonesas ocorrem nos textos de *O mundo da paz* e de *Os subterrâneos da liberdade*. Lançada no ano de 1954, um ano após a condenação e a execução de Beria pelos crimes do stalinismo, a tradução de *O mundo da paz* omite seu nome. O nome de Stalin aparece em ambas as traduções. Depois da morte de Stalin, em 1953, entretanto, evitam-se as expressões usadas no ritual comunista do culto à personalidade, como “papai Stalin”, por exemplo. Poucos anos depois, tanto Beria como Stalin tornam-se, oficialmente, inimigos do sistema e deixam de ser mencionados na literatura comunista.

De acordo com a ideologia partidária vigente, os textos das traduções definem os inimigos do regime, utilizando-se dos procedimentos da omissão e da adição. Entre os hostilizados encontram-se os representantes das classes sociais inimigas do proletariado, os alemães e os ícones do comunismo condenados pela história. Seguindo a norma de domesticação, os textos traduzidos reforçam a visão dicotômica do mundo dividido entre os aliados e os inimigos por todo o período da dominação comunista na Polônia. Somente a tradução de *Dona Flor e seus dois maridos*, lançada depois da queda do sistema comunista, parece não fazer parte da construção dessa visão. Salienta-se, também, uma postura de solidariedade com o negro nos textos traduzidos, que pode ser entendida como a expressão da solidariedade com o proletariado brasileiro marginalizado.

5.6 AS SOLUÇÕES SECUNDÁRIAS

A análise das traduções polonesas constata, nos textos traduzidos, um número de soluções inesperadas do ponto de vista do leitor familiarizado com a cultura brasileira, mas muitas vezes imperceptíveis para o leitor polonês comum.

Buscando adequar os horários das refeições brasileiras para o esquema do dia do leitor polonês, as traduções tentam adaptar a hora do desjejum e do almoço, como ilustram os exemplos.

São Jorge dos Ilhéus		Página	
<i>Śniadanie.</i>		48	TA

Café da manhã.	Versão Br	
Almoço.	47	TF
Gabriela cravo e canela		
Página		
<i>Wnoszono danie za daniem, ryby rzeczne, różne gatunki ptactwa, wołowinę, baraninę, wieprzowinę: było to zwykłe śniadanie domowe.</i>	302	TA
Os pratos sucederam-se, peixes do rio, aves diversas, carnes de boi, de carneiro, de porco: era um café da manhã comum em casa.	Versão Br	
Os pratos sucederam-se na mesa, peixes do rio, aves diversas, carnes de boi, de carneiro, de porco. É isso que almoçavam em família...	240	TF
O capitão de longo curso		
Página		
<i>Jadł śniadanie o 10, wracał o 7 wieczorem i zjadał obiad.</i>	25	TA
Tomava café da manhã às 10, voltava às 7 da noite e almoçava.	Versão Br	
Almoçava as dez da manhã. Só quase sete da noite voltava e jantava.	81	TF

Na época do lançamento das traduções, os horários do café da manhã e do almoço dos poloneses divergiam do cronograma das refeições representado nos textos amadianos. Hoje em dia, com a vinda das empresas multinacionais para a Polônia, os empregados adaptaram-se a um novo horário de trabalho com o intervalo para uma refeição ao meio-dia. Antes do ano de 1990, porém, o costume do desjejum reforçado e do almoço depois do horário de trabalho, geralmente por volta das 15 horas, configurava o estilo de vida do trabalhador polonês. As traduções buscam adaptar as refeições aos horários apresentados nos textos-fonte.

Por causa do horário, o almoço se traduz por café da manhã, como indica a tradução de *São Jorge dos Ilhéus* e o café da manhã comum da família brasileira tem um menu muito variado, como exemplifica a tradução de *Gabriela cravo e canela*. Os horários das refeições parecem estranhos para o leitor polonês. Talvez ainda os horários da tradução de *O capitão de longo curso* possam se adequar ao estilo de vida do operário polonês que mora fora da cidade na qual trabalha, gastando muito tempo com a condução. Também, o conteúdo do menu do café da manhã com peixes, aves e carnes ultrapassa expectativas do polonês comum. Numa época de escassez de gêneros alimentícios no mercado polonês, o menu do café da manhã apresentado na tradução de *Gabriela cravo e canela* proporciona ao leitor uma experiência de abundância exótica e paradisíaca.

Os textos traduzidos buscam, também, adequar as estações do ano para as condições climáticas em que vive o leitor polonês, como indica o exemplo a seguir.

Mar morto	Página	
<i>Październik to najpiękniejszy miesiąc na wybrzeżu zatoki. Słońce jeszcze mocno przygrzewa, jasne i rześkie ranki nie przynoszą niespodzianek.</i>	158	TA
Outubro é o mês mais belo na costa da baía. O sol é quente ainda , as manhãs claras e frescas não trazem surpresas.	Versão Br	
Outubro é o mês mais belo desta beira do cais. O sol não é quente ainda , as manhãs são claras e frescas.	121	TF

O outubro polonês faz parte do outono, a sazão marcada pelas chuvas e um frio crescente. Ao contrário do outubro na cidade de Salvador, onde o sol da primavera opera com crescente força. É por isso que a tradução recorre à adequação das estações do ano. Mesmo assim, raramente e por poucas horas no meio do dia, o outubro na Polônia proporciona o calor do sol, mencionado pela tradução. Neste sentido, a menção do outubro ensolarado gera uma sensação de bem-estar pouco comum nesta estação.

O procedimento da adaptação visa adequar o TF às necessidades do texto traduzido constituindo, portanto, um recurso da norma de domesticação. Entretanto, os trechos supracitados das traduções polonesas que sofreram a adaptação apresentam-se para o público leitor polonês, como bastante distantes da realidade polonesa reforçando, assim, a sensação de estranhamento.

O *corpus* da pesquisa demonstra um certo número de soluções surpreendentes que podem ser classificados como equívocos. O esclarecimento acerca da procedência dessas soluções não se mostrou possível no decorrer da pesquisa. As hipóteses levantadas levaram em conta os erros da tradução, as falhas na edição e os impedimentos no processo da tradução (falta do conhecimento, escassez de fontes de pesquisa, os prazos estipulados pelas editoras etc). Além disso, pode-se sustentar de que os itens infracitados, não pertencendo ao cerne do interesse ideológico do regime comunista, não mereceram a atenção acentuada.

Algumas soluções surpreendentes estão ligadas à flora brasileira, como demonstra o cotejo a seguir.

Cacau	Página	
<i>Kiedyś zjadł nawet 120 owoców na raz.</i>	80	TA
Certo dia comeu até 120 frutos de vez.	Versão Br	
Comendo certo dia cento e dois bagos.	61	TF
Terras do sem fim	Página	

Strącali z drzew chlebowych owoce jaca, które służyły im za deser.	89	TA
Da arvore-do-pão derrubavam as jacas que serviam de sobremesa.	Versão Br	
Derrubavam uma jaca mole de uma jaqueira qualquer e era a sobremesa.	86	TF

Tanto os tradutores de *Cacau*, como a tradutora de *Terras do sem fim* parecem desconhecer a fruta de jaca. O texto de *Cacau* conta a proeza do trabalhador João Grilo que, certo dia, comeu de sobremesa 102 bagos de jaca. O texto polonês fala em façanha de comer 120 frutas de jaca de uma só vez. Somente se jaca fosse do tamanho da menor fruta polonesa, a groselha, o ato seria viável. Da mesma forma, a tradução de *Terras do sem fim* menciona a colheita de frutas de jaca da fruteira-pão, a árvore que dá frutas-de-pão. De fato, o polonês ignora a existência da jaca. A arvore-do-pão, como uma planta exótica, é conhecida dos leitores do clássico da literatura polonesa Henryk Sienkiewicz, o autor mencionado no segundo capítulo desse trabalho, que ambienta um dos seus romances na selva africana.

Outras soluções surpreendentes estão ligadas às especificidades da cultura musical brasileira.

<i>Os pastores da noite</i>	Página	
<i>Berimbau.*</i>	50	TA
*Pequeno instrumento de sopro.	Versão Br	
Berimbau.	44	TF
<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	Página	
<i>Berimbau.*</i>	159	TA
*Pequeno instrumento musical que ressoa na boca.	Versão Br	
Berimbau.	132	TF

As explicações nas notas de rodapé das duas traduções trazem a informação de que o berimbau é um instrumento pequeno e de que o músico coloca o berimbau na boca. A tradução de *Os pastores da noite* apresenta o berimbau como instrumento de sopro. Na explicação da tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* o berimbau é uma espécie do instrumento antigo que usa a boca como caixa de ressonância. Graças à proliferação da arte da capoeira na Europa, o berimbau tornou-se um instrumento conhecido na Polônia no início do nosso século.

As soluções equivocadas também estão ligadas à compreensão de alguns termos característicos, usados nos textos brasileiros.

Suor	Página	
<i>Dzisiaj niepokąźny domek przekształcił się w okazały dom z ogrodem, który właścicielom dostarczał bananów i pomarańczy.</i>	148	TA
Hoje, essa casinha insignificante transformou-se num casarão com pomar, que fornecia os donos com bananas e laranjas.	Versão Br	
Hoje, essa casa transformou-se num sobrado com uma quitanda embaixo, bem fornecida de bananas e laranjas.	30	TF
O cavaleiro da esperança	Página	
<i>Wyznawcy księdza Cycerona, dramaturga z Ceary.</i>	137	TA
Os fiéis do padre Cícero, dramaturgo do Ceará.	Versão Br	
Foram os homens do padre Cícero, taumaturgo do Ceará.	144	TF
Os pastores da noite	Página	
Mieli na głowach wielkie kapelusiska opasane taśmami filmowymi.	43	TA
Tinham nas cabeças grandes chapelões rodeados com os teipes cinematográficos.	Versão Br	
Usavam uns chapelões de fita de cinema.	40	TF
Tereza Batista cansada de guerra	Página	
Tańce zakończyły się o świcie na ulicy, gdzie cały korowód podążył w ślad za triem “Electrico”.	517	TA
A dança terminou de manhã, na rua, onde o cortejo inteiro caminhou atrás do Terceto “Elétrico”.	Versão Br	
A dança terminou na rua, de manhã, atrás do Trio Elétrico.	428	TF
Dona Flor e seus dois maridos	Página	
<i>Gorszym adresem mogło już być tylko Rio Vermelho, odległe miejsce na końcu świata, gdzie siostra i szwagier bali się mieszkać.</i>	317	TA
Pior endereço só mesmo o Rio Vermelho, um lugar distante no fim do mundo, onde irmã e cunhado temeram de residir.	Versão Br	
Pior endereço só mesmo o Rio Vermelho, com sua lonjura e seus capadócios, onde irmã e cunhado teimavam de residir.	261	TF

Os exemplos acima citados indicam os equívocos resultantes da interpretação dos termos usados nos textos-fonte. Na tradução de *Suor*, a palavra “quitanda”, de origem quimbundo, que designa um pequeno estabelecimento comercial, foi traduzida como “pomar”, embora o idioma polonês ofereça uma vasta escolha dos termos para a designação do pequeno comércio. Na tradução de *O cavaleiro da esperança* o taumaturgo, isto é, o milagreiro, padre Cícero vira o dramaturgo de Ceará, embora a língua polonesa ofereça uma porção de opções para designar os santos que operam milagres. Os moradores do interior, de visita em Salvador, na tradução de *Os pastores da noite* carregam nas cabeças os chapéus decorados com as fitas cinematográficas - as antigas mídias para a gravação de filmes. O texto-fonte sugere, porém, que os camponeses usavam chapelões que se pareciam com as peças de vestuário usadas nos filmes de cinema. A tradução de *Tereza Batista*

cansada de guerra sugere que o cortejo foi conduzido por três músicos de um terceto chamado “Elétrico”, enquanto que no texto-fonte, o cortejo segue atrás de um Trio Elétrico. A tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* troca o significado do verbo “teimar” por “temer”, alterando a expressão do texto brasileiro.

Os poucos procedimentos tradutórios classificados no decorrer da análise do *corpus* da pesquisa como soluções equivocadas não dificultam, em geral, a compreensão dos textos traduzidos. Na sua grande maioria, essas soluções aumentam a impressão de tratar-se de uma realidade extremamente diferente daquela conhecida pelo leitor polonês. Desta maneira, as soluções equivocadas colaboram com a expressão exótica dos textos traduzidos.

Os resultados da análise micro-estrutural do *corpus* da presente pesquisa demonstram uma forte tendência para a domesticação das traduções da obra de Jorge Amado presente no sistema literário polonês, em todo o período da dominação do regime comunista. A adoção da norma de domesticação pode ser analisada em dois aspectos: ao longo do eixo cronológico e nos domínios das categorias elaboradas a partir da leitura das traduções.

Na perspectiva diacrônica, a tendência para a domesticação das traduções intensifica-se no período em que o sistema literário polonês adota o modelo criativo do dirigismo estético, na época da forte influência do comunismo stalinista sobre o polissistema sociopolítico polonês. Nas décadas seguintes, a vigência dessa norma submete-se às variações de cunho ideológico, visando sempre reforçar o discurso da propaganda partidária em vigor. Nos limiares da década de 1980 e no início dos anos de 1990, a norma de domesticação perde sua obrigatoriedade.

Do ponto de vista das categorias apresentadas na análise micro-estrutural, a norma de domesticação marca presença mais forte nos domínios da ideologia do Estado que visa à coesão do sistema de valores da sociedade comunista. A moral sexual, o discurso sobre o aliado e sobre o inimigo político, o relacionamento de homem e mulher e a relação com o catolicismo constituem as categorias nas quais a tradução é moldada pelos padrões do polissistema sociocultural polonês, em todo o período da hegemonia comunista.

A prevalência da norma de domesticação, tanto na perspectiva cronológica como nos domínios ideologicamente relevantes para o polissistema sociocultural

polonês, contribui para a apresentação da obra de Jorge Amado como parte da construção universal de cosmovisão comunista para o público leitor na Polônia.

A presença da norma de estrangeirização nas traduções polonesas da obra de Jorge Amado observa-se em todo o período pesquisado. A vigência dessa norma acentua-se, entretanto, no final do governo do partido comunista e no início da abertura democrática na Polônia.

No período pesquisado, os domínios de acentuada presença da norma de estrangeirização demonstram ser a categoria da designação dos personagens, a categoria da culinária e a categoria da representação das religiões de matrizes africanas e do espiritismo. Na sua totalidade, as categorias acima mencionadas não possuem a força de contestação da hierarquia de valores constituintes da sociedade comunista promovida pela propaganda do polissistema sociopolítico polonês.

A presença da norma de estrangeirização, nos limites delineados, completa a apresentação da obra de Jorge Amado perante o público leitor da Polônia. O vestígio do exótico, promovido nas traduções pela norma de estrangeirização, ambienta o texto amadiano numa cultura distante com relação às experiências do leitor polonês.

Portanto, além de proporcionar a visão de construção do comunismo universal, os textos traduzidos do escritor brasileiro Jorge Amado oferecem, também, um olhar exótico para um país distante e diferente da Polônia que, marcado pelo modelo capitalista, busca as possíveis soluções para seus problemas sociais.

CONCLUSÃO

Decididamente “um pilar do comunismo” e, também, definitivamente “um escritor exótico”, respondem à pergunta que intitula o presente trabalho, os resultados desta pesquisa. A importação de Jorge Amado para o polissistema sociopolítico polonês objetivava a consolidação dos valores da ideologia comunista, assim como visava à diversificação do repertório do sistema literário da República Popular da Polônia.

A stalinização da vida política elaborou as bases para o controle total de todas as formas da vida pública e privada, assim como para a dependência total da Polônia das diretrizes elaboradas pela cúpula do PC soviético. Na República Popular, o sistema político penetra em todas as atividades do cidadão: no plano econômico e cultural, na vida social e no exercício da individualidade. Os imperativos da política fazem da literatura uma ferramenta ideológica de propaganda e de legitimação do regime comunista. O mecenato do Estado subvenciona a produção da literatura e concede aos escritores um alto *status* social, exigindo deles, em contrapartida, a observância dos ditames ideológicos e poéticos em vigor. Com o passar do tempo, os escritores tutelados pelo regime reivindicam a liberdade para a criação literária. Seus padrões respondem com a escalação da rigidez da censura. Em conseqüência, a literatura polonesa permanece presa aos construtos ideológicos do comunismo até o final dos anos oitenta.

O sistema literário recorre à importação das obras do mega-sistema soviético da literatura e, nesse grupo, promove também as traduções da obra do escritor brasileiro Jorge Amado. As biografias do romancista brasileiro e as notícias a seu respeito, veiculadas na imprensa polonesa, reforçam o ideal do escritor comunista comprometido com as diretrizes do PC. Os metatextos veiculados nos periódicos especializados enquadram a obra de Jorge Amado dentro das exigências do realismo socialista. As convicções políticas do próprio escritor, defendidas nos seus textos e comprovadas pela realização das tarefas outorgadas pelo partido, identificam Jorge Amado com o mega-sistema sociocultural soviético. As viagens do autor pela União Soviética e pelas Democracias Populares, assim como uma rede de relações de amizade com os dirigentes da vida política e cultural desses países, colaboram para seu sucesso como

escritor nos sistemas literários de todo o bloco comunista na época do stalinismo. Com o *boom* da literatura ibero-americana, no sistema mundial de literatura, Jorge Amado recomeça a ser traduzido e editado na Polônia. Embora se abra para o exotismo e o sensualismo dos escritos do autor baiano, a imprensa polonesa, nessa época, continua a associar Jorge Amado à militância comunista.

Os resultados da análise das traduções evidenciam um grande interesse do sistema literário polonês pela obra de Jorge Amado. Um apreciável número dos livros traduzidos, sua tiragem grande e seu preço acessível, bem como o volume considerável de resenhas críticas demonstram a predileção do sistema literário polonês pela produção literária do escritor brasileiro. Essa preferência demonstra-se fortemente marcada pela ideologia do regime, nos anos de 1949 a 1957. Os profissionais da literatura salientam o amadurecimento ideológico de Jorge Amado, enfatizando o realismo de suas obras. O naturalismo e o exotismo, presentes na obra amadiana, são ajustados aos ditames do discurso sobre a literatura. O sistema literário polonês retorna às traduções da obra de Amado nos anos de 1968 a 1993. Nessa época, os textos críticos sublinham um forte componente exótico presente na obra do escritor.

A conceituação da tradução por meio da análise dos textos amadianos editados na Polônia evidencia a presença de um forte componente ideológico que torna a tradução uma ferramenta a serviço do regime político. Por isso, a tradução é concebida como um melhoramento do original, que permite as interferências sobre o texto-fonte para moldá-lo de acordo com os imperativos do sistema sociopolítico da cultura-alvo. A tendência para a domesticação das traduções intensifica-se no período do realismo socialista visando sempre reforçar o discurso da propaganda partidária em vigor. O domínio da domesticação nas traduções polonesas da obra amadiana compreende o discurso sobre o aliado e sobre o inimigo político, sobre a moral sexual e sobre os relacionamentos de homem e mulher, assim como sobre a relação com o catolicismo, todos os campos relevantes para a manutenção da hierarquia dos valores do comunismo. Já no final do período pesquisado acentua-se a presença da norma de estrangeirização. O domínio da estrangeirização abrange as categorias da designação dos personagens, da culinária e da representação das religiões de matrizes africanas e

do espiritismo, que não possuem a força de contestação da hierarquia de valores constituintes da sociedade comunista.

Os textos importados do escritor brasileiro Jorge Amado constituem um dos pilares sobre os quais se apóia a construção da cosmovisão soviética no polissistema sociopolítico da República Popular da Polônia. A edificação dessa visão do mundo aproveita os elementos exóticos para fortalecer o aspecto universal da grande empreitada comunista.

Pode-se afirmar, então, que a premissa que conduziu essa pesquisa - a política de tradução das obras de Jorge Amado para o polonês e os procedimentos tradutórios decorrentes dela se configuram como resultado dos condicionamentos políticos do polissistema sociocultural da República Popular da Polônia - foi comprovada no transcorrer da análise.

A pesquisa corrobora também alguns preceitos básicos das teorias mais recentes da tradução. O conceito promovido por Lambert e Van Gorp (1985) de que a tradução não acontece no vácuo, mas é ocasionada por motivos de várias ordens, concretizou-se nos resultados dessa pesquisa. Também, o postulado de Toury (1995) de que a tradução é um fato da cultura de chegada foi exemplificado por meio da análise das traduções polonesas da obra de Jorge Amado. A impossibilidade da imparcialidade do tradutor discutida por Venuti (1998) evidenciou-se na análise dos procedimentos tradutórios no decorrer dessa pesquisa. Finalmente, os resultados da análise ilustram a posição defendida por Lefevere (1992) de que a tradução é uma reescritura, bem como fornecem as evidências para a prática da manipulação deliberada do discurso do outro por meio da tradução, discutida por Robyns (1994).

Como desdobramentos do presente trabalho, pode-se sugerir o exame das traduções da obra de Amado em outros sistemas literários do bloco comunista. O autor dessa pesquisa, habilitado para trabalhar com a língua alemã, assim como com a croata e a sérvia, sente-se bastante atraído pela possibilidade de analisar as traduções amadianas nos âmbitos dos sistemas literários da então Alemanha Oriental e da ex-Iugoslávia. Resultados muito interessantes prometem também pesquisas semelhantes realizadas nos sistemas literários da URSS, como a matriz do mega-sistema cultural soviético, ou na então Tchecoslováquia, que hospedou o escritor brasileiro e editou a

totalidade de sua obra no período do stalinismo. A análise das traduções amadianas nos sistemas literários dos países do outro lado da cortina de ferro configura, também, uma possibilidade bastante promissora. Será que, na mesma época, os textos amadianos marcados ideologicamente sofreram a manipulação nas traduções promovidas nos sistemas literários dos países capitalistas? Uma vertente paralela constituiria a pesquisa das obras de outros escritores brasileiros presentes no sistema literário polonês na época do comunismo, bem como a investigação das traduções polonesas da obra de Paulo Coelho, o campeão brasileiro com recordes no volume dos títulos traduzidos, no número das edições e nos indicadores de vendas na Polônia contemporânea.

A apresentação do sistema político, no primeiro capítulo desse trabalho, encerrou com a eleição de Lech Wałęsa para a presidência da Polônia, no final do ano de 1990, e com a instalação da, assim chamada, Terceira República. No ano de 1995, Aleksander Kwaśniewski (nascido em 1954) sucedeu Wałęsa no cargo da presidência da República. Um político com a excelente carreira no POUP, desde os anos setenta até a dissolução do partido em 1990, Kwaśniewski representa a ascensão, na Terceira República, das elites políticas comprometidas com o sistema comunista. No exercício da presidência, Kwaśniewski acompanha o acesso da Polônia para a OTAN (1999) e para a União Européia (2004). Seu sucessor na presidência desde o ano de 2005, o anticomunista declarado que trabalhou na construção da oposição ao regime da RPP, Lech Kaczyński (nascido em 1949) elege-se prometendo expurgar as elites antigas da vida política e cultural. Em função disso, lança-se o lema da Quarta República, um estado livre da influência comunistóide. No momento em que o presente texto de conclusão está sendo escrito, o partido do presidente Kaczyński acaba de perder as eleições parlamentares em favor da formação política neoliberal.

Nesse cenário da Polônia contemporânea, o Brasil encontra seu lugar como um país extremamente atraente e exótico. Desde o ano de 2002, na capital de Varsóvia, organiza-se com o apoio da UV e da Embaixada da República Federativa do Brasil na Polônia, a Semana da Cultura Brasileira. Nas cinco edições deste festival, nos encontros com os brasileiros e os poloneses que conhecem o país, nas oficinas de língua brasileira, de capoeira e de dança, nas palestras e nas festas, o Brasil é

apresentado como um lugar deslumbrante, uma espécie do paraíso perdido, com seu clima maravilhoso e sua majestosa natureza, com uma abundância das comidas exóticas, com mulheres e homens atraentes, com seu carnaval e... com pouquíssimos problemas sociais. Os funcionários da diplomacia brasileira multiplicam o mesmo retrato. Na cerimônia de abertura da terceira edição do festival, no dia primeiro de setembro de 2005, o embaixador brasileiro Marcelo Jardim descreveu o Brasil como um país onde convivem pacificamente as pessoas de várias raças, de credos variados, e de condições sociais diferentes. Os poloneses, que ao longo dos últimos 17 anos ganharam a competência política e econômica suficiente para conhecer o mundo, procuram por esse retrato paradisíaco nas suas viagens pelo Brasil. O presidente Kwaśniewski, que visita o Brasil no ano de 2002, expressa as mesmas expectativas no encontro com seu anfitrião, Fernando Henrique Cardoso. Kwaśniewski afirma que, para os poloneses, o Brasil é um país exótico e fascinante, conhecido por meio das telenovelas brasileiras de costumes, como também pelos livros de Jorge Amado, o verdadeiro símbolo da cultura brasileira.

O trabalho tradutório que constrói a ponte aproximando as diversas linguagens e o empenho dos pesquisadores em apreender e retratar a complexidade das culturas podem colaborar imensamente na construção das relações polono-brasileiras fundamentadas na reinterpretação dos mitos antigos e na autenticidade das representações criadas nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

Traduções polonesas

AMADO, Jorge. **Albania radosna**. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: Czytelnik, 1950.

_____. **Dona Flor i jej dwóch mężów**. Tradução de Alina Lenczewska. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1993.

_____. **Drogi głodu**. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: Czytelnik, 1950.

_____. **Gabriela**. Tradução de Janina Wrzoscowa. Warszawa: Książka i Wiedza, 1972.

_____. **Jubiaba**. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: Czytelnik, 1950.

_____. **Kakao**. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: Czytelnik, 1956.

_____. **Opowieść o Castro Alvesie**. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: PIW, 1957.

_____. **Pasterze nocy**. Tradução de Janina Wrzoscowa. Warszawa: Książka i Wiedza, 1975.

_____. **Podziemia wolności**. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: Czytelnik, 1953, v. 1-2.

_____. **Rycerz nadziei**: życie Luisa Carlosa Prestesa. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: Czytelnik, 1951.

_____. **Starzy marynarze**: dwie historie z wybrzeża bahijskiego. Tradução de Janina Wrzoscowa e Eugeniusz Gruda. Warszawa: Książka i Wiedza, 1972.

_____. **Świat pokoju**. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: PIW, 1954.

_____. **Świt Brazylii**. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: Czytelnik, 1952.

_____. **Tereza Batista wojowaniem zmęczona**. Tradução de Elżbieta Reis. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1989.

_____. **Zamarłe morze**. Tradução de Małgorzata Hołyńska e Eugeniusz Gruda. Warszawa: Czytelnik, 1951.

_____. **Ziemia Krwi i przemocy.** Tradução de Janina Wrzoscowa. Warszawa: Czytelnik, 1949.

_____. **Ziemia złotych plodów.** Tradução de Janina Wrzoscowa. Warszawa: Czytelnik, 1950.

Edições brasileiras

AMADO, Jorge. **ABC de Castro Alves.** SP: Martins, 1964.

_____. **Cacau.** RJ: Record, 2000.

_____. **Dona Flor e seus dois maridos.** RJ: Record, 1995.

_____. **Gabriela cravo e canela.** SP: Martins, 1968.

_____. **Jubiabá.** RJ: Record, 2002.

_____. **Mar morto.** SP: Martins, 1966.

_____. **O cavaleiro da esperança:** vida de Luiz Carlos Prestes. RJ: Record, 1981.

_____. **O mundo da paz.** RJ: Editorial Vitoria, 1952.

_____. **Os pastores da noite.** RJ: Record, 1986.

_____. **Os subterrâneos da liberdade.** RJ: Record, 1981, v. 1-3.

_____. **Os velhos marinheiros:** duas histórias do cais da Bahia. SP: Martins, 1972.

_____. **São Jorge dos Ilhéus.** SP: Martins, 1966.

_____. **Seara vermelha.** SP: Martins, 1972.

_____. **Suor.** RJ: Record, 1981.

_____. **Tereza Batista cansada de guerra.** RJ: Record, 2000.

_____. **Terras do sem fim.** RJ: Record, 1981.

Textos de apoio

ALBANIA radosna. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 19, 1950.

ALMEIDA, Alfredo W. Berno de. **Jorge Amado**: Política e Literatura. RJ: Campus, 1979.

ALVES, Ivia. A recepção crítica dos romances de Jorge Amado. In: **Colóquio Jorge Amado**: 70 anos de Jubiabá. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Faculdades Jorge Amado, 2006. p. 99-116.

AMADO, Jorge. Amerykański styl życia. **Życie Warszawy**. Warszawa: Czytelnik, n. 91, 03.04.1951b.

_____. Jak Mulat Porciuncula pozbył się swojej nieboszczki. Tradução de Halina Czajka. **Wiedza i Życie**. Warszawa: PIW, n. 12, 1975.

_____. Ludy Ameryki Łacińskiej na terror policyjny odpowiadają walką o pokój. Tradução de Eugeniusz Gruda. **Odrodzenie**. Warszawa: Czytelnik, n. 11-12, 19.03.1950.

_____. **Navegação de cabotagem**. SP: Círculo do livro, 1992.

_____. Podwójna śmierć Kuby Wodowstręta. Tradução de Eugeniusz Gruda. **Nowiny Rzeszowskie**. Rzeszów: Czytelnik, n. 130-135, 1962.

_____. Pozdrowienie dla Angoli. **Kultura**. Warszawa: Czytelnik, n.5, 1964.

_____. Pozdrowienia od ludu brazylijskiego. **Dziennik Literacki**. Warszawa: Czytelnik, n. 51, 30.12.1949.

_____. **Rzeźby Vasco Prado**. Drzeworyty Zoravia Bettiol. Warszawa: Warszawska Drukarnia Naukowa, 1968a.

_____. Ujarmione ludy walczą. Tradução de Eugeniusz Gruda. **Wiś**. Łódź: Czytelnik, n. 14, 14.04.1951a.

_____. Warszawa. **Trybuna Ludu**. Warszawa: Czytelnik, 05.02.1953.

_____. Ziemia krwi i przemocy. Szlak złota i krwi. **Dziennik Zachodni**. Katowice: Czytelnik, 1949-1950.

_____. Ziemia pogwałcona. Tradução de Maria Borowska. **Kuźnica**. Warszawa: Czytelnik, n. 34-35, 1948.

BD. Ziemia złotych owoców. **Trybuna Wolności**. Warszawa: Czytelnik, n. 6, 1949.

BELOV, Olga. **Problemas de traduzibilidade em Jorge Amado** (Quincas Berro D'água), dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 2000.

BIERUT, Bolesław. Budujemy gmach Polski socjalistycznej. In: _____. **Plan sześćoletni**. Warszawa: Czytelnik, 1950.

_____. **O upowszechnienie kultury**. Kraków: Czytelnik, 1948.

BŁAŻYŃSKI, Zbigniew. **Mówi Józef Światło**: Za kulisami bezpieki i partii 1940 – 1955. Londyn: Polska Fundacja Kulturalna, 1986.

BOREJSZA, Jerzy. Rewolucja łagodna. **Odrodzenie**, n. 4, Lublin: Czytelnik, 1945.

BR. 65 rocznica urodzin Jorge Amado. **Życie Warszawy**. Warszawa: Czytelnik, n. 187, 10.08.1977.

BURKOT, Stanisław. **Proza powojenna 1945-1980**. Analizy i interpretacje. Warszawa: WSiP, 1984.

BZ. Rozmowa z Jorge Amado. **Życie Warszawy**. Warszawa: Czytelnik, 21.01.1953.

CASTELLO, José. Realismo sensualista. **Entre Livros**, N. 16, SP: Duetto, 2006.

CASTILHO, Carlos: WAACK, William. **Polônia**: A crise de 500 dias que acabou o socialismo. RJ: Codecri, 1982.

CERQUEIRA, Nelson. **A política do partido comunista e a questão do realismo em Jorge Amado**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1988.

CISAK, Anna; ŻBIK, Maria. **Słownik Encyklopedyczny – Literatura Powszechna**. Warszawa: Europa, 1999.

COELHO, Paulo. Czyste serce. **Forum**. Warszawa: SPP, n. 34, 19.08.2001.

CORDEIRO, João. In: MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado**: 30 anos de literatura. RJ: Martins, 1961. p. 73.

CORRÊA, Regina H. M. A. A tradução dos marcadores culturais extra-lingüísticos: Jorge Amado traduzido. **Tradterm**, n. 9, 2003.

COSTA, Flávio. In: MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado**: 30 anos de literatura. RJ: Martins, 1961. p. 328.

COSTA, Luiz A. **Limites da traduzibilidade**. Salvador: EDUFBA/PPGLL, 1996.

CZACHOWSKA, J.; SZĄŁAGAN, A. **Współcześni polscy pisarze i badacze literatury**. Słownik bibliograficzny. Warszawa: WSiP, 2001.

CZAPLIŃSKI, P.; ŚLIWIŃSKI, P. **Literatura polska 1976-1998**. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2002.

CZEKALSKI, Eustachy. Powieści o ziemi. **Rzeczpospolita**. Warszawa: Czytelnik, n. 168, 1950.

DASZKIEWICZ, Jurij. Dwunasta wizyta Jorge Amado. **Życie Literackie**. Kraków: Czytelnik, n. 22, 1968.

DAVIES, Norman. **God's Playground: A history of Poland**. Oxford: Clarendon Press, 1981.

DROGI głodu. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 9-10, 1951a.

DROGI głodu. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 19-20, 1951b.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrita engajada. **Entre Livros**, N. 16, SP: Duetto, 2006.

_____. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. RJ: Record; Natal: UFRN, 1996.

DUDZIŃSKI, Bolesław. Droga wśród wichrów i burz. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 5, 1957.

EHRENBURG, Ilya. O romanista Jorge Amado. In: MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. RJ: Martins, 1961. p. 221-225.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. **Poetics Today**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, v. 11, n. 1, 1990.

GAMA, Rinaldo. O contador de histórias. **Bravo**. SP: Abril, n. 8, 2006.

GATTAI, Zélia. **Jardim de Inverno**. 6^a ed. RJ: Record, 1989.

_____. **Reportagem incompleta**. SP: Gráfica Hamburg, 1986.

_____. **Senhora dona do baile**. 5^a ed. RJ: Record, 1987.

GISGES, J. M. Drogi terenowców. **Twórczość**. Warszawa: Czytelnik, n. 11, 1950.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Uma leitura antropológica dos romances de Jorge Amado. In: **Colóquio Jorge Amado: 70 anos de Jubiabá**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Faculdades Jorge Amado, 2006. p. 77-97.

GORKI, Maksym. **O literaturze**. Tradução de Z. Kwiecińska. Warszawa: Czytelnik, 1951.

_____. **Matka**. Tradução de H. Górska. Warszawa: PIW, 1971.

GRUDA, Eugeniusz. ABC poezji brazylijskiej. **Orka**. Warszawa: Czytelnik, n. 36, 1958a.

_____. Gabriela, goździk i cynamon. **Orka**. Warszawa: Czytelnik, n. 44, 1958b.

HERMANS, Theo. **Translation in Systems: Descriptive and Systemic Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

HOŁYŃSKA, Małgorzata. Literatura w krainie kawy. **Niedziela na wsi**. Łódź: Czytelnik, n. 30, 21.09.1949.

HOUAISS, A. (Ed.) **Dicionario Houaiss da lingua portuguesa**. RJ: Objetiva, 2001.

JORGE Amado – delegat Brazylii. **Głos Ludu**. Warszawa: Czytelnik, n. 236, 27.08.1948b.

JORGE Amado o literaturze brazylijskiej. **Życie Literackie**. Kraków: Czytelnik, n. 21, 1973.

JORGE Amado opuścił Paryż. **Gazeta Robotnicza**. Wrocław: Czytelnik, 22.09.1949a.

JORGE Amado przybył do Pragi. **Gazeta Robotnicza**. Wrocław: Czytelnik, 25.09.1949b.

JORGE Amado w Polsce. **Odrodzenie**. Warszawa: Czytelnik, n. 25, 20.06.1948a.

JUBIABA. **Nowe Książki**. Warszawa: PWW, n. 9-10, 1951.

KAKAO. **Radio i Świat**. Warszawa: Czytelnik, n. 4, 1949.

KIERCZYŃSKA, Melania. **Spór o realizm**. Warszawa: PIW, 1951.

KŁOSSOWSKI, Andrzej. **Polskie oficyny wydawnicze na obczyźnie**. Warszawa: Biblioteka Narodowa, 1993.

KOŁAKOWSKI, Leszek. **Główne nurty marksizmu**. Powstanie - rozwój - rozkład. Londyn: Aneks, 1988.

KOMOROWSKI, Adam. Podpatrywanie z dołu. **Nowe Książki**. Warszawa: PWW, n. 8, 1976.

KORCZAK, Jerzy. Brazylia po polsku. **Dziennik Literacki**. Warszawa: Czytelnik, n. 25, 1949b.

_____. Brazylia – po polsku. **Po Prostu**. Warszawa: Czytelnik, n. 21, 1949a.

KOSSUT-KOZIŃSKA, Irena. Pierwsza powieść brazylijska. **Odrodzenie**. Warszawa: Czytelnik, n. 12, 20.03.1949.

KOTT, Jan. Tematy parlamentu polskich pisarzy. **Dziennik Polski**. Warszawa: Czytelnik, n. 19, 1949.

_____. **Postęp i głupstwo**. Warszawa: PIW, v. 1-2, 1956.

KRUCZKOWSKI, Leon. Do prezydium Zjazdu pisarzy brazylijskich. **Twórczość**. Warszawa: Czytelnik, n. 6, 1950b.

_____. O roli i zadaniach Związku Literatów Polskich. **Twórczość**. Warszawa: Czytelnik, n. 8, 1950a.

LACH. W obronie kultury, pokoju i postępu. Wywiad z Jorge Amado – znanym pisarzem brazylijskim. **Ziemia Pomorska**. Bydgoszcz: Czytelnik, n. 224, 15.08.1948.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. On Describing Translations. In: Theo Hermans (Ed.). **The Manipulation of Literature**. Studies in Literary Translation. London/Sydney: Croom Helm, 1985.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. London & New York: Routledge, 1992.

LEGIA Honorowa dla Jorge Amado. **Życie Warszawy**. Warszawa: Czytelnik, n. 224, 19.09.1984.

LENIN, W.I. Organizacja partyjna e partyjna literatura. In: _____. **Dzieła**. Warszawa: KiW, v. 10, 1955.

LIMA, Jorge de. Nota sobre Cacau. In: MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. RJ: Martins, 1961. p. 66-69.

LIMA, Pedro Motta. “Os subterrâneos da liberdade”, um grande livro. In: MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. RJ: Martins, 1961. p. 235-238.

ŁAPIŃSKI, Z.; TOMASIK, W. **Słownik Realizmu Socjalistycznego**. Kraków: Universitas, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista**. RJ: Objetiva, 2006.

MAJEWSKI, Piotr. **As religiões afro-brasileiras na obra de Jorge Amado**, dissertação de mestrado. Warszawa: UV, 1988.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. RJ: Guanabara Koogan, 1981.

MARKIEWICZ, Henryk. **O marksistowskiej teorii literatury**. Szkice. Wrocław: Ossolineum IBL PAN, 1953.

MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. RJ: Martins, 1961.

_____. **Jorge Amado**, Povo e Terra. 40 anos de literatura. RJ: Martins, 1972.

MILEWSKA, Elżbieta. Karnawałowy świat Jorge Amado. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 6, 1994.

MIM. Jorge Amado przypomniany i uczczony. **Kultura**. Warszawa: Czytelnik, n. 37, 1988.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies**. Theories and applications. London & New York: Routledge, 2004.

M.W. Z życia Sekcji Twórczych ZLP. Sekcja Przekładów. **Nowa Kultura**. Warszawa: Czytelnik, n. 15, 13. 04. 1952.

NAGANOWSKI, Egon. **Brazylia w twórczości Jorge Amado**. Warszawa: Towarzystwo Wiedzy Powszechnej, 1955.

_____. Owoce miłości i gniewu. **Nowa Kultura**. Warszawa: Czytelnik, n. 8, 21.05.1950.

NAŁĘCZ, Daria. (Ed.). **Dokumenty do dziejów PRL**. GUKP 1945-1949. Warszawa: Inst. Badań Politycznych PAN, 1994.

OESTERLOEF. W. K. Zamarłe morze. **Nowa Kultura**, Warszawa: Czytelnik, n. 21, 27.05.1951.

ORZECZ, Anna. **Personagens femininas na obra de Jorge Amado** - "Gabriela, cravo e canela" e "Tereza Batista cansada de guerra", dissertação de mestrado. Cracóvia: UJ, 2006.

ORĘDZIE pisarzy brazylijskich. **Książka i Kultura**. Warszawa: Czytelnik, n. 9, 1947.

PAJĄK, Henryk; ŻOCHOWSKI, Stanisław. **Rządy Zbirów 1940 – 1990**. Lublin: Wydawnictwo Retro, 1997.

PARLAMENT wolnych umysłów obraduje. Drugi dzień Kongresu. **Ziemia Pomorska**. Bydgoszcz: Czytelnik, n. 236, 27.08.1948.

PAWLICKI, Aleksander. **Kompletna szarość**. Cenzura w latach 1965-1972. Instytucja i ludzie. Warszawa: Wydawnictwo TRIO, 2001.

PEIXOTO, Afrânio. In: MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. RJ: Martins, 1961. p. 138-139.

- PINKER, Steven. **Tábula rasa**: a negação contemporânea da natureza humana. Tradução de Laura Teixeira Motta. SP: Companhia das letras, 2004.
- PIPES, R. **Rewolucja rosyjska**. Warszawa: PWN, 1994.
- PODZIEMIA wolności. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 3, 1954.
- PORTELLA, Eduardo. A fábula em cinco tempos. In: MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado**: 30 anos de literatura. RJ: Martins, 1961. p. 13-22.
- POŻYTECZNA książka Czytelnika. **Wieś**. Łódź: Czytelnik, n. 8, 1949.
- PUCHTA Magdalena. **As relações literárias polono-brasileiras** (séc. XX), dissertação de mestrado. Warszawa: UV, 1987.
- PYTLAKOWSKI, Jerzy. Narodziny świadomości klasowej. **Nowa Kultura**. Warszawa: Czytelnik, n. 17, 23.07.1950.
- RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. RJ: Record, 1990.
- ROBYNS, Clem. Translation and Discursive Identity. **Poetics Today**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, v. 15, n. 3, 1994.
- Rozprawy doktorskie i habilitacyjne**. Disponível em: <http://www.opi.org.pl>. Acesso em: 16 dez. 2007.
- RUBIM, Rosane; CARNEIRO, Mariéd. **Jorge Amado 80 anos vida e obra**. Subsídios para pesquisa. Salvador: FCJA, 1992.
- RYCERZ nadziei. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 3, 1950.
- RZ. Jorge Amado i polityka. **Życie Warszawy**. Warszawa: Czytelnik, n. 201, 21-22.08.1966.
- S. Ludzie morza. **Życie Warszawy**. Warszawa: Czytelnik, n. 123, 1951.
- SADKOWSKI, Waław: **Odpowiednie dać słowu słowo**: Zarys dziejów przekładu literackiego w Polsce. Warszawa: Prószyński i S-ka, 2002.
- SAID, Edward. **Cultura i imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. SP: Companhia das Letras, 1995.
- SALLES, David. **Romance e regionalismo na saga do cacau**, tese de doutoramento. SP: USP, 1982.

SEGHERS, Anna. Um Balzak brasileiro fala da floresta virgem. In: MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. RJ: Martins, 1961. p. 190-192.

SIEKIERSKI, Stanisław. **Książka literacka**. Potrzeby społeczne i ich realizacja w latach 1944 – 1986. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN, 1992.

SIEWIERSKI, Henryk. **Historia da literatura polonesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

SŁAWIŃSKI, Janusz. **Podręczny słownik terminów literackich**. Warszawa: OPEN, 1994.

SOWULA, Grzegorz. Ukochany ojciec stereotypu. **Rzeczpospolita**. Warszawa: Presspublica, n. 186, 2001.

STAFF, Leopold. A ja kocham korzenie w moim małym, zimnym kraju. **Odrodzenie**. Warszawa: Czytelnik, n. 42, 16.10.1949.

STATUT Związku Literatów Polskich. Warszawa, 1950.

STRUMPH-WOJTKIEWICZ, Stanisław. Felieton o książkach. **Rzeczpospolita**. Warszawa: Czytelnik, n. 236, 1949.

ŚWIAT pokoju. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 12, 1954.

ŚWIT Brazylii. Kakao. – Pot. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 4, 1953.

TAILLEFER, Rejane. **Um diálogo entre culturas: Jorge Amado no contexto da língua – cultura francesa**, tese de doutoramento. SP: USP, 2004.

TÁTI, Miécio. **Jorge Amado: Vida e obra**. Belo Horizonte: Editora Limitada, 1961.

TAVARES, Paulo. **Criaturas de Jorge Amado**. SP: Martins, 1969.

TEREZA Batista wojowaniem zmęczona. **Kontynenty**. Warszawa: KWCRSW Prasa, n. 11, 1989.

TOMASIK, Wojciech. **Polska powieść tendencyjna 1949-1955**. Problemy perswazji literackiej. Wrocław: Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wyd. Polskiej Akademii Nauk, 1988.

TOPOREK, Marian. **Historia Polski 1945 – 1999**. Kraków: Korona, 1999.

TORAŃSKA Teresa. **Oni**. Londyn: Aneks, 1985.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1995.

TRZNADEL, Jacek. **Hańba domowa**: Rozmowy z pisarzami. Lublin: Wydawnictwo Test & Zakłady Wydawnicze Versus, 1990.

TURKOW, A. Literatura w służbie socjalizmu. **Nowa Kultura**. Warszawa: Czytelnik, n. 15, 1950.

TYMOCZKO, Maria. Translation and Political Engagement. **Translator**. Manchester: St. Jerome, v. 6, n. 1, 2000.

VENUTI, Lawrence. **The scandals of translation**: towards an ethics of difference. London / New York: Routledge, 1998.

VERÍSSIMO, Érico. A grande aventura de Baldo. In: MARTINS, Jose Barros de (Ed.) **Jorge Amado**: 30 anos de literatura. RJ: Martins, 1961. p. 109-112.

WALC, Jan. Pasterze nocy. **Literatura na świecie**. Warszawa: Biblioteka Narodowa, n. 6, 1976.

WAŻYK, Adam. Perspektywy rozwojowe literatury polskiej. **Twórczość**. Warszawa: Czytelnik, n. 8, 1950.

WIELKA encyklopedia PWN. Wydawnictwo Naukowe PWN: Warszawa, 2006.

WOLANOWSKI, L. Kontrasty i porównania. **Nowa Kultura**. Warszawa: Czytelnik, n. 11, 1952.

WYBITNY pisarz brazylijski gościem Polski. **Dziennik Ludowy**. Kraków: Czytelnik, n. 209, 17.08.1948.

WYKA, Kazimierz. O realizmie romantycznym. **Pamiętnik Literacki**. Warszawa: IBL PAN, v. 3-4, 1952.

WYS, A. W. Nowa książka... i film. **Życie Warszawy**. Warszawa: Czytelnik, 27.07.1955.

YERRO, Jorge Hernán. **Estratégias de importação literária**: o Brasil traduz a ficção argentina dos anos 70, dissertação de mestrado. Salvador: UFBa, 2006.

ZABIEROWSKI, Stefan (org.) **Realizm socjalistyczny w Polsce z perspektywy 50 lat**. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego, 2001.

ZAMARŁE morze. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 9-10, 1951.

ZAMARŁE morze. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 13, 1953.

ZIEMIA krwi i przemocy. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 24, 1953a.

ZIEMIA złotych płodów. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 12, 1950.

ZIEMIA złotych płodów. **Nowe Książki**. Warszawa: PWG, n. 24, 1953b.

ŻÓŁKIEWSKI, Stefan. **Badania nad literaturą polską**. Dorobek, stan i potrzeby. Warszawa: Czytelnik, 1951.

Entrevistas

BRZozowski Jerzy. **Jerzy Brzozowski**: depoimento [19.01.2007]. Entrevistador: Jarosław Jacek Jeździkowski. Salvador/Kraków, 2007.

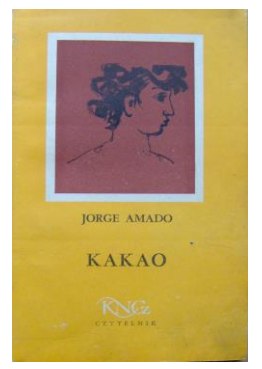
CORRÊA, Regina. **Regina Corrêa**: depoimento [14.10.2004]. Entrevistador: Jarosław Jacek Jeździkowski. Salvador/Londrina, 2004.

GATTAI, Zélia. **Zélia Gattai**: depoimento [15.10.2004]. Entrevistador: Jarosław Jacek Jeździkowski. Salvador, 2005.

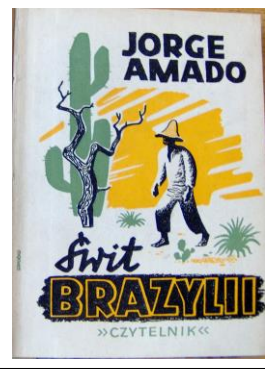
KELLER, Włodzimierz. **Włodzimierz Keller**: depoimento [26.02.2005]. Entrevistador: Jarosław Jacek Jeździkowski. Salvador, 2005.

TOMASIK, Wojciech. **Wojciech Tomasik**. depoimento [05.10.2005]. Entrevistador: Jarosław Jacek Jeździkowski. Bydgoszcz, 2005.

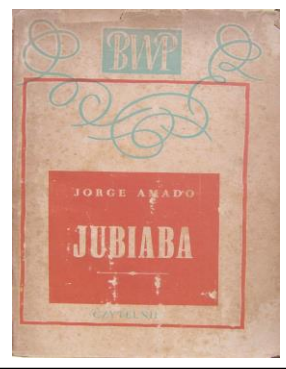
Cacau, 1956



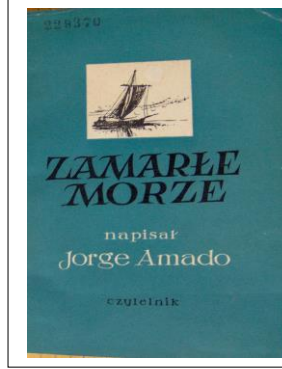
Cacau + Suor, 1952



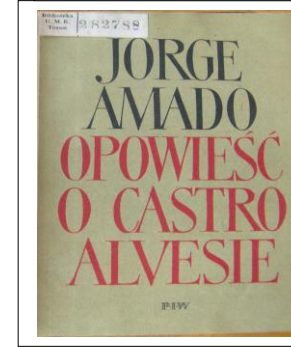
Jubiabá, 1950



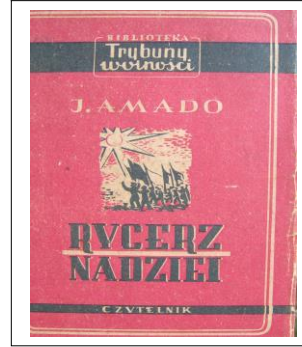
Mar morto, 1951



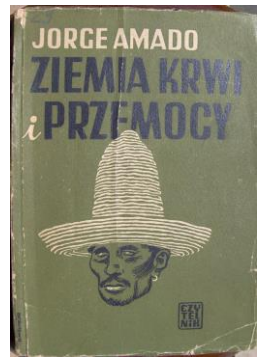
ABC de Castro Alves, 1957



O cavaleiro da esperança, 1951



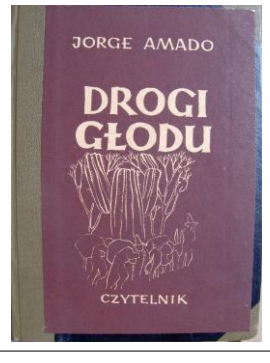
Terras do sem fim, 1949



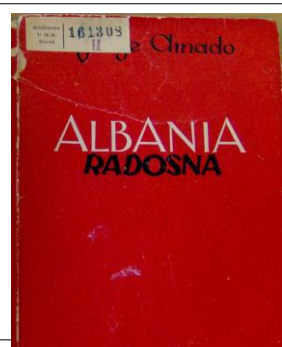
São Jorge dos Ilhéus, 1950



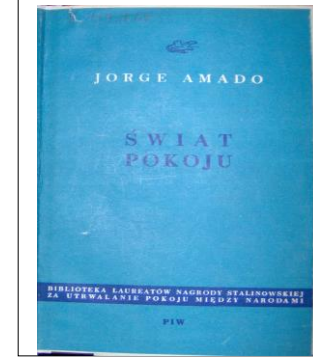
Seara Vermelha, 1950



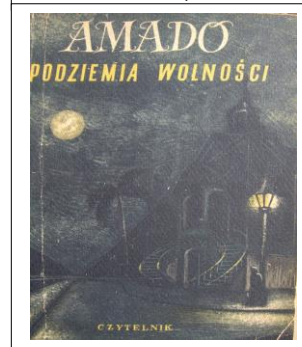
A Albânia é uma festa, 1950



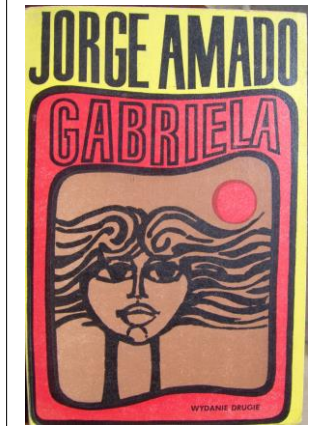
O mundo da paz, 1954



Os subterrâneos da liberdade, 1953



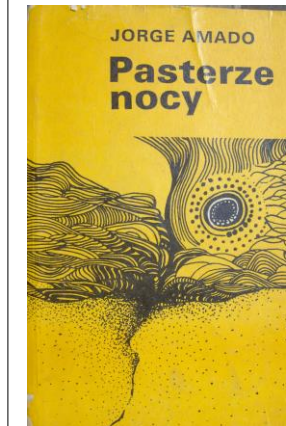
Gabriela cravo e canela, 1972



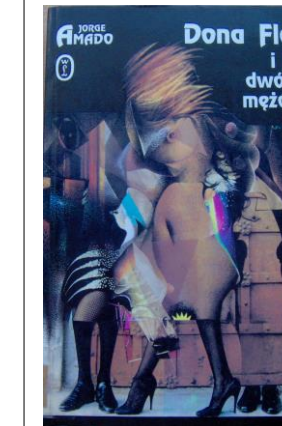
Os velhos marinheiros, 1972



Os pastores da noite, 1975



Dona Flor e seus dois maridos, 1993



Tereza Batista cansada de guerra, 1989

